

Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo

Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo

ORGANIZAÇÃO
Constância Lima Duarte
Isabella Rosado Nunes

Escrevivência: a escrita de nós

Reflexões sobre a obra
de Conceição Evaristo

ORGANIZAÇÃO

Constância Lima Duarte

Isabella Rosado Nunes

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

Goya Lopes

EDIÇÃO ESPECIAL - COMERCIALIZAÇÃO PROIBIDA



**Livro “Escrivivência: a escrita
de nós – Reflexões sobre a obra
de Conceição Evaristo”**

ORGANIZAÇÃO

Constância Lima Duarte
Isabella Rosado Nunes

REVISÃO

Andreia Braz

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

Goya Lopes

PROJETO GRÁFICO

Gabriela Pires
Giulia Fagundes, Estúdio Daó

PRODUÇÃO

Marta Lahtermaher

DIAGRAMAÇÃO

Guilherme Vieira, Estúdio Daó

Este livro segue as novas regras
do Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa.

Todos os direitos reservados a
MINA Comunicação e Arte Ltda. É
vedada a reprodução no todo ou
em parte, através de quaisquer
meios, sem a permissão por escrito
da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Escrivivência : a escrita de nós : reflexões sobre
a obra de Conceição Evaristo / organização
Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ;
ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --
Rio de Janeiro : Mina Comunicação e Arte, 2020.

ISBN 978-65-992547-0-3

1. Evaristo, Conceição 2. Literatura brasileira -
Escritoras - História e crítica 3. Literatura
brasileira - Escritoras negras 4. Mulheres e
literatura I. Duarte, Constância Lima, II. Nunes,
Isabella Rosado. III. Lopes, Goya

20-46142

CDD-B869.909

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Apreciação crítica
B869.909

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Editora MINA Comunicação e Arte. Rio de Janeiro, 2020

 [mina.com.arte](https://www.mina.com.arte)

contato: mina@mina.art.br

Copyright ©2020 MINA
Comunicação e Arte
Todos os direitos reservados
ISBN 978-65-992547-0-3

Itaú Social

SUPERINTENDENTE
Angela Dannemann

GERENTE DE FOMENTO
Camila Feldberg Macedo Pinto

**COORDENADORA DE ENGAJAMENTO
SOCIAL E LEITURA**
Dianne Cristine Rodrigues de Melo

**GESTORA DO PROJETO
OFICINA DE AUTORES**
Karina Bezerra Garcia

COMUNICAÇÃO
Alan Albuquerque Ribeiro Correia
Raquel Ornellas de Souza
Tayrine Naiane de Santana Mauricio

MINA Comunicação e Arte

DIRETORAS
Isabella Rosado Nunes
Marina Nunes Martins

O livro "Escrevivência: a escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo" é parte do projeto Oficina de Autores "Memórias e Escrevivência, de Conceição Evaristo" (2018-2020), uma iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte.







Para Conceição Evaristo,
pelo encantamento de suas escrevivências.
Com admiração,
Angela, Constância e Isabella.

SUMÁRIO

- 10 Sobre o que nos move, sobre a vida
ISABELLA ROSADO NUNES
- 26 A Escrivivência e seus subtextos
CONCEIÇÃO EVARISTO
- 48 Da grafia–desenho de minha mãe, um dos
lugares de nascimento de minha escrita
CONCEIÇÃO EVARISTO
- 58 Escrivivência: sentidos em construção
MARIA NAZARETH SOARES FONSECA
- 74 Escrivivência, Quilombismo e a tradição
da escrita afrodiaspórica
EDUARDO DE ASSIS DUARTE
- 96 Escrivivência: conceito literário de
identidade afro-brasileira
MARIA APARECIDA ANDRADE SALGUEIRO
- 114 EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras
ASSUNÇÃO DE MARIA SOUSA E SILVA
- 134 *Canção para ninar menino grande: o
homem na berlinda da Escrivivência*
CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

- 152 *Sabela e um ensaio afrofilosófico
escreviente e ubuntuísta*
DENISE CARRASCOSA
- 164 *Escrevivência como rota de escrita acadêmica*
FERNANDA FELISBERTO
- 182 *Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento
e circulação dos saberes silenciados*
ROSANE BORGES
- 206 *Intelectuais escrevientes: enegrecendo
os estudos literários*
LÍVIA NATÁLIA
- 226 *Vivências da absorção e da expressão*
ANGELA DANNEMANN
- 244 *Escrevivência e exclusão nas
práticas de leitura e escrita*
DIANNE CRISTINE RODRIGUES DE MELO
- 262 *Publicações e Fortuna crítica*
ISLENE MOTTA E LUDMILLA LIS
- 272 *Sobre as autoras e o autor*

Sobre o que nos move, sobre a vida

Isabella Rosado Nunes



E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

Conceição Evaristo, no depoimento que abre este livro.

Escrivência. É assim, sublinhada, que reencontro a palavra quando volto à leitura de *Insubmissas lágrimas de mulheres* para escrever este texto e revivo a emoção que senti quando li Conceição Evaristo, em 2017, pela primeira vez. A autora inicia o livro com o que parece ser uma dedicatória às suas personagens e à Escrivência, revelando “o quase gozo da escuta”,

de gostar de ouvir a “voz outra”, de sentir, de fazer as histórias se (con)fundirem com sua própria história, de inventar e de continuar no “premeditado ato de traçar uma escrevivência”.

Tudo isso me pegou de jeito! A partir dali minha prática de leitura mudaria seu rumo: li todos os livros de Conceição Evaristo, um atrás do outro. As histórias e personagens, em sua belíssima escrita, iriam atravessar meu imaginário e ecoar nas percepções sobre a vida.

“Escrevivência: a escrita de nós – reflexões, sobre a obra de Conceição Evaristo”, que começa a ser percorrido agora, é um dos resultados do Projeto “Memórias e Escrevivência”, uma iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte e com a escritora, lançado em 2018. O livro é uma “teia” tecida coletivamente, que reverencia e faz um mergulho no conceito-experiência criado pela autora, em sua dissertação de mestrado, em 1995.

Esta obra, organizada juntamente com a mestra, escritora e crítica literária Constância Lima Duarte – que editou a primeira publicação sobre o tema em 2016¹ –, apresenta olhares diversos sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo.

O título é inspirado na fala de Vitor Eduardo Severo da Silva, estudante da Escola Municipal Morro da Cruz, em Porto Alegre, RS. Em 2018, Conceição Evaristo foi homenageada pela 11ª Festa Literária de Porto Alegre, a convite do curador e escritor Jefferson Tenório. E a escola realizou uma atividade paralela ao evento, sob a coordenação das professoras Mires Batista Bender e Maria Fernanda da Silva Viegas²: a Escrevivência, a exemplo do que vem acontecendo Brasil afora, foi adotada como tema em um projeto multidisciplinar. Em encontro com os alunos, na época, a escritora perguntou para uma turma de Educação Infantil o que significava escrevivência, no que Vitor, de apenas seis anos, imediatamente respondeu: “É escrever de nós”. Quando sugerimos fazer esta obra, o título já estava escolhido pela escritora.

Além dos ensaios relacionados à educação assinados pela superintendente do Itaú Social Angela Dannemann e por Dianne Melo, coordenadora de Engajamento Social e Leitura da instituição, juntaram-se a nós, com artigos inéditos, Apa-

1. DUARTE,

Constância Lima;
CÔRTEZ, Cristiane;
PEREIRA, Maria do
Rosário Alves (Org.).

Escrevivências:
identidade, gênero e
violência na obra de
Conceição Evaristo.
Belo Horizonte:
Ideia, 2016.

2. A Diretoria da

EMMC participou da
concepção do projeto,
que incluiu leitura
dos livros, redação,
atividades na
biblioteca, passeios
pela comunidade e
aulas de capoeira.

recida Salgueiro, Assunção Souza e Silva, Constância Lima Duarte, Denise Carrascosa, Eduardo de Assis Duarte, Fernanda Felisberto, Islene Motta, Lívia Natalia, Ludmilla Lis, Maria Nazareth Fonseca e Rosane Borges.

Para esta obra, editada pela Mina – empresa que busca o encontro das artes e da comunicação, tendo como protagonistas o pensamento e a criação de artistas –, convidamos Goya Lopes para uma intervenção artística na Escrivivência de Conceição Evaristo. A partir de um processo meticuloso de escuta – desde a conversa inicial com a escritora à leitura de seus livros e dos artigos aqui publicados –, Goya traça sua arte afro-brasileira única, ao longo da publicação, em um movimento que se entrelaça com as palavras, seus sentidos e belezas. Uma viagem pela Escrivivência – legado histórico de Conceição Evaristo para a cultura nacional – e pela arte visual de Goya Lopes.

• • • • •

Os livros de Conceição Evaristo vieram no momento em que percebi, tardiamente, que precisava conhecer mais a literatura de autoria da mulher negra brasileira. Assim como procurar saber mais sobre as artistas negras das artes visuais. E foi a partir da convivência com Conceição que passei a ler mais autoras e autores negras/os, assim como indígenas; e, naturalmente, ampliei a percepção sobre a sociedade, a vida.

Uma constatação absurda, mas ainda comum nas rodas de amizade e trabalho cotidianas. Um mundo de olhares e vivências, principalmente das mulheres negras e indígenas, colocado à margem pela cultura hegemônica eurocêntrica, patriarcal e racista imposta aos povos originários e afrodiaspóricos desde que seus pretensos “descobridores” chegaram a este país de cultura ancestral, insistentemente negada e corrompida.

Como afirma a médica e doutora em Comunicação e Cultura Jurema Werneck, há de se ter a “perspectiva de anterioridade”:

De uma história que não é fundada pelos europeus (ainda que mais recentemente tenha sido profundamente influenciada por eles). De outras

possibilidades interpretativas ou de diferentes possibilidades de se estabelecer marcos para se recontar uma história. Reconheço que a capacidade de dar nomes às coisas fala de uma situação de poder. Ou seja, de uma possibilidade de ordenar o mundo segundo bases próprias, singulares, desde pontos de vista individuais quanto a partir de coletividades, de povos inteiros. Trata-se de uma posição de privilégio³.

Ainda no mesmo artigo, Jurema Werneck afirma:

Ao nomear a luta das mulheres a partir de sua perspectiva – mulheres brancas burguesas europeias nas décadas a partir de 1970 – as formuladoras iniciais da teoria feminista trouxeram para o conceito recém-criado a perspectiva ocidental, e, mais, fundada numa ignorância profunda acerca das demais mulheres do mundo. Além de se fundamentarem num individualismo crescente que teve o capitalismo como pano de fundo.

E complementa:

Para nós mulheres negras – compreendidas como uma diversidade incomensurável, porém marcadas por desigualdades que têm origem na inferiorização e exploração – as múltiplas ações políticas que empreendemos atravessam diferentes níveis de atuação, diferentes campos da existência, marcadas por encontros conflituosos ou violentos com o ocidente, com o patriarcado, com o capitalismo, com o individualismo [...].

3. WERNECK, Jurema. De l'alodês e feministas. *Nouvelles Questions Féministes – Revue Internationale Francophone*, v. 24, n. 2, 2005.

Pesquisar e estudar a Escrivência de Conceição Evaristo é urgente: compreende uma complexidade que se expressa nos espaços literário, político, histórico; não necessariamente nessa ordem. Escreve o protagonismo das mulheres negras,

colocando em questão as desigualdades e preconceitos raciais e de gênero. É ato de defesa de direitos, de formação. É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa.

A escritora chega aos locais para lançar livros ou apresentar palestras e, sempre, suas e seus leitores querem abraçá-la; cena que se repete milhares de vezes aonde quer que ela vá. Conceição Evaristo é a mãe de Ainá, a escritora, a militante, a professora, a pessoa de brilho e de um alcance de comunicação e político raro e impressionante. Nas palavras escritas e faladas, nos excepcionais momentos em que recita “Olhos d’água”, na sua presença corporal (atualmente, e a contragosto, de forma virtual, devido à pandemia da Covid-19), grupos de pessoas as mais diversas chegam perto, contam suas histórias, pedem as dedicatórias, escritas sempre após longas conversas, para levarem juntamente com os livros uma porção de aconchego, capaz de fazer refletir e transformar vidas. “Tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas”, afirma Conceição Evaristo. Para a autora, isso acontece porque constrói “personagens humanas, ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam”.

Ao constatar a universalidade de sua obra, a escritora diz acreditar que o fato deve-se à situação de solidão e do desejo do encontro, condições experimentadas pelos personagens e comum às pessoas, “para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que espera a heteronormatividade”.

• • • • •

A vontade de fazer parte de pequenas – mas fundamentais – mudanças sociais, motivou-me a ir ao encontro de Conceição Evaristo, quando inaugurou uma exposição⁴ sobre sua obra, uma parceria entre o Itaú Cultural e a Redes da Maré,

no Centro de Artes da Maré, na favela da Maré, zona norte do Rio de Janeiro. Meu objetivo era convencê-la a aceitar-me como aluna visitante nas turmas que, em minha suposição, ela lecionaria na Universidade Federal Fluminense do RJ. “Não dou aula na UFF; apenas fiz doutorado lá”, respondeu, surpresa.

Sigo impactada, até hoje, com o fato de que as universidades brasileiras, embora a convidem para muitas palestras, não a tenham em seus corpos docentes. E não se trata de olhar para o futuro ou inovar, mas de reconhecer e dar espaço para culturas ancestrais, como as literaturas de autoria negra e de autoria indígena, esta também defendida por Conceição em suas palestras e entrevistas. Duas realidades que caminham juntas na contramão da diversidade que constitui e constrói a sociedade brasileira.

A escritora, crítica literária e professora indígena Graça Graúna, da Universidade de Pernambuco (UPE), e com quem Conceição já esteve em seminários, afirma:

A literatura indígena contemporânea é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas) ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas suas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones⁴.

4. Ocupação
Conceição Evaristo,
São Paulo, 2017.
Itaú Cultural.

5. GRAÚNA, G.
*Contrapontos da
literatura indígena
contemporânea no
Brasil*. Belo Horizonte,
Mazza, 2013. 200 p.

Pesquisar e estudar as literaturas de autoria negra e indígena, reconhecendo-as como culturas ancestrais, é urgente. E essa minoria de leitores a que Graça Graúna se refere, felizmente, parece estar em expansão, se considerarmos o aumento da procura por livros, principalmente de autoria negra, este ano.

Naquele momento, ainda na Maré, propus a Conceição criarmos um curso sobre a Escrivência para mulheres, e combinamos que eu contataria suas assessoras Islene Motta

e Ludmilla Lis, no início de 2018. Passei a tentar formar esse grupo com mulheres com quem, profissionalmente e há mais de duas décadas, venho compartilhando projetos que busquem a equidade racial e de gênero em diversas dimensões, mas especialmente nas artes e na comunicação.

Foi aí que Angela Dannemann, superintendente do Itaú Social, me fez o convite para criar a tecnologia educacional do projeto Oficina de Autores, propondo que Conceição Evaristo inaugurasse a iniciativa. Definimos um “grupo de criação”, com a escritora e sua assessora Ludmilla Lis, e nos reunimos durante alguns meses, entre viagens e eventos, para definir conceito, princípios e objetivos da oficina.

Projeto aprovado para o estudo e a prática da Escrivência em um formato especial, em que busquei inspiração no trecho do conto “Sabela”⁶: “Das histórias, eu não sei dizer qual é mais. Como uma laboriosa aranha, tento tecer essa diversidade de fios. Não, meu labor é menor, os fios já me foram dados, me falta somente entretecê-los, cruzá-los e assim chegar à teia final”. E essa “teia final” foi a essência do trabalho: a criação de Conceição Evaristo, o envolvimento de mulheres negras de organizações de educação e leitura e o perfil coletivo, com diversidade de pensamentos e olhares.

A escritora definiu os princípios do projeto, que trariam questões relacionadas à educação e à visão do papel das mulheres negras no registro de suas vivências e histórias. Hoje são diretrizes do programa:

- criar oportunidades para valorizar o ato de contar e o ato de escrever uma história, incentivando as pessoas a se aproximarem da leitura e da escrita como direito;
- ampliar o “lugar de pertença” da escrita e da leitura para mais grupos sociais;
- incluir na sociedade letrada pessoas que não detêm essa competência, pois geralmente são marginalizadas, valorizar histórias de mulheres – principalmente as pobres e as negras, destacando-as como histórias exemplares;
- por meio da diversidade das histórias, promover a oportunidade de enriquecer a História;

6. EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016

- afirmar que todas as histórias são significativas: “a história do outro é significativa na medida em que essa história tem ressonância em mim; entender a ressonância como unidade”;
- colocar em foco a Lei nº 11.645, de 2008, que inclui no currículo a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio, público e particular⁷.

A primeira oficina contou com a parceria de Lúcia Xavier, coordenadora da organização social Criola (uma das entidades mais importantes na defesa da mulher negra e do antirracismo, fundada há 27 anos) e Fernanda Felisberto, professora de Literatura Brasileira no Departamento de Letras do Instituto Multidisciplinar, no campus Nova Iguaçu, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que selecionaram mulheres negras participantes ligadas a seus projetos. Também estavam lá a equipe do Itaú Social e profissionais mediadores de leitura.

A oficina foi se revelando como um ambiente não só de aprendizagem, mas também de trocas, descobertas e histórias coletivas; aos poucos, começava a se delinear como um espaço, “uma geografia afetiva”, como Conceição Evaristo costuma chamar.

Ao final do primeiro ano do projeto, a escritora declarou: “As atividades me propiciaram a oportunidade de compartilhar experiências do *escre-ver*. Isto é, uma produção de *escrevivência*, em que o ato de escrever se dá profundamente cumpliciado com a vivência de quem narra, de quem escreve; mas, ao mesmo tempo em que o sujeito da escrita apresenta em seu texto a história do outro, também pertencente a sua coletividade. Foram momentos em que histórias compartilhadas de mulheres e de alguns poucos homens presentes – a partir de estímulos oferecidos por materiais audiovisuais, debates, jogos de interação, trocas de depoimentos pessoais – possibilitaram a experiência de narrações escritas em grupo e individuais, profundamente marcadas pelas experiências de vida dos sujeitos da escrita”.

7. Em 2003, houve alteração da LDB, com inserção da Lei nº 10.639, que instituía a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira.

Em 2019, foram realizadas seis oficinas em cidades do sul, sudeste, norte e nordeste do Brasil, por meio do programa Prazer em Ler, do Itaú Social, para o público formado por participantes das redes locais de bibliotecas comunitárias associadas à Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC).

Também naquele ano, como parte do Projeto “Memórias e Escrivência”, coordenamos a realização de um encontro com um grupo de estudos sobre a Escrivência, formado por Angela Dannemann, Dianne Melo, Karina Garcia, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Assunção Sousa e Silva, Islene Motta e Ludmilla Lis, com a produção de Marta Lahtermaher.

E o Itaú Social convidou Conceição Evaristo para ser a primeira escritora homenageada pela 6ª Olimpíada de Língua Portuguesa, cujo tema foi “O lugar onde vivo”. Além dos romances, contos e poemas, sua Escrivência influenciou projetos que envolveram a participação de 85.908 professores, de 42.086 escolas, distribuídas em 4.876 municípios brasileiros. E acervos de livros que o Itaú Social distribui para bibliotecas comunitárias e escolas, desde o ano passado, têm importante presença de livros de autoria negra e indígena brasileiros.

Em 2020, a oficina percorreria mais cinco cidades, planejamento que foi interrompido devido à pandemia da Covid-19. Como existir e compartilhar conhecimento se tornaram ainda mais urgentes diante da situação de confinamento e distanciamento social e de tantas incertezas, o projeto foi adaptado para uma versão on-line. A escritora gravou o conteúdo da oficina a partir de sua casa, na cidade de Maricá, RJ, com a orientação de equipes do Itaú Social e da MINA. E chegará às redes de bibliotecas comunitárias de Sabará, MG, Fortaleza, CE, e Paraty, RJ, por meio do Polo, ambiente de formação do Itaú Social.

O projeto “Memórias e Escrivência” tem conclusão com o lançamento deste livro, durante o Seminário on-line, em novembro de 2020.

• • • • •

A Escrivência de Conceição Evaristo é também referência em universidades nacionais e internacionais, escolas públicas e privadas, não só no campo da literatura, como da psicanálise, da história, do direito, dentre tantos outros.

Nesta obra, e compartilho esta apresentação com Constância Lima Duarte, reunimos artigos que apresentam reflexões e opiniões em, pelo menos, cinco dimensões: histórica, teórica, crítica, autobiográfica e relacionada ao letramento literário.

O livro se inicia com “A Escrevivência e seus subtextos”, um depoimento de Conceição Evaristo realizado em julho de 2020, por meio de um encontro virtual, com a participação de Angela Dannemann, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Fernanda Felisberto, Goya Lopes e Isabella Rosado Nunes.

A escritora comenta a origem do termo Escrevivência e como ele vem influenciando a escrita das mulheres negras, assim como o estudo da literatura nas universidades. Conceição fala “ainda” sobre a identificação a partir do ponto de vista da etnia e do gênero, incluindo também outros grupos minorizados. Discorre sobre o que a diferencia de Clarice Lispector e Frida Kahlo.

Em seguida ao depoimento, o texto “Da grafia-desenho de Minha Mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita”, considerado por Conceição como registro simbólico de criação da Escrevivência, faz referência ao “processo de assunção da escrita pelas mulheres negras, revolucionário, que as desloca do lugar de onde falavam antes, que permite colocá-las como donas da própria escrita”.

No artigo “Escrevivência: sentidos em construção”, Maria Nazareth Soares Fonseca recupera a história da palavra escrevivência na trajetória de Conceição Evaristo, que “aos poucos se transforma em uma potência sônica capaz de balançar os alicerces de uma ordem literária instituída”. Coloca lado a lado a Escrevivência da Marronagem Cultural, termo cunhado por escritores do Caribe e das Antilhas Francesas, e afirma que “a intenção de abordar o cotidiano vivenciado por negros e negras, de apreender as experiências registradas na pele-memória negra, é o que torna possível aproximar os conceitos escrevivência e marronagem [...]”.

Em “Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica”, Eduardo de Assis Duarte aproxima escrevivência do quilombismo (escrita afro-diaspórica) e das *slave*

narrative e recupera a literatura afro-brasileira desde seu início para exemplificar traços da escrita de si. “Conectada às demandas de seu tempo, a autora mostra-se atenta à interseção problemática dos condicionantes de gênero, classe e raça, tomada esta última em seu sentido vigente no senso comum. Quilombismo, resistência, escrevivência: interfaces identitárias de uma escrita da inquietude e da indignação”, afirma o autor.

Maria Aparecida Andrade Salgueiro, em “Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira”, descreve e desenvolve o conceito, citando a obra de Conceição Evaristo e escritores e escritoras dos Estados Unidos: “A obra de Conceição Evaristo, especialmente pelo apresentar das escrevivências, é, sem dúvida, uma produção de grande valor, originalidade e inovação literárias, ao mesmo tempo, sempre em busca de características e raízes brasileiras, assim como, pela realidade tradutória, em ambiente de diásporas e fortes conexões transculturais”.

Em “EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras”, Assunção de Maria Sousa e Silva relaciona o verso “a carne negra é a carne mais barata do mercado” (de uma canção interpretada por Elza Soares) com a Escrevivência, refletindo sobre situações de opressão e racismo vividas pela população negra, e a coloca como narrativa contra-hegemônica. “Infiro que o ato de escrevivência de Conceição Evaristo consiste em tessituras de vivências em entrelaçado alinhado de conhecimento e aspectos formais, sobre os quais se destaca o manuseio da linguagem na construção de um discurso literário que atende à fruição e ao pedagógico”, comenta.

Em “Canção para ninar menino grande: o homem na berlinda da Escrevivência”, Constância Lima Duarte escolheu o livro lançado em 2018, analisando-o como estratégia narrativa que une experiência individual e ficcional, com referência à coletividade. Para ela o livro explicita o projeto de escrevivência, denuncia e questiona o patriarcado e exalta a confraria de mulheres, baseada na sororidade feminista: “Após tantos livros publicados, prêmios, homenagens e o reconhecimento público, podemos afirmar que a

escritora rompeu definitivamente os orifícios das máscaras que tentaram impedi-la de falar, desestabilizando a crítica, a academia e até a Literatura Brasileira, que não têm mais como ignorá-la”.

Em “*Sabela* e um ensaio afrofilosófico escreviente e ubuntuísta”, Denise Carrascosa, a partir do conto “*Sabela*”, realiza um ensaio afrofilosófico, como destaca Constância Lima Duarte. Para Denise, “Ler-traduzir *Sabela* materializa esse gesto performativo-amoroso de compreensão e perlaboração de nossas subjetividades. Ao longo de toda a obra literária já escrita de Conceição Evaristo, bem como de suas falas públicas, as águas de sua *Escrevivência* vêm azeitando nossas afromemórias com seus itãs, suas hidro-grafias e suas espirais”.

Fernanda Felisberto, em “*Escrevivência como rota de escrita acadêmica*”, apresenta a *Escrevivência* como operador teórico para as jovens estudantes negras: “O diálogo com a ensaísta Conceição Evaristo foi o nosso fio condutor, sendo importante marcar esse lugar da teórica, na tentativa de entender como este operador teórico, a *escrevivência*, vem a cada dia ganhando múltiplos sentidos dentro da academia, colocando a autora em diálogo com diferentes intelectuais que têm a experiência do racismo como eixo central de suas produções, seja no campo historiográfico-literário ou sociológico, entre outros [...]”.

Rosane Borges, em “*Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados*”, aborda a linguagem, fundante das relações sociais instituintes do humano, e defende a *Escrevivência* como um “princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história. Linguagem como ferramenta, como morada e como instituinte do humano, conforme vimos acima. Com a expressão cunhada por Conceição Evaristo, temos uma outra visada de mundo que transpõe as dualidades ocidentais que outorgaram primazia ao registro escrito, tornaram-no guardião exclusivo da memória”.

Em “Intelectuais escrevintes: enegrecendo os estudos literários”, Livia Natália afirma que a noção de escrevivência alarga a noção de escrita e examina criticamente a estrutura de ensino, que “ensinou que a melhor forma de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica”. E complementa: “Por isso, defendo que os nossos textos acadêmicos sejam, sim, eivados de nossas escrevivências, de nossas travessias e que estas possam nos servir como instrumento e análise”.

E na dimensão do letramento literário, dois artigos buscam contextualizar a importância da literatura de Conceição Evaristo no campo da educação. Em “Vivências da absorção e da expressão”, Angela Dannemann reflete sobre o desenvolvimento humano, as desigualdades sociais, o papel da leitura nas escolas e creches e sobre como Conceição Evaristo inspirou a reflexão nos jovens, ao ser a primeira escritora homenageada pela Olimpíada da Língua Portuguesa, em 2019, programa do Itaú Social, cujo tema era “O lugar onde vivo”.

Por sua vez, Dianne Cristine Rodrigues de Melo, em “Escrevivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita”, a partir do reconhecimento de que a Escrevivência está impregnada pela condição da escritora como mulher negra na sociedade brasileira, enfatiza novos aspectos do “escrever” e “viver” e reflete sobre o preconceito linguístico e as desigualdades educacionais.

O livro se encerra com uma pesquisa sobre a fortuna crítica da escritora, realizada por suas assessoras Islene Motta e Ludmilla Lis.

• • • • •

Sobre o que nos move, sobre a vida, as memórias... Sobre a vastidão do mundo...

A “Escrevivência de Conceição Evaristo” é um marco na literatura brasileira. A partir de agora, se inicia uma viagem pela trajetória e as invenções da escritora, pelas reflexões expressadas nos artigos desse coletivo e as artes de Goya Lopes.

“O livro é uma matéria inerte. Se fica na estante, pode ser devorado por traças, baratas; o que dá vida ao livro é quem

pega o livro para ler. Ele não tem vida própria. Quem o lê, quem se apossa dele, é que dá vida a esse livro e, consequentemente, que dá vida ao texto”, afirma Conceição Evaristo.

Em um momento em que permanece extremamente necessário fazer a defesa do acesso ao livro, à cultura diversa e livre, encerro com uma afirmação de Conceição Evaristo: “Apenas conclamo, vamos ler! O mundo é vasto! A textualização do mundo, também!”.



A Escrivivência e seus subtextos

Conceição Evaristo



Este depoimento de Conceição Evaristo foi realizado em 25 de julho de 2020, em um encontro virtual com a participação de Angela Dannemann, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Fernanda Felisberto, Goya Lopes e Isabella Rosado Nunes.

SOBRE PERSONAGENS BRANCOS EM SUA OBRA

Construo poucos personagens brancos na minha obra. Uma leitura um pouco mais atenta percebe que esses poucos, bem poucos personagens, estão sempre representados, construídos nos lugares, nos espaços de poder. Em *Becos*, por exemplo, tem uma branquidade que poderia se dizer invisível. São os donos do espaço onde estava situada a favela. São apenas referidos, como a voz, o mando, a carta da prefeitura com a ordem de expulsão dos moradores. São as pessoas que chegam com a carta de intimação. Esses personagens brancos são quase que invisíveis em *Becos da Memória*. Dentre esses personagens, há Dona Laura, a patroa de Ditinha, mas quem transita no centro da cena é a doméstica Ditinha. Na narrativa é relatada a sedução de Ditinha pela joia da patroa e a leveza do gesto da personagem ao pegar a “pedra verde que até parecia macia”. Percebe-se que Ditinha executa um gesto situado entre o desejo e o não desejo. O estado emocional de Ditinha, os traços psicológicos da personagem são descritos, inclusive o arrependimento por ter apanhado a joia. De Dona Laura pouco é dito; aliás, a patroa é descrita pelo olhar da empregada.

Algumas vezes, já comentei que, se eu fosse escrever uma cena de um romance em que uma mulher escravizada queimasse, ao passar o vestido de baile da senhora, às vésperas de uma grande festa na casa-grande, o meu foco na construção das duas personagens se concentraria na personagem da mulher escravizada. Da senhora, em poucas linhas, seriam construídos os sentimentos de frustração, de raiva, e o plano de castigo que seria imposto à outra mulher. O exercício de criação estaria concentrado na mulher escravizada. Quais os seus sustos e temores... Seria por um acaso a queima do

vestido... Como essa mulher enfrentaria o castigo... Buscaria uma possibilidade de fuga?

Em *Ponciá Vicêncio*, temos a representação do branco, com personagens também ausentes. Os brancos significam a personificação do poder. São eles os donos de terra. Uma personagem branca aparece em poucas linhas no relato, a patroa de Bilisa, a mãe que faz vistas grossas e permite ao filho entrar no quarto da empregada para iniciar a sua experiência sexual. Um dia, Biliza percebeu que o rapaz pegou o dinheiro dela, suas economias guardadas com tanto sacrifício. Ao relatar o acontecido, a reação da patroa foi a de humilhar Biliza, buscando atingir a moral da empregada, embora soubesse que o rapaz frequentava o quarto da moça.

Em *Becos da Memória* tem uma personagem, também proprietária de terra, e assim chamada de coronel pelo poder que ela representa. Pode-se concluir que a construção de personagens brancas em meus textos é sempre representativa de alguma forma de poder. Estão no local de mando. Historicamente, é essa a nossa realidade, e a ficção, de certa forma, também não retira esse personagem desse lugar construído e permanente ao longo da História. Não retira, apenas denuncia. Pela construção dos personagens brancos aponta-se a prepotência, os desmandos, os privilégios do poder exercido pelas pessoas brancas sobre os não brancos. Talvez, até a ausência de construção de personagens brancos possa significar algo mais sério ainda. Estou pensando sobre isto nesse momento, enquanto avalio a ausência e o modo de presença dessas personagens. Estariam sendo construídas de forma estereotipada, como as personagens negras aparecem na literatura de autoria branca? Sou tentada a dizer que os personagens negros, por via de regra, são moldados sob um olhar que os define dentro de uma ou outra característica, tal como estas: preguiçosos, adultos infantis, desorganizados em seus ambientes sociais e culturais, extremamente sexualizados com seus corpos infecundos, sujeitos incapazes de pensar ou viver sentimentos como o amor, o afeto. As culturas africanas e afro-brasileiras são exotizadas ou folclorizadas. Dificilmente se encontra a construção de uma personagem

negra que represente a potência do ser humano com toda a sua dignidade. Creio que a minha autoria não chega a ser tão cruel, pois, como já afirmei, não é essa personagem que me interessa criar, e quando crio essa representação, o branco surge e ocupa o lugar da crueldade; não salvo ninguém. A não ser em *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que o último conto fala de um homem branco que vai se apaixonar por uma mulher negra. Entretanto, o gesto de acolhimento será feito pela comunidade negra. A família branca não aceita a relação dos dois. Não é permitida uma história de amor entre o jovem e a moça negra, sobrinha da empregada. A família branca deserda o rapaz. A família negra, no princípio da relação dos dois, vive uma desconfiança em relação aos propósitos do rapaz. As histórias do uso do corpo das mulheres negras pelos filhos dos patrões, como ato iniciático de sexo para os jovens brancos, não são ignoradas. Costume que perdurou longos anos: antes, corpos das mulheres escravizadas, depois, corpos das empregadas domésticas expostos a novos modos de escravização. A família negra aceitar e incorporar o sujeito branco como sendo um dos seus, oferece algo para se pensar. Que povos são mais capazes de oferecer acolhimento? Na verdade, a colonização é muito isso: os povos dominados incorporam o colonizador, que só chega pela força. No caso de África, as invasões colonizatórias nas Américas, o que os “descobridores” fizeram com as populações originárias são males que perduram até os dias atuais.

ESCREVIVÊNCIA COMO FENÔMENO DIASPÓRICO E UNIVERSAL

Pensar a Escrivivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro

da casa-grande. Essa mulher tinha como trabalho escravo a função forçada de cuidar da prole da família colonizadora. Era a mãe de leite, a que preparava os alimentos, a que conversava com os bebês e ensinava as primeiras palavras, tudo fazia parte de sua condição de escravizada. E havia o momento em que esse corpo escravizado, cerceado em suas vontades, em sua liberdade de calar, silenciar ou gritar, devia estar em estado de obediência para cumprir mais uma tarefa, a de “contar histórias para adormecer os da casa-grande”. E a Mãe Preta se encaminhava para os aposentos das crianças para contar histórias, cantar, ninar os futuros senhores e senhoras, que nunca abririam mão de suas heranças e de seus poderes de mando, sobre ela e sua descendência. Foi nesse gesto perene de resgate dessa imagem, que subjaz no fundo de minha memória e história, que encontrei a força motriz para conceber, pensar, falar e desejar e ampliar a semântica do termo. Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”.

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particu-

larizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. Assim como é diferenciada a experiência de ser *brasileirovvida*, de uma forma diferenciada, por exemplo, da experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Mas, ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas.

Creio que é a humanidade das personagens. Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio. E o que falar da solidão e do desejo do encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença.

Por exemplo, por que a personagem Ponciá Vicêncio comove todas as pessoas? Creio que é por ela ser uma personagem cuja vivência é marcada pela experiência de uma solidão profunda; a própria experiência de solidão que a adolescente Maria Nova vive. A solidão é uma experiência da condição humana. “Tio Totó chegou são, salvo e só na outra banda do Rio”. Creio que conceber escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrivivência. Por isso a narradora em *Ponciá Vicêncio* diz:

[...] Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse

um cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo. Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre. E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem, contudo, se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado–presente–e–o–que–há–de vir (EVARISTO, 2017, p. 110, 111).

SOBRE A IDENTIFICAÇÃO DOS LEITORES – HOMENS, MULHERES, LBGT – COM SUA OBRA

A maioria das personagens que construo se apresenta a partir de espaços de exclusão por vários motivos. Pessoas que experimentam condições de exclusão tendem a se identificar e a se comover com essas personagens. Um sujeito gay se vê nesse texto porque, também ele, vive essa experiência de exclusão. Um sujeito pobre tem a mesma identificação com uma personagem que vive a condição de pobreza. Uma mulher que se cumplicia com as outras se sensibiliza ao ler o conto “Maria” ou *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Assim como a escritora ou o escritor ao inventar a sua escrita, pode deixar um pouco ou muito de si, consciente ou inconscientemente, creio que a pessoa que lê, acolhe o texto, a partir de suas experiências pessoais, se assemelhando, simpatizando ou não com as personagens.

EXPERIÊNCIA E ESCRITA

A minha experiência com a escrita se dá desde cedo. As redações escolares, as invenções para escamotear a realidade. Ainda no curso primário, as professoras pediam redações – naquela época, em Minas Gerais, dizíamos composições. Tínhamos de escrever composições com os seguintes títulos: “Um passeio na fazenda de meu tio”, “Minha festa de aniversário”, “Meu presente de Natal”. As solicitações para essas escritas fugiam à minha experiência, mas eu inventava. Ficcionlizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interditado. Depois chegou a fase da adolescência, e hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. O que me salvou de um adoecimento, como quando minha irmã mais velha adoeceu, foi a escrita. A escrita e a leitura. Já no curso primário lia muito. Escrevia também. Terminei o primário ganhando um prêmio de redação. Entretanto, creio que talvez o primeiro esforço meu para passar para o papel uma experiência que não cabia mais em mim, foi quando, também nos anos 1960, escrevi um texto que, hoje, vejo – naquela pequena crônica – a origem de texto do *Becos da memória*. O texto tinha como título “Samba Favela” e foi publicado em 1963 ou 1964, no jornal *O Diário*, e também em uma revista de um seminário em Viamão, no Rio Grande do Sul. Era um texto que falava da vida na favela. Poderíamos pensar em uma crônica talvez.

Hoje, relendo o texto, vejo que “Samba Favela” foi a semente de *Becos da Memória*. Foi a experimentação de uma escrita, marcada por uma escrevivência. Criei aquele texto, o primeiro, a partir de um lugar específico, particular, a minha vivência de jovem moradora em uma favela. Talvez naquele momento, eu confirmava para mim mesma, sem saber ainda, que a escrita me seria possível. Escrevivência vem daí, daquele texto.

COMO RELACIONAR ESCRIVÊNCIA COM CLARICE LISPECTOR E FRIDA KAHLO

A Escrivência poderia se aproximar da afirmativa de Clarice de que a aprendizagem da escrita está no mundo; entretanto guardando distâncias, muitas talvez. “Escrever é dominar o mundo”, assevera Clarice. A mexicana Frida Kahlo diz que é como se ela pintasse a si própria, a realidade. Também com a Frida, uma aproximação cautelosa poderia ser tentada para emparelhar Escrivência com “o pintar a si próprio, a realidade”. Entretanto, creio que a similitude entre Escrivência e a autorreflexão de uma e de outra tende mais a se distanciar do que a se cruzar. E o distanciamento vai se delineando na medida em que se lê o lugar subjetivo em que essas autorreflexões nascem, a linguagem que é usada para a explicitação do pensamento e com quais outros caminhos as reflexões produzidas por elas se imbricam.

De Clarice me seduz a afirmativa de que “a aprendizagem da escrita está no mundo”. Concordo, mas substituo por “a aprendizagem da escrita está na vida”. Pois, foi da e na dinâmica da vida que observei os primeiros traços escritos, a primeira grafia, cuja página foi o chão. Observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. E profundidade me trazia e traz o concreto, a vida com as suas mortes, a realidade confrontando o sonho; “os sonhos moldados a ferro e a fogo”.

“Escrever é dominar o mundo”, conclui Clarice. Não tenho a experiência de domínio algum. A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência.

Por isso, nunca pensaria a Escrivência como possibilidade de domínio do mundo. Mas como uma pulsação antiga, que corre em mim por perceber um mundo esfacelado, desde antes, desde sempre. E o que seria escrever nesse mundo? O que escrever, como escrever, para que e para quem escrever? Escrivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. Por isso, repito uma pergunta reflexiva, que me impus um dia ao pensar a minha escrituridade e de outras. Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”?

Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo.

Frida diz que é como se ela pintasse a si própria, a realidade. Como Escrivência se aproxima da autodeclaração da pintora, que ao desempenhar a sua arte se sente como se ela pintasse a si própria, a realidade. Também com Frida Kahlo as linhas de aproximação são tênues, mas existem. A Escrivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si.

Na busca de aproximações da Escrivivência com o entendimento de Clarice Lispector e da pintora Frida Kahlo, sobre o significado de suas artes, penso em uma outra escritora, a Gloria Anzaldúa. E digo que a escritora norte-americana de origem mexicana, ao escrever sobre as motivações de sua escrita, me oferece um lugar de parentesco, em que posso me sentir mais à vontade para pensar os subtextos da Escrivivência. Anzaldúa (2000, p. 229-236)¹, em um texto que ela dirige às escritoras do terceiro mundo, nos diz:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever.

SOBRE A BUSCA DA PALAVRA CERTA

Creio que a escolha das palavras certas está relacionada, ou parte mesmo, da subjetividade e também da experiência com a linguagem que a escritora, o escritor têm. A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições. Por isso, digo que

1. ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

a minha subjetividade, a palavra domínio não verbaliza a minha experiência em nada. Eu diria, por exemplo, que a escrita é uma necessidade de apreensão do mundo, mas o mundo que me escapole. Não diria que a escrita é uma possibilidade de domínio. A palavra domínio, para mim, é uma experiência que não coaduna com a minha subjetividade, não venho de uma experiência de domínio de nada. Há uma escolha semântica para verbalizar as suas experiências subjetivas. Nunca experimentei nenhum campo de domínio. Sempre experimento o campo da busca, o desejo de apreensão, mas nunca qualquer apreensão me deixou à vontade para viver a experiência do domínio. Por isso, uma escolha diversa. E nessa escolha, quero aproximar a linguagem escrita o mais possível da linguagem oral. Quero a dinâmica das palavras pronunciadas no cotidiano, as que movimentam a vida e não as que dormem no dicionário. Vou ao dicionário, sim, para acordá-las e levá-las para se movimentarem no texto. E quando não as tenho disponíveis, invento, aglutino umas às outras. Mas sei também que palavra alguma dá conta da vida. Entre o acontecimento e o dizer sobre ele, o escrever sobre ele, fica sempre um vazio.

A LITERATURA DE UMA MULHER NEGRA E A INOVAÇÃO DE UM PROJETO LITERÁRIO NACIONAL

Sim, inova. Há várias vozes, vários textos inovando a literatura nacional. Quanto a minha produção, não consigo dizer muito sobre o assunto. E não é uma questão de modéstia. Quem pode avaliar a minha literatura é a recepção. É a avaliação das pessoas que me vai me conferir algum lugar.

Dentre as literaturas que inovam o projeto literário nacional, a autoria de mulher negra coloca textos marcantes em um sistema anteriormente erigido, notadamente, pela autoria de homens e mulheres brancas. Creio que a autoria de mulheres negras, pois não sou a única que estou escrevendo, tende a dar outros sentidos à Literatura Brasileira. Mas não sei se a minha literatura inaugura um projeto literário nacional, agradeço a quem responder por mim e para mim.

A ideia de Escrivivência talvez possa trazer algo novo para a teoria da literatura pensar. Parece-me que o conceito de autoficção, de escrita de si, de narrativas do eu, e até de ego-história, quando um historiador resolve, por meio do aparato da ciência que ele conhece, narrar a sua vida, como sujeito histórico, como sujeito da história de seu tempo, o conceito de Escrivivência pode ser pensado por parâmetros diferentes dos colocados para pensar as categorias citadas anteriormente. Entretanto, quando falo de ego-história, a historiadora Beatriz Nascimento, no filme “Ôrí” (1989)², constrói uma ego-história que não se esgota na vida dela como historiada. É uma ego-história cuja narração fílmica está amalgamada à história de uma coletividade. Como pensar a Escrivivência em sua autonomia e em sua relação com os modelos de escrita do eu, autoficção, escrita memorialística... Ouso crer e propor que, apesar de semelhanças com os tipos de escrita citadas, a Escrivivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrivivência já demande outra leitura. Escrivivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. Para uma melhor apreensão do conceito de Escrivivência, como aparato teórico, para melhor pensarmos o termo, trago um imaginário mítico da cosmogonia africana para contrapor à narrativa de Narciso, aplicada ao entendimento da escrita de si como uma escrita narcísica.

Afirmo que a Escrivivência não é uma escrita narcísica, pois não é uma escrita de si, que se limita a uma história de um eu sozinho, que se perde na solidão de Narciso. A Escrivivência é uma escrita que não se contempla nas águas de Narciso, pois o espelho de Narciso não reflete o nosso rosto. E nem ouvimos o eco de nossa fala, pois Narciso é surdo às nossas vozes. O nosso espelho é o de Oxum e de Iemanjá. Nos apropriamos dos abebés das narrativas míticas africanas para construirmos os nossos aparatos teóricos para uma compreensão mais profunda de nossos textos. Sim, porque

2. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63lUUD8qOglM2wKVId4n/view> Acesso em: 13 ago. 2020.

ali, quando lançamos nossos olhares para os espelhos que Oxum e lemanjá nos oferecem é que alcançamos os sentidos de nossas escritas. No abebé de Oxum, nos descobrimos belas, e contemplamos a nossa própria potência. Encontramos o nosso rosto individual, a nossa subjetividade que as culturas colonizadoras tentaram mutilar, mas ainda conseguimos tocar o nosso próprio rosto. E quando recuperamos a nossa individualidade pelo abebé de Oxum, outro nos é oferecido, o de lemanjá, para que possamos ver as outras imagens para além de nosso rosto individual. Certeza ganhamos que não somos pessoas sozinhas. Vimos rostos próximos e distantes que são os nossos. O abebé de lemanjá nos revela a nossa potência coletiva, nos conscientiza de que somos capazes de escrever a nossa história de muitas vozes. E que a nossa imagem, o nosso corpo, é potência para acolhimento de nossos outros corpos.

Ainda pensando que a Escrivivência extrapola os sentidos da escrita de si, quero citar o livro de Geni Guimarães, *A cor da ternura*. Creio que o conceito de escrita de si, assim como o da autoficção, não explica a construção da narrativa ali apresentada. Não é um livro em que a autora se debruça somente sobre a sua própria história e faz um texto que esgota em si própria. O texto está impregnado da história de uma coletividade.

Penso que posso distanciar a Escrivivência, por exemplo, da escrita de si, ou da autoficção, como um texto que oferece a possibilidade de não estar escrito necessariamente em primeira pessoa, como normalmente estaria a escrita de si. E por que eu penso isso? Creio que o poema em prosa “Emparedado”, de Cruz e Sousa, poderia ser lido como Escrivivência. Ao pensar em *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, percebe-se que Lima Barreto, provavelmente, aproveitou da sua experiência, da sua vivência como um sujeito negro, para criar recordações de Isaiás Caminha. E tanto Cruz e Souza como Lima Barreto não estavam escrevendo só sobre o seu drama pessoal por serem negros, mas o drama, os problemas existenciais das pessoas negras da época.

MARCOS TEÓRICOS DA ESCRIVIVÊNCIA

Uma das marcas dessas narrativas e de toda a minha obra é uma maneira de funcionalizar a comunidade negra de uma outra forma. É uma ficção que traz personagens talvez nunca construídos da forma que construo na Literatura Brasileira. Um exemplo dessa construção é a imagem que crio de um “marginal” no conto “Ana Davenga”. O personagem Davenga é um sujeito humano capaz de uma enorme atrocidade, mas é também capaz de viver uma bela e comovente história de amor. O assaltante do ônibus no conto “Maria”, antes de assaltar os passageiros, manda um abraço e um beijo para as crianças. Trago outro tratamento, outra construção para essas personagens negras, assim como outro olhar para uma outra ambiência social negra. No conto “Ana Davenga”, a personagem dança, aparece como uma bailarina nua nas culturas ancestrais, aos olhos de Davenga, e a descrição de Ana não a faz parecer, por exemplo, com a Rita Baiana. Ela não é a Gabriela Cravo e Canela; busquei outra forma também de compor o corpo negro.

Afirmo que nada que eu escrevo é inocente. É muito bem pensado. Há pouco falei que “*não usaria a palavra domínio*”. É uma literatura em que a escolha semântica está profundamente relacionada com a minha situação social ou com a experiência social que já vivi. Penso que a Literatura Brasileira está precisando de obras que provoquem a academia para rever até o próprio conceito do que seria literatura. Talvez, a minha obra dê para pensar isso também.

Por exemplo, quando se fala de uma obra memorialística, há a tendência em dizer que a obra de autoria negra é sempre memorialística. Acreditam, então, que o livro *Ponciá Vicêncio* é a história da minha vida. Não é. Sempre preciso afirmar que *Becos da Memória* são ficções da memória, apesar de Maria Nova ser uma personagem muito próxima da autora.

SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

Meu processo criativo tem muito de observação e intuição também. Por exemplo, observo quando percebo que uma cena, um momento, uma escuta, podem me levar a compor um texto. Observo se eu tiver a intuição, o pressentimento que posso estar diante de algum mistério, de algum milagre... Uma fala pode se transformar em um acontecimento ficcional. Talvez, venha primeiro a intuição. É preciso também ter empatia com o que está sendo observado. Mas, muito me vem do exercício da escuta. Embora eu fale muito, gosto muito de ficar assuntando, escutando as vozes, os casos, o cotidiano. E assuntar também pede silêncio. Pede para que você se retire da roda e fique observando o que as pessoas estão falando. Creio que a escrita pede isso. O tempo todo é preciso assuntar a vida. Várias situações e elementos podem desencadear em mim um processo criativo. Escutar uma música prestando atenção na modulação da voz, ver pessoas dançando, assistir a um espetáculo teatral, escutar uma notícia, remexer na memória passada. Recentemente, passei a gostar de escrever na madrugada, pois preciso do silêncio em casa ou em algum bar ou restaurante vazio...

A ESCRITA NÃO É INOCENTE, TEM UM PROPÓSITO POLÍTICO EM SEU SENTIDO MAIS AMPLO.

Meu texto literário não é inocente, a crítica e os ensaios são menos inocentes ainda. Creio que se há uma produção, pelo menos a meu ver, que fica muito difícil você traçar entre a cidadã/cidadão e a escritora/escritor é a de nossa autoria. Particularmente, não faço questão de separar: aqui está a escritora Conceição Evaristo e aqui está a cidadã Conceição Evaristo. Não separo. Quando me debruço para construir uma ficção, uma narrativa ou um poema, um texto ensaístico, não me desvencilho da minha condição de cidadã, negra, brasileira, viúva, mãe de Ainá... Toda a minha subjetividade é a subjetividade da escritora. E essa subjetividade, creio,

contamina tanto o assunto que escolho para escrever, as personagens criadas, o enredo, como o próprio uso da linguagem. Para mim, o trabalho com a linguagem caracteriza a obra da autora/autor. Busco muito cuidar desse aspecto por meio da escolha das palavras, do modo de construção frasal, da carga simbólica levada para o texto etc. Esse exercício que faço pretende aproximar o texto o mais possível de uma fala oral. A procura por uma estética que se confunda com a oralidade faz parte de meu projeto literário, que é profundamente marcado pela minha subjetividade forjada ao longo da vida. Quero criar uma literatura a partir de minhas próprias experiências com a linguagem, nucleada pela oralidade, a partir da dinâmica de linguagem do povo. E, em momento algum, esqueço que estou trabalhando com a arte da palavra. Não desprezo o dicionário, busco também termos pouco usuais, gosto muito das formas que os nossos ouvidos consideram como erros, mas que estão dicionarizadas como formas arcaicas da língua ou como formas populares de pronúncia. Tenho o hábito de ler o texto alto para escutar a sonância das palavras, das frases. Penso muito na escolha dos nomes das personagens, nos títulos... Creio que isso tudo acontece a partir de uma subjetividade, de meus experimentos de vida. Penso se não é a linguagem a marca mais profunda e mais reveladora da subjetividade da pessoa. Intenciono, e não nego, criar um texto com uma linguagem que informe o corpo autoral e, em algumas obras, revele, caracterize a narradora. Estou falando do corpo autoral e do corpo da narradora no sentido físico. Por exemplo, em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, usei vários artifícios para produzir a percepção de que a entrevistadora ficcional era uma mulher negra, assim como as mulheres entrevistadas. Foi preciso criar vários artifícios do texto para poder marcar isso. É ainda nesse sentido que os textos criados por mim não são inocentes. *Insubmissas* não é uma obra inocente, a partir do título do livro. Ali marco a autoria de uma mulher negra, com a sua subjetividade na construção de um trabalho que tem sido considerado bastante criativo.

OS HOMENS NO PROJETO DA ESCRIVIVÊNCIA

Há poucos personagens homens protagonizando as narrativas de minha autoria, constatação que eu faço e que me incomoda. Essa ausência parece maldade. No romance *Ponciá Vicêncio*, o marido de Ponciá não tem nome. Durante toda narrativa, ele é referido como o marido de Ponciá Vicêncio. Nem no momento em que ele se humaniza e reconhece a semelhança dele com Ponciá, em termos de sofrimento, de experimentação da solidão humana, o personagem é nomeado. Mas, mesmo em quantidade menor, os poucos personagens homens que aparecem nas narrativas costumam ter papéis importantes no desenrolar da história. Davenga é belíssimo, mas Ana que é o prumo para ele; Davenga se humaniza, pela relação amorosa que eles vivem. Luandi José Vicêncio, irmão de Ponciá, é a personagem que resgata a história da Família Vicêncio. Negro Alírio, Bondade, Tio Totó são personagens centrais de *Becos*. A narrativa planejada com a intenção de ter um protagonista homem no centro da cena foi *Canção para ninar menino grande*; porém, aconteceu algo enquanto eu desenvolvia o enredo. Quando percebi, Fio Jasmim veio no centro da ceia, mas veio falado pelas mulheres. Isso me incomodou, porque eu queria que o personagem tivesse uma autonomia. Desde que eu escrevi *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, tenho a ideia de escrever um livro de contos em que haverá também uma narradora, sairá entrevistando homens. Talvez o título do livro seja *O Silencioso Pranto dos Homens*. Já comecei a pensar em alguns contos, mas uma dificuldade se apresenta. Em *Insubmissas*, as mulheres viveram histórias de dores, de sofrimentos, mas, quando estão conversando com a entrevistadora, já se potencializaram para poder contar histórias de sucessos. Na narrativa que estou escrevendo, com personagens homens, a narradora ainda não conseguiu ficcionalizar um final feliz para a vida deles. Tenho pensado muito sobre isso, em termos de postura ideológica inclusive. Não quero colocar os homens só na situação de derrota ou na posição de sujeitos cruéis, em textos de minha autoria. Eles têm também histórias de dor e de suplantação dos sofri-

mentos. Também me incomoda a ausência de heróis negros na literatura; tenho de encontrar uma maneira de dar um protagonismo aos homens negros.

NOVAS EXPRESSÕES DA ESCRITA QUE PODEM SER ASSOCIADAS AO CONCEITO DE ESCRIVÊNCIA

Um projeto que eu pensei pra este ano, mas não pude iniciar ainda, foi começar a ler uma geração de escritoras e escritores que estão produzindo avidamente. Li poucos, pouquíssimos, e os que li, estou limitada a uma obra de cada autora e cada autor. No momento, me recordo de três nomes: Aidil Araújo Lima, com o livro *Mulheres Sagradas*. Ela tem uma linguagem muito cuidadosa, escolhendo as palavras para narrar o cotidiano, como se fosse em um trabalho artesanal. Eliana Alves Cruz, com o livro *Água de Barrela* e suas memórias familiares, que se confundem com as lembranças das famílias negras. E Jefferson Tenório, já inscrito na Literatura Brasileira com o *Beijo na Parede*. A obra, escrita com uma linguagem contundente, traz um personagem preso entre a miséria material e a procura de afetos. Gosto muito também das meninas do *Slam*. Eu acho que elas também transformam o dia a dia. Tem um grupo de Belo Horizonte que fala poema muito próximo de uma criação minha, as “Pretas Poetas”. E mesmo que o jogo delas se paute “no aqui e o agora”, pode-se pensar em uma Escrivência, já que o nosso discurso literário traz uma memória antiga, recente e também se inspira no cotidiano, “do aqui e agora” no cotidiano.

RACISMO ESTRUTURAL E MERCADO EDITORIAL

Creio que a primeira mudança no mercado editorial foi ter descoberto que tem um público negro leitor. E o grande momento da descoberta desse público negro foi a Flip. Primeiro, teve aquela polêmica a partir do manifesto liderado por Giovana Xavier. Naquele ano, nós estávamos em Paraty, Ana

Maria Gonçalves, Roberta Estrela D'alva, outras escritoras negras e eu. Fomos muito procuradas para dar entrevista e registrar nosso descontentamento. No outro ano, a curadora da Flip foi Josélia Aguiar, a quem eu chamo de "mulher coragem". Ela mudou a face da Flip. A presença nas mesas oficiais de escritoras negras e escritores negros tornou a Flip um evento mais democrático. Aquela Flip se tornou histórica. Nesse momento, o mercado livreiro descobriu que há um público negro que lê e que há um público, não somente negro, que lê autoria negra. Eu acho que essa foi a grande descoberta. Isso é um aspecto.

Outro aspecto, eu acho que cada vez mais a sociedade brasileira tem estado disposta a pôr o dedo na ferida e discutir determinadas questões. E uma delas é a questão racial. A sociedade brasileira descobriu também que a questão racial não é uma discussão só para negros. Não somos nós que temos de buscar as soluções, pelo contrário. É como se quisesse que o pobre, que o sujeito empobrecido, resolvesse sozinho a questão da pobreza. Acho que hoje, ou melhor, nos últimos anos, a sociedade brasileira está sendo menos hipócrita, ao se tratar de racismo.

Hoje, temos uma editora de grande porte publicando Osvaldo de Camargo, Carlos Assunção e, agora, está preparando a publicação da obra de Carolina Maria de Jesus. O que quero enfatizar é o seguinte: se grandes editoras e mesmo as de médio porte pretendem abarcar a diversidade do público leitor, essas editoras precisam urgentemente diversificar o rol de escritoras e escritores oferecido ao público. Além de demonstrar o vasto terreno da Literatura Brasileira, para as editoras também parece ser vantajoso, considerando a demanda de mercado: um público de novos leitores vem buscando literaturas de autoria de mulheres e homens negros, indígenas. O mesmo interesse se observa sobre a literatura de temática homoafetiva, em que a autoria ficcionaliza, muitas vezes, a sua própria experiência. Agradecemos a publicação de nossos e de nossa veterana. O passo inicial foi dado, outras editoras poderão se interessar também na tentativa de recuperar o tempo em que a autoria negra tinha pouquíssima

possibilidade de publicação. Chegou o nosso bom momento, achamos ótimo. Carlos Assunção está com 93 anos e Osvaldo de Camargo é um homem que deve ter passado um pouco dos 80; foi um período de longa espera.

Quanto à publicação da obra de Carolina Maria de Jesus, a filha dela, Vera Eunice, Fernanda Felisberto, Fernanda Miranda, Amanda Crispim, Rafaella Hernandez e eu fazemos parte do Conselho Editorial. Nós vamos trabalhar com afinco e fazer tudo para que Carolina possa ser colocada no espaço que é dela na Literatura Brasileira.



Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita

Conceição Evaristo



Talvez o primeiro sinal gráfico que me foi apresentado como escrita, tenha vindo de um gesto antigo de minha mãe. Ancestral, quem sabe? Pois de quem ela teria herdado aquele ensinamento, a não ser dos seus, os mais antigos ainda? Ainda me lembro, o lápis era um graveto, quase sempre em forma de uma forquilha, e o papel era a terra lamacenta, rente as suas pernas abertas. Mãe se abaixava, mas antes cuidadosamente ajuntava e enrolava a saia, para prendê-la entre as coxas e o ventre. E de cócoras, com parte do corpo quase alisando a umidade do chão, ela desenhava um grande sol, cheio de infinitas pernas. Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo o corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. Fazia-se a estrela no chão.

Na composição daqueles traços, na arquitetura daqueles símbolos, alegoricamente, ela imprimia todo o seu desespero. Minha mãe não desenhava, não escrevia somente um sol, ela chamava por ele, assim como os artistas das culturas tradicionais africanas sabem que as suas máscaras não *representam* uma entidade, elas *são* as entidades esculpidas e nomeadas por eles. E no círculo-chão, minha mãe colocava o sol, para que o astro se engrandecesse no infinito e se materializasse em nossos dias. Nossos corpos tinham urgências. O frio se fazia em nossos estômagos. Na nossa pequena casa, roupas molhadas, poucas as nossas e muitas as alheias, isto é, as das patroas, corriam o risco de mofar acumuladas nas tinas e nas bacias. A chuva contínua retardava o trabalho e o pouco dinheiro, advindo dessa tarefa, demorava mais e mais no tempo. Precisávamos do tempo seco para enxugar a preocupação da mulher que enfeitava a madrugada com lençóis arrumados um a um nos varais, na corda bamba da vida. Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade

1. Esse texto foi apresentado pela primeira vez, em 1995, durante o VI Seminário Mulher e Literatura, organizado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?

Mais um momento, ainda bem menina, em que a escrita me apareceu em sua função utilitária e, às vezes, até constrangedora, era na hora da devolução das roupas limpas. Uma leitura solene do rol acontecia no espaço da cozinha das senhoras:

4 lençóis brancos,
4 fronhas,
4 cobre-leitos,
4 toalhas de banho,
4 toalhas de rosto,
2 toalhas de mesa,
15 calcinhas,
20 toalhinhas,
10 cuecas,
7 pares de meias,
etc. etc. etc.

As mãos lavadeiras, antes tão firmes no esfrega-torce e no passa-dobra das roupas, ali diante do olhar conferente das patroas, naquele momento se tornavam trêmulas, com receio de terem perdido ou trocado alguma peça. Mãos que obedeciam a uma voz-conferente. Uma mulher pedia, a outra entregava. E quando, eu menina testemunhava as toalhinhas antes embebidas de sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres brancas e ricas crescia. As mulheres de minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando.

Foram, ainda, essas mãos lavadeiras, com seus sóis riscados no chão, com seus movimentos de lavar o sangue ín-

timo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que, folheando comigo revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam a nossa pobreza, e distinguiam mais uma de nossas diferenças, em um grupo escolar, que nos anos 50 recebia a classe média alta belorizontina.

Das mãos lavadeiras, recebi ainda listas de mantimentos, palavras cifradas, preços calculados para não ultrapassar o nosso minguado orçamento (sempre ultrapassavam) e lá ia eu, menina, às tendinhas, aos armazéns e às padarias perto da favela para fazer compras. Nesse exercício de quase adivinhar os textos escritos produzidos por minha família, quem sabe o meu aprendizado para um dia caminhar pelas vias da ficção...

Ainda, uma de minhas tias, a que me criou, tinha por hábito anotar resumidamente em folhas de papéis datas e acontecimentos importantes, desde fatos relacionados à economia doméstica a acontecimentos sociais ou religiosos. Anotações familiares como:

"A nossa última galinha d'angola fugiu semana passada, isto é, no final do mês de novembro".

"No dia 13 de dezembro, pus a galinha garnisé para jogar sobre nove ovos".

"Dona Etelvina de Seu Basílio voltou para São Paulo no dia 15 de agosto de 1965".

"Já paguei duas mensalidades para ajudar na festa da Capela do Rosário".

"Maria Inês, minha sobrinha, ficou noiva no dia 22 de junho de 1969".

E à medida que eu crescia e os meus conhecimentos também, alguns desses eventos passaram a ser registrados por mim, como também passou a ser de minha responsabilidade cuidar de meus irmãos menores na escola, acompanhar seus deveres, ir às reuniões escolares e transmitir os resultados para minha mãe. De meus irmãos passei a acompanhar os deveres das crianças menores vizinhas. No pequeno quintal de nossa casa, debaixo das árvores, improvisei uma sala de aula. Das moedas, que me eram dadas pelas mães gratas pelo desenvolvimento de seus filhos na escola, surgia meu primeiro salariozinho. Riqueza que me permitia comprar ora o pão diário, ora açúcar, ora o leite do irmãozinho menor, ora um caderno para mim, e às vezes algum livrinho, (revistinhas infantis, gibis, que não sei por que eu considerava como sendo livro) ou ainda obter uma alegria maior: doces, doces, doces...

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados à meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor, dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite.

Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas, contando em voz alta umas para as outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construía um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso

tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo.

Afirmo, porém que foi do tempo/espço que aprendi desde criança a colher as palavras. Não nasci rodeada de livros, do meu berço trago a propensão, o gosto para ouvir e contar histórias. A grande oportunidade para a leitura constante me chegou, quando eu, já quase mocinha, tinha a autonomia para ir e vir à Biblioteca Pública de Belo Horizonte, casa-tesouro, em que uma das minhas tias se tornou servente.

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se, inconscientemente, desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra.

E retomando a imagem da escrita diferencial de minha mãe, que surge marcada por um comprometimento de traços e corpo, (o dela e os nossos) e ainda a de um de diário escrito por ela, volto ao gesto em que ela escrevia o sol na terra e imponho a mim mesma uma pergunta. O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita?

Tento responder. Talvez, estas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das

elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada.

A nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.







Escrevivência: sentidos em construção

Maria Nazareth Soares Fonseca



O termo “escrevivência” vem sendo discutido por estudiosos e críticos da literatura afro-brasileira, geralmente em referência à obra literária da escritora Conceição Evaristo. Em vários estudos e reflexões¹, a palavra assume uma gama de significados nem sempre relacionados com o processo de formação lexical que nele se mostra. Morfológicamente, decorre da associação entre “escrever” e “viver” e dos sentidos permitidos pela expressão “escrever vivências” ou mesmo de escrever fatos vividos pelo eu que os recupera pela escrita.

O interesse por assumir o termo como um conceito vem se fortalecendo a partir das muitas discussões que ele tem suscitado entre os pesquisadores da literatura afro-brasileira. A discussão sobre seus sentidos ganha maior força a partir do momento em que passou a ser utilizado em artigos, dissertações, teses e, sobretudo, em discussões dos textos de Conceição Evaristo, ainda que a própria escritora tenha afirmado, em entrevista, que, quando o empregou pela primeira vez, não teve intenção de criar um conceito². Essa afirmação de Evaristo (2017) faz parte da entrevista concedida por ela ao *Nexo Jornal*, em 26 de maio de 2017, em resposta à pergunta feita pelo entrevistador: “Você criou o conceito de ‘escrevivência’, que é algo muito importante no seu fazer literário. O que é a escrevivência?”.

Para responder à indagação da entrevistadora, Evaristo (2017) explica:

Quando falei da escrevivência, em momento algum estava pensando em criar um conceito. Eu venho trabalhando com esse termo desde 1995 – na minha dissertação de mestrado, várias vezes fiz um jogo com o vocabulário e as ideias de escrever, viver, se ver.

A afirmação da escritora quanto aos sentidos dados por ela ao termo reforça o fato de sua escrita literária poética e ficcional estar, desde sempre, envolvida com vivências e experiências do eu que se enuncia em seus poemas ou de narradores de seus contos e romances. Muitas das vivências que se

1. Neste artigo, faz-se referência a entrevistas feitas por Conceição Evaristo, nas quais ela comenta sentidos do termo escrevivência, e a pontos de vista de estudiosos da obra, emitidos, sobretudo, em artigos do livro *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2018), organizado por Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário A. Pereira.

2. O termo vem sendo utilizado pela escritora em diversos momentos e em vários textos de sua autoria, sempre com sentidos relacionados aos relatos de experiência.

deslocam para a sua literatura advêm da escuta de histórias contadas por mulheres e do contato com experiências vividas por negras na luta contra a discriminação e a violência.

Para aprofundar um pouco mais a discussão sobre o termo proposto por Evaristo, é pertinente, em primeiro lugar, perceber como o termo *escrevivência* vem sendo explicado pela escritora, em diferentes momentos em que ela foi instigada a falar sobre ele. Mas é também importante conhecer alguns pontos de vista formulados por estudiosos da obra de Conceição Evaristo.

Conforme declaração da própria Conceição Evaristo ao *Nexo Jornal*, o termo *escrevivência* foi utilizado por ela, pela primeira vez, “em uma mesa de escritoras negras no Seminário Mulher e Literatura, em 1995³. O termo foi assumido como uma estratégia que rasura a ordem legitimada pela figura da “Mãe preta” que conta “histórias para adormecer a prole da Casa-grande”. Os sentidos da palavra se adequariam a uma proposta de escrita literária que intenta borrar o imaginário que vê o(a) negro(a) em funções determinadas pelo sistema escravocrata. Faz parte desse imaginário a figura da Mãe Preta, obrigada a cuidar das crianças da casa-grande, dando a elas, inclusive, o leite negado aos seus próprios filhos. Sobre a função das escravas que funcionavam como amas de leite, na vigência da escravização de africanos e africanas no Brasil, Magalhães e Giacomini (1983) informam que, na visão dos escravocratas, a “mercadoria escrava leiteira”, sem sua cria, era mais lucrativa. É importante considerar que, ao doar o seu leite à criança da casa-grande, a negra escravizada também cuidava dela, tornando-se, muitas vezes, a contadora de histórias que embalavam a criança, ainda que não ficasse livre da violência que norteava as relações entre senhores e escravos.

Ao procurar rever a história da submissão de escravizados e escravizadas a seus donos, a escrita produzida por mulheres negras percorre os cenários da escravidão e os que nos levam às comunidades formadas por descendentes de escravizados, procurando recuperar a tradição africana de contar e cantar. Evaristo, em entrevista ao jornal *Estado de*

3. A escritora refere-se ao VI Seminário Mulher e Literatura, realizado na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Minas, em 2004, afirma que a literatura produzida pelas escritoras negras assume um procedimento literário que funciona, muitas vezes, como assunção do que ficou recalcado e silenciado pela História. A afirmação de Evaristo deixa claro que, desde o momento em que usou o termo “escrevivência” pela primeira vez, quis estabelecer uma intrínseca relação entre o ato de escrever literatura e a intenção de assumir o que foi vivenciado por negros e negras ao longo da história do Brasil.

Essa intenção perpassa a obra poética e ficcional da escritora, motivando a recolha de lembranças da vida vivida junto com a sua família, das quais emergem os desenhos feitos pela mãe, no chão de terra batida dos becos da favela em que moravam, e as muitas histórias ouvidas da própria mãe, da tia e de mulheres que costuravam a rotina de trabalhos com os fios da imaginação. A escrita de Evaristo bebe, pois, na rica fonte da oralidade, em falas e gestos que preparam o escrever.

Ao mergulhar no universo de vivências e experiências vividas, sobretudo, por mulheres que cuidam do sustento dos filhos, do reforço ao ganho pouco dos homens, quase sempre envolvidos com ocupações extenuantes, provisórias e mal remuneradas, a escritora vasculha histórias de vidas marcadas pela exclusão e pela invisibilidade. Por isso, quando Evaristo utiliza, na entrevista ao *Nexo Jornal*, em 2017, a expressão “nossa escrevivência”, está consciente de que sua literatura é um espaço que acolhe os relatos de vidas marcadas pela escravidão ou pelas agruras dela decorrentes. Essas experiências são recuperadas por estratégias que instalam, no ato de escrever, as emoções do experienciar e do viver.

Entre os dias 04 de maio e 18 de junho de 2017, o Itaú Cultural, em São Paulo, apresentou a exposição *Ocupação Conceição Evaristo*, que expôs, além de volumes da obra literária da escritora, fotos dela e de sua família, vários escritos à mão que compunham o seu cotidiano de mulher negra, mãe, professora e escritora. Dentre os vários papéis escritos à mão pela escritora, selecionei, trechos de uma anotação, sem data, mas certamente produzida em momento anterior ao doutorado, concluído em 2011. Nessas anotações, Conceição Evaristo refere-se ao curso de graduação, realizado na UFRJ,

ao mestrado, feito na PUC/RJ e concluído em 1996, e explica o que para ela, naquele momento, significava o termo “escrevivência”, escrevendo-o em duas palavras: “escre-vivência”:

Minha escre-vivência vem do cotidiano dessa cidade que me acolhe há mais de 20 anos e das lembranças que ainda guardo de Minas Gerais. Vem dessa pele-memória – História passada, presente e futura que existe em mim. Vem de uma teimosia, quase insana, de uma insistência que nos marca e que não nos deixa perecer, apesar de. Pois entre a dor, a dor e a dor, é ali que reside a esperança.

[...] Venho insistindo também em misturar literatura e vida nos cursos que fiz, o de bacharelado e licenciatura em Português-Literatura, UFRJ, e o de Mestrado em Literatura Brasileira, na PUC/RJ (ITAÚ CULTURAL, 2019).

Percebem-se, na citação, os espaços de onde a escritora retira os elementos que entram na composição do termo escrevivência: vida e literatura. Na junção dos termos fica evidente que as experiências vividas passam ao campo da literatura em seu trabalho intencional com a linguagem, com a escrita.

Vale ainda referir-se à entrevista concedida por Evaristo (2018) à jornalista Ivana Dorali, do Instituto Maria e João Aleixo, em 17 de junho de 2018, na qual a escritora retoma, mais uma vez, os sentidos que quis reiterar no termo “escrevivência”, uma marca do seu gesto criativo, quando se elabora puxando os fios de sua própria história e da história de seus ancestrais, mas também de experiências vividas por negros e negras na sociedade brasileira. Consciente do seu fazer literário, Evaristo distende esse processo à escrita produzida por outras autoras, ao afirmar que a experiência do povo negro motiva os sentidos dados por ela ao termo escrevivência, tornando-se característica de processos de criação literária, assumidos por subjetividades negras.

Essa característica marcaria os propósitos da criação literária afro-brasileira e a sua intenção de acolher as experiências vividas por negros e negras na composição de textos que se abrigam em diferentes gêneros. Escrevivência passa então a se constituir como um termo-conceito que legitima a construção de estratégias semelhantes às percebidas por Deleuze e Guattari (1977) como próprias de uma literatura que precisa furar o cerco de intolerância que a reprime. Os teóricos referem-se a uma literatura que, como a produzida por Kafka em língua alemã, nasce em terreno minado por violência e segregação e, na qual “o caso individual é imediatamente ligado à política” e, por isso, “tudo nela adquire um valor coletivo” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 26-27). As considerações dos dois teóricos autorizam que se pense no contexto de produção da literatura produzida por escritoras negras brasileiras que, como Conceição Evaristo, assumem um sentido coletivo, mesmo quando se baseiam em um “caso individual”. Essa condição faz com que Evaristo afirme que, em sua ficção, as personagens nascem “profundamente marcadas por [sua] condição de mulher negra e pobre”. E, para reforçar o que diz, Evaristo reitera, em entrevista concedida à Biblioteca Nacional, em 2015: “É desse meu lugar, é desse de ‘dentro para fora’, que minhas histórias brotam”.

“ESCREVIVÊNCIA”: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

No prefácio do livro *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2018), as organizadoras, Constância Lima Duarte, Cristiane Côrtes e Maria do Rosário A. Pereira, consideram que escrevivência, na prosa e na poesia de Evaristo, seja um projeto voltado à encenação do “corpo negro feminino, seu ser e existir subalternos, suas vozes e atitudes” (DUARTE; CÔRTEZ; PEREIRA, 2018, p. 11). A afirmação das autoras traz para a discussão do termo a questão do gênero feminino e as variedades literárias de sua inscrição. Para elas, a escrevivência seria um processo de escrita literária de autoria negra feminina voltado à apreensão das

demandas da mulher negra. Não fica clara na afirmação das organizadoras do livro a característica dessa voz feminina. Uma voz feminina que se enuncia como eu? Como nós? Também não são referidas as estratégias textuais assumidas pelo processo de escrita identificado pela autoria negra feminina. Seria pertinente indagar de que estratégias se valeria o texto literário para expressar a subjetividade que o produz e, ao mesmo tempo, delinear os contornos da escrevivência.

No artigo “Diálogos sobre escrevivência e silêncio”, no mesmo livro, sua autora, Cristiane Côrtes, assume o termo como um conceito porque, como ela diz, a própria Conceição Evaristo, em texto de 2005, estabeleceu os contornos conceituais do termo, ao afirmar que escrevivência significa a inscrição, no texto de escritoras negras, do “desejo de que as marcas da experiência étnica, de classe ou gênero estejam realmente representadas no corpo do texto literário” (CÔR- TES, 2018, p. 52). Para Côrtes (2018, p. 53), o termo ganha uma dimensão histórica porque questiona e subverte o “lugar silenciado que as autoras desejam reparar”.

Em outro texto, “O romance afro-brasileiro de corte autoficcional: ‘Escrevivências’ em *Becos da memória*”, de Luiz Henrique Silva de Oliveira, o termo escrevivência é entendido conforme o que afirma a própria Conceição Evaristo, em texto de 2007: “escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (OLIVEIRA, 2018, p. 73). Para Oliveira (2018), a obra literária afro-brasileira se construiria de rastros, termo que o autor toma de Ricoeur (2007), nos quais estariam impressos vestígios dos elementos “corpo; condição e experiência”. O elemento “corpo”, diz ele, reportaria “à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos” (OLIVEIRA, 2018, p. 74). No elemento “condição”, os rastros estariam presentes na composição de um “processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra” (OLIVEIRA, 2018, p. 75). Por fim, o elemento “experiência” marcaria o arranjo estético-discursivo encarregado de dar “credibilidade e persuasão à narrativa”. Como se percebe, nas discussões propostas por Oliveira (2018, p. 75), o termo

remeteria a formas retóricas de representação e dramatização assumidas pela experiência (individual e coletiva) de um sujeito-símbolo que transita “a contrapelo da tradição” da literatura canônica.

As considerações de Oliveira (2018) dialogam de perto com as de Eduardo Assis Duarte, que considera a narrativa de Conceição Evaristo filiada a um “veio afrodescendente que mescla história não oficial, memória individual e coletiva com invenção literária” (DUARTE, 2006). Duarte (2018, p. 212) afirma que Evaristo “segue a tradição da literatura negra da diáspora que impele os autores a falarem por si e por seus irmãos de cor, historicamente emudecidos por sua condição de remanescentes da escravidão”. Seguindo essa tradição, a literatura de Evaristo se volta às memórias traumáticas e aos relatos de sobreviventes de processos de desumanização que se mostram persistentes na sociedade brasileira até os dias de hoje. Esse é o material que estaria na base do conceito de escrevivência, tornando-o apto à reflexão sobre a produção literária de escritoras negras que, como Evaristo, assumem um lugar de fala que destoa do que se nutre do “prazer meramente contemplativo” de que fala Walter Benjamin, e adotam uma atitude política que se concretiza na maneira como sua escrita literária procura vasculhar as vidas dos que lutam por sobreviver em condições intensamente desfavoráveis (FONSECA, 2006).

Como se pode perceber, o termo “escrevivência”, discutido pela própria escritora, desde 1995, que o define como uma feição de sua escrita literária, aos poucos se transforma em uma potência sógnica capaz de balançar os alicerces de uma ordem literária instituída. O termo, ao longo da discussão encaminhada sobre ele, passa a significar a expressão de uma subjetividade negra feminina que tanto pode valer-se de estratégias discursivas próprias à revelação de um eu negro, quanto anunciar uma voz coletiva que assume as experiências femininas negras. Ao longo de sua discussão, o termo vem sendo retomado com base em ângulos de visão e pontos de vista que remetem à etnia e ao gênero. Os sentidos possíveis ao termo bordejam os gêneros abrigados pela noção de “escrita de si”,

tal como se apresentam na autobiografia e na autoficção, mas também autorizam interações com outros termos e expressões que acolhem as relações entre sujeitos negros e modos de experienciar a memória e a própria vida. Escrivência torna-se uma estratégia escritural que almeja dar corporeidade a vivências inscritas na oralidade ou a experiências concretas de vidas negras que motivam a escrita literária.

Percebe-se, então, que o termo *escrevivência* abriga uma função significativa que também se instala, consideradas as diferenças, no conceito de *marronagem* cultural, cunhado por escritores do Caribe, sobretudo pelo haitiano René Depestre, em seu conhecido texto “Bon jour et adieu à la Negritude”, capítulo do livro homônimo, publicado, em Paris, em 1980. Na reflexão de Depestre, o termo *marronagem* tem um significado que nos permite percebê-lo, em algum momento, como um contradiscurso da *Negritude* de Aimé Césaire, Léopold Senghor e Léon Damas, porque ressalta, sobretudo, os “desarranjos” impostos pelos escravizados e escravizadas às ordens da *Plantation*, em espaços de colonização francesa, como o Haiti, terra natal de Depestre, vencedor de vários prêmios, como o Goncourt, em 1982, o Renaudot, em 1988, e o Grande Prêmio da Société de Gens des Lettres, em 2016, pelo conjunto de sua obra.

Depestre vale-se do termo *marronagem* para aludir a estratégias literárias que recuperam a motivação dada pelas ações dos negros, os marrons, no enfrentamento de ordens estabelecidas pelos colonizadores. É com essa intenção que o termo passou a nomear tendências culturais das Antilhas Francesas (e do Caribe) e estratégias de linguagem e de construção textual que se concretizam em experiências estéticas e estilos literários bastante inovadores.

Que relações poderiam, de fato, ser observadas entre as tendências apontadas por René Depestre, em seu célebre artigo, as assumidas por autores antilhanos e caribenhos, no campo da literatura, e o termo-conceito legitimado por Conceição Evaristo? E, em decorrência dessa questão, poder-se-ia perguntar sobre como o termo *marronagem* poderia auxiliar a compreensão de formas de escrita literária

que resgatem a vivência de sujeitos negros descendentes dos escravizados africanos.

As questões permitiriam afirmar que o termo escrevivência, ao nomear formas de escrita literária, poderia ser discutido com auxílio de visões e percepções críticas que indagam sobre formas de escrever a memória do povo negro e, sobretudo, como um elemento importante de uma história social do trabalho, que insistisse em considerar as inovações produzidas, nos espaços colonizados, pelos negros e negras tornados escravos pelo sistema escravocrata.

Para melhor se entender a possibilidade de aproximação entre os dois termos, é importante examinar o contexto em que surge o conceito de marronagem e, por extensão, o de marronagem literária. Escravizados originários da África reagiram ao processo de despersonalização e de despessoalização promovido pela colonização europeia, em várias partes do chamado Novo Mundo, organizando estratégias e táticas para enfrentar os terríveis mecanismos desculturalizantes e/ou assimilacionistas da colonização. Táticas importantes eram as que resultavam em fugas em massa e na criação de comunidades em locais de difícil acesso, sobretudo em densas florestas. Historicamente, a marronagem, no início, referia-se a essas fugas de escravizados que escapavam da plantação ou da casa dos senhores, conforme afirma Diva Damato, na obra *Edouard Glissant: poética e política* (1996).

Depestre (1980) considera que o termo marronagem deriva de marrom, corruptela do espanhol *cimarron*, nome de uma tribo do Panamá, os Symarrons, que se rebelou contra os espanhóis. O escritor e teórico explica ainda que, ao longo dos tempos, os termos *marrom* e *marronagem* passam a assumir não apenas os sentidos ligados à fuga dos escravizados, mas, sobretudo, às estratégias de subversão promovidas pelos escravizados, em destaque as criadas pelas comunidades de negros marrons. A história da marronagem torna-se, na visão de Depestre (1980), a história de enfrentamento e reinterpretção da Europa da espada, da cruz e do chicote, através de mecanismos de subversão e de reelaboração de novos modos de sentir, de pensar e de agir.

Magdalena Ribeiro de Toledo, em artigo publicado em 2014, reitera as imagens de resistência que se foram fortalecendo no imaginário caribenho em referências ao *nègre marron*:

O *nègre marron* (na língua *créole*, *nèg mawon*) é um personagem central no imaginário caribenho. Na América e no Caribe, esses escravos fugidos das plantações, que em alguns casos formaram sociedades autônomas conhecidas como *palembes*, *quilombos*, *mocambos*, *cumbes*, *ladeiras* ou *mambises* (BASTIDE, 1965; PRICE, 1973, p. 2), foram protagonistas de episódios de resistência contra a escravidão, bem como de organização de rebeliões

(TOLEDO, 2014, p. 54, grifo do autor).

O termo marrom tem o mesmo sentido de quilombola, no Brasil, sentido que, politicamente, permite que se pense em estéticas que se inspiram na capacidade de os escravizados africanos insurgirem-se contra os seus donos e, por extensão, contra o sistema que fez deles “um corpo de exploração”, que, como considera Mbembe (2014), era significado pela submissão à vontade de um senhor e pela capacidade de produzir o máximo de rendimentos. No entanto, como acentua Mbembe (2014, p. 40), esse mesmo corpo foi capaz de enfrentar “o chicote e o sofrimento num campo de batalha em que se opõem grupos e facções sociorracialmente segmentadas”. Segundo Depestre (1980), a marronagem nomeia um processo cognitivo que, nas culturas populares da *plantation*, transformou o drama existencial do estado de servidão em explosão de saúde criativa. Os relatos de vivências, como os encenados por romances, como os de Maryse Conde, vencedora do Nobel Alternativo, em 2018, conhecida, no Brasil, sobretudo pelo livro *Eu Tituba, feiticeira negra de Salem* (1986), os de Édouard Glissant, principalmente, *O quarto século* (2002), e os de Patrick Chamoiseau, sobretudo, *Texaco* (1993), na diversidade de linguagens e estilos que exibem, retomam e releem o universo do “contador”, do “marcador de palavras”, da oralidade

em seus múltiplos aspectos. Imersos em culturas orais, esses escritores recorrem a mitos, a narrativas populares e a histórias não contadas, e com elas marronizam saberes e poderes impostos pela cultura europeia e mesmo pelas demandas dos discursos nacionalistas. Nessa trajetória, o próprio gênero romance passa a significar uma experiência criativa em que o relato assume o compromisso de reler a História a contrapelo e de criar novas estratégias para fazer brotar do chão da cultura um manancial de vivências sufocadas e memórias negras esquecidas.

Fica claro, então, que o universo da marronagem abriga tendências, estéticas e expressões várias, todas elas próximas às vivências coletivas esquecidas da História da escravidão, da colonização e mesmo das narrativas que estruturam as novas nações que se ergueram nos espaços colonizados. Pensando na forma como os escritores caribenhos e antilhanos assumem o ato de escrever, é possível perceber, no conceito de marronagem, nos sentidos discutidos por Depestre, uma proximidade com o de escrevivência. No campo das insurreições de escravizados, assemelham-se marrons e quilombolas e suas ações irão inspirar formas de resistência que se mostram na escrita literária, quando assume modos de resistência que se instalam no campo da literatura, sobretudo na de autoria feminina negra, como a de Conceição Evaristo.

Vasculhar os rastros de memórias e histórias que transitam entre a população que preserva as heranças deixadas pelos escravizados trazidos da África para trabalhar em diferentes regiões do Novo Mundo é o que propõe, por exemplo, o romance *Becos da memória*, de Conceição Evaristo, e também *Texaco*, de Patrick Chamoiseau, da Martinica. Nos dois romances, a escrita elabora processos de resistência à descaracterização de espaços significados pela experiência e pela força da palavra. É importante observar que o romance de Evaristo traz no próprio título a indicação de sua proposta: expor vivências e experiências de moradores de espaços que, como o da favela em que nasceu Maria Nova, a protagonista, são vistos como inadequados e inviáveis ao plano arquitetônico da cidade. A intenção de contar as histórias plantadas no

solo de um espaço fadado ao desaparecimento também se mostra no romance *Texaco*, de Patrick Chamoiseau. O romance do martiniquense Chamoiseau se configura como um relato das lutas desenvolvidas por seus habitantes para transformar o lugar condenado pelo plano arquitetônico da prefeitura em local em que está registrada a história dos diversos povos que o habitaram. O espaço demarcado pela favela Texaco acaba por ser um “lugar de memória” que não pode ser esquecido pela cidade que o quer extinguir. Diferente de Maria Nova, que anota as histórias que ouve dos habitantes da favela condenada à demolição, Marie-Sophie Laborieux mostra-se como a legítima herdeira das histórias que ouve de seu pai, Esternome, sobre a luta dos antepassados que habitaram a região desde antes da chegada dos interessados somente em explorar o solo rico em petróleo, sem se preocuparem com melhorias a serem usufruídas pelos habitantes do lugar. É nesse sentido que se pode dizer que Marie-Sophie Laborieux, ao se encarregar de narrar a história dos habitantes do bairro, intenta “travar sozinha a decisiva batalha pela sobrevivência de Texaco” (CHAMOISEAU, 1993, p. 34), assumindo o direito que tem de falar pelos habitantes de Texaco e de ser ouvida.

Nos dois romances, o registro de memórias silenciadas é uma estratégia de resistência que restaura a força dos escravos dissidentes, os quilombolas, os marrons, na luta contra os poderosos, sejam eles os donos da força de trabalho dos escravizados ou os que determinam quais espaços podem compor os cenários legitimados por uma modernização excludente. A força dessa luta está presente nos sentidos construídos pelos conceitos de escravivência e marronagem, já que neles se instala a demanda pela legitimação do direito à fala e à escuta. O discurso produzido por escritores “marcadores de palavras” recolhe as palavras que brotam da boca dos marginalizados e alcança os ecos das ações desenvolvidas pelos marrons, quilombolas e outros grupos de escravizados que conseguiram cunhar com a sua força signos de resistência e determinação.

A escrita de Conceição Evaristo aproxima-se, nesse sentido, das experiências literárias desenvolvidas por escritores

do Caribe, das Antilhas e de espaços onde se observa a luta dos escravizados e descendentes de escravizados por implantar a decisão de legitimar “um ponto de vista ou lugar de enunciação política e culturalmente identificado à afrodescendência” (DUARTE, 2010, p. 122). Ao propor essa característica como uma das feições da literatura produzida por escritores e escritoras afrodescendentes, Eduardo de Assis Duarte (2010) a assume como marca de um processo de escrita literária que está atento às experiências e vivências dos descendentes dos escravizados africanos e às políticas de silenciamento que os ameaçam desde sempre. A intenção de abordar o cotidiano vivenciado por negros e negras, de apreender as experiências registradas na pele-memória negra, é o que torna possível aproximar os conceitos escrevivência e marronagem e percebê-los como estratégias significativas assumidas por escritas literárias que resgatam histórias de vida muitas vezes relegadas ao esquecimento.

Com essa intenção, pode-se dizer que tanto as escrevivências quanto os textos criados por escritores e escritoras afrodescendentes, com os olhos postos nas ações de resistência praticadas por marrons e quilombolas, utilizam-se de ferramentas apropriadas à composição de um painel de lembranças e vivências calcadas no trabalho duro, na pobreza e na exclusão. Escrever a experiência vivida pelos escravizados africanos e por seus descendentes pretende, portanto, abrir a cortina do esquecimento para que os olhos viciados pela imposição de padrões de comportamento possam vislumbrar outras histórias trazidas à cena por um processo de escrita literária que segue as trilhas abertas pelos negros marrons, no Caribe, e os quilombolas, no Brasil. A esse processo de resistência filiam-se as nuances do termo escrevivência que, aos poucos, vai assumindo os contornos de um conceito que, dizendo da escrita literária de Conceição Evaristo, estende-se à literatura produzida por mulheres negras que tecem os fios de uma história calcada em experiências vividas por “um corpo-mulher-negra em vivência”, como lucidamente acentua Conceição Evaristo, em texto publicado em 2009.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Carolina Luisa Alves; COUTO, Márcia Thereza. As amas de leite e a regulamentação biomédica do aleitamento cruzado: contribuições da socioantropologia e da história. *Cad. hist. ciênc.*, São Paulo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: http://periodicos.ses.sp.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-76342012000100003&lng=pt Acesso em: 18 jun. 2019.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Walter Benjamin: obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 130.
- BIBLIOTECA NACIONAL. *Entrevista com Conceição Evaristo*. 2015. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/es/node/1774> Acesso em: 22 jun. 2019.
- CÔRTEZ, Cristiane. Diálogos sobre escrevivência e silêncio. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018. p. 51-60.
- DAMATO, Diva. *Édouard Glissant: poética e política*. Porto Alegre: Rota Literária, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- DEPESTRE, René. *Bom dia e adeus à negritude*. Trad. Maria Nazareth Soares Fonseca e Ivan Cupertino. Paris: Robert Laffont, 1980.
- DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Ideia, 2018. p. 307-321.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Rev. Estud. Fem.* v. 14, n. 1, Florianópolis, jan./abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100017 Acesso em: 8 jun. 2019.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. *Revista Terceira Margem*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 113-138, jul./dez. 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência. In: *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018. p. 209-219.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, n. 25, v. 13, p. 17-31, 2. sem. 2009.
- EVARISTO, Conceição. Entrevista à jornalista Ivana Doralí, para o Instituto Maria e João Aleixo – IMJA, em 16 julho de 2018. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/InstitutoMariaeJoaoAleixo/videos/nesta-segunda-feira-dia-16-a-jornalista-do-instituto-maria-e-jo%C3%A3o-a-leixo-e-edito/2110402662562349/> Acesso em: 12 jun. 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Entrevista à jornalista Juliana Domingos de Lima, para o Nexo Jornal*, em 26 de maio de 2017. Disponível em: <https://www.nexo-jornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99> Acesso em: 18 jun. 2019.

- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006. p. 11-21.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Florianópolis: Mulheres, 2013. p. 257- 266.
- ITAÚ CULTURAL. *Conceição Evaristo – Escrivência*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso em: 18 jul. 2019.
- MAGALHÃES, Elizabeth K. C. de; GIACOMINI, Sonia Maria. A escrava ama de leite: anjo ou demônio?. In: BARROSO, Carmen; COSTA, Albertina Oliveira (Org.). *Mulher, mulheres*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1983. p. 73-88.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. O romance afro-brasileiro de corte autoficcional: “Escrivivências” em *Becos da memória*. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário (Org.). *Escrivivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018. p. 71-80.
- SEBASTIÃO, Walter. Negras memórias femininas. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 4-5, 7, jan. 2004. Caderno Cultura.
- TOLEDO, Magdalena Sophia Ribeiro de. O nègre marron e as marronagens conceituais na Martinica contemporânea: reflexões sobre teórica estética do marronismo moderno de René-Louise. *Teoria e Cultura: revista do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais – UFJF*, v. 9, n. 2, p. 53-61, jul./dez. 2014.



Escrevivência, Quilombismo e a tradição da escrita afrodiaspórica

Eduardo de Assis Duarte



Se houvesse um monumento à memória negra,
deveria ser construído no fundo do mar,
em homenagem àqueles que se perderam na
travessia.

Na impossibilidade de levantar tal monumento,
me dedico a construir uma obra literária sobre
o tema.

Conceição Evaristo (F. São Paulo, 4 mai 2017).

NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE

Então o leiloeiro me pegou pela mão, me levou
até o meio da rua e,
me virando lentamente, me expôs pros
presentes ao leilão.

Fui logo rodeada por homens esquisitos, que me
examinaram

e me agarraram da mesma forma que um
açougueiro faz

com um bezerro ou um cordeiro que ele esteja
querendo comprar.

Falaram sobre minhas formas

e meu tamanho com palavras conhecidas,
como se eu não pudesse entender os
significados delas

mais do que um animal de carga entenderia.

Fui, então, colocada à venda.

Mary Prince, 1831

Apesar de quase nunca ouvidas no sentido profundo do termo,
as vozes e falas do negro sempre se fizeram ouvir. Inscritas
em inglês, circulam há mais de dois séculos. A propósito, em
2019 se completaram exatos 230 anos da primeira publicação
de um africano no Ocidente até o momento conhecida: *A inte-
ressante narrativa da vida de Olaudah Equiano, ou Gustavus*

Vassa, o africano, editada na Inglaterra em 1789, ano da Revolução Francesa e, não custa lembrar, também da Inconfidência Mineira. O depoimento do guerreiro escravizado circulou em várias edições e teve papel significativo na campanha pela extinção da escravatura naquele país, no início do século XIX.

A Equiano se seguem Frederick Douglass (1845), Solomon Northrup (1853), Mahomah Gardo Baquaqua (1854), Harriet Wilson (1859), Harriet Jacobs (1861), pseudônimo Linda Brent, entre dezenas de outros textos autobiográficos ou ficcionais afro-estadunidenses. Com eles se consolida a tradição das *slave narratives* – em geral escritos memorialísticos voltados para a denúncia do modo de produção escravista e empenhados em fazer de seus relatos peças retóricas a favor do fim do regime. No Caribe, destacam-se *A história de Mary Prince*, editada na Inglaterra em 1831, e a *Autobiografia do poeta-escravo*, do cubano Juan Francisco Manzano, também traduzida e publicada em Londres em 1840.

O fato relevante é que, dentre as muitas *slave narratives* cartografadas até o momento pela crítica, a esmagadora maioria, sobretudo as de autoria masculina, se apega à *crônica do vivido* e deixa em segundo plano a *ficção*. E isto, por mais que a fantasia de quem rememora, bem o sabemos, se inscreva quase sempre no corpo da experiência transcrita em diários, cartas e histórias de vida. E, no extremo oposto, por mais que o verismo descritivo e o apego à verdade histórica sirvam de esteio à trama ficcional.

Nesse contexto, aqui rapidamente esboçado, caberá à sensibilidade das escritoras investir no apelo exercido pelo romance de extração romântica a fim de também expor e questionar o regime servil, mas fazê-lo em meio a um enredo cheio de surpresas e peripécias, numa narrativa que alcança grande aceitação, sobretudo entre o público feminino. Tais precursoras vão deixar um legado de apropriação das formas narrativas europeias, em especial o *roman-feuilleton*, legado que irá motivar toda uma produção posterior, tanto ainda voltada para o passado escravista – caso das chamadas *neo slave narratives* estadunidenses contemporâneas (BELL, 1987) –, quanto para a encenação textual de situações e dramas

oriundos da condição afrodescendente ao longo do secular *day after* do escravismo que, de uma forma ou de outra, se prolonga em forma de racismo, discriminação, segregação.

Em acréscimo, vale destacar que o tema do negro escravizado ocupa os primórdios da ficção feminina ocidental desde que a inglesa Aphra Behn trouxe a público *Oroonoko ou o escravo real: uma história verdadeira*, em 1688. Considerada a primeira mulher na Inglaterra a fazer da literatura uma profissão, Aphra Behn localiza seu enredo no Caribe, e lá põe em cena *Oroonoko* – um africano objeto da curiosidade dos brancos, por seus saberes “primitivos” no trato com a natureza, mas apenas até o momento em que se insurge contra sua condição, é preso, e torturado em praça pública até morrer.

Oroonoko não escapa ao exotismo que, em muitas publicações, o olhar branco europeu impunha à representação. Daí o exagero inverossímil, dentre outros procedimentos herdados do antigo *romance* medieval, que predominam em muitas passagens da narrativa de Aphra Behn e em escritos posteriores. Destaco entre eles o polêmico *Sab* (1841), da cubano-espanhola Gertrudiz Gómez de Avellaneda, que narra o amor impossível entre o jovem escravizado e a sinhazinha, logo censurado pelo governo colonial; ou o icônico *A cabana do Pai Tomás* (1851), da estadunidense Harriet Beecher Stowe, que flerta com o estereótipo do escravo conformado e, em certos momentos, até contente; ou, ainda, o folhetim da argentina Juana Paulo Manso de Noronha, *La Familia del Comendador*, de 1854, que vem à luz em Buenos Aires, mas se passa no Brasil e encena, a partir de uma perspectiva externa, os males da escravidão. Já a escrita de autoria afrodescendente parte de um lugar de fala distinto, comprometido com a memória da subjugação, que reduz o negro a corpo disponível e força de trabalho submissa e descartável.

As *slave narratives* nos levam a refletir, juntamente com Gayatri Spivak (2010), sobre a escrita oriunda dos silenciados da história. Ao falar e tomar para si a condição de sujeito do discurso, o subalterno supera a subalternidade? Pessoalmente, penso que sim, embora admita a persistência, em muitos casos, da subjugação e da exploração econômica do

sujeito. Mas, independentemente das controvérsias que tal questão possa gerar, uma constatação se impõe: ao falar, o escravizado quase sempre falava em primeiro lugar da sua *dor*, obviamente de sua *condição* de homem ou mulher cuja humanidade havia sido sequestrada. Talvez por esse caminho se possam encontrar justificativas para o predomínio do registro autobiográfico – seja como denúncia alicerçada na evidência histórica, seja como artifício retórico de convencimento calcado na brutalidade revelada por quem a sofreu.

Em que medida a premência da “memória da dor” e da condição subalterna impulsiona a ficção embebida no testemunho? E em que medida essa tradição está presente na prática da *escrivivência* evaristiana?

LITERATURA E PRÁXIS QUILOMBISTA

A cristalização de nossos conceitos, definições
ou princípios
deve exprimir a vivência de cultura e de práxis
da coletividade negra. [...] Precisamos e
devemos
codificar nossa experiência por nós mesmos.
Abdias Nascimento, 1980

Se a tradição da literatura negra ocidental se vincula, no Hemisfério Norte, aos movimentos de emancipação dos escravizados e, posteriormente, aos de busca da cidadania para seus remanescentes; no Brasil, guardadas as devidas proporções, ocorrerá algo semelhante, sobretudo a partir da década de 1930, com a arregimentação liderada pela Frente Negra Brasileira; e nos anos 40 e seguintes, com o prosseguimento da mobilização e a criação do Teatro Experimental do Negro, dirigido por Abdias Nascimento.

Em conferência proferida em 1980 no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, realizado no Panamá, Nascimento discorre sobre a tradição quilombista enquanto *práxis*

afro-brasileira construída ao longo do tempo como resposta à segregação praticada pela “minoridade branca”. Nascido da necessidade de defesa e sobrevivência, o quilombismo tem como fundamento a preocupação com o coletivo, a se materializar em formas distintas de mobilização e associativismo, adaptadas à necessidade histórica de cada época: nas matas – “com defesa e organização econômico-social própria”; nas cidades, em formatos tolerados, como “irmandades, confrarias, clubes”. Por trás dessa rede de “quilombos legalizados”, a operar como “genuínos focos de resistência cultural”, o autor vê uma “unidade, uma única afirmação humana, étnica e cultural, a um tempo integrando uma prática de libertação e assumindo o comando da própria história” (NASCIMENTO, 2002, p. 264-265). E prossegue:

Para os africanos escravizados assim como para seus descendentes “libertos”, tanto o Estado colonial português quanto o Brasil – colônia, império e república – têm uma única e idêntica significação: um estado de terror organizado contra eles. Um Estado por assim dizer natural em sua iniquidade fundamental, um Estado naturalmente ilegítimo. Porque tem sido a cristalização político-social dos interesses exclusivos de um segmento elitista, cuja aspiração é atingir o status ário-europeu em estética racial, em padrão de cultura e civilização. Esse segmento tem sido o maior beneficiário da espoliação que em todos os sentidos tem vitimado o povo afro-brasileiro (Idem, p. 269-270).

Inspirado numa perspectiva calcada no que se poderia designar *Saber Sankofa* – fruto de uma relação dialética com experiências anteriores, e consubstanciada no princípio de “aprender com o passado para construir o presente e o futuro” –, o quilombismo enquanto conceito de base histórico-social volta-se para a leitura da memória da resistência comunitária. Mas sem deixar de lado a reflexão sobre o aqui

e agora. E, assim, atualiza a resiliência à ordem coercitiva herdada do passado a fim de propor a construção de uma sociedade “fundada na justiça, na igualdade e no respeito todos os seres humanos, na liberdade; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo”. E conclui: “proclamando a falência da colonização eurocentrista, celebramos o advento da libertação quilombista” (Ibidem, p. 271).

Enquanto busca de afirmação identitária, a imersão no coletivo se faz presente no texto de autoria negro-diaspórica desde os começos e se manifesta também ao sul do Equador: das cartas precursoras de Henrique Dias (1650) e Esperança Garcia (1777), aos escritos literários e jornalísticos do século XIX e primeira metade do século XX. A mão e a mente afro-brasileiras se integram à tradição da literatura negra ocidental, de que são exemplos a Renascença do Harlem estadunidense, dos anos 20, a Negritude francófona dos anos 30 e seguintes, o citado Teatro Experimental do Negro, dos anos 40 e 50 no Brasil, até chegar aos coletivos literários antirracistas, que ganham visibilidade ao longo do processo de redemocratização brasileira a partir da década de 80.

Nesse contexto, não é gratuito o fato de Conceição Evaristo ter estreado com seus poemas na coletânea *Cadernos Negros* 13, de 1990. Dez anos antes, fora criado o *Quilombhoje literatura* – responsável a partir de então pela vitoriosa trajetória dos *Cadernos*, série iniciada em 1978 e com publicação ininterrupta até o momento. O nome já anuncia a postura. Ao optarem pela tradição quilombola-quilombista, os membros do mais longo coletivo de escritores existente no país deixam explícito seu projeto: “quilombo” se coloca como antípoda de “gueto”, entendido como espaço forçado de reclusão. Diferentemente do “quarto de despejo” – metáfora carolineana da favela como reencarnação da senzala, e tão presente na metrópole conservadora, apesar de cosmopolita –, o quilombo literário de agora resiste tendo nas mãos o livro – utopia da palavra poética como instrumento de identificação, a inquietar mentes e corações no processo de construção de si mesmos enquanto negros.

O TEXTO COMO LUGAR DE MEMÓRIA

Foi a partir da leitura do livro de Carolina Maria de Jesus,
mulher negra e favelada, migrante mineira em São Paulo,
que minha mãe desenvolveu o hábito da escrita.
Nas páginas da outra favelada nós nos encontramos.
Conhecíamos, como Carolina, a aflição da fome.
Conceição Evaristo, 2011

Conforme exposto, desde as inscrições precursoras aqui elencadas, a escrita afrodiaspórica percorre o Atlântico Negro de norte a sul, empenhada no resgate da memória silenciada pelo discurso hegemônico. Resgate que leva à persistente construção de uma narrativa outra, dissidente, que atravessa o tempo e se constitui ela própria como *lugar de memória* (NORA, 1984), pois que assume a perspectiva do sujeito historicamente silenciado e estigmatizado como Outro.

No Brasil, temos o gesto disruptor de Maria Firmina dos Reis, que, em 1859, faz do romance documento capaz de inscrever a África como espaço de civilização e o navio negreiro como de sacrifício e sepultura. Nesse sentido, o romance *Úrsula* figura no arquivo afro-brasileiro também como parte do monumento submerso proposto por Conceição Evaristo, para marcar as águas do Atlântico Negro com a memória do sangue despejado dos tumbeiros ao longo dos séculos. A escritora maranhense recolhe a *memória da escravização* e, com isto, inaugura o arquivo romanesco das falas afro-brasileiras femininas que irão se contrapor à “razão negra ocidental” (MBEMBE, 2014), dentro da arena discursiva em que se edificam as metanarrativas de país, povo e nação.

A vertente inaugurada por Firmina terá sequência, em seus diversos matizes, na prosa afrodescendente posterior: passa por Cruz e Souza e a figuração do *emparedamento* – verdadeira morte social do sujeito negro; por Lima Barreto e

a denúncia das novas formas de escravatura – encenadas tanto pelo “escrivão” Isaías Caminha quanto por Clara dos Anjos, remissões mais ou menos explícitas aos dramas vividos pelo autor e pela irmã, igualmente vítima do estigma da “mulata assanhada”; em 1915, se manifesta na narrativa de Nascimento Moraes, com sua crônica da violência racista, antes e depois de 1888. E, avançando no século XX, marca presença nos romances de Romeu Cruzóé e Anajá Caetano; e ainda no teatro quilombista de Abdias Nascimento; e no memorialismo poético-crítico de Carolina Maria de Jesus, até desaguar com força na ficção contemporânea.

Um exemplo entre tantos: em seu conto “Metamorfose”, Geni Guimarães vale-se da própria história de vida para ficcionalizar a autoflagelação de uma menina, que busca clarear a pele esfolando-a com o pó de tijolo moído, usado pela mãe para limpar as panelas tisanadas no fogão a lenha. Anos depois do lançamento do livro, a autora, em depoimento público, surpreendeu a plateia ao exibir as cicatrizes deixadas pela atabalhoada tentativa da personagem, em verdade ela mesma. Sintomaticamente, o conto termina num desabafo: “só ficaram as chagas da alma esperando” (GUIMARÃES, 1988, p. 71).

E mais: os traços da *escrita de si* figuram de forma latente no que Derrida chamaria de “antecena” de inúmeros textos da prosa afro-brasileira. E atingem a explicitude de biografemas barthesianos nos contos de Oswald de Camargo reunidos em *O carro do êxito* (1972), postura que os aproxima dos procedimentos abrigados no conceito contemporâneo de *autoficção*.

Assim, a tradição se atualiza e o diálogo cada vez mais forte com o discurso da memória inscreve (de forma que arriscaria chamar definitiva) no arquivo da ficção afro-brasileira contemporânea, a *presença do passado* – um *passado que não passa* – e que remete tanto aos ancestrais e seus reverenciados saberes, quanto aos antepassados, com suas vivências e sofrimentos, hoje reproduzidos nos périplos dos descendentes.

ESCREVIVÊNCIA E COMPROMISSO

Gosto de ouvir, mas não sou hábil conselheira.
Ouço muito.
Da voz outra, faço a minha, as histórias
também.
Portanto essas histórias não são totalmente
minhas,
mas quase que me pertencem, na medida em
que,
às vezes, se (con)fundem com as minhas.
Invento? Sim, invento sem o menor pudor.
Então essas histórias não são inventadas?
Mesmo as reais, quando são contadas. [...]
E, quando se escreve,
o comprometimento (ou o não
comprometimento)
entre o vivido e o escrito aprofunda mais o
fosso.
Entretanto, afirmo que, ao registrar estas
histórias,
continuo no premeditado ato de traçar uma
escrevivência.
Conceição Evaristo, 2016

O projeto estético-ideológico presente na obra de Conceição Evaristo não deixa dúvidas quanto ao engajamento na denúncia da condição feminina e afrodiaspórica, num país governado pela hegemonia dos valores brancocêntricos, herdados de três séculos e meio de escravatura: “minha escrita está sempre marcada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira”, afirma a autora em diversas oportunidades.

Com efeito, os textos de Evaristo se destacam por expressar um *território feminino* de onde emana um olhar outro e uma discursividade específica. É desse lugar marcado, sim, pela etnicidade, mas também pela maternagem e pela sororidade, que provêm as vozes-mulheres que remetem aos ecos

das correntes arrastadas e aos seus sucedâneos modernos e contemporâneos. Desde *Ponciá Vicêncio* (2003) até *Canção para ninar menino grande* (2018), fala nos textos um *sujeito negro*, com as marcas da exclusão inscritas na pele, a percorrer nosso passado/presente, em contraponto com a história dos vencedores e seus mitos de cordialidade e democracia racial. Mas fala, sobretudo, um *sujeito gendrado*, tocado pela condição de ser mulher e negra num país que faz dela um “segundo sexo” específico, pois vítima de comportamentos nascidos do passado escravista. A escrevivência evaristiana é *afro-gendrada*, seja pela presença esmagadora de dramas e personagens femininos, seja pela explicitação das “vozes-mulheres” como lugar de pertencimento a construir a representação, mesmo em se tratando de figuras do sexo oposto, meninos ou adultos.

Mas, em que medida o compromisso quilombista com o coletivo dita os rumos da escrevivência? Enquanto representação literária da subalternidade imposta à comunidade negra, a postura escreviente já se desvela na estreia da escritora na prosa de ficção, em 1991, quando publica dois contos no número 14 de *Cadernos Negros*: “Di Lixão” e “Maria”, este último verdadeira obra-prima em termos de concisão formal e encadeamento dramático de passado e presente. Em ambos, predomina o *brutalismo poético* – termo que tomei emprestado em parte a Alfredo Bosi em texto publicado em 2006, para nomear um traço recorrente na ficção da autora. Misto de violência e sentimento, realismo cru e ternura, o procedimento emana da perspectiva autoral e se faz ouvir nos tiros que encerram a festa de aniversário de Ana Davenga, do conto homônimo; na brincadeira mortal da menina Zaíta, em “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”; e na vida por um fio de Ardoca, do conto “Ei, Ardoca”, e outros mais. E, ainda, na sequência de abusos sofrida por Natalina, em “Quantos filhos Natalina teve?”; por Duzu-Querença, do conto homônimo; e por tantas e tantas mulheres negras vítimas da precariedade oriunda da modernização excludente, a ganhar vida e morte nas páginas da escritora.

“Escrever é uma maneira de sangrar”, cita ao final a narradora de “A gente combinamos de não morrer”. Tal postura

remete à violência sistêmica que recai sobre a massa de negros pobres e indigentes, da cidade e do campo, a preencher o *fait divers* das páginas policiais. O que de modo algum significa reduzir a postura autoral a mero relato bruto de um cotidiano próximo daqueles tornados mercadoria, nos *horror-shows* da indústria cultural, especialmente a hollywoodiana. Enquanto procedimento de representação, cabe ao *brutalismo poético* colocar-se como antípoda dessa redução do sujeito a corpo descartável, pela via tocante do sublime que humaniza a dor, o ódio, bem como a alegria parca e passageira que atravessa contos e romances.

Diferentemente do que muitas vezes se lê em Rubem Fonseca e tantos mais, o brutalismo que percorre as histórias da escritora, tem como centro a vítima, não o agressor. Distante da reificação tarantinesca incensada pela indústria do entretenimento, o que sangra em seus textos é a humanidade atingida pela indiferença para com o negro vilipendiado como indesejável – espécie de figura “diferenciada” e incômoda, na vida real cotidianamente suprimida da paisagem pela eliminação pura e simples, conforme apontam as estatísticas da violência no Brasil.

No entanto, na outra face do processo, a capacidade de reação e legítima defesa se faz presente. A escrevivência é quilombista e, como tal, encena também o contra-ataque da vítima, a clamar por seu reconhecimento enquanto individualidade e caráter. Tão humana quanto a dor e o medo, a revanche não escapa à versão evaristiana do brutalismo – que o diga a frágil Natalina, de “Quantos filhos Natalina teve?”, a se agigantar ao final da última de uma série de violações sofridas; ou Shirley Paixão, do conto homônimo, ao lançar a barra de ferro contra o companheiro pedófilo, estuprador da própria filha.

A feição quilombista da escrevivência se afirma duplamente no volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, de 2011, livro em que os personagens masculinos estão em segundo plano, atuando como antagonistas ou coadjuvantes. Já de início, Conceição Evaristo adota a proposta de “narrar de dentro” do problema ao explicitar a visão de mundo subjacente aos enredos. Machadianamente, a autora se faz narradora e personagem, no momento em que encena a si

mesma em postura confessional, na condição de “repórter”, a colher depoimentos de mulheres negras, sobretudo do interior do país. E, como em *Memórias póstumas*, logo a instância da autoria passa o bastão narrativo à voz em primeira pessoa de suas treze personagens, alçadas a protagonistas de seus enredos-vidas. Sob a moldura do testemunho, os treze contos do livro trazem em seus títulos nomes de mulheres, a “relatar” histórias de ternura e afeto em meio a climas que evoluem da violência simbólica à física (BOURDIEU, 1984).

Nesse universo feminino de tensas relações com a sociedade, mas em especial, com o sexo oposto, emerge outra faceta da *práxis* quilombista – a irmandade negra. No conto sutilmente nomeado “Regina Anastácia”, ela é de início encenada em sua forma tradicional, como parte do cenário – o clube de negros batizado “Antes do sol se pôr”. Mas ganha protagonismo ao longo de todo o livro sob a forma da *sororidade* que aproxima as mulheres vítimas do racismo, sobretudo da violência patriarcal, naturalizada a ponto de fazer de seus companheiros meros reprodutores de práticas vigentes desde o passado colonial.

Conectada às demandas de seu tempo, a autora mostra-se atenta à interseção problemática dos condicionantes de gênero, classe e raça, tomada esta última em seu sentido vigente no senso comum. De fato, as lágrimas vertidas nas narrativas são, acima de tudo, insubmissas. E apontam para a solidariedade vigente entre as vítimas da violência masculina, seja em que formato esta aparecer. Sororidade geradora da resiliência, a representar no novo século a atualização do legado quilombola-quilombista.

Produzido em fins da década de 1980, mas só publicado pela primeira vez quase vinte anos depois, o romance *Becos da memória* exhibe a vitalidade expressiva da escrevivência ancorada na tradição da escrita negra de todos os tempos: “na base, no fundamento da narrativa de *Becos* está uma vivência, que foi minha e dos meus”, afirma a autora em nota introdutória à terceira edição brasileira, de 2017. Comentando em seguida o processo de escritura do livro, em consonância com seu projeto literário, acrescenta:

Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de Becos da memória. Primeiro foi o verbo de minha mãe. Ela, D. Joana, me deu o mote: “Vó Rita dormia embolada com ela”. A voz de minha mãe a me trazer lembranças de nossa vivência, em uma favela que não existia mais no momento em que se dava aquela narração. “Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela, Vó Rita dormia embolada com ela...”. A entonação da voz de minha mãe me jogou no passado, me colocando face a face com meu eu menina (EVARISTO, 2017).

Assim, entre a lembrança e o esquecimento, emergem os becos da infância autoral, povoados pelas vozes do testemunho, que trazem ao texto as agruras e carências de toda uma coletividade desprovida da cidadania, e logo expulsa para bem longe daquela área e de seu entorno. A menção à personagem Vó Rita enlaça o texto tanto à *escrita de si* carolineana, quanto à *autoficção* celebrada na contemporaneidade, no momento em que deixa no ar a possibilidade desta ser não apenas a verdadeira moradora de um dos becos, mas a própria avó da romancista e, então, já estará o leitor diante do *biografema* barthesiano. O recurso volta à cena no citado *Insubmissas lágrimas de mulheres*, no momento em que a mãe da autora é mencionada sem qualquer subterfúgio no conto “Regina Anastácia”: “Não pude deixar de levantar e beijar a mão daquela mais velha, contemporânea de minha mãe, Joana Josefina Evaristo, tão rainha quanto ela” (EVARISTO, 2016, p. 128). Desse modo, o procedimento explicita não só a ancoragem realista do romance, narrado a partir de um ponto de vista interno aos dramas nele presentes, mas igualmente sua intimidade com o testemunho e o compromisso de falar por si e pela comunidade: “continuou a voz majestosa narrando uma

história particular de vida, na qual, em muitas passagens, eu escutava não só a dela, mas também a de muitas mulheres do meu clã familiar” (Idem, p. 128).

Em seu prefácio à primeira edição de *Becos da memória*, Maria Nazareth Fonseca (2006, p. 12) recorre às reflexões de Michael Pollak sobre as “memórias subterrâneas” de periféricos e subalternos, em tudo opostas à história oficial, para destacar que se fazem ouvir enquanto *gesto político* no momento em que ocupam o “palco da história que as sonega”. Já Luiz Henrique Oliveira recorre aos *rastros* de Paul Ricoeur para refletir sobre o processo de construção do texto híbrido, autoficcional e memorialístico, e lembra também Philippe Lejeune para conceber a noção de *pacto escrevivencial* de leitura, estabelecido já a partir da capa do livro, com inúmeras fotos de mulheres e homens negros, que bem podem ser antepassados da autora ou lidos “metonimicamente” como “personagens da obra” (OLIVEIRA, 2018, p. 76).

Assim, mais que romance “social”, “histórico” ou “de coletividade”, *Becos da memória* revela-se enquanto *texto-tecido* comprometido com o *existir* e o *ser* negro, num país de racismo institucionalizado e tornado parte do cotidiano da maioria de seus habitantes. Além disso, entroniza a escrevivência como *ruptura de fronteiras* entre as formas e/ou gêneros narrativos, ao recorrer a traços do testemunho coletivo e da escrita de si para mesclá-los à ficção voltada para a memória dos despossuídos, via de regra silenciada. E em todos esses procedimentos subjaz em estado latente a herança quilombola e sua repercussão quilombista. A escrevivência nasce da leitura atenta da história de trezentos de cinquenta anos de escravidão e de todos os seus resquícios. E aponta a atualidade da postura teorizada por Abdias Nascimento ao representar o quanto os gestos históricos de resistência à exploração e ao racismo, não se restringem ao passado colonial, imperial ou republicano, mas se atualizam no brutalismo dos dias de hoje e exigem formas novas e múltiplas de resistência e afirmação.

Chego por fim ao universo de *Ponciá Vicêncio* – romance-estuário para o qual confluem e se encaixam tanto a memória do passado-presente da senzala e seus sucedâneos boias-frias

do mundo rural, quanto a do passado–presente da favela e similares. Ao fazê-lo, Conceição Evaristo consolida seu projeto literário em diálogo com a tradição da escrita afrodiaspórica, registrada nas *slave narratives* e nas formas literárias que as sucederam. Tal fato só vem comprovar a *necessidade* e, mesmo, a *urgência* dessa escrita, materializadas ambas na imensa aceitação junto ao público leitor, com milhares de exemplares lidos desde o lançamento da primeira edição em 2003.

Descendente de africanos escravizados, já de início Ponciá surge despojada de um importante traço identificador da cidadania: o nome de família. O “Vicêncio” que ela e todos os seus usam como sobrenome, provém não de avós ou bisavós, mas “dos brancos” donos, desde antanho, da terra em que seus antepassados trabalharam sob o chicote do feitor: “o pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela a reminiscência do poderio do senhor, um tal coronel Vicêncio. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (EVARISTO, 2017, p. 26-27).

A passagem explicita o traço brutal da modernização excludente, pois remete a práticas datadas de séculos. A título de exemplo, entre tantos, recorro à *Autobiografia do poeta-escravo*, do cubano Juan Francisco Manzano, publicada em 1840:

A senhora Dona Beatriz de Jústiz, Marquesa Jústiz de Santa Ana, esposa do senhor Dom Juan Manzano, sempre que ia para a sua famosa fazenda El Molino, gostava de pegar as crioulas mais bonitas, quando tinham entre dez e onze anos, e dar-lhes uma educação de acordo com sua classe e condição. [...] Entre as escolhidas, estava uma Maria del Pilar Manzano, minha mãe (MANZANO, 2015, p. 31).

Passados os séculos, as coincidências persistem e apontam para a vigência da exploração após o fim do regime. Tanto Francisco Manzano quanto o pai de Ponciá são impedidos de ter acesso ao letramento. Se o negro cubano tem de

se esconder para exercitar o autoaprendizado da escrita, o pai de Ponciá, mesmo não sendo formalmente escravo, mal passa do abecedário, ficando distante da leitura de sílabas e palavras. Em lugar da alfabetização, o menino, nascido após a lei de 1871, cumpre a função de “pajem do sinhô-moço” e, ainda, de montaria nas brincadeiras do branquinho, em cena que dialoga diretamente com Machado de Assis e o negrinho Prudêncio, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

A violência do regime senhorial ganha ares de tragédia na rememoração da figura de Vô Vicêncio, suicida frustrado, que decepa a mão e mata a esposa após ver “três ou quatro dos seus, nascidos do ‘Ventre Livre’, como muitos outros” (EVARISTO, 2017, p. 44), serem vendidos em plena vigência da lei tida como emancipadora. Criança de poucos meses, Ponciá assiste ao velório do avô e carregará para sempre a penosa herança por ele deixada: a perturbação mental de que é vítima quando adulta e que desabrocha em forma de alheamento depressivo diante das seguidas perdas e ausências sofridas.

Essa marca de subalternidade, que denuncia a ausência entre os remanescentes de escravos dos mínimos requisitos de cidadania, estende-se pelo penoso circuito de vazios e derrotas, no qual tanto a menina quanto a mulher vão sendo alijadas dos entes queridos e de tudo o que possa significar enraizamento identitário. Depois de perder também os sete filhos que gerou, Ponciá cai na letargia que a faz perder-se de si mesma. E o interesse da narrativa cresce justamente nos gestos de resistência a esse processo de espoliação.

Tais histórias surgem em fragmentos, aparentemente desgarradas umas das outras, e vão sendo evocadas em meio aos hiatos de consciência da protagonista. Formam, todavia, um tecido textual quilombista pelo qual se recupera a memória de uma dor que é física e moral, individual e coletiva. *Ponciá Vicêncio* evidencia quanto o passado escravocrata impregna os rumos da modernização que atrai a personagem, mal saída da adolescência, rumo à cidade grande. O entrelaçamento entre o ontem e o agora se inscreve como forma e formato, descartando a linearidade das ações consecutivas que marca o romance convencional. O resultado desse

engenho ressalta os fragmentos da memória comunitária e familiar como *trauma* que paralisa as ações da protagonista, mesmo sob os ímpetos do companheiro que, pela violência física e psicológica, quer a todo custo enquadrar e trazer de volta a mulher para o dia a dia da precariedade em que vivem.

Apesar de centrado na protagonista, o tecido narrativo se expande para abrigar as agruras do irmão Luandi – sujeito desterritorializado na metrópole, a se apaixonar por Biliza, migrante e ex-doméstica que se prostitui na “feira das mulheres”. O resultado é que, entre o campo e a cidade se estende o mesmo sistema de desumanização próprio do Estado voltado contra o negro, objeto das reflexões de Abdias Nascimento. E que, em muitos momentos, toma-o como agente da violência que se abate contra seu semelhante, a exemplo de Negro Alírio, explorador e assassino de prostitutas.

Ao final Luandi, que sonhava com a carreira militar, se convence de que para o negro a metrópole se coloca como território semelhante ao da subalternidade vivida nas “terras dos brancos”. E dá ouvidos a Nêgua Kainda, quando esta o vê e acha graça nos rotos trajes de soldado, mal assentados em seu corpo:

Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava aprendendo a ter voz de mando, mas que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a fala dele não fosse o eco encompridado de outras vozes–irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. Poderia sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus
(EVARISTO, 2017, p. 81).

A passagem explicita o ideário quilombista que descarta pelo questionamento o individualismo e a cooptação de corpos e mentes negras como agentes da repressão e do preconceito tornado natural. A interseção crítica de gênero, etnicidade e classe social – elementos geradores da condição subalterna –, opera também no sentido da transformação e

elevação humanitária do “homem de Ponciá”. Após a agressão que a faz sangrar e o agravamento do estado mental e físico da companheira, ele se convence de que uma doença desconhecida a persegue e muda de atitude. As transformações operadas nele e em Luandi desvelam a postura textual de não abrir mão do propósito pedagógico da escrevivência, ancorado na prática quilombista da irmandade e da solidariedade negras como elemento de resiliência frente ao Estado e à sociedade, agentes da subalternização que reduz o humano a mera força de trabalho.

Herdeira da memória familiar, Ponciá Vicêncio segue os passos de sua autora, também ela herdeira da linhagem que tento aqui configurar. Como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, e tantas outras vozes passadas e presentes da diáspora africana nas Américas, Conceição Evaristo constrói a narrativa dos despojados da liberdade, mas não da consciência. Como se pode observar em *Ponciá Vicêncio* e outros escritos, pela via da rememoração, a fala migrante desses “condenados da terra” se articula de forma sincrônica e *a posteriori*, deixando estrategicamente de lado a encarnação do espírito de nacionalidade e de brasilidade, que marca boa parte da literatura brasileira canônica, sobretudo do Romantismo ao Modernismo da primeira fase.

A representação dessa presença subjugada nos incomoda enquanto leitores e nos diz de uma aurora ainda à espera do sol... Logo, configura-se a escrevivência como diálogo com a tradição *Sankofa*, que resgata o passado para pensar o presente. E, dessa forma, preparar os caminhos de uma percepção do negro enquanto diferença cultural a ser respeitada – consequentemente, para a construção de um futuro isento das mazelas representadas em contos, poemas e romances. Esse ser construído pelas relações étnicas e de gênero se inscreve de forma indelével no texto de Conceição Evaristo, que, sem descartar a necessidade histórica do testemunho, dele se apropria para superá-lo e torná-lo perene em seus versos e em sua ficção.

Quilombismo, resistência, escrevivência: interfaces identitárias de uma escrita da inquietude e da indignação. Texto

instigante, jamais apaziguador. Ao fim e ao cabo cabe indagar: por onde andarão Ponciá Vicêncio, Maria Nova, Natalina e Regina Anastácia? Em nossa memória, certamente. Embaladas no tecido poético da escrevivência, dirigem-se aos olhos e ouvidos postados nas salas de visita e nos quartos de despejo de todo o mundo.

REFERÊNCIAS

- BELL, B. W. *The african-american novel and its tradition*. Amherst: The Massachusetts University Press, 1987.
- BEHN, Aphra. *Oroonoko ou o escravo real: uma história verdadeira*. Tradução e apresentação de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Mulheres, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CAMARGO, Oswaldo de. *O carro do êxito*. 2. ed. São Paulo: Córrego, 2016.
- DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Ruben Fonseca e Conceição Evaristo: olhares distintos sobre a violência. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 209-219.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017a.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017b.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. Depoimento gravado no I Colóquio de Escritoras Mineiras, realizado na Faculdade de Letras da UFMG, em maio de 2009, e publicado em sua página do *literafro* – o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 28 abr. 2020.
- EVARISTO, Conceição. Depoimento. In: DUARTE, E. A.; FONSECA, M. N. S. (Org.). *Literatura e afrodascendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 103-116. (História, Teoria, Polêmica, v. 4).
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Costurando uma colcha de memórias. In: EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006. p. 12.
- GUIMARÃES, Geni. *Leite do peito*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1988.
- MANZANO, Juan Francisco. *A autobiografia do poeta-escravo*. Organização e tradução de Alex Castro. São Paulo: Hedra, 2015.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MEIRELES, Maurício. Vinda da favela, Conceição Evaristo se consolida e vai à Flip. *Folha de S. Paulo*, 04 maio 2017. Caderno "Ilustrada".

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*. 2. ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares; OR Produtor Editor, 2002.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. v. 1, La République.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. O romance afro-brasileiro de corte autoficcional: "Escrevivências" em Becos da memória. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 71-80.

PRINCE, Mary. *A história de Mary Prince, uma escrava das Índias Ocidentais*. Tradução e edição de Alexandre Camaru. Ilustr. Wesley Botto. São Paulo: Livrus, 2017.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. 7. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Goulart Almeida, Marcos Feitosa e André Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



Escrevivência: conceito literário de identidade afro-brasileira

Maria Aparecida Andrade Salgueiro



Antes — agora — o que há de vir.

Eu fêmea-matriz.

Eu força-motriz.

Eu—mulher

abrigo da semente

moto—contínuo

do mundo.

(EVARISTO, 2008, p. 18)

Em hora extremamente oportuna, neste ano de 2020, de especial impacto para o Brasil, o mundo, em meio à pandemia que irrompe obrigando os seres humanos a um forçado isolamento, e, nos rastros dos protestos eclodidos em consequência do assassinato de George Floyd nos Estados Unidos, evidenciando tantas questões e emoções represadas, levando a necessárias e longamente aguardadas revisões de pensamentos e posturas, particularmente, no que diz respeito à conscientização das desiguais relações raciais mundo afora, chega-nos o cativante convite para integrar a presente obra sobre a *Escrevivência* de Conceição Evaristo, com a participação de tanta gente querida e de que bastante já ouvi Conceição falar e aguardar com positiva ansiedade e orgulho.

Há muito que digo e escrevo que o conceito precisava de mais trabalhos à altura: o porte da obra de Evaristo hoje, não só no Brasil, mas em outros países, com sua poética a destacar a atualidade das sombras e dos ecos da escravidão que seguem pairando sobre o país em tempos rapidamente mutantes, demanda novos e qualificados textos que, em uníssono com o presente, sigam valorizando o repertório em seu novo escopo, tornem-se renovadas fontes de consulta e abram novas frentes de pesquisa no campo dos Estudos Literários, constituindo-se em importante referência visando à demonstração, inclusive, da relevância dessa contribuição da Literatura Afro-brasileira à Teoria da Literatura. Importante, nesse contexto, lembrar, em perspectiva comparatista, o papel do crítico literário Henry Louis Gates, Jr. (1988) e da pesquisadora Hazel Carby (1987), que, com suas obras nos

Estados Unidos, recolocaram e fizeram repensar conceitos e o papel dos escritores e escritoras afro-americano/as no contexto maior da Literatura Estadunidense.

Como já brevemente afirmado, reitero que escrevo este capítulo em meio a dois fatos marcantes em nossas vidas no presente: a pandemia, que me trouxe de volta a casa, de forma inesperada e abrupta, voltando daquele país onde me encontrava para meses de palestras e pesquisa; e as manifestações colossais e contínuas, em diferentes partes do mundo, visando a rupturas históricas em relação a racismo, decolonização, reparação, revisões no que diz respeito aos povos afrodescendentes. Naquele momento começava a esboçar esparsos sobre aspectos da recepção de textos de Evaristo, tal como venho observando há anos, ao dialogar sobre a Literatura Afro-brasileira, em salas de aula e em espaços de conferências, bancas e debates acadêmicos, nos EUA e na Europa, em momentos em que sempre se reforçava a relevância do conceito *escrevivência*. Assim, ao versar sobre experiências de leitura com diferentes estudantes no Brasil e no exterior, no que concerne à recepção desse conceito na obra de Conceição Evaristo, objetiva-se também considerar a questão da tradução intercultural, ou seja, como leitores da diáspora africana traduzem/recebem os textos de Conceição e elaboram esse conceito.

Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. [...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência* (EVARISTO, 2016, p. 7).

Entre as principais obras da Autora trabalhadas no exterior, encontram-se o romance *Ponciá Vicêncio*, o conto *Maria*, poemas da obra *Poemas da Recordação e Outros Movimentos*, além de alguns de seus escritos teórico-críticos. É interessante observar a forma pela qual se processa esse processo de leitura, recepção e tradução intercultural, à medida em que

os estudantes avançam na leitura de obras afro-brasileiras, em especial as obras de autoria feminina. Em síntese, neste artigo desenvolveremos, em perspectiva muitas vezes comparatista, reflexões consolidadas sobre a recepção de textos de Evaristo, quando, primordialmente, em aulas e palestras nos Estados Unidos, chegando a questões específicas e ligadas ao conceito de *escrevivência*, a partir da experiência de trocas de leituras com público discente (graduação e pós-graduação) afro-americano.

Cabe lembrar que os debates sempre remetiam a questões próprias da Diáspora, passando por identificações e histórias de memórias de família, em processos tantas vezes de grata surpresa – e emoção – por parte dos estudantes, ao tomar contato com a realidade do tantas vezes chamado “Atlântico Negro” – a partir da obra de Paul Gilroy –, sentimentos aqui tão bem sintetizados pela respeitada Florentina Souza:

Na Diáspora forçada, fugindo à coisificação imposta pela escravização, os africanos e afro-descendentes costuraram e teceram identidades e, a partir da memória, reorganizam suas vidas desenhando novas configurações culturais advindas da sua situação em terras estrangeiras (SOUZA, 2007, p. 30).

Entre outros Autores e Autoras afro-brasileiro/as, Conceição Evaristo é hoje – não só como escritora de destaque em nossa Literatura, mas também como intelectual negra, nos termos de Mirian Cristina dos Santos (2018) – aquela que nos brinda com uma escrita de conceito inovador nascida e produzida dentro dessa mesma Literatura, contribuindo, em meio aos avanços já mencionados do presente para o reconhecimento ampliado de valor, originalidade e relevância da Literatura Afro-Brasileira, ou Negro-brasileira, no conceito de Cuti (2010), em sua estatura firme e própria e de traços marcantes de parcela majoritária da população brasileira (IBGE, 2020).

Da mesma forma com que Carby, nos Estados Unidos, demonstrou de forma inovadora a emergência do romance

afro-americano já no século XIX, ao descrever o trabalho de escritoras negras tais como Ida B. Wells-Barnett, Anna Julia Cooper e Pauline Hopkins, em sua obra clássica, *Reconstructing Womanhood: the emergence of the Afro-American Woman Novelist* (CARBY, 1987), Conceição, com sua *escrevivência*, é geradora de padrões literários afro-brasileiros, que vão sendo identificados, mapeados e seguidos, enquanto faz ouvir sua voz e leva outras mulheres a contarem suas histórias e se fazerem ouvidas, deixando de lado o privilégio dado, ao longo dos tempos, a textos, construções e narrativas predominantemente masculinas e brancas. Evaristo se coloca como autora e muitas vezes como crítica, inspiradora de gerações mais jovens que encontram um modelo onde se reconhecem, com quem conversam nas inúmeras ocasiões em que a Autora se apresenta publicamente, autografa seus livros durante longas horas, em momentos absolutamente fraternos em que dialoga com cada um/a, ouvindo e trocando histórias. Carby e Evaristo, podemos dizer, se colocam, cada uma a seu modo e em sua cultura, como construtoras e valorizadoras de aspectos fundamentais de uma história cultural da escrita negra feminina, recolocando-a em novos espaços, respectivamente, dentro das Literaturas estadunidense e brasileira.

Ainda na linha comparatista, no ano seguinte à publicação do livro de Carby, a obra de Henry Louis Gates, Jr., *The Signifying Monkey: A theory of African-American Literary Criticism* (GATES, 1988), era saudada no suplemento literário do *The Washington Post* como “brilantemente original”. Em trabalho pioneiro, Gates joga luz sobre a relação entre as tradições vernáculas africanas e afro-americanas com a literatura negra, ao elaborar uma nova abordagem crítica a partir do interior dessa tradição, de tal forma a permitir que a voz negra fale por si própria e a partir de paradigmas também próprios. Gates traz à luz a forte tradição vernácula, a partir de poemas e mitos ancestrais, que escravizados negros trouxeram consigo para o então chamado *Novo Mundo* e, a partir daí, demonstra um sistema próprio de interpretação e de molduras para análise literária de obras tais como *Their Eyes Were Watching God*, de Zora Neale Hurston, e *Invisible*

Man, de Ralph Ellison, entre outras, trabalhando aspectos da tradição negra.

De forma paralela, ao enfatizar e trabalhar aspectos como “oralidade”, “ancestralidade” e “atemporalidade” como alguns dos elementos constituintes de sua *escrevivência*, Conceição também aproxima sua escrita – e a de outro/as afro-brasileiro/as – da tradição ancestral dos escravizados forçados a vir para o Brasil. Conceição Evaristo trabalha em sua escrita e deixa cunhado um conceito dentro da Teoria da Literatura. Entre outras relevâncias, a possibilidade de uma leitura/análise crítica com base afrodescendente, a partir de conceitos e aportes teóricos afro. Como já escrevia Gates no prefácio, datado de 1986, de sua obra de referência (1988), é fundamental um domínio negro na leitura e na crítica da Literatura:

[...] confirmed my hope that I had at last located within the African and Afro-American traditions a system of rhetoric and interpretation that could be drawn upon both as figures for a genuinely “black” criticism and as frames through which I could interpret, or “read”, theories of contemporary literary criticism
(GATES, 1988, p. ix)¹.

Dentro desse escopo, Conceição é expoente dentro de um grupo de mulheres intelectuais negras, detentoras no campo da Literatura, à custa de muita luta, resiliência e resistência, de lugar que se solidifica, com cada vez mais celebridade no presente, no Brasil e no exterior, pelas crescentes traduções de suas obras, dados, contexto, renovações e questionamentos históricos que se vivenciam, dia a dia, em meio às atribulações desta quase terceira década do século XXI. São autoras que enfrentaram enormes barreiras seculares contra uma dupla exclusão social: não apenas eram mulheres – eram mulheres negras. Romper a barreira mencionada e tornarem-se potências, criativas e dominadoras da arte da palavra, constituiu-se, ao enfrentar de frente o racismo, em uma sofrida, porém, aos poucos, vitoriosa ação, tal como

1. “[...] confirmaram a minha expectativa de que eu havia finalmente encontrado dentro das tradições africanas e afro-americanas um sistema de retórica e interpretação que poderia ser utilizado tanto como imagens para uma crítica genuinamente ‘negra’, assim como molduras através das quais eu poderia interpretar, ou ‘ler’, teorias da crítica literária contemporânea” (tradução nossa, assim como as das próximas notas de rodapé).

expressa nas palavras de bell hooks, ao dizer que uma boa parte dos discursos pós-modernos partilham da exclusão, em especial dos textos de mulheres negras, a quem cabe a luta pela mudança de *status quo* (hooks, 1991, p. 23). No Brasil, a luta de intelectuais – feministas e ativistas – negras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Nilma Lino Gomes, só contribuiu para impulsionar tais obras.

Na verdade, a partir de tema central em obras modernas e contemporâneas, da *quest for selfhood* – trata-se de grupos de mulheres que se identificam como negras, por questões não apenas étnicas, mas, principalmente, de consciência histórica e política. Pertencem a grupos mapeados e descritos em obras como as de Davies (1995), e que expressam emoções massacradas, silenciadas e oprimidas por muitos séculos. Pertencente a uma linha matricial de mulheres negras que nascem da exclusão, da pobreza, da desigualdade social, na Literatura, entre seus temas, encontramos a descrição do território, a escrita com reforço nos sujeitos com a criação de personagens sem reforçar estereótipos, e o feliz encontro com tanta gente em busca de textos da Literatura Brasileira onde se reconhecer e vivenciar estética, autoestima e pertencimento. O sonho, a alegria, pelo conhecimento através do livro, levam seus leitores ao direito de sonhar, e a seus estudiosos à busca de traços que levem ao encontro de novas autorias que narrem a luta diária do povo negro pela sobrevivência e ao reforço de uma narrativa com autoria claramente negra.

A partir dessa ótica, no Brasil, assim como nos Estados Unidos – consideradas as diferenças culturais – as mulheres afro-brasileiras vêm escrevendo e publicando de forma organizada há muitos anos, representando um grupo com traços próprios. No entanto, devido a características culturais nacionais específicas, embora boa parte de seu trabalho já tenha sido traduzido e se transformado em objeto de debate com agraciamento em espaços variados no exterior, no Brasil, só aos poucos vai chegando um pleno reconhecimento de sua produção e valor literário.

Em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Stuart Hall (1992), seguindo a trilha de Bhabha (1990), voltou

a trabalhar com os conceitos de **tradição** e **tradução**. Partindo de um pano de fundo da globalização – tão debatida e questionada nos dias atuais, Hall nos mostra a dialética das identidades nesse contexto que, contestando todos os contornos estabelecidos de uma suposta identidade nacional, expõe seu fechamento às pressões da diferença, da alteridade e da diversidade cultural. A pesquisa relativa aos povos afrodescendentes sempre aponta para a oscilação entre a cultura de herança africana e a imposta pelo Colonialismo.

Esta é a tensão recorrente que vislumbramos várias vezes nas autoras da diáspora africana, com propostas de saída variadas – seja a favor da volta, rediscutindo-lhe a forma – **tradição**, seja a favor da criação e do reconhecimento de algo novo – **tradução**, também em plena fase de discussão.

Nesse sentido, na obra de Alice Walker tal se encontra presente ao demonstrar em textos variados que a herança cultural e as raízes são ensinadas e passadas de geração em geração. Aquele que as possui verdadeiramente faz uso delas, dos preceitos ancestrais, no dia a dia de sua vida. Ou, lembrando suas palavras em *In search of our Mothers' Gardens*: “Black women can survive only by recovering the rich heritage of their ancestors” (WALKER, 1983, p. 17)². Walker estabeleceu-se como poeta de rara sensibilidade e poder, sempre combativa contra a discriminação, seja em causas políticas, sociais ou feministas, grande retratista das emoções das mulheres negras do sul dos Estados Unidos – mulheres sempre oprimidas, mas não vencidas.

Em outras palavras, algumas identidades nos textos literários da diáspora africana giram em torno daquilo que Hall chama de **tradição**, a tentativa de recuperar sua “pureza” anterior e redescobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras identidades aceitam estar sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é impossível que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”. Essas, conseqüentemente, giram em torno do conceito de **tradução**.

A partir de aspectos de identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, assim como de outras que são o produto de várias histórias e culturas inter-

2. “A sobrevivência das mulheres negras passa pela recuperação e manutenção da rica herança de seus ancestrais”.

conectadas, da tensão *tradição/tradução*, surgem as *culturas híbridas*, que nos remetem às obras de Canclini, *Culturas Híbridas*, e de Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. A organização do moderno e do tradicional, do passado, das raízes, nos ensina Canclini – é nessa tensão dialética que se dá o novo. E daí emergimos em retorno às *escrevivências*: tal como no trajeto de autoras afro-americanas, Conceição Evaristo trabalha tais elementos e nos lembra Toni Morrison e suas falas incentificadoras, e de chamada à ação a todo momento. A partir do motto afro-americano constante de que “The time is always now”³, Morrison (2019) nos lembra o papel da Literatura e a força necessária aos escritores em tempos difíceis e de confronto: “There is no time for despair, no place for self-pity, no need for silence, no room for fear. We speak, we write, we do language. That is how civilizations heal”⁴.

Nesse contexto, a obra literária de Conceição Evaristo, após sucessivos prêmios e homenagens significativas ano a ano, chegou em 2019 à outorga de personalidade literária do ano pelo Prêmio Jabuti, o mais importante da literatura brasileira. Apresentada no impacto das *escrevivências* em forma de romances, poemas, contos, e inúmeras entrevistas, palestras ainda não publicadas, *lives*, blog e escritos esparsos – que são base, ou efetivamente se constituem em verdadeiros ensaios tantas vezes –, além de suas dissertação de mestrado e tese de doutorado, sua obra narra, sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, da pobreza, do racismo estrutural e sistêmico reiterado dia a dia em nosso país, contra o qual lança mão da palavra, da escrita, da linguagem, da Literatura, enfim, como estratégia de combate. Em *Maria*, um de seus contos mais intensos, publicado em 1991, já ficava clara a denúncia da voz coletiva do racismo em relação à personagem de Maria, quando, ao ter a solidariedade do motorista, ou de uma ou outra voz saindo em sua defesa em uma situação em que acabara envolvida por um encontro casual em um ônibus com o pai de seu primeiro filho – agora membro de um grupo de assaltantes – nada aplacava o ódio guardado, eivado de preconceito, e que acabou levando-a

3. “A hora é sempre o agora”.

4. “Não há tempo para desespero, espaço para autopiedade, carência de silêncio, lugar para medo. Falamos, escrevemos, trabalhamos a linguagem. É dessa forma que as civilizações se curam”.

a pagar com a vida aquele encontro funesto: “Aquele puta, aquela negra safada estava com os ladrões!... ‘Olha só, a negra ainda é atrevida’, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher” (*Cadernos Negros*, 14, 1991, p. 14).

Evaristo trabalha a segregação socioespacial do território urbano, periférico e agrário no Brasil, a partir da lógica do racismo, das desigualdades, dos serviços precários e ultrajantes, da vida sem perspectiva, da carência de afetos, em formato pleno de referências culturais, que apresentam momentos fortes de uma cultura que, no presente, busca se reconstituir. Ouçamo-la em *Ponciá Vicêncio*, em 2003:

Quando Ponciá Vicêncio, depois de muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia da cidade, retornou ao povoado. O trem era o mesmo, com as mesmas dificuldades e desconforto. Descia-se na entrada do povoado e caminhava todo o resto, horas e horas a pé. Atravessava a terra dos brancos, viam-se terrenos e terrenos de lavouras erguidas pelos homens que ali trabalhavam longe de suas famílias. Ponciá se lembrou do pai, das ausências dele durante os longos períodos de trabalho. Atravessou, depois, as terras dos negros e apesar dos esforços das mulheres e dos filhos pequenos que ficavam com elas, a roça ali era bem menor e o produto final ainda deveria ser dividido com o coronel (EVARISTO, 2003, p. 47).

Sua obra se projeta largamente nos dias de hoje como reflexo identitário de um grupo até pouco tempo absolutamente excluído. Significativo é o número de trabalhos acadêmicos sobre seus livros e sua escrita: dissertações de mestrado, teses de doutorado (enfrentei o desafio de escrever a primeira, transformada em livro anos depois (2004), abrindo espaço para tanta gente boa vir a poder dizer, com menos intranquilidade, tanta coisa em seguida), TCC, artigos, resenhas... Enfim, aqui só há espaço para um pouco de tanto que

há a produzir sobre essa Autora, constante viajante pelo Brasil e pelo exterior, atendendo a convites e acompanhando a tradução de suas obras mundo afora, após o significativo lançamento de seu romance *Ponciá Vicêncio* em língua inglesa, em 2007, momento em que, é importante não esquecer – já tinha textos seus traduzidos e com recepção significativa no exterior.

A obra de Conceição Evaristo, especialmente pelo apresentar das *escrevivências*, é, sem dúvida, uma produção de grande valor, originalidade e inovação literárias, ao mesmo tempo, sempre em busca de características e raízes brasileiras, assim como, pela realidade tradutória, em ambiente de diásporas e fortes conexões transculturais. Nesse sentido, nos vem à memória Johannes Fabian – um dos primeiros antropólogos a introduzir o conceito de cultura popular no estudo da África contemporânea. No que diz respeito à nossa Autora objeto de estudo no momento, as ponderações de Fabian contribuem para o conceito de cultura e de visão de mundo por ela apresentada em textos que em seus trajetos transculturais refletem trajetórias e impactam a identidade da cena literária brasileira contemporânea.

Sobre seu destacado início ao publicar nos *Cadernos Negros*, foi aos poucos – e sempre mantendo o apoio e admiração constantes ao Grupo responsável –, se distanciando e caminhando para a carreira própria, sempre através de espaços editoriais negros. Ou, nas palavras de Bárbara Machado, em artigo com resultados de sua dissertação de mestrado, com base na realização de duas entrevistas e de um depoimento que Conceição escreveu:

Busquei, ainda, perceber de que forma Conceição estabeleceu uma rede de relações para viabilizar suas publicações, com o objetivo de compreender alguns aspectos do funcionamento do campo editorial de literatura negra
(MACHADO, 2014, p. 243).

Dessa forma, ia criando sua especificidade, seu lugar próprio, com cada vez maior impacto sobre jovens mulheres

negras, identificadas de pronto com sua escrita, através, em grande escala, de sua *escrevivência*. Sobre esse conceito, entre tantas obras, publicações, artigos, capítulos de livros, pesquisas, textos acadêmicos de diferentes ordens, inspirações nas redes sociais, não seria possível deixar de mencionar, em meio à ampla produção científica no campo da produção ficcional e poética de autoria feminina, o trabalho específico, levado a cabo em Minas Gerais pelo grupo de pesquisa *Letras de Minas* – ou, *Mulheres em Letras*, como é mais conhecido – sob a liderança da sempre ativa pesquisadora Constância Lima Duarte (UFMG), ao reunir textos de alguns dos estudiosos da obra de Conceição no livro *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (DUARTE; CÔRTEZ; PEREIRA, 2016).

Entre os outros tantos trabalhos mencionados, sobre amplitude e abrangência que seguem inerentes ao conceito, cabe considerar a reflexão apresentada por Amanda Crispim Ferreira em sua dissertação de mestrado, na UFMG, *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães*, em que destaca o papel de Conceição nesse debate:

A presente dissertação tem por objetivo observar na escrevivência afrofeminina a memória coletiva afro-brasileira, que foi “invisibilizada” nos registros oficiais. Acreditamos que a memória seja a “mola impulsional” da escritura das mulheres negras e, por isso, partimos desses textos, das memórias individuais dessas mulheres, para acessar a memória histórica, social e cultural afro-brasileira, em um contexto de abolição e república recentes, no cotidiano do Brasil da primeira metade do século XX. Discutiremos também a escrita de si e os conceitos de autobiografia, autoficção e escrevivência, este divulgado pela escritora e pesquisadora Conceição Evaristo. Para concretizar esta análise,

escolhemos textos em prosa e poesia das escritoras afro-brasileiras Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães, a fim de contribuir para a (re)construção da(s) identidade(s), recuperar a história mutilada, a ancestralidade e a referencialidade negra no Brasil (FERREIRA, 2013, p. 9).

PONTUANDO

Entre tantos pontos levantados nas leituras em sala de aula no exterior, destacam-se os seguintes, que se consolidam a partir da escrita literária e se juntam a pontos já citados na escrita acadêmica e militante tantas vezes, além de outros já citados neste artigo, são aspectos fundamentais das *escrevivências*:

1. **Três aspectos que caminham juntos: “ter sempre se sabido negra”**, tal como presente em tantas entrevistas e escritos, afirmação que, além de ser em sua essência um marcador ato político, se soma em sua natureza a dado de **atemporalidade**, que remete à **ancestralidade**, aos duros/inomináveis tempos dos porões dos navios;
2. Os sempre presentes marcadores de **classe e gênero**;
3. A **oralidade**, como ponto de partida para a representação da voz do cotidiano, e com especial valorização da escuta das vozes femininas ainda sub-representadas e tantas vezes contestadas;
4. O duo **memória-família**: o trauma e a memória, escritas do corpo negro pela arte da palavra, inscritas no **poder de narrar do sujeito negro**;
5. O **combate ao racismo**;
6. A **resistência e a resiliência**;
7. A **síntese poética final**.

De sensível texto da Autora, publicado em 2005, a partir de apresentação já em 2003 no I Seminário Internacional, e

X Seminário Nacional Mulher e Literatura, em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba, extraímos trechos que apontam e sintetizam os pontos recém-apresentados, destacados a partir de leituras em espaços da diáspora:

Do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de móveis, de coisas e muitas vezes de alimento e agasalhos, era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos amigos contavam. Eu, menina repetia, intentava. Cresci possuída pela oralidade, pela palavra. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia. [...] Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez um desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. [...] Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre(vivência)* das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. Na escrita busca-se afirmar as duas faces da moeda num um [sic] único movimento, pois o racismo como lucidamente observa Sueli Carneiro, (op, cit 51) “determina a própria hierarquia de gênero” em sociedades como as latino-americanas, multirraciais, pluriculturais e racistas. [...] (EVARISTO, 2005, p. 201, 202, 205).

Sendo assim, antes de passarmos aos parágrafos finais, citamos o trecho de um artigo que bem sintetiza as estratégias discursivas do uso das palavras nas *escrevivências*, e, mais uma vez, a abrangência e o alcance dos espaços comunitários

de leitura atingidos positivamente pela escrita de Conceição, ao colocar os sujeitos no centro, como leitores e, pela oralidade em especial, como produtores de novas histórias emancipatórias:

Neste artigo apresentamos nosso percurso de pesquisa, partindo de nossos trabalhos realizados no espaço carcerário, até nossas recentes observações acerca do que Conceição Evaristo, poeta, contista, romancista e ensaísta afro-brasileira, define como *escrevivência*. Intencionamos, com as reflexões que propomos, pensar a *escrevivência* como meio de emancipação e retomada de poder sobre meios de produção de subjetividades negras pelo povo negro. Esse movimento, de colocação de si na posição de narrador da própria história, por meio do qual se recobra o poder de produção da própria memória e subjetividade, pôde ser observado, por nós, em nossas pesquisas iniciais no espaço carcerário, tendo como sujeitos desse processo, os apenados. Dessa forma, este artigo visa trançar as pontas de nossas duas pesquisas, reconstruindo um pouco de nossas contribuições acerca do contato com a arte como meio de resistência à adversidade e tomada de poder sobre o próprio corpo (MELO; GODOY, 2017, p. 1285).

CONCLUINDO...

As *escrevivências* de Conceição Evaristo reverenciam as ancestrais, trazendo uma escrita de avanço das frentes abertas por Maria Firmina dos Reis (1822-1917) e Carolina Maria de Jesus (1914-1977) na estética literária feminina negra na literatura brasileira. Assim como Carolina, Conceição é intérprete do Brasil, emergindo em trajetória narrativa única a partir de seu cotidiano e memórias. Evaristo toca na emoção dos

leitores, e vai ganhando seguidores ávidos por seus textos em diferentes gerações. Sua obra, tal como a de Carolina, traduz o Brasil, reforça a centralidade dos sujeitos negros, inventa formas de ver, olhar, enxergar o mundo brasileiro: em poemas, diários, contos, romances, escritos esparsos, através de projetos estéticos próprios – duas grandes narradoras do Brasil. As duas são sujeitos políticos pelas participações em momentos da vida nacional que atravessaram/am. Autoras de escritos que partem da experiência vivida, atravessada pela mediação da palavra, com elaboração da narrativa, na transcrição da vida, em suas *escrevivências*.

O pós-pandemia já começou. De forma dramática, com as desigualdades gritando a céu aberto, inicia-se um novo capítulo em nossas vidas e no mundo. E as *escrevivências* de Conceição nos guiam e nos iluminam nas revisões necessárias em relação a tantos temas. Sigamos no foco sobre o orgulho de luta, resistência e resiliência contra cânones e ideias dadas, contra o tema da história única, sobre o qual Chimamanda nos chama a atenção desde 2009. Sigamos, com as *escrevivências*, na luta por novos espaços de protagonismo para as mulheres, para vencer o desprezo pela vida e valorizar a dignidade humana, para a reescrita da Historiografia literária do Brasil através da representatividade de tantas histórias, de hoje e de ainda por vir, contadas e narradas por seus sujeitos. Sigamos com nossa Autora: tal como no título de uma de suas obras, através da *escrevivências*, uma escritora absolutamente insubmissa.

REFERÊNCIAS

- ADCHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. TEDTalks, October 07, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lHs241zeg>. Acesso em: 4 jul. 2020.
- BHABHA, H. K. *Nation and Narration*. London: Routledge, (1990) 1993.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la Modernidad*. México: Grijalbo, 1990.
- CARBY, Hazel. *Reconstructing Womanhood: the emergence of the Afro-American Woman Novelist*. New York: Oxford University Press, 1987.
- CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018;

- Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil*. São Paulo: Selo Negro, 2011; Enegrecer o feminismo. In: *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Ashoka Empreendedores Sociais, Takano Cidadania, 2003.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DAVIES, Carole Boyce. (Ed. and Intr.) *Moving beyond boundaries: Black Womens Diasporas*. London: Pluto Press, 1995. v. 2; _____.; OGUNDIPE-LES-LIE, M. (Ed. and Intr.). *Moving beyond boundaries: International Dimensions of Black Womens Writing*. London: Pluto Press, 1995. v. 1.
- DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Ideia, 2016.
- ELLISON, Ralph. *Invisible Man*. New York: Vintage International, 1990.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003; *Ponciá Vicêncio*. Translated from the Portuguese by Paloma Martinez-Cruz. Austin: Host Publications, 2007; *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006; *Poemas da recordação e outros movimentos*; Belo Horizonte: Nandyala, 2008; *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016; Maria. In: *Cadernos Negros*, 14: contos. São Paulo: Quilombhoje: Edição dos Autores, 1991. p. 14-17; Gênero e etnia: uma escrevivência de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 201-212; Nossa Escrevivência. Blog. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/> Acesso em: 07 jul. 2020.
- FABIAN, Johannes. *Moments of Freedom: Anthropology and Popular Culture*. Charlottesville, Virginia: University of Virginia Press, 1998.
- FERREIRA, Amanda Crispim. *Escrevivências, as lembranças afrofemininas como um lugar da memória afro-brasileira*: Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Pós-Lit, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2013.
- GATES, Jr., Henry Louis. *The Signifying Monkey: A theory of African-American Literary Criticism*. New York: Oxford University Press, 1988.
- GILROY, Paul. *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENEZES, Maria Paula (Org.). *Epistemologia do sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516.
- GONZALEZ, Lelia. Mulher negra, essa quilombola. *Folha de S. Paulo*, 22 nov. 1981. Folhetim; A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel, T. (Org.). *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 87-106. (Coleção Tendências, 1); _____.; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. (1992).
- hooks, bell. *Ain't I a Woman: black women and feminism*. Boston: South End Press, 1991.
- HURSTON, Zora Neale. *Their Eyes Were Watching God*. New York: Harper Perennial, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em: 03 jul. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. (MEIHY, J. C. S. B. Org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996; *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática: 1997.

MACHADO, Bárbara Araújo. “Escre(vivência)”: a trajetória de Conceição Evaristo. *História Oral*, v. 17, n. 1, p. 243-265, jan./jun. 2014.

MELO, Henrique Furtado de; GODOY, Maria Carolina de. (Re)tecendo os espaços de ser: sobre a escrevivência de Conceição Evaristo como recurso emancipatório do povo afro-brasileiro. In: *De volta ao futuro da língua portuguesa – Atas do V SIMELP – Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*. Simpósio 3 – Literatura em trânsito: em viagem à casa do outro. Università del Salento, 2017. p. 1285-1304.

MORRISON, Toni. *The bluest eye*. New York: Plume, (1970) 1994.

REIS, M. F. dos. *Úrsula*. Florianópolis: Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas*: Estados Unidos e Brasil. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Mirian Cristina dos. *Intelectuais negras: prosa negro-brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

SOUZA, Florentina. *Memória e performance nas culturas afro-brasileiras*. In: ALEXANDRE, Marcos Antonio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 30-39.

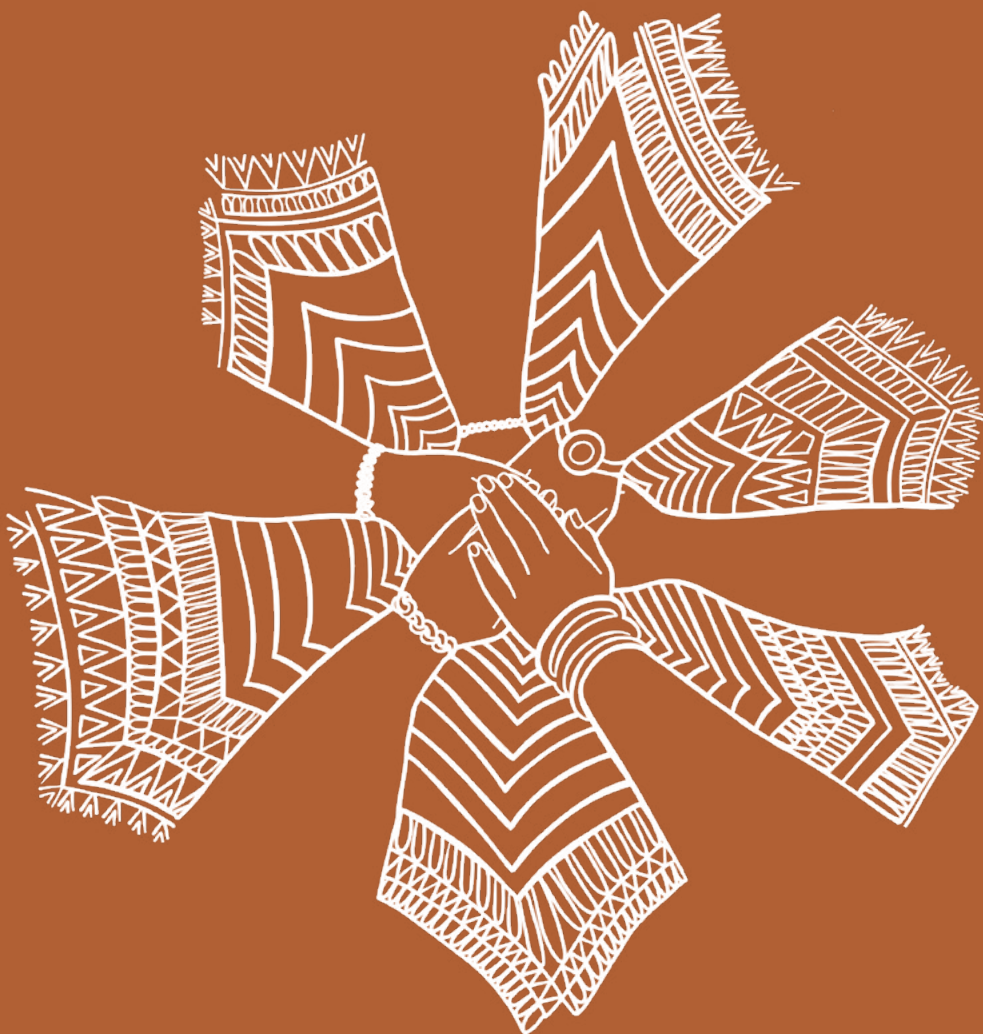
TONI MORRISON Had No Use for the ‘Paralyzing Emotion’ of Anger. 2019. Disponível em: <https://forge.medium.com/toni-morrison-had-no-use-for-the-paralyzing-emotion-of-anger-d54aad12ee72> Acesso em: 05 jul. 2020.

WALKER, A. *In love & trouble: stories of black women*. San Diego: Harcourt Brace & Company, (1973) s.d.; *In search of Our Mothers Gardens*. San Diego: Harcourt Brace & Company, (1983) s.d.



EscreVivência: itinerário de vidas e de palavras

Assunção de Maria Sousa e Silva



[...] A narrativa traz parte de uma memória dolorida dos africanos e seus descendentes escravizados nas Américas. E venho me perguntando: para que vale essa memória da dor? [...] Por que escrevi Ponciá Vicêncio? Por que certas passagens de Becos da Memória? Por que escrevi determinados contos na antologia Histórias de leves enganos e parecenças? Para que acalantar memórias com sabor de sangue? Respondo por mim, embora essa memória não seja apenas de minha pertença. Pode ser um pouco mais minha, enquanto afro-brasileira, enquanto sujeito-mulher afro-diaspórica, mas essa é a memória do passado brasileiro e que a nação brasileira ainda precisa expurgar. A nossa ferida ainda sangra. As Américas sangram também pelas veias dilaceradas dos povos primeiros que aqui habitavam. O território brasileiro continua marcando o seu chão com sangue dos donos primeiros da terra. Povos já estavam aqui quando as naus portuguesas chegaram. Sabemos. A literatura pode ser um lugar de expurgação pessoal e coletiva. Estamos aqui e escrevemos apesar de. Entretanto, só mais uma observação. Quando escrevo a memória da dor, não se trata de “mimimi”, não se trata de causar comiseração, se trata sim, de afirmar a nossa arte, a nossa potência, a nossa resistência, a nossa resiliência, o nosso quilombismo. E mais do que isso, se trata de explicitar sempre, que a nação brasileira vem adiando e aprofundando uma dívida antiga com os descendentes de um dos povos que construiu e que continua ativamente, como trabalhadoras e trabalhadores provendo muito do alimento, da sustância material e imaterial que está na base dessa nação¹

(Conceição Evaristo, 15/06/2019, grifo nosso).

1. Texto postado por Conceição Evaristo em sua página no Facebook, em 15/06/2019.

PREÂMBULO

Como ponto de partida, assinalo três descompassos recorrentes à memória histórica e coletiva do povo negro na sociedade brasileira. São breves ilustrações de estados e situações da população negra que dialogam com o que pretendo refletir acerca do conceito de escrevivência na obra de Conceição Evaristo. O antológico verso da canção de Seu Jorge, Marcelo Yuka e Wilson Capellette, interpretada divinamente por Elza Soares, serve como guia na tentativa de desenvolver algumas considerações:

A carne mais barata do mercado é a carne negra²

Primeiro descompasso

Aluga-se na Rua do Lavradio nL 6, um preto perfeito cosinheiro de forno, fogão e massa, um dito para todo serviço e um molecote com prática de carpinteiro. Essa seção também era utilizada para compra e venda de escravos. Veja-se um outro exemplo ainda no mesmo jornal, Vende-se dois moleques para o serviço, copeiros e cocheiros; na Rua da Quitanda NL 49 1L andar (Gazeta de notícias)³.

2. SOARES, Elza. *Do cóccix ao pescoço*. Direção: Zé Miguel Wisnik e Alê Siqueira. São Paulo: Maianga Discos, 2002. CD.

3. Tráfico de escravos no Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/o-trabalho-escravo-no-brasil/> Acesso em: 15 jun. 2019.

A cena do Brasil escravocrata retoma aos tumbeiros por onde transportavam as carnes – peças que seriam vendidas nos portos. Os folhetos anunciavam a venda de corpos com bons braços, torço e pernas para plantar, colher, debulhar, ensacar, colocar sacos nas costas e sustentar a riqueza das casas-grandes e da corte. Corpos quase sempre nus, costas esfaceladas, dilaceradas de tanto carregar a fatura para poucos. Desviados de seu lugar e destino de africanos livres, eram os corpos capturados e amontoados para a macabra Rota da escravidão, sem tempo para despedidas ou ajustes de contas com os seus. Apartados abruptamente, seguiam com amores e sonhos esfacelados, linhagens estranguladas e na

face a máscara descomunal do nada ser. A peça em desventura, transmutada em suor e sangue, era alicerce econômico do sistema mercantil e escravagista para a manutenção do poder. Escravização anunciada.

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Segundo descompasso

Mulher, com idade entre 25 e 49 anos e nordestina. Esse é o perfil da maioria dos 4,8 milhões de brasileiros que desistiram de procurar emprego por achar que não encontrariam uma posição – os chamados desalentados. O levantamento foi feito pela Consultoria LCA com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, do IBGE, do segundo trimestre (O Estado de S. Paulo, 18 ago. 2018)⁴.

Nas cozinhas da população pobre nordestina, Marias, representação de toda mulher pobre e negra, sustentam famílias sozinhas. A carne de segunda que antes era possível ter em casa para sustância dos corpos-filhos raquíticos, não tem mais. Os corpos fragilizados, “corpos-estilhaços”, “corpos-tijolos”, nas ruas e vielas buscam subemprego, “bicos”, para sustentar a família. Há alegrias passageiras quando chega a “benevolente caridade”: uma cesta básica – arroz, feijão, farinha de milho, óleo e mais algumas coisinhas – que não dá para dois dias. Carnes de segunda, carnes baratas no mercado onde predomina a precarização do trabalho, maior alvo resultante da ganância, arrogância e falta de caráter de que governa com o propósito de perpetuar a seca, a fome, a miséria e aumentar o fosso econômico, educacional e cultural, com medidas governamentais desprezíveis e aterradoras. Para os detentores do poder, a via é reforçar a escravidão moderna. A carne mais barata do mercado (continua a ser) a carne negra, “a pesar sobre nós”⁵, com sangue derramado, corpos e mentes pertencem a um outro (MBEMBE, 2018).

4. Desalento é maior entre as mulheres nordestinas. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,desalento-e-maior-entre-as-mulheres-nordestinas,70002461699> Acesso em: 15 jun. 2019.

5. Verso do poema “Apesar das acontecências do banzo”, de Conceição Evaristo (2017).

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Terceiro descompasso

O acesso de estudantes de baixa renda nas universidades públicas aumentou significativamente entre 2004 e 2013, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) do IBGE, divulgada nesta quarta-feira (17), pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2004, apenas 1,4% dos estudantes do ensino superior pertencentes aos 20% com os menores rendimentos (1º quinto) frequentavam universidades públicas. Em 2013, essa proporção chegou a 7,2%. Analisando de outra forma, em 2004, os 20% mais ricos do País representavam 55% dos universitários da rede pública e 68,9% da rede particular. Em 2013, essas proporções caíram para 38,8% e 43%, respectivamente. Desta forma, os 20% mais pobres, que eram apenas 1,7% dos universitários da rede pública, chegaram a 7,2%.⁶

Grandes ondas de conquistas vieram e se foram em efêmero movimento. Conquistas. Porém, o sistema de opressão se reprograma constantemente. Homens e mulheres negras se apropriam das oportunidades e constroem mudanças em suas vidas pelo acesso à educação e ascensão social, ainda que limitada. O direito de sonhar e concretizar sonhos é cevado nesse período. Muitos jovens alcançam conquistas até então intransponíveis: graduam-se, cursam mestrado e doutorado, iniciam carreiras promissoras. Os corpos de negros e pobres refutam ser a carne mais barata do mercado. E se revigoram por uma tomada de consciência cidadã. “A carne mais barata do mercado não é mais a carne negra”, canta agora Elza Soares. Negros e negras despertados com seus gritos de combate ao racismo, à misoginia, à homofobia, com livre acesso a todos os lugares, sem pedir licença, porque sabedores de que

6. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2014/dezembro/acesso-de-estudantes-pobres-a-universidade-publica-cresce-400-entre-2004-e-2013-diz-ibge>
Acesso em: 15 jun. 2019

podem ocupar qualquer um deles. Não! “A carne mais barata do mercado não é mais a carne negra”. Essa já tão usurpada, retorcida, desqualificada, reduzida a segundo plano, nutre a derrubada da hegemonia branca, combate o epistemicídio que privilegia o pensamento eurocêntrico e patriarcal o qual sedimentava uma única visão da história.

A atuação da pessoa negra passa pelo exercício da cidadania, pela consciência da garantia dos direitos humanos e zelo do convívio com as diferenças na construção de um mundo em que justiça e igualdade estejam em pauta. Por isso a necessidade do fortalecimento e realinhamento perene da resistência negra, uma vez que a guerra é uma constante em situação de opressão e neocolonização ou “ocupação colonial moderna” (MBEMBE, 2018, p. 46-48). Portanto, a resistência exige enfrentar o confronto ante o poder dos que querem decidir “quem importa e quem não importa, que é descartável e quem não é” (MBEMBE, 2018, p. 41).

A escravidão moderna com seus requintes de crueldade reatualiza-se interinamente nas “consciências” da “elite do atraso”, desempenhando formas de “necropoder” (MBEMBE, 2018) que legitimam a autoridade do Estado como detentor da violência.

1 A CRIAÇÃO LITERÁRIA: ESCRITA ENTRE DOR E SANGUE

Esses três descompassos ilustrados acima guiam a reflexão que busco desenvolver sobre os atos de escrevivência de Conceição Evaristo, à medida que eles ressoam, de uma maneira ou de outra, nas vozes que tomam lugar em sua obra. Durante a primeira versão deste artigo (ainda em 2019), deparei-me com o breve texto, postado por ela em uma rede social, o qual reproduzo como epígrafe neste artigo, atentando para suas insistentes e inquietantes indagações: Por que escreveu suas narrativas? Para “acalantar memórias com sabor de sangue? [...]”. E ela reiterava: “A nossa ferida ainda sangra”.

O ato de escrever tem sua vibração na recepção de quem lê. Por isso, convém dizer que a audiência de Conceição Eva-

risto se consolida pela construção de laços identitários forjados no pacto de leitura, onde se ativa uma linhagem de pertencimento em profunda alteridade entre a autora e suas/seus leitoras/es. Disso se assinala uma consciência autoral e um transparente norte de recepção assentada e revigorada em posição social e literária, dinamizada nas temáticas que ela aborda e com as quais se reconecta com o passado – ancestralidade negra – resultando em frutífera irradiação de vozes negras, femininas, subalternizadas.

Infiro que o ato de escrevivência de Conceição Evaristo consiste em tessituras de vivências em entrelaçado alinhado de conhecimento e aspectos formais, sobre os quais se destaca o manuseio da linguagem na construção de um discurso literário que atende à fruição e ao pedagógico. A escrevivência, sedimentada na “memória dolorida”, que reporta incessante ou obstinadamente ao fluxo diaspórico, por onde se alicerça o “devir negro” (MBEMBE, 2014), condiz menos com encenar o processo escravidão na formação da sociedade brasileira e mais com os efeitos e desdobramentos desse fenômeno na conjuntura brasileira atual. A obra evaristiana ficcionaliza a ideia de nação pelas margens, mineiramente enegrecida, reforçando a perspectiva de “descolonizar a literatura” brasileira. Talvez seja por isso que afirmo existir nela certo teor pedagógico.

Enquanto corpos negros atuam no narrado e no poetizado como sujeitas/os guardiãs/ãos da “memória dolorida” a expor as “feridas que sangram”; sob outra face, pela qual a escrita se materializa, cujos princípios, mecanismos, estratégias e argumentos estéticos revelam seu *modus operandi*, projeta-se a “nação literária” (imaginada)⁷ eivada de tensões e conflitos articuladores das relações de violência e subordinação. Esse estrato social expõe a realidade da nação oficializada em que excluídos e marginalizados histórico-social e culturalmente têm sua condição de sujeitos usurpada.

Talvez por isso Conceição Evaristo indague sobre qual razão “acalantar memórias com sabor de sangue”, no texto-epígrafe, quando ela mesma responde: “*A literatura pode ser um lugar de expurgação pessoal e coletiva. Estamos aqui e escrevemos apesar de*”. Assertiva que reitera o argumento

7. Ao dizer nação literária, recorro às ideias de Anderson (2008) e Miranda (2010).

de um de seus poemas o qual visa clamar por resistência: “Apesar das acontecências do banzo”. Isto parece afirmar que, num contexto de usurpação de humanidades, “brotará em nós o abraço à vida / e seguiremos nossas rotas / de sal e mel” (EVARISTO, 2017, p. 120). Evaristo, então, efetiva um projeto de escrita, engendrado na constatação da obstaculização e, ainda que o fenômeno seja imensurável, numa ordem verticalizante, a função de sua “big pena”⁸ atende para expurgar o tóxico visceral a fim de reconstruir outros modos de fala e visões de mundo.

Retomo o poder metafórico e sinestésico da “memória com sabor de sangue”, ativando a relação semântica sabor/saber no entremeio do escrever vivencialmente. Isso nos leva a dois movimentos de reflexão: pensar a escrita afro-brasileira como “estética da existência”⁹ forjada na dor individual e coletiva e, ao mesmo tempo, pensar a literatura como ação política de afirmação de uma “potência”, “resistência” e “resiliência” que Conceição Evaristo, retomando Nascimento (1980), sintetiza por “quilombismo”¹⁰, conceito que relaciono ao compromisso da autora de produzir novas subjetividades e racionalidades. A partir disso, podemos refletir sobre escrevivência focalizando aqui a “tecelagem” linguístico-narrativa e poética evaristiana. Quero conduzir este texto, buscando compreender como tal “tecedura” está urdida na prosa e na poesia.

2 A ESCRIVIVÊNCIA ENQUANTO NARRATIVA CONTRA-HEGEMÔNICA

Situados pelos descompassos do processo de escravização e posterior neocolonialismo, cujas consequências substanciam a colonização dos corpos femininos e negros na contemporaneidade, o racismo, a misoginia, a homofobia e os mais variados modos de preconceito e discriminação, estão arraigados no imaginário brasileiro, seja do ponto de vista institucional, estrutural ou relacional. E no cenário cultural e literário isso não é diferente. As produções de autores e autoras negras estão em evidência, mas ainda não foram assentadas em

8. Palavra-raio contida no seu poema “Stop” (EVARISTO, 2017, p. 92).

9. As “artes da existência” devem ser entendidas como as práticas racionais e voluntárias pelas quais os homens não apenas determinam para si mesmos regras de conduta, como também buscam transformar-se e modificar seu ser singular, e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que corresponda a certos critérios de estilo (FOUCAULT apud VENTURA, 2008).

10. Abdias Nascimento apresenta suas ideias sobre quilombismo, no 2º Congresso de Cultura Negra das Américas, que se realizou no Panamá, em 1980.

patamares de reconhecimento que merecem. Por isso, a urgência de que tais produções sejam propagadas, discutidas, problematizadas, com o propósito de ressaltar as técnicas, as estratégias e os variados procedimentos que venham a causar “implosões”¹¹ (MATA, 2010) no cenário da literatura brasileira.

Quero situar as narrativas literárias de Conceição Evaristo, a partir das ideias trazidas de empréstimo dos estudos sociológicos, especialmente da visão pós-colonial e, mais especificamente, decolonial, no que afirma um “humanismo ético” propositivo de uma “luta pela desestabilização dos lugares cativos das epistemologias prevaletentes (MATA, 2014, p. 29). Evoco o ponto de vista da pesquisadora são-tomense como direcionamento de meu embasamento teórico alinhado à visão do escritor e professor queniano Ngugi wa Thiong’o (2015), quando discorre e problematiza sobre a política linguística da literatura africana e empreende um olhar sobre a linguagem e seu modo de ficcionalizar, defendendo a “descolonização da mente” como forma de intervenção literária. Esmiuçando suas proposições equacionadas no contexto imperialista em África, o autor defende a validade da apropriação das formas especificamente burguesas como maneira de se “reconectar com uma população oprimida”¹². Por quê? Porque a história da humanidade testemunha as apropriações das invenções dos povos asiáticos e africanos, por exemplo, pelos europeus. Ele faz referência à “pólvora inventada pela China [...] usada pela burguesia europeia e pelo globo”, à “ciência matemática inventada pelos árabes [...] apropriada por todas as nações da terra”, e à “história da ciência e da tecnologia em conjunto resultado da contribuição de muitas nações e raças em África, Ásia, América e Austrália” (THIONG’O, 2015, n.p). O autor segue tecendo exemplos incluindo o caso das artes, da dança e da literatura, e conclui que “as invenções mais cruciais e os avanços técnicos que mudaram o rosto do século XIX e XX, [...] foram todos eles produtos da classe trabalhadora”, e afirma que “a história social da humanidade antes do advento do socialismo vitorioso tem sido uma contínua apropriação do gênio e das contribuições do trabalho de milhões de personas por parte das classes ociosas”¹³ (THIONG’O, 2015, n.p). Então

11. Termo utilizado pela pesquisadora Inocência Mata (2010), cujo estudo aponta os efeitos da literatura produzida pela geração literária pós-independência em São Tomé e Príncipe.

12. Tradução livre do espanhol para o português feita pela autora.

13. Tradução livre feita pela autora do espanhol para o português.

ele pergunta: “há alguma razão para que o proletário e o campesinato africanos não se apropriarem do romance?” (THIONG’O, 2015, n.p).

Fixo-me nessa indagação e prossigo. Em romances, contos e demais gêneros, autoras e autores negros recorrem a quais procedimentos e meios recursivos? No processo de investigação literária, mesmo alinhada aos mais variados eixos epistemológicos advindos de outras áreas do saber, faz-se necessário focar o modo como a escrita se engendra do manancial de informações e conhecimentos do/a autor/a sobre o mundo de que faz parte. Daí eclode o discurso literário por onde expressam suas particularidades. Nesse contexto, aponto a escrevivência de Conceição Evaristo como uma potente forma de criação que veio abalar o paradigma literário vigente nas letras brasileiras. Este, diga-se de passagem, nunca foi homogêneo, sempre foi constituído de estilos e estéticas diferentes e contrapostas, porém predominantemente excludente e elitista.

Nesse sentido, procuro levantar os pontos irradiadores que constituem a escrita evaristiana e a redimensionam: 1) a linguagem como produto híbrido; 2) a cultura afro-brasileira eminente; 3) a ressonância dos conflitos individuais e coletivos nas vozes das personagens e narradoras em incessante reativação das raízes étnicas. Isso promove um arrojado elo sob o efeito do pacto de leitura com o/a leitor/a o qual se desenvolve por identificação com o que lê, porque o que é lido ressoa dizer de si e de sua história. Ao mesmo tempo, esses pontos atravessam a posição da autora como intelectual que recria aquilo que expressa ou que ressoa da vida. Fato constatado na/pela existência de grupos de leitura e movimento de leitoras/es impelidas/os a debater os problemas que afligem as populações negras a partir da obra de Conceição Evaristo.

Essa escrita que mobiliza o/a leitor/a para refletir sobre si e sobre a história de seus antepassados atende não apenas pelo conteúdo, mas também pelo vigor e rigor da linguagem na edificação de um mundo ficcionalizado, não como mera “representação da realidade”, mas como procedimento consciencioso do seu alcance e de sua intencionalidade discursiva que vem pautada pela sua condição de escritora, quando diz: “minha

escrita é contaminada pela condição de ser negra”, e por seu posicionamento estético-político e ético: “A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007).

Por essa via, as narrativas evaristianas apresentam alguns elementos precípuos. A saber, a ausência de heróis aos modos da tradição literária de feições europeizantes, enredo e personagens do romance *Ponciá Vicêncio* (2003) se distanciam de tal grade; recorrência do protagonismo feminino (*Insubmissas lágrimas de mulheres*, 2011); diversidade nos procedimentos técnicos: manuseio das ações no tempo e espaço (*História de leves enganos e parecenças*, 2016); manuseio das ações para o equilíbrio entre a densidade do conflito na proporção que isso repercute no processo de construção ou de desconstrução das subjetividades das personagens-narradoras (*Insubmissas lágrimas de mulheres*, 2011); prevalência da ideia de circularidade temporal, mesmo com cenas situadas ou que recorrem ao passado – este nunca está distanciado de um conflito do presente – (*Insubmissas lágrimas de mulheres*, 2011, *Olhos d'água*, 2015, e *Becos da memória*, 2006); passado e presente imbricados, revigorando a ideia de tempo cíclico; profusão de vozes femininas que enunciam seu estar no mundo, sua condição de ser mulher – as obras em sua totalidade; a presença de uma instância narradora que traz a função não só de contar, mas também de ouvir; relevo à potência do contar pelo outro/outra, mas também a existência de uma instância narradora que busca equilibrar, aproximando-se e distanciando-se da perspectiva autobiográfica.

Por essa última proposição, parece plausível aventar que as narrativas de Conceição Evaristo se distanciam de um enquadramento teórico no campo da autoficção, uma vez que, por mais que se possa identificar referências às vivências do segmento social no qual a autora se inclui, por cenas e sequências situacionais que aludem à sua história individual, já conhecida do público, a instância autor/a não se centra como postura autobiográfica, heroica, pivô, em torno da qual a narrativa se ordena ou de maneira ostensivamente intrusiva (COLONNA, 2014).

No entanto, se se buscasse aproximar o conceito de escrevivência de Evaristo das modalidades autoficcionais, seria possível destacar menos o tom biográfico e mais um tom intrusivo (autoral) (COLONNA, 2014), no caso do conto “Olhos d’água” (2015), em que se condensa autorreflexão, a partir do espelhamento que vigora no entreolhar-se filhas – mães. Já os contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011) trazem um teor de intromissão bastante baixo, à medida que este é acionado com função de delegar vozes e autonomia às personagens-narradoras para contar suas próprias histórias. Portanto, no entrelace da narrativa parece planejar uma ocultação da narradora-ouvinte, enquanto instância que manipula o contar progressivamente, deixando o êxito na estratégia de ceder esse lugar às personagens detentoras de suas histórias sem rasurar seus status de sujeitas que controlam o leme de suas memórias e subjetividades. Mas, por qual mecanismo o/a leitor/a toma conhecimento das histórias? Pela presença “exúnica”¹⁴ da narradora de transportar e entrecruzar histórias como oferendas para sua audiência.

Penso que outro ponto relevante consiste na forma como a autora desenvolveu sua primeira novela: “Sabela”. De estrutura densa, marcada por profusões de vozes que modelam cruzamentos de vivências, em desdobramentos de narrativas que se enovelam, a partir do evento do dilúvio. Sem deixar escapar o fio condutor do argumento da trama, demarcada pela ponte de vozes mãe – filhas – Sabelas, as narradoras engendram versões em que o verossímil está tecido nas intersecções do narrado, com zelo na produção do efeito do encantamento. O entrecruzamento de feixes das perspectivas do contar promove a subversão da norma de viés ocidentalizante e canônico, uma vez que o âmagô das vozes se estrutura como viga do pensamento ancestral, como ecos da diáspora negra reatualizada nos espaços periferizados, cenários da narrativa. Por esse prisma, o imprevisível se instaura como forma de concretizar “a arte de dizer quando não se diz e não dizer quando se está dizendo” – a síncope de que tratam Simas e Rufino (2018), por conta de Exu.

14. Termo cunhado pela escritora Cidinha da Silva numa alusão à ação e o papel da entidade Exu. Simas (2018) nos aponta para a proeminência de Exu, seu dinamismo e imprevisibilidade. Para Prandi (2001, p. 50), Exu é portador transportador de mensagem, “orientações e ordens”, “portavoz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e mundo dos orixás, especialmente nas consultas oraculares”.

Atentando para esses procedimentos técnicos e estratégicos, busco evidenciar por quais meios se materializa a vivência da escrita como “arte de resistir” do povo negro. Esse vínculo e apropriação da oralidade, absorvendo os gestos de leitura do mundo de suas parentas, reverbera na linguagem escrita, através do manuseio das técnicas narrativas que se configuram em argumentos. Com isso, retomando as ideias preconizadas por Ngugi wa Thiong’o (2015), infiro que Conceição Evaristo “maneja a realidade [...] em função de sua filosofia básica sobre a natureza e a sociedade, e de seus métodos de investigação acerca destas” e sua forma de tratar a matéria se forja de sua posição social e “perspectiva de classe” (THIONG’O, 2015, n.p).

Ao procurar associar o processo de construção da narrativa literária de Conceição Evaristo com a perspectiva de “descolonização da mente”, já mencionada, postulada pelo escritor queniano, relembro que também é instigante trazer para a discussão as ideias de Edimilson de Almeida Pereira, quando expõe sobre a visão dos excluídos no processo de invenção literária. Ele, ao referir-se às comunidades da diáspora africana, enfatiza a “consciência crítica cerzida a partir do olhar daquelas pessoas que testemunharam a humilhação e a morte, desde os porões do navio negreiro” (PEREIRA, 2017, p. 38), sob um viés que ele denomina de “crítico-maneirista”, pelo qual “expõe a necessidade de se realizar uma reflexão profunda sobre o modo como a Literatura Brasileira tem apreendido as suas diversidades de gênero, etnia, classe social, etc.” (PEREIRA, 2017, p. 39). O desenvolvimento desse argumento de Edimilson Pereira dialoga, de certo modo, com as questões levantadas por Conceição Evaristo no texto-epígrafe deste artigo, uma vez que ele, refletindo sobre a experiência literárias, em dado momento indaga:

[...] como é possível narra desde núcleo do horror? Apreendido em suas feições mais sórdidas, o tráfico de escravos e a ordem social excludente que o sucedeu desenham um inferno dantesco para as populações afrodescendentes: esse é o

horror, socialmente perpetrado, política e economicamente justificado
(PEREIRA, 2017, p. 39).

Esse pensamento direciona o olhar sobre o manuseio da linguagem conferido pelos/as autores e autoras afro-brasileiros/as, visto que, segundo o argumento de Pereira (2017, p. 39), “a linguagem herdada dos articuladores da violência não é capaz de despir-se de seus atributos para falar criticamente de uma realidade de injustiça que ela própria ajudou a consolidar”. Por isso, ele adverte: “cada dia é mais urgente colocar em cena a linguagem ou as linguagens que darão conta de corroê-lo, caso desejemos, como sujeitos sociais, estabelecer novos e mais justos modos de convivência” (PEREIRA, 2017, p. 39).

Tal modo de pensar me ajuda a perceber que tanto para o escritor queniano, quanto para Edmilson Pereira e Conceição Evaristo, há de haver no cerne do discurso literário a preocupação com o manuseio crítico e subversivo com a linguagem. Uma preocupação que não resvala para uma roupagem de “mesclas artificiais” (THIONG’O, 2015) dentro da padronização do português e da herança linguística africana. Como afirma Thiong’o (2015), recorrendo a T. S. Eliot, o percurso de sua palavra escrita dar-se pelos desvios, pelos escorregos. Sobre a escrevivência de Conceição Evaristo, parece crível sustentar que tais recursos e empreendimentos se intensificam no campo do poema, em tom e densidade diferentes de outros autores da literatura afro-brasileira que, no manuseio com a linguagem, rompem com a lógica do “realismo social” (PEREIRA, 2017).

A poética de Conceição Evaristo revela a palavra laminada, expondo, rasurando e transpondo as cercanias padronizadas, despadroniza, apropriando da oralidade com propósito de “descolonizar” a linguagem. Isso se percebe no manuseio dos recursos linguísticos e estilísticos no livro de poemas *Poemas de recordação e outros movimentos* (2008, 2011, 2017) cujos processos contribuem para robustecer seu projeto poético-literário.

3 COM A “BIG-PENA: A POÉTICA “ESCREVIVÊNCIA”

O propósito deste tópico é buscar averiguar os processos poéticos de Conceição Evaristo, quanto à linguagem, sob a ideia de que sua escrevivência contribui para a feição de uma poética que transgride os mecanismos de subalternização e exclusão nas produções de autoria negra. Pretendo mostrar que o manuseio da forma despe “a linguagem herdada dos articuladores da violência” de que trata Pereira (2017) para assim dimensionar uma performance de escrita em dupla face: desarticulação de crenças e estereótipos, “articuladores da violência”, utilizando o discurso de denúncia para elevar a palavra insurgente, numa criação poética, circunscrita pela estratégia da inversão, alteração e substituição de termos apropriados da linguagem normatizada, cujo efeito desdobra-se em “síncope”, termo utilizado por Simas e Rufino (2018) e que sintetiza a “arte de dizer quando não se diz e não dizer quando se está dizendo”, já aludido anteriormente.

[...]

Uma paixão profunda é a boia que me emerge.
Sei que o mistério subsiste além das águas
(EVARISTO, 2017, p. 11).

No campo poético, portanto, ressalto algumas pressuposições: 1 – a ideia de que escrevivência se efetiva por meio de um processo de construção semiótica – palavra/imagem onde se autorrevigora a experiência metapoética; 2 – a palavra imersa no jogo fônico, sintático e semântico em ostensiva performatização do vivido; 3 – a palavra irradiadora do compromisso ético, étnico e estético cujo fundamento parte do olhar feminino sobre o mundo e sobre si mesma; 4 – a palavra-fio por onde tece a rede de solidariedade feminina.

E só
Não mais só
Recolheu o só,
Da outra, da outra, da outra ...

Fazendo solidificar uma rede
De infinitas jovens linhas
Cosidas por mãos ancestrais
E rejubilou-se com o tempo
Guardado no templo
De seu eternizado corpo.
(EVARISTO, 2017, p. 40).

O fragmento transcrito acima do poema “Da mulher, o tempo...” revela a potencialidade de um dos temas mais caros da poética de Conceição Evaristo: a solidariedade feminina. Dela se destaca a funcionalidade do poético enquanto lugar de instaurar e de restaurar reflexões. O poema dialoga com as ideias de bell hooks, quando trata da necessidade de uma base de solidariedade entre as mulheres que pode ser cerzida no seio do movimento de mulheres. A estudiosa afro-americana traz argumentos importantes para pensarmos sobre nossas práticas de solidariedade que viriam balançar a ordem patriarcal, quando um dos mecanismos mais transformadores seria sua força em destituir o pensamento sexista e “mudar o rosto da nação” (HOOKS, 2019, p. 36).

Na continuidade desse diálogo, os poemas de Conceição Evaristo expressam a constituição do elo de “solidariedade política entre as mulheres que enfraqueça o sexismo e prepar[e] o caminho para a derrubar o patriarcado” (HOOKS, 2019, p. 36). Ao percebermos essa possível relação entre a mensagem do poema em tela e as ideias da ativista negra, entendo que o discurso poético de Conceição Evaristo reforça o antissexismo e o antirracismo em nome de uma “autorrealização e o sucesso [feminino] sem dominar umas às outras” (HOOKS, 2019, p. 39).

A dimensão ética e social de sua poesia se reforça com o caráter diretivo das escolhas lexicais, sintáticas e semânticas materializadas no solo formal do poema. Como os recursos linguísticos funcionam de maneira eficaz nos efeitos de sentido? Arrisco algumas conjecturas: 1 – sintaxe manuseada de forma promissora a configurar ou reconfigurar a imagem poética que potencializa a denúncia social; 2 – oralidade in-

filtrada no interior dos versos, às vezes, tensionada ao sabor da dolorida memória histórica, social e coletiva; 3 – poesia que não se esquivava do assento ideológico, de forma que este (assento) não pesa para o teor de menor ou maior qualidade do poético.

FAVELA

Barracos
montam sentinela
na noite
Balas de sangue
derretem corpos
no ar.
Becos bêbados
sinuosos labirínticos
velam o tempo escasso
de viver.

(EVARISTO, 2017, p. 45).

Cabe talvez inferir, com base nas reedições do livro *Poemas de recordações e outros movimentos* (2008, 2011, 2017), que o processo de criação poética de Conceição Evaristo se explicita por procedimentos detentores da potencialidade social que a mensagem revela. O ato de escrever e reescrever o poema performatiza a vivência do dizer. Dizer em ação ou como realização de uma ação (AUSTIN, 1990). Isso se concretiza no manejo e/ou remanejo da palavra numa perspectiva criativa e imagética a qual substantiva a posição política da sujeita poética em relação ao tema que aborda; pelo recurso de inserção, reinserção de palavras com vistas à produtividade de maior sentido e efeito naquilo que o poema quer empreender como “argamassa discursiva” e pelo recurso da supressão, substituição de termos, versos, estrofes, no decorrer das reedições do livro de poemas em tela. Como exemplo, destaco o poema “De mãe”.

O poema “De mãe” foi inicialmente publicado nos *Cadernos Negros*, v. 25, em 2002, reeditado com várias alterações

em 2008, 2011 e 2017. A primeira escrita surge com dez estrofes de tom prosaico que ascende a uma textura mais poética na última versão. Na versão manuscrita¹⁵, há marcas hesitantes, fruto do experimento, planificação de dosagem formal e semântica dos versos que, na versão seguinte, estão excluídas ou modificadas e nas demais reescritas, há alterações e substituições de termos, tornando o poema mais sintético e de sintaxe arrojada pelo efeito do burilamento. Lê-lo sob o prisma da crítica genética, provavelmente permitirá vislumbrar outras vias de percepção da poética de Conceição Evaristo pelas quais se pode alargar a fortuna crítica com produtivas reflexões sobre o conceito de escrevivência.

PERORAÇÃO...

A escrita da palavra em ação desempenhada sob o crivo autoperformativo; a escrita em contínuo processo de reescrita, o exercício da palavra que vem entranhada na experiência de vida – “narra [poetizar] o que vive” – é, a meu ver, uma das vias possíveis para se pensar o conceito de escrevivência. E aqui lembro que o ato da palavra em ação de Conceição Evaristo vem do manuseio dos gravetos no chão do solo mineiro. E ainda relembro que a história se faz pela ação dos sujeitos que não se assujeitam. A experiência da escrita adensada no solo da vida, nas origens, na “vida-blasfêmia”, não se fixa ou nem se apegam à matéria do real, porque sua “big pena” intervém, expressa, atua, desconstrói, transgride e desempenha o papel irradiador de um contradiscurso. A palavra poética cuja atuação é política, exúnica e oxúnica¹⁶, ao dizer com as mulheres negras em diáspora, incita a consciência dos leitores e leitoras, provoca redirecionamento do mercado editorial, abala a linha de conforto da recepção literária ditada pela elite brasileira, subverte epistemologias e promove a formação de leitoras/es negras e não negras/os, ativando a literatura negra brasileira como lugar de expurgação mas também de afirmação.

15. Versão manuscrita exposta na Ocupação Conceição Evaristo, promovida pelo Itaú Cultural, no período de 4 de maio a 18 de junho de 2017, em São Paulo.

16. Termo também cunhado pela escritora Cidinha da Silva em alusão à entidade Oxum – senhora das águas doces.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict Richard O'Gorman. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ACESSO de estudantes pobres à universidade pública cresce 400% entre 2004 e 2013, diz IBGE. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/as-suntos/noticias/2014/dezembro/aceso-de-estudantes-pobres-a-universidade-publica-cresce-400-entre-2004-e-2013-diz-ibge> Acesso em: 15 jun. 2020.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- EVARISTO, Conceição. "Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de Nascimento de minha escrita" In: ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16-21.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. (Coleção Vozes da Diáspora Negra, v. 1).
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Literatura Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2. sem., p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, Conceição. *História de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Conceição. *Projeto Ocupação Conceição Evaristo*. (Consultoria Islene Motta). Itaú Cultural. São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/> Acesso em: jun. 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- HOOKS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Ana Luíza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias euro-cêntricas. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, PUC-RS, Porto Alegre, v. 14. n. 1, jan.-abr., p. 27-42, 2014.
- MBEMBE, Achile. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MBEMBE, Achile. *Crítica da razão negra*. Portugal: Antígona, 2014.
- MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia: Ateliê, 2010.
- PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, São Paulo, n. 50, p. 46-63, jun./ago. 2001
- PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Entre Orfe(x)u e exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.
- SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo do mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

THIONG'O, NGUGI WA. *Descolonizar la mente: la política lingüística de la literatura africana* (Spanish Edition). Kobo Editions, 2015. (Formato ePub).

TRÁFICO de escravos no Brasil. Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/trafico-de-escravos-no-brasil/o-trabalho-escravo-no-brasil/> Acesso em: 15 jun. 2019.

VENTURA, Rodrigo Cardoso. A estética da existência: Foucault e Psicanálise. *Cógitó*, Salvador, v. 9, n. 9, p. 64-66, 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100014&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 12 dez. 2019.



Canção para ninar
menino grande:
o homem na berlinda
da Escrevivência

Constância Lima Duarte



Conceição Evaristo é mágica, tem o condão de transformar as suas chamadas escritivências numa “escrivência” de emoções coletivas – esse afeto que me afeta e que afeta a todos, por assim dizer, mulheres e homens, jovens e adultos, nesse Brasil dos muitos brasis. Esta escrita-manifesto, de linguajar urdido da semente das palavras – que tem germinado em terras ditas inférteis –, é a barricada do delito dos tempos verbais, significado da própria criatura que subverteu o destino, e, através do seu lugar de fala, exposta como vísceras, infere suas memórias de mistura com sua condição de menina mulher preta – as joanas, ainás, dandaras, aqaltunes, sabinas, mahins, carolinas. (Tom Farias, 2018, p. 14)

Quando penso no que escrever, sempre trabalho a partir do lugar da experiência concreta, escrevendo sobre o que acontecia na minha vida e na vida das mulheres e homens que me rodeiam. (bell hooks, 2019, p. 9)

É fato inegável que os livros de Conceição Evaristo caíram de forma definitiva no gosto de leitores, encantando tanto mulheres como homens, independente de idade, etnia, e até nacionalidade. Dentre as explicações possíveis, arrisco algumas. Como o fato de sua literatura ser profundamente contemporânea, apreender com perspicácia o seu tempo e ainda realizar contundentes reflexões, como se não fizesse parte dele. São livros que, depois que as pessoas leem, costumam dizer que mudaram suas vidas, pois falam de coisas que estavam abafadas e escondidas dentro de si.

Também surpreende a hábil desconstrução que realiza dos gêneros literários tradicionais, promovendo a implosão de normas há séculos constituintes do conto, do romance e do poema. A isso, acrescento a perspectiva feminina inscrita em

toda a obra, ensaística, ficcional e poética, que revela um outro olhar: o olhar da alteridade sobre um mundo estabelecido pelo ditame masculino. Em suas produções, Conceição constrói uma perspectiva que se fortalece no protagonismo feminino, pois é do seu ponto de vista que as histórias são contadas. Se, geralmente, nos textos assinados por mulheres costuma predominar a busca de identidade nas personagens, Evaristo trabalha incessantemente questões relacionadas ao “ser mulher” e ao “estar no mundo”, fortalecendo o sentimento de irmandade entre elas, com a peculiaridade de deixar marcado o seu lugar de fala enquanto negra, feminista, oriunda das classes populares.

Mas talvez o sucesso esteja também na estratégia narrativa que adota, de aparentemente apresentar uma experiência individual e ficcional, que, na verdade, diz respeito a toda uma coletividade. Em *Becos da memória*, a narrativa entrelaça lembranças de infância da autora com as de outros, denuncia o racismo presente no cotidiano da favela condenada à demolição, e ainda recua até o passado mais remoto da ancestralidade africana. Na construção da personagem Maria-Nova, como em outras, estão não só fragmentos da memória de Evaristo, como a experiência de um grupo social que vivenciou também situações semelhantes.

No livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, as narrativas se remetem umas às outras, sugerindo tratar-se, na verdade, de um texto único. Além disso, a primeira e a última narrativa são exemplares da competência de Conceição Evaristo para construir uma ficção, que ao mesmo tempo se nega enquanto ficção, na medida em que a narradora se confunde com a autora. Logo no início uma delas declara que tem um “premeditado ato de traçar uma escrevivência”, pois “Gosto de ouvir... Ouço muito”; “Da voz outra, faço a minha, as histórias também”. E tem início o movimento que abala a verdade da ficção (no sentido derridiano de *abalar* determinada crença), e confunde as fronteiras tão estabelecidas entre realidade e ficção. Ao final, a narrativa rompe de vez o tom ficcional e passa a enumerar nomes de mulheres reais – como o da própria mãe de Conceição, Joana Josefina Evaristo, ao lado de personalidades negras conhecidas, tais como Mãe

Menininha, D. Ivone Lara, Clementina de Jesus, Ruth de Souza, Nina Simoni e Toni Morrison, entre outras.

Na construção de uma “escrevivência” estaria, a meu ver, o maior desafio dessa escritora. Com a escrita profundamente comprometida com a vida, e alimentada de experiências vividas ou observadas, ou seja, de biografemas, a voz narrativa precisa transcender o biográfico, articulando-o habilmente com o ficcional, de modo a transformar tal procedimento em construção literária.

Passo à leitura de *Canção para ninar menino grande* que, além de explicitar o projeto de escrevivência de Conceição Evaristo, propõe ainda a denúncia e questionamento do patriarcado. O texto de abertura não é assinado, mas as entrelinhas podem nos sugerir tratar-se da autora:

Este livro é oferecido a todas as pessoas que se enveredam pelos caminhos da paixão e que, mesmo se resfolegando em meio a muitas pedras, não se esquecem do gozo que as águas permitem... É uma declaração ao amor e às suas demências. É ainda um júbilo à vida, que me permite embaralhar tudo: vivência e criação, vivência e escrita. Escrevivência
(2018, p. 09).

Publicada em 2018, a narrativa das aventuras amorosas de Fio Jasmim pode provocar certo estranhamento porque, pela primeira vez, a escritora parece dar o protagonismo a um homem. Mas não se deixem enganar. Apesar de Fio Jasmim estar no centro da narrativa, não será a sua voz que narrará as aventuras que vivencia, e sim a das mulheres que o conheceram.

Ah, quem sabia contar as proezas dele era Rute, Neide, Aurora, Dalva Ruiva, Antonieta, Pérola Maria, Tina Maria e outras... O que eu sei sobre ele, veio das falas delas
(2018, p. 79).

A narradora que se encarregará de falar pelas outras, em alguns momentos usa a primeira pessoa do plural, “nós, suas amigas”; em outras, assume a primeira do singular. Não seria exagero afirmar que essa narradora é a mesma que dedicou o livro aos que viveram uma grande paixão.

Na figura de Fio temos a representação ao mesmo tempo do homem conquistador e do conquistado; do sedutor e do seduzido; do assediador e da vítima de assédio. E à medida que a narrativa avança, o mito do masculino vai se desmoronar, e ficam mais evidentes os sentidos possíveis para seu nome – fio-cordel, fio-corte de um instrumento; e jasmim-flor, que remete à sensualidade e ao erotismo do perfume que melhor se revela à noite. Sem esquecer que “fio” é ainda a corruptela de filho – que permanece para sempre dependente e imaturo...

Distante da figura do herói, Fio Jasmim representa as contradições do universo masculino, socializado desde a infância para aceitar pensamentos e ações sexistas. Com o pai e com outros mais velhos, ele aprende a ter orgulho de sua virilidade, tornando-se parte da engrenagem de dominação masculina, socialmente naturalizada através da reprodução incessante de valores e comportamentos. Em antigo ensaio, Fernando Gabeira (1986, p. 11), inspirado na Beauvoir, afirma com propriedade que “os homens não nascem homens, eles são feitos homens”, pois o arbítrio cultural transforma-se em natural, e a divisão entre os sexos passa a fazer parte “da ordem das coisas”, a ponto de ser inevitável.

Com as mulheres com as quais se relaciona, Fio Jasmim mantém, portanto, a “ordem do mundo”: o poder do masculino sobre tudo e todas. O homem nada tem a perder, diziam, pois o “duro ferro dos homens existia para açoitar as mulheres”. O personagem permanece preso ao estigma de ser macho, de não revelar fraquezas e negar qualquer frustração, pois desde cedo aprendera a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento menos másculo. Os benefícios do patriarcado via de regra têm um custo, e um dia ele terá que pagar.

A sexualidade masculina, culturalmente genitalizada e em torno dos órgãos genitais, consolidou a falocracia – o poder do macho e consequente endeusamento do pênis, se-

gundo Saffioti (1987, p. 19). Fio aprendeu com o pai não só o ofício de maquinista, mas que “ser homem era ter várias mulheres. E o mais certo era escolher, dentre elas, uma mais certa ainda para o casamento” (p. 76).

O pai de Jasmim, homem já maduro, cuja flor já não gozava de haste tão rija, sorria feliz, ouvindo as histórias do filho. Na escuta dos jactados encontros de Jasmim com as mulheres, o pai saudoso das façanhas do passado se reconhecia na virilidade do filho. Ficava imaginando mulheres oferecidas diante dele a brincar desejan-tes e carinhosas com seu ereto lírio negro (2018, p. 76-77).

A identidade social da mulher, como a do homem, também é construída através da atribuição de distintos papéis e comportamentos. Se ao homem cabe ser agressivo, racional, forte e seguro de si, em contrapartida as mulheres deveriam se conservar inseguras, ingênuas, carinhosas e passivas. Para tanto, a sociedade investe na naturalização desse processo, lançando mão de leis, educação, trabalho, propaganda etc. etc...

Daí, em cada nova paisagem Jasmim buscar novos corpos de mulheres. E a cada retorno à “sua pequenina cidade natal, chegava alardeando suas conquistas diante dos colegas, rapazolas de poucas experiências de viagens, sobre o corpo das mulheres” (2018, p. 76). Fio representa também certa “masculinidade tóxica”, que apenas usa as mulheres para seu prazer, sem se importar se elas têm sentimentos.

O romance surpreende ainda ao dar voz, desejos e iniciativas às mulheres, enquanto constrói homens vaidosos e imaturos, voltados exclusivamente para os próprios desejos. Nele, poucas personagens femininas serão passivas no sentido estrito da palavra, em oposição a homem ativo, veremos.

A narrativa de Fio Jasmim começa e termina com Juventina Maria Perpétua, Tina, como era conhecida enquanto jovem, sua amante ao longo de 35 anos. Professora de mú-

sica, será ela a compositora da “Canção para ninar menino grande”, “feita mais de vocalização e murmúrios do que de palavras” (2018, p. 100).

A primeira a ter sua história revelada é Neide Paranhos da Silva. O trem em que Fio trabalhava chega à cidade justamente quando Vale dos Laranjais realizava a festa da colheita das laranjas. A cor quente da fruta, que remete a alegria, prosperidade e sucesso, parecia contagiar a todos, inclusive à jovem de 19 anos que pouco saía de casa. O sobrenome Paranhos era herança do tempo da escravidão, e representava, para aquela família, uma “velada reivindicação de uma fortuna familiar dos brancos, que em grande parte era de pertença dos negros ‘Paranhos’” (2018, p. 38).

Ao conhecer a jovem, Fio Jasmim se encanta com a visão dos delicados pés negros que o faz lembrar do conto da Cinderela, com o detalhe que tinha agora, diante de si, “uma cinderela negra”. Finalmente, pensou, seria ele o príncipe que iria beijá-los, e nesse gesto reparar a antiga mágoa de quando a professora o impediu de ser o príncipe da história, substituindo-o por um menino branco.

Seria então o Príncipe Negro da noite e encontraria tantas mulheres, tantas Cinderelas, quanto o seu colega branco, com certeza, estava encontrando na vida. Eles eram homens. E, como o homem branco, ele conquistava todas as mulheres que surgissem na sua frente. Eram iguais, ele e o homem branco, assim pensava Fio Jasmim... (2018, p. 36).

Os homens – negros ou brancos –, o texto afirma, são iguais no sentimento de superioridade diante da mulher. Mas enquanto Fio Jasmim assume o velho discurso do macho viril, as mulheres com quem se relaciona serão de outra estirpe. Neide Paranhos logo afirma não querer se casar, nem sair da sua cidade. E um dia pediu “em sã consciência que Fio Jasmim fizesse um filho nela” (2018, p. 44) Era ele o conquistador; mas é ela que se oferece e faz o inusitado pedido, pois “De

um homem, só queria um filho” (2018, p. 49). Quando chega a hora do trem seguir seu rumo, Fio vai junto, ainda que, “na galeria de imagens de mulheres que povoava a sua mente, de vez em raro, uma princesa de pés livres caminhava em direção a um vagão de um trem” (2018, p. 49).

A segunda história é a de Angelina Devaneia da Cruz: enfermeira, 33 anos incompletos, a mais velha de sete irmãs, que desde jovem desejava um dia se casar. O enxoval, os padrinhos, a festa, tudo já estava cuidadosamente planejado. E na cidade, “havia em todas as pessoas a certeza de que o noivo de Angelina chegaria um dia” (2018, p. 55). Quando Fio Jasmim chega a Alma das Flores, observa os moleques malhando o Judas para comemorar a Páscoa. Estava bem próximo seu casamento com Pérola, e ele só pensava que devia aproveitar “ao máximo os seus últimos dias de solteiro”.

Um dos garotos, de nome Gabriel – o anjo da Anunciação? –, ao ver aquele desconhecido descer do trem, corre para espalhar a notícia que o “noivo” de Angelina havia chegado. O desenrolar é previsível: todos na cidade acreditam, ela se entrega, e ele, “ávido de brincadeiras”, aceita o jogo. Se acaso pensasse no sofrimento que causaria quando fosse embora, “era só desviar o pensamento para as ardências do corpo” (p. 61).

E enquanto Fio Jasmim e seus dois companheiros de aventuras nas trilhas da vida, seguiam gargalhando da idiotice da moça e dos habitantes de Almas das Flores, dores aconteciam (p. 61).

Ao se descobrir traída, Angelina se mata. E temos nesse gesto o livre arbítrio da mulher: se o homem que tanto aguardava a enganou – ou melhor, traiu, como Judas –, se não havia mais espaço para o sonho em sua vida, ela decide não mais viver.

De outra natureza será Pérola, a escolhida para esposa de Fio Jasmim. Como tal, vai cumprir seu “destino de mulher”: se o companheiro tem aventuras amorosas fora do casamento, cabe a ela se resignar e sofrer calada. Será a mulher ser-

viçal, sempre disposta a atendê-lo em suas necessidades, submetida a uma relação em que apenas ele tem o poder do gozo. Na sociedade patriarcal, em que o homem tem uma função, um papel e um poder que a mulher não tem, pouco resta a ela a não ser parir, e fazer de seus filhos a razão de sua existência.

Nas palavras de Heleieth Saffioti,

a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida de homem macho. Mulher frágil é a contraparte de macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do macho superior

(1987, p. 29, grifo do autor).

O estereótipo funciona como uma máscara. Os homens devem vestir a máscara do macho, da mesma forma que as mulheres devem vestir a máscara das submissas. O uso das máscaras significa a repressão de todos os desejos que caminham em outra direção

(1987, p. 40).

E se Pérola reclama ao saber das traições, ele apenas a abraça dizendo “ser ela a pérola”, e as outras “pedras brutas sem qualquer brilho”. Fio, mesmo casado, continua a buscar outras mulheres em sua necessidade de desejar e ser desejado, como se a posse do feminino fosse imprescindível para alimentar seu narcisismo.

Talvez, para Jasmim, quem sabe, as lembranças desses encontros estivessem conservadas em algum vão de sua memória, mas como partículas tão pequenas, como imagens tão diluídas, que ele poderia afirmar a inexistência delas. Mas, para as mulheres, o contrário se dava. Nós, às vezes,

nos embreamos de tal forma nas recordações do passado, que o já acontecido se levanta das vias da memória e se corporifica no presente
(2018, p. 25-26).

Com sutileza, a narradora observa o quão diferentes eram os sentimentos e as reações entre o homem e a mulher. E mais uma vez se inclui entre as mulheres que descreve, colocando-se em seu lugar e se identificando com elas.

Quando Tina entra na vida de Fio Jasmim, ela tem 17 anos, e ele já ia completar 33 – a “idade do sofrimento”, segundo a narradora. E não deixa de ser significativa a descrição do primeiro encontro casual, mas definitivo para os dois. Ela confessa depois a uma amiga que sentiu como se tivesse sido “esbofeteada”, tal o impacto que a visão daquele homem provocou. Já, ele, sentiu como se ela “quisesse se acomodar bem no alto da cabeça dele”.

Instintivamente, quis levantar as mãos para se proteger, mas não teve coragem de retirá-las do bolso. Desesperou-se quase. Veio em sua lembrança uma repetida frase, quando ele, criança ainda, brincando ou mesmo brigando aos murros com outros meninos, ouvia a voz da mãe dizer: – Cuidado com a moleira de Jasmim! Cuidado, ele tem a moleira aberta!
(2018, p. 78).

Em outro encontro ele oferece uma margarida a ela – representação simbólica da pureza de corpo e de espírito, da infância e juventude, do amor, da virgindade, e ainda da paz, bondade e afeto. Suas pétalas inclusive teriam o poder de responder – bem-me-quer ou malmequer – se os amantes alimentavam os mesmos sentimentos. E mais, presentear com margaridas podia ainda significar a promessa de um amor fiel e verdadeiro. Sendo certa ou não a simbologia das margaridas, Fio Jasmim viverá com Tina uma nova e inédita experiência. Diferente das demais, em que os encontros eram

eram passageiros, ela se tornará a amante que lhe proporcionará desejo e prazer por muitos e muitos anos. “Tina tinha um corpo virgem de toques, mas que se eriçava todo ávido sob o olhar dele” (2018, p. 80).

Não foram poucos os avisos que a jovem recebeu para não embarcar naquela aventura. As mulheres mais experientes falaram dos riscos de se entregar a um homem casado e sedutor. De sua mãe, sempre escutara que homem era

o bicho mais perigoso, principalmente se fosse muito bonito. E completava a fala dizendo que eles não passavam de meninos grandes, que viviam agarrados às saias das mulheres em busca de proteção ou de brinquedo. Brinquedo esse em que, se a mulher não se cuidasse, não desconfiasse ela mesma, o corpo delas poderia se transformar em joguinho nas mãos deles (2018, p. 68).

E, ao longo da narrativa, alguns homens serão denunciados como tendo sido reprodutores inconsequentes, que depois ignoravam os filhos e as mulheres com quem se deitaram. Tina, por exemplo, costumava dizer que para ela “Pai era uma imagem vazia”, pois havia sido criada apenas pela mãe e a avó.

Em sua ingenuidade, ela acreditou que o comportamento de Fio Jasmim para com ela era uma distinção pelo fato de ser virgem. “Jamais percebeu que tudo era um jogo que ele escolhera jogar” (2018, p. 81-82), aliás, como sua mãe havia bem prevenido. Daí ter oferecido seu amor e sua vida durante tantos anos. Porque, com ela, Fio Jasmim nunca completava o ato: apenas usava seu corpo como mero brinquedo para sua excitação.

O cuidado dele com a virgindade dela era um experimento delicioso para ele. Não penetrar Tina fazia parte do jogo sexual dele, pois ao chegar em casa, quase sempre, Pérola Maria lá estava para acolher seu membro no desejo de fazer mais

um filho. [...] Com ela, ele cumpria os rituais de iniciação. Com Pérola Maria, ele chegava ao gozo final do jogo
(2018, p. 90).

Enquanto vivia aquela paixão, Tina escreveu cartas e mais cartas declarando seu amor, que muitas vezes ele, enfastiado, nem lia, e esquecia nos bolsos que Pérola se encarregava de esvaziar. E os anos se passaram. Além dela e da esposa, outras mulheres surgiram e saíram da vida de Jasmim, na velocidade do trem que ele conduzia.

Um dia – sempre chega esse dia – Juventina, já aposentada, decide se mudar de cidade, viajar, e romper a relação que já durava 35 anos. Queria conhecer e entender os modos como as mulheres amavam, ouvir suas histórias para “fundir as vivências de umas às de outras e, depois, compor uma grande ária, juntando as histórias de amor de outra, de outra e outra...” (2018, p. 114). O resultado dessa experiência será a “Canção para ninar menino grande”, que depois oferecerá a ele. Uma canção composta “mais de vocalização e murmúrios do que de palavras”, arrisco dizer, parece ter sido feita de sons emitidos pelo par durante a realização de um ato amoroso e, como tal, a sonoridade teria o poder de acalmar e fazer dormir o homem-criança.

Com o abandono de Juventina tem início a transformação de Fio Jasmim, que começa a tomar consciência de si, a se dar conta do envelhecimento e de seu comportamento com as mulheres ao longo da vida. O mundo machista, que tantos privilégios dá aos homens, também os abandona em uma “profunda miséria espiritual”, nas palavras de Márcia Tiburi (2018, p. 12).

Depois de tantos anos, Fio Jasmim havia descoberto que Tina era uma mulher que se fez livre. Tão livre que tinha ido. Mais livre do que ele, homem viajero até por profissão, que, porém, tinha ficado para trás
(2018, p. 117).

É quando ele conhece Eleonora Distinta de Sá, numa noite em que, solitário, busca conforto num bar. Só que, diferente de todas que havia conhecido, Eleonora não vai se interessar por ele como homem, até porque também amava mulheres. E se estava ali, era porque havia perdido o encontro com “a mulher da sua vida”, e tentava se consolar na bebida.

Através da angústia e da solidão que os dominavam eles se reconhecem um no outro, e se tornam amigos. Ela o acolhe, ouve suas histórias, fala também da incompreensão que enfrenta por ser “diferente” e gostar de mulheres. Com Eleonora, Jasmim vai romper a redoma em que vivia, compreender as próprias dores e perceber o que os outros também sofriam. A preocupação de Eleonora com a amiga que havia perdido, se ela estaria feliz, leva Fio a pensar – pela primeira vez – nas mulheres que simplesmente usou e abandonou. Teriam sido elas em algum momento felizes com ele? E seus filhos? E Pérola? E Tina?

Felicidade não era para pensar e sim para viver. Sim, ele era feliz. E por que não ser? No entanto, um sentimento lhe acometia sempre, no final de cada gozo, quando ele pensava que o êxtase final seria eterno; mas, tudo acabava como sempre. Sua virilidade murcha, satisfeita, lassa e o vazio lá dentro. Um vazio tão lá dentro a lhe pedir para tentar sempre mais e mais mulheres. Sempre e mais gozo

(2018, p. 109).

Com Eleonora compreende que, para preencher o vazio que trazia de nascença no peito era preciso ter mais: “Eram precisos encontros” – de alma, eu completo, não só de corpos. E Fio se dá conta das benesses do patriarcado, a razão de ser da luta das mulheres. Ao enfrentar uma crise de identidade, o rei-homem finalmente se vê nu; precisa refletir para recuperar a capacidade de ver e de se sentir em relação ao próximo. Enfim, aprender a associar ação com emoção. Até porque, a sociedade patriarcal submete não só as mulheres, mas também os homens.

Ao vivenciar o envelhecimento, e tomar consciência do que havia feito até então, Fio Jasmim deixa de ser o menino grande e finalmente se torna homem. Compreende que até então apenas brincou com a vida, com as mulheres, com seus sentimentos, e nunca se levou, nem as levou a sério. Nesse momento, Fio Jasmim não reproduz o lamento de seu pai quando perde a virilidade; mas parece lamentar o mal uso que fez dela. A humanização do personagem é tal que sentimos pena daquele homem garboso e agora tão infeliz.

Ao final, a narradora volta a se identificar com a autora da história de Fio Jasmim, ao mencionar a sua condição de viúva com uma filha, e ainda sugerir que pode estar vivendo uma nova paixão.

Cultivo na memória e ao lado de meu corpo, bem
próximo a mim, a extensão de um amor que me
foi oferecido até quando a vida me permitiu. O
meu amado, perdi para a morte. Dele, guardei
a minha filha, a nossa

(2018, p. 121).

Uma paixão também ameaça em meu peito

(2018, p. 123).

E a narradora-autora assume de vez a primeira pessoa do singular – “busquei escrever a história que Tina me contou. Não só a história dela, mas das várias mulheres que direta ou indiretamente tiveram os caminhos cruzados com os de Tina” (2018, p. 124), e reafirma seu projeto narrativo de assumidamente misturar a ficção e a realidade. “Por isso, acreditei e escrevi. *Só escrevo o que creio, vem daí a minha invenção, pois a canção é minha também*”.

A página final reserva uma especial surpresa para o leitor: a assinatura de quem registrou a história de Fio Jasmim e também a data do término da escrita: “*Conceição Evaristo; 10/2018*” (2018, p. 125).

Canção para ninar menino grande revela-se, pois, um livro de muitas surpresas e desafios. Além de criar uma nar-

radadora que abala a “verdade” da ficção, como foi dito, e de tornar a própria autora testemunha dos fatos, cria um personagem viril para solapar a fantasia do macho e do machismo, não vitimiza as mulheres, e acena para uma luz no fim do túnel ao sugerir que homens e mulheres podem se constituir enquanto sujeitos inteiros, livres, capazes de amar e criar.

Enquanto isso não ocorre, as confrarias femininas, presentes em tantas narrativas evaristianas, sugerem a necessidade de as mulheres se associarem e se solidarizarem para sobreviver à sociedade de modelo masculino, com tão profundas raízes na história da humanidade. As meninas de Shirley Paixão, em conto de *Insubmissas*, também selaram uma irmandade entre elas. Naquele momento a narradora já falava em “feminina aliança”, por entender que só unidas elas “venceriam o animal”. E Mary Benedita, em conto de mesmo nome, também de *Insubmissas*, chama todo o tempo a narradora de *my sister*. Em *Canção para ninar menino grande* ocorre semelhante. Em dado momento, a narradora afirma: “Todas nós estamos sós, mas a nossa confraria não deixa nos sentirmos sozinhas. Somos e estamos umas com as outras” (p. 122). Ou, como querem os mantras contemporâneos: *ninguém solta a mão de ninguém; me too; mexeu com uma, mexeu com todas; nenhuma a menos!*

A sororidade feminista se impõe, portanto, como fundamento para a resistência e o fortalecimento das mulheres, alicerçada no apoio mútuo e consciente de lutar contra toda forma de injustiça patriarcal. Segundo bell hooks, “O pensamento feminista nos ajudou a desaprender do auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle patriarcal sobre nossa consciência” (2019, p. 35).

Enfim, a obra de Conceição Evaristo está contribuindo decisivamente para o fortalecimento da literatura feminista negra, ao dar o protagonismo às mulheres negras, e refletir sobre suas necessidades e reivindicações. Historicamente, o movimento feminista privilegiou as pautas de mulheres brancas, heterossexuais, da classe média e alta, e universalizou a categoria mulher como se todas sofressem o mesmo tipo de opressão, o que não é verdade. A única certeza é que toda mulher, independente da etnia, sexualidade e classe social,

sofre com o machismo, a misoginia e o falocentrismo – os pilares do patriarcado. E são muitas as personagens de Evaristo que representam este Feminismo em sua vertente contemporânea, que considera não só a condição de gênero, como também a etnia, a classe social e a orientação sexual.

Concluo citando Conceição Evaristo que, em entrevista feita por Djamila Ribeiro para a revista *Carta Capital*, em 13 de maio de 2017, em dado momento afirma:

Aquela imagem de escrava Anastácia (aponta pra ela), eu tenho dito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara, e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara.

Após tantos livros publicados, prêmios, homenagens e o reconhecimento público, podemos afirmar que a escritora rompeu definitivamente os orifícios das máscaras que tentaram impedi-la de falar, desestabilizando a crítica, a academia e até a Literatura Brasileira, que não têm mais como ignorá-la.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BOURDIEU, PIERRE. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- DUARTE, Constância Lima. Gênero e violência na literatura afro-brasileira. In: TONQUIST, Carmen S.; COELHO, Clair C.; LAGO, Mara C. de S.; LISBOA, Teresa K. (Org.). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Mulheres, 2009. v. 1.
- DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário Alves. (Org.). *Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2016 (2. ed. 2018).
- EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Apresentação Tom Farias. São Paulo: UniPalmares, 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

- FARIAS, Tom. Apresentação. In: EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. São Paulo: UniPalmares, 2018.
- GABEIRA, Fernando. Machismo. In: COSTA, Moacir et al. *Macho, masculino, homem*. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- HOOBS, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. Bhuvli Libânio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- REVISTA *Carta Capital*, 13 de maio de 2017.
- RIBEIRO, Djamilia. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SAFFIOTI, Heleieth L. B. *O poder do macho*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica).
- TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum, para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- VERUCCI, Florisa. Machismo e os direitos da mulher. In: COSTA, Moacir et al. *Macho, masculino, homem*. Porto Alegre: L&PM, 1986.



***Sabela* e um ensaio afrofilosófico escreviente e ubuntuísta**

Denise Carrascosa



O azeite por onde passa amolece tudo
(Òwe, Mãe Stella de Oxóssi)

Sabela, nas altas esferas montanhosas etruscas da história imperial, é nome masculinizado: derivado patriarcal das sabedorias que estabelecem linhagens doutrinárias seculares; derivado latino do falseamento do feminino existente nos subterrâneos aquosos, nas brânquias em leque que nos permitem a colheita de alimentos e a respiração aquática. Originária Yorùbá das *Sábás* – as nossas Sabelas portam pulseiras e braceletes. Na obra de Conceição Evaristo, *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (EVARISTO, 2016), performam os verbos-ação de incubar e chocar os ovos do mundo. “Sà, v. 1. Catar, pegar um por um. Ó sà wón nílè – Ele os pegou no chão. 2. Escolher, selecionar. Ó sà erèé ní àwo – Ele catou feijão no prato. V. sà. > àsàyàn – escolha, eleição” (BENISTE, 2014, p. 709).

O espaço do chamado “personagem” – categoria teórico-crítica da literatura de berço ocidental-europeu – não a comporta. Òsùn, Ndanda Lunda, Nossa Senhora da Conceição, nos provêm a força da disseminação do cuidado de cada um(a) de nós. Rogam por nós e nos livram do “mal” – da subjetividade negra de matriz colonial racista-sexista-animalizadora que pre-vê, no epicentro da razão “humana”, para nós, a morte-encarceramento-apagamento epistemicida pelo estado eugenista brasileiro – de berço necropolítico (MBEMBE, 2018).

Todo movimento do dilúvio nos era dado a conhecer por meio da enxurrada que corria debaixo da cama de Sabela. Mamãe trazia o corpo encharcado até os ossos. Durante todo o tempo, ela executava com as mãos movimentos dentro da enxurrada, resgatando centenas de corpos, salvando mais da metade da população da cidade (EVARISTO, 2016, p. 84).

Por mais sedutora que possa parecer a analogia simplificada entre um nome e seu processo de personificação, a

narrativa se esparge para além do limite pálido do indivíduo-personagem a ser re-apresentado. Ousamos dizer que não temos uma história centrada em personas, mas, além, movida por sua própria força de narração, a criar imaginários férteis em seus deslimites humanos.

"Scarcity of water leads to the loss of gourds", diz um dos versos de Òwonrin Méji, na literatura milenar de Ifá (OLÚWOLÉ, 2017, p. 105). Isto é: "A falta de água nos leva à perda das cabaças". Em diversos Ìtàn de cosmogênese do Àiyé, na filosofia de Òrúnmilà, a força das águas como matriz feminina do perfazimento do mundo, ao tempo em que é ignorada pelos protagonistas do poder-masculino, cria rebeliões, re-voltas, desertificações e infertilidades. Não há o que possa ser ou vir a ser sem Água. Mas, volta e meia, os homens se esquecem.

A partir do nascimento de Mamãe, Vovó Sabela, uma mulher comum, passou a ser reverenciada por todos no lugar. Ela havia livrado a cidade de morrer à míngua de pessoas, pois, antes, mulher alguma paria mais. Os homens cabisbaixos perguntavam uns aos outros se o sumo que eles expeliam havia perdido a potência da vida. Eles se sentiam humilhados, enquanto que as mulheres experimentavam um misto de tristeza e culpa pelo mundo estar acabando a partir delas. Entretanto, com o nascimento de Sabela, tudo havia mudado. O único hospital do lugar não suportava mais tantas parturientes. Foi por tanta criança vindo ao mundo que as mulheres mais velhas, aquelas que não desejavam mais filhos, aprenderam um novo ofício. Com a destreza de quem faz o que viveu antes, ajudavam as mais novas, marinheiras de primeira viagem, a abrirem as pernas nas margens do rio. Ali as novas mães deixavam seus rebentos escorregarem encantados e assustados para o mundo. Tudo era feito nas margens do rio e o neném era banhado, pela pri-

meira vez, nas correntezas milagrosas, fecundas
pelas águas e pelo sangue de Vovó Sabela
(EVARISTO, 2016, p. 84).

O corpo da mulher negra em Diáspora, da mulher-Sabela, sem origem unívoca ou historicamente rastreável, de ancestralidade-fluviosa, poreja águas infinitas, as comporta, as extravasa, as canta, as dança, as pre-sente e faz criar à humanidade seus afetos básicos – seguranças, medos, curiosidades, desesperos, alegrias, saudades, generosidades, ganâncias, solidões, esperanças, irmandades. Esse corpo, negro-feminino, guarda a própria cabaça da criação e seus mistérios: “Via pedaços de medo em sua face, mas que logo desapareciam e o rosto dela ganhava o ar tranquilo, de quem tem plena convivência com os profundos segredos da vida e da morte” (EVARISTO, 2016, p. 62).

Há um elo indecível entre a humanidade e a deidade de Sabela. Seus gestos se alargam para além das fronteiras territoriais de identidade nacional, hidrografando férteis bacias ainda ignoradas pelos imaginários colonizados. Suas matrilinearidades são lençóis freáticos em rizomas fluviais e marítimos, molhando, esgarçando e rompendo limites histórico-geográficos e seus mapas escolares. As delegacias, prefeituras, igrejas e bancos desabam por ignorar os seus espaços de existência – apenas conhecidos e guardados pelos anciões – os “homens-mães”, que, “emaranhando os fios de suas barbas nas barbas do outro, teceram juntos um grande casulo em forma de um útero e ali guardaram a menina para que ela acabasse de crescer” (EVARISTO, 2016, p. 63).

“Entre o corpo de mãe, sua cama, sua casa, as memórias de quem narra, as histórias das que vieram antes e depois provieram, os percursos de vida são caminhos sempre ligados à cabaça ancestral e sua potência de ontogênese – um elo indelével entre o perder-se e o estar segura de si e das íntimas águas da existência. Pois assim as crianças, os mais velhos, os insanos,

as prostitutas, os ciganos, os Povos Palavís, o menino-Rouxinol, a mulher-Cobra-Serena, o carranca-Sorriso, a grande Mãe das 7 gêmeas mudas, o velho do Pé de Mulungu, a mulher que veio da Lama, podem narrar o depois que “a chuva irrompeu sobre nós como uma traiçoeira declaração de guerra”

(EVARISTO, 2016, p. 73).

A pluritemporalidade de Sabela destrona a dicotomia rítmica do par mínimo tempo do narrado-tempo da narrativa das teorias ocidentais binárias. O ritmo da história é suingado entre os múltiplos planos interconectados de gestação das existências, girando entre o ainda-não estar em estado de tangibilidade do mundo e seus silêncios; os saberes do corpo-testemunho que sente e seus fluidos; os saberes da consciência que lembra e suas línguas; os saberes da ancestralidade e seus re-tornos. Para nossa sábia ancestral Makota Valdina, em entrevista ao filósofo Tiganá Santana, esses Tempos Bantu podem ser assim pensados:

Musoni, que a gente atribui à meia-noite, mas é a silenciosa hora em que tudo nasce, a concepção de tudo, a origem de tudo. Depois, o *Kala*, que é quando algo surge para nós, quando a gente se apercebe disso. É como o sol nascendo. O *Tukula*, que é o meio-dia, mas é também quando você já se criou, já se educou, já se desenvolveu e está pronto para ser no mundo, para agir no mundo, para ser liderança no mundo. Liderança que *Nzambi* lhe deu e que você, também, escolheu para seguir. E *Luvemba* que é quando se completa um ciclo para se iniciar outro; o caminho de todo mundo

(PINTO, 2019, p. 229, grifo do autor).

Esses Tempos se espiralizam na criação das performances narrativas que migram entre as vozes de Sabela-Filha,

herdeira vivente do dilúvio, aquelas vozes-memórias de seus contemporâneos e as *escrevivências* de escuta sensível e cuidadosa colheita da narradora-autora dos escritos que chegam a nós – no tempo presentificado na leitura. Sobre a espiralização temporal de uma performance africana Bantu, a crítica literária e teatral Leda Maria Martins nos ensina que acontece a abolição do tempo em sua concepção linear e consecutiva:

Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. Para Fu-Kiao Bunseki (1994:33), nas sociedades nicongo, vivenciar o tempo significa habitar uma temporalidade curvilínea, concebida como um rolo de pergaminho que vela e revela, enrola e desenrola, simultaneamente, as instâncias temporais que constituem o sujeito. O aforisma Kikongo “Ma’kwenda! Ma’kwisa! O que se passa agora retornará depois traduz com sabor a ideia de que o que flui no movimento cíclico permanecerá no movimento”. Essa mesma ideia grafa-se em uma das mais importantes inscrições africanas, transcriada de vários modos nas religiões afro-brasileiras, os cosmogramas, signos do cosmos e da continuidade da existência. Nessa sincronia, o passado pode ser definido como o lugar de um saber e de uma experiência acumulativos, que habitam o presente e o futuro, sendo também por eles habitado (MARTINS, 2002, p. 85).

Essa forma afroancestral de gestar memória, assim espacializada em suas hidro-grafias e temporalizada em suas espirais, demove pessoas de suas individualidades sociais demarcadas pelo euro-ocidente e suas lucrativas hierarquias capitalistas, potencializando a existência de uma comunidade narradora de um mundo cujas trocas sem excesso constituem um devir de constante re-invenção. O gesto da narração trata-se de um revezamento temporal-espacial que, no aquoso

das afetações sensoriais do corpo negro-feminino, faz as subjetividades migrarem entre os tempos de cada vida singular e da vida em comum.

Sabela é comunidade ancestral afro-ligada pelas águas de um manancial inesgotável de memória – cabeceira da *Escrevivência*, de onde deságuam orikis, òwes, ìtàn, seus silêncios e seus mistérios. Os fluidos da linguagem, que habitam e se movem entre as frestas da língua colonial e suas violentas tiranias sintáticas, entram pelos ouvidos e têm o poder de enfeitiçar os olhos e as narinas: “A sempre visão de um redemoinho. E dentro dele uma flor maior girava circunlada por sete minúsculas florinhas, miudinhas, quase nada, pontinhos cheirosos a perfumar uma parte do aguaceiro” (EVARISTO, 2016, p. 91).

Os corpos desterritorializados em suas raízes se reorganizam e se conjugam em novas comunidades que florescem no redemoinho do dilúvio – o olho d’água das trocas dos diversos contares da experiência vivida – força matriz de uma intersubjetivação que produz uma experiência ética ubuntuísta. Para o pensar do sage moçambicano José Castiano sobre a filosofia Ubu-Ntu, o valor da “justeza” constitui um dos parâmetros éticos da existência comunitária que afasta a má morte:

[...] há um certo tipo de morte que é a mais triste de todas: aquela que fazemos voluntariamente, em vida, pela omissão de escolhas e de ações; aquela que é provocada pela falta de engajamento por algo que transcende as nossas vidas particulares e que, como resultado, melhorariam a nossa atitude ética: a morte social do intelectual. É preciso recusar morrer, recusar sucumbir perante um *cronos* capitalista neoliberal. Este parece tudo devorar (CASTIANO, 2015, p. 189, grifo do autor).

Tomada a “justeza” como parâmetro axiológico da ação ubuntuísta, Castiano (2015, p. 182) defende que se deve sempre

pensar a própria trajetória como um enredamento com outras trajetórias comunitárias: “o que fazemos com a temporalidade, com o fragmento que é o nosso pedaço na vida que nos separa do nascimento até a morte?”. Essa demanda de uma autoconsciência justa sobre nossos enredamentos intersubjetivos repousa nos planos trançados entre tempo e espaço que delineiam a existência comunitária. Essas tranças que moldam as nossas vidas em comunidade são feitas de fios narrativos. Esses trançamentos que nos narram criam elos justos entre vida e morte, criando uma possibilidade espiral de gestação de vida comunitária através da afromemória narrada.

Parece-nos que bem próximas estamos da concepção de uma tecnologia política ancestral que o filósofo Wanderson Flor do Nascimento localiza no conceito de “IkuPolítica” – uma sabedoria ritual para dançar com Iku:

Orixá, isto é, uma divindade. Aquela divindade encarregada de desvencilhar o corpo das pessoas que habitam uma comunidade do restante daquilo que as faz ser pessoas, para que elas possam seguir na comunidade como ancestrais [...] Assim, Iku, a morte, não é entendida como um processo que rompe nossa pertença à comunidade. Ela a transforma. Passamos da condição de vivos à condição de ancestrais mortos-viventes que pertencem à comunidade, vivendo na memória das pessoas e também no espaço comunitário, no qual, como ancestrais, nos comunicamos, nos alimentamos, agimos (NASCIMENTO, 2020, p. 31).

Assentadas nessa concepção afrocêntrica, o saber lidar com Iku atua na contracorrente da Necropolítica dos projetos (trans)nacionais violentos baseados nas

relações entre o capitalismo, o racismo, a xenofobia e o patriarcado instaurados em torno da figura do inimigo, esse símbolo privilegiado nas

relações sociais em tempos nos quais a sociabilidade é hegemonicamente beligerante e o ódio é o afeto que marca parte importante de nossos contatos com o mundo público (NASCIMENTO, 2020, p. 31).

A dança que se faz neste texto que agora escrevemos performa um desses quase imperceptíveis gestos de uma “IkuPolítica” contra a “NecroPolítica”: aceitando a Boa Morte e suas transmutações espirais, luta contra a Má Morte que o Estado impõe contra o corpo-comunidade das mulheres negras – suas filhas e filhos; faz do corpo de Sabela um espaço negro-feminino de ensaio afrofilosófico aprendiz ainda de uma escrevivência ubuntuísta de Mãe.

Para mim, tradutora literária e dançarina, dançar para afastar a morte, em meu corpo de mulher negra, organicamente alinhava as tarefas de crítica literária e tradução. Como escrevo em um prefácio-manifesto do livro *Traduzindo no Atlântico Negro*:

A partir de um modo de existência complexo, experimentamos nossas tarefas tradutórias, partindo do entendimento teórico segundo o qual a tradução pode ser compreendida como agência de subjetividades que, por força de sua intimidade com a dor e a potência subversiva que os regimes pós-coloniais e pós-escravistas engendram, movimentam um repertório de traços afrodiaspóricos e se deixam afetar, amorosamente, pelas vozes e textualidades de escritorxs do Atlântico Negro. Seu exercício tradutório não configura apenas um trabalho instrumental comunicativo de ampliar a acessibilidade e o diálogo entre escrita e leitura nesse outro espaço-tempo imaginado; mas, suplementarmente, produz uma performatividade na linguagem capaz de deslocar, descentrar e rearticular possibilidades de sentidos reversores das forças etnogenocidas da negritude. Seu trabalho tradutório configura-

—se como exercício de uma performance de si, a partir da qual emergem subjetividades transformadas e transformadoras, ciosas de uma construção trans-identitária ética em sua relação a si e sua abertura amorosa para a alteridade (CARRASCOSA, 2017, p. 28).

Ler-traduzir Sabela materializa esse gesto performativo—amoroso de compreensão e perlaboração de nossas subjetividades. Ao longo de toda a obra literária já escrita de Conceição Evaristo, bem como de suas falas públicas, as águas de sua *Escrevivência* vêm azeitando nossas afromemórias com seus itãs, suas hidro-grafias e suas espirais. Ao recolher calmamente o que está no fundo de nossas almas de profundas e lamacentas camadas, escreve as nossas reais e potenciais vivências — em muitos tempos e em espaços de amplitudes não confináveis ao projeto necropolítico de nação a que (em um certo tempo-espaço-linguagem) estamos sujeitas. *Escrevivência* é representação realista do que é e está? De um presente consecutivo e linearizado em um centro qualquer (não) arbitrariamente chamado “modernidade”? Este é só mais um falso-problema que se desloca no próprio fechamento da novela:

A história que Sabela nos contou e que eu reconto, a partir da palavra—vivência dela, é um relato constituído de nossos corpos, tantos os que foram salvos, como os que perdidos na água ficaram. Em nossos corpos, memória e água. Sei que dizer algum dá conta do acontecimento. Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas. Na sabedoria de um povo está dito que “o sopro que sai da boca do homem, a palavra, é a energia, é a potência que move o Universo”. No livro de outro povo está escrito: “O Princípio era o verbo”. Nas duas afirmativas é a palavra o princípio. E o princípio que me foi dado conhecer foi a palavra—corpo de Mãe. Das

entranhas—mater a origem de minha fala e a compreensão primeira que tirei das águas (EVARISTO, 2016, p. 104).

Entre diferentes matrizes civilizatórias de produção de existências humanas, suas inter-relações mortíferas e/ou prolíficas nos (des)caminhos da colonização, a *Escrevivência* de Conceição Evaristo é cabaça-cabeceira – um vir a ser incessante do corpo negro-feminino em seus múltiplos gestos, olhares, escutas, pre-sentimentos, espreitas, (re)atividades, cantos, danças, falas profícuas, mistérios de criação de mundos, de existências possíveis, colheitas escritas de Seres-Vivências para afastar suas mortes e fazer proliferar, em múltiplos tempos e espaços, nossa comunidade.

Eu me lembro que ela estava não sei se era tingindo ou lavando uma coberta para uma vizinha, só me lembro que ela... pos a coberta estendida em cima de um matinho no terreiro para no outro dia ela colocar a coberta para secar, Eu acho que o papai como nos disíamos, não sabia que a coberta estava estendida no matinho, na beira do terreiro, e jogou um tição de fogo em cima da coberta, queimando—a um grande buraco, acordei com os gritos da mamãe que dizia. Nossa Senhora, a coberta queimou, saltamos da cama, Digo porque era o lugar em que agente deitava para dormir, mais não era cama, Era giraus forrados com capim, Quando chegamos ao terreiro a mamãe estava com a coberta na mão e chorando. Ela disse, como vou pagar essa coberta, na coberta estava um enorme buraco, nós ficamos sem saber o que íamos fazer, Eu era pequena e não fiquei sabendo o que ela fez

(Joana Josefina Evaristo, Mãe de Conceição Evaristo. In: Caderno de Dona Joana, 2017).

ROTAS, BÚSSOLAS, SEXTANTES, FARÓIS

- BENISTE, José. *Dicionário Yorubá-Português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CARRASCOSA, Denise (Org.). *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afro-diaspóricas para travessias literárias*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2017.
- CASTIANO, José P. A morte e o reviver do ubuntuísmo. In: CASTIANO, José. P. *Filosofia africana: da sagacidade à intersubjectivação*. Maputo: Educar, 2015.
- EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- EVARISTO, Joana Josefina. Caderno de Dona Joana. In: *Ocupação Conceição Evaristo*. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.
- MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performance, exílio, fronteira: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 3. ed. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- NASCIMENTO, Wanderson Flor. Da necropolítica à ikupolítica. *Revista Cult*, São Paulo, n. 254, p. 29-31, fev. 2020.
- OLÚWOLÉ, Sophie Bósèdé. *Socrates and Òrunmilà: two patron saints of classical philosophy*. 3. ed. Lagos: Ark Publishers, 2017.
- OXÓSSI, Mãe Stella de. *Òwe: provérbios*. Salvador: África, 2007.
- PINTO, Valdina de Oliveira. Entrevista. In: SANTOS, Tiganá Santana Neves. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.



Escrevivência como rota de escrita acadêmica

Fernanda Felisberto



A academia não é o paraíso.
 Mas o aprendizado é um lugar onde o paraíso
 pode ser criado.
 bell hooks

MULHERES NEGRAS E ATIVISMO ACADÊMICO

Não é fácil se libertar das amarras das estruturas acadêmicas internalizadas que apontam sistematicamente para “regras” que, no momento de produção de um texto, se traduzem muitas vezes em uma preocupação maior para acertar na forma, ponto recorrente de desqualificação, o que me conduz, com frequência, a titubear, e em alguns momentos engessam a minha capacidade criativa. Já fui traída algumas vezes pela minha escrita! Em diversas ocasiões não encontro o léxico ideal, em outros a estrutura que materialize o meu sentimento, o que torna o exercício da reescrita uma etapa constante em distintos artigos que produzo. Por isso, recorro aqui à angústia da escritora americana de origem mexicana Gloria Anzaldúa em seus momentos de criação:

Não é fácil escrever esta carta. Começou como um poema, um longo poema. Tentei transformá-la em um ensaio, mas o resultado ficou áspero, frio. Ainda não desaprendi as tolices esotéricas e pseudointelectualizadas que a lavagem cerebral da escola forçou em minha escrita
 (ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Pensando em algumas das muitas “tolices pseudointelectualizadas”, como bem nomeou a chicana Anzaldúa, que ainda seguem enquadrando a minha escrita, penso nas alternativas possíveis que permitam uma fluidez do meu texto, e de que maneira posso ser uma mediadora, também, das angústias dos estudantes diante da folha branca, e em branco, que de fato revelam etapas de elaboração de um pensamento, aqui figurado no branco como o papel, o suporte da escrita, e “em

branco” na ausência de elaboração de um ideia. Orientar um trabalho de final de curso é ocupar um lugar de travessia, como bem pontuou bell hooks, não é simplesmente partilhar informação, mas sim participar do crescimento intelectual e espiritual de nossos alunos (hooks, 2013, p. 25), construindo também uma conduta menos traumática nessa relação hierárquica, entendida ainda por alguns pares como orientador versus orientando. Diante disso, tento, com minha postura, oferecer mais possibilidades de caminhos que obstáculos.

Quando fui convidada para construir este texto e me juntar a um time de pesquisadoras e pesquisadores que usam o conceito de *escrevivência* em suas práticas diárias, alguns caminhos se delinearam para uma zona de conforto, que é pensar nos usos do mesmo no campo literário, prática contínua, há mais de uma década, materializada com a publicação da minha tese, no Programa de Literatura Comparada da UERJ, *Escrevivências na diáspora: escritoras negras, produção editorial e suas escritas afetivas, uma leitura de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Maya Angelou e Zora Neal Hurston (2011)*. Mas, neste momento, fui chamada mentalmente para olhar a minha prática cotidiana como professora de Literatura, no Departamento de Letras, na UFRRJ-IM, e também como tutora do Programa de Educação Tutorial – PET Conexões Baixada, na mesma instituição, para refletir em torno, não só da função do conceito, mas entender o alargamento do seu uso por algumas estudantes de graduação no momento de elaboração de suas monografias.

Para tanto, o diálogo com a ensaísta Conceição Evaristo foi o nosso fio condutor, sendo importante marcar esse lugar da teórica, na tentativa de entender como este operador teórico, a *escrevivência*, vem a cada dia ganhando múltiplos sentidos dentro da academia, colocando a autora em diálogo com diferentes intelectuais que têm a experiência do racismo como eixo central de suas produções, seja no campo historiográfico-literário ou sociológico, entre outros, imbricado com as diferentes formas de opressão interseccional e de dominação, para refletir a prática em torno da escrita de mulheres negras, e mulheres oriundas de camadas populares, e o impacto desse fazer em suas produções/vidas.

Optei por construir esta reflexão com elos teóricos que transcendem o território nacional, e encontrei nas intelectuais negras da diáspora africana o acolhimento necessário. Assim, agregar a face ensaísta de Conceição Evaristo ao seu perfil literário já consagrado, é fundamental, pois alinha as teorias produzidas pela autora, em torno do ato da escrita e da literatura produzida por mulheres negras brasileiras, à polifonia de vozes que hoje fazem parte da leitura obrigatória, e de formação interseccional, de pesquisadoras e pesquisadores, tais como bell hooks, Grada Kilomba, Patricia Hill Collins, além de Gayatri Spivak e Gloria Anzaldúa, mais a constelação de mulheres negras brasileiras que, de dentro das distintas universidades pelo país estão consolidando, por diferentes vias, um processo de ativismo acadêmico, o qual também gosto de pensar como uma espécie de reparação epistemológica. Nessa perspectiva, recorro aqui à Grada Kilomba:

Reparação então significa a negociação do reconhecimento. O indivíduo negocia a realidade. Neste sentido, é o ato de reparação do mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios
(KILOMBA, 2010, p. 180, grifo do autor).

Ou seja, fazendo de sua prática cotidiana de elaboração de currículos, aulas e orientações uma verdadeira ilha de edição, colocando em prática um processo de reparação que está no campo do capital intelectual.

O cenário atual é muito propício para se pensar esse repertório produzido por e para mulheres negras dentro da academia, pois já construímos fundamentos teóricos alinhados com nossas realidades territoriais, de enfrentamento ao racismo, de gênero e econômicas, que reordenam novas latitudes epistemológicas. É bem verdade que essa produção se atualiza constantemente e de forma pulverizada em diferentes Instituições de Ensino Superior – IES e organizações análogas de pesquisa, fruto

do avanço de práticas racistas e cada vez mais “autorizadas” pelo cenário político que domina a política neoliberal atual. Por isso é premente inventariar essas epistemologias produzidas por essas mulheres e seus distintos usos, e aqui compartilho da mesma inquietação de Sônia Beatriz dos Santos:

É imprescindível a produção de pesquisas que confirmem reconhecimento e visibilidade à história intelectual das mulheres na Diáspora Africana nas Américas e no Caribe, como sujeitos políticos, face às distintas dinâmicas sociais e lutas históricas que permeiam as condições de vida e status das populações afrodescendentes nestas regiões; e em particular, atravessadas pelo racismo e suas intersecções com gênero, classe, sexualidade dentro de outros sistemas de dominação (SANTOS, 2018, p. 129).

As reflexões de Sônia Beatriz são muito pertinentes, pois em pleno século XXI, ano de 2020, pensar o alargamento de uma corrente teórica, e maturar o “pensamento de mulheres negras” como campo epistemológico, e de como esse ativismo acadêmico tem feito toda a diferença na formação dos estudantes é fundamental. Pensar que há 25 anos, data da tradução brasileira do artigo “Intelectuais Negras”, da feminista afro-americana bell hooks, no qual a sua preocupação naquele momento era uma luta interna, por parte de intelectuais comprometidas com as mudanças sociais, o trabalho tivesse impacto significativo em sociedades anti-intelectuais e acostumadas com outras formas de ativismo (hooks, 1995, p. 466). Agora, um quarto de século depois, posso afirmar, sem titubear, que as mudanças estão em curso, e partindo dos ensaios e reflexões da mineira Conceição Evaristo, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, gostaria de ponderar o uso que o operador teórico escrevivência vem apresentando, e a recorrência de seus distintos usos dentro do letramento acadêmico¹ de estudantes dos cursos de Geografia, Letras e Pedagogia da UFRJ, campus Nova Iguaçu.

A ESCRIVIVÊNCIA COMO MÉTODO

Para o bem e para o mal,
a autoria no contexto minoritário
está a reboque da coletividade.

Livia Natalia

A despeito de uma miopia social e de uma blindagem em torno de um projeto uno de currículos e saberes, a cada dia um número maior de áreas das ciências humanas e sociais vem construindo novas práticas docentes, alinhadas a releituras curriculares, e a emergência de novos atores sociais tem permitido, de fato, que um projeto decolonial venha se forjando dentro da produção de saber brasileira, apesar dos privilégios que alguns grupos insistem em manter. Assim, compreendo que:

Uma das vantagens do projeto acadêmico-político da decolonialidade reside na sua capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, elucidando historicamente a colonialidade do poder, do ser e do saber e nos ajudando a pensar em estratégias para transformar a realidade (COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSGOUEL, 2018, p. 10).

Coadunando com a ideia de se rever a colonialidade do saber, entendo que faço parte de um conjunto de intelectuais que trazem o ativismo para sua prática cotidiana de transformação dentro da universidade, o que cria um pacto de transgressão e empatia com os estudantes que antecede a sala de aula, que se concretiza na interação e troca cotidiana de saberes, regido na maioria das vezes pelo que Walter Mignolo chama de opção decolonial, como o exercício de aprender a desaprender, para aprender de novo (MIGNOLO, 2008, p. 290). Além disso, é necessário sinalizar que esse movimento transcede os muros das universidades, e encontra eco, também, na educação básica, já que possuímos algumas gerações de

1. O conceito de Letramento Acadêmico aqui está sendo entendido como: "O letramento acadêmico parte do princípio de que é necessário ter o domínio em formas de produção, leitura e escrita dos determinados Gêneros Textuais Acadêmicos (doravante GTAs), sendo estas características primordiais para a formação do estudante, pois é o resultado de um processo de desenvolvimento de habilidades e percepções referentes às formas de interagir com a escrita nesse domínio social" (STEPHANI; TAUANA, 2017, p. 553).

professoras e professores, já formados sob o signo da Lei nº 10.639.03², comprometidos e empenhados em uma educação antirracista.

Nos últimos seis anos de magistério no ensino superior, tenho observado que o momento da elaboração dos trabalhos de conclusão de curso, de parte dos estudantes, é uma etapa de impasse, de insegurança, pois eleger um tema com o atravessamento racial e na sequência selecionar uma orientação que tenha um acolhimento e um acúmulo na área nem sempre é fácil, uma vez que é o momento em que o fazer acadêmico se junta com o ativismo, e em muitos casos é o momento da interdição, como bem cita o sociólogo Ari Lima:

Entretanto, quando ciente da sua subalternidade, o intelectual negro saberá dos limites da sua fala, uma vez que antes de ser agente reflexivo é “objeto científico”. Saberá que se sua consciência subalterna lhe autoriza a falar sobre a diferença negra no Brasil, por outro lado, espreita seu grau de incorporação de uma “objetividade” científica universal, de ajuste a tropos e apelos disciplinares. Ela é seu senhor, é a autoridade que o protege, como intelectual, do descontrole do sentimento de diferença e da insurgência que isto pode representar (LIMA, 2001, p. 282).

Parte desse processo de escolha e de reconhecimento, de alguma forma, encontra eco no grupo que está sob minha orientação, tendo em vista que, majoritariamente, esses estudantes são negros, e após a escolha do tema de investigação tenho percebido uma recorrência do gênero “memorial”³ por parte de algumas alunas negras, como formato de conclusão de curso tendo em vista que esse método encena uma possibilidade de escrita com mais autonomia autoral, de interferência e participação na narrativa, além de fluidez, com ritmo e sentidos sem tantos enquadramentos de formato, pois existe a premissa da aproximação do fazer

2. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.html

acadêmico com uma realidade vivida em suas práticas cotidianas, dando um sentido de aproveitamento e utilização, que, de certa maneira, tem diminuído a distância entre os diferentes saberes produzidos dentro e fora da universidade.

Nessa perspectiva, o eu enunciador em primeira pessoa traz segurança, porque valoriza a história pessoal, como bem afirma Ribeiro (2016, p. 125, grifo nosso): “O gênero memorial, portanto, apresenta-se como arena reveladora de aspectos identitários discursivamente colocados pelos professores/estudantes em formação ao falarem de si e, por conseguinte, da sua profissão e de sua *pesquisa*”.

Tentando recuperar o processo de elaboração dos trabalhos monográficos, percebo que a escolha do gênero memorial vem também acoplada para algumas estudantes da ideia de escrevivência, aqui entendida como uma possibilidade de interferência em primeira pessoa. Dessa forma, o texto não é mais “nosso” nem esconde a autoria atrás de uma terceira pessoa do singular, basta recordar quantas vezes escrevi o *presente artigo pretende* na tentativa de espremer uma neutralidade. Mas, na conjuntura atual, o texto é *meu*, e consequentemente de todos os estudantes que assumem a responsabilidade da autoria, por isso a necessidade de ampliar, nesse contexto, os seus usos.

Quando Conceição Evaristo se debruça sobre esse conceito, alguns caminhos vão se delineando:

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma du-

3. Somente como nota elucidativa, destaco dois conceitos de memorial, no texto “A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita”, de Wilton Silva, que o descreve como um “gênero acadêmico autobiográfico, por meio do qual o autor se (auto) avalia e tece reflexões críticas sobre seu percurso intelectual e profissional, em função de uma demanda institucional. O interesse de sua narrativa é clarificar experiências significativas para a sua formação e situar seus projetos atuais e futuros no processo de inserção acadêmica e ascensão profissional” (PASSEGGI, 2008, p. 120).

“Decerto que o memorial acadêmico não pode postular para si a exclusividade de um gênero; mas situa-se muito próximo de toda a narrativa memorialística e, sobretudo, da autobiografia. Por sua indefinição, ele permite a aproximação com essas formas narrativas, embora, por outro lado, marque uma certa diferença, a ser creditada às exigências contingentes de sua fatura” (WAIZBORT, 1998, p. 78).

pla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (EVARISTO, 2005, p. 6).

Até o momento não foi possível elencar todos os marcadores que as estudantes utilizam para demandar esse operador teórico, porém vejo esse uso recorrente como um condicionante de autoria segura, o que me leva, cada dia mais, a pensar a importância de ampliar o conceito de *escrevivência*, decodificando elementos de sua práxis textual, como um elemento de empoderamento frente ao texto convencional, criando, assim, uma rota alternativa, que concede fluidez à autoria discente frente às produções acadêmicas tradicionais, gerando uma autonomia e originalidade nesses trabalhos, abandonando temas “consagrados” requeentados.

Encontro interlocução do meu exercício docente na historiadora Giovana Xavier, da UFRJ, e líder do grupo de pesquisa Intelectuais Negras, e na sua pesquisa sobre a “*Escrevivência Acadêmica*”, que incorpora novas formas de conceber a voz autoral no texto, assim como integra múltiplos saberes na produção científica:

Assim, em meio a silêncio e conservadorismos, esse conjunto de textos coloca nova luz em novas formas de produção científica, localizada nos saberes de mulheres negras. Conhecimentos ligados à memória, oralidade, histórias, trajetórias familiares e demais narrativas das classes trabalhadoras, desqualificadas pela *mainstream* (XAVIER, 2019, p. 77, grifo do autor).

O compromisso de incorporar o pensamento das mulheres negras e seus desejos está na essência do pensamento de Conceição Evaristo, ao matutar o conceito de *escrevivência*, a autora é enfática ao afirmar que “a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007). Ao colocar o pensamento e a vivência desse conjunto

de vozes na cena literária e intelectual, a autora inscreve um pertencimento, uma propriedade intelectual e interseccional, negra, feminina e oriunda das classes populares.

Atualmente, esse operador teórico caminha por percursos inimagináveis, mas se faz necessário marcar, enunciar, sempre, para quem ele foi pensado e por quê.

FORJANDO OUTRAS ESCRIVIVÊNCIAS

Assim como a centelha da criação das mais velhas
se propagou anônima e oralmente até as mais novas.

Conceição Evaristo

O aumento da presença de corpos negros⁴ vivos⁵ dentro de espaços acadêmicos brasileiros, tanto na condição de docentes como de discentes, tem provocado fissuras estruturais nas relações de privilégio e compadrio, que sempre encontraram eco dentro das universidades do país. Construir novas latitudes teóricas tem sido uma reparação epistemológica e uma verdadeira revolução, e o percurso de trazer as *escrevivências* para o mesmo pódio dos outros gêneros de textos acadêmicos concede a distinção de convocar a autoria a se fazer presente em primeira pessoa, sem modalizadores, fazendo com que essas novas produções sejam textuais, mas também sensoriais, pois têm som, têm cheiro, têm paladar, têm aconchego, mas também têm dor, e expurgar a dor é fazer as pazes com o presente. Por isso, considero que a violência simbólica de passar anos na universidade, fez com que evitasse não me engessar para não confundir meus estudantes, e assim não levá-los a um engessamento de seus trabalhos. Hoje, sou uma docente que me coloco no lugar de fornecer o unguento e assim ajudar a construir rotas para a cicatrização, para diminuir a dor.

Poder ter liberdade para escrever, propor teorias como cura, como bálsamo, tem sido o caminho escrivido por Con-

4. Destaco aqui o uso de “vivo”, pois a presença negra como estatística de genocídio, objetificada, ou ainda tendo sua voz mediada, é constante nas pesquisas das universidades brasileiras. A opção por “vivo” aqui também aponta para a autonomia de autorrepresentação

5. Este texto está sendo finalizado na mesma semana que em que o adolescente negro João Pedro, de 14 anos, foi assassinado dentro de sua casa, na comunidade do Salgueiro, em São Gonçalo/RJ, com um tiro no peito, em consequência de ações das polícias civil e militar. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/25/joao-pedro-mandou-mensagem-para-mae-momentos-antes-de-ser-baleado-estou-dentro-de-casa-calma.ghtml>

ceição Evaristo e por outras intelectuais negras, que aqui coloco em diálogo com bell hooks:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosia esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005, p. 202).

Cheguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Cheguei à teoria desesperada, querendo compreender – apreender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura (hooks, 2013, p. 83).

Tenho compreensão de que o trabalho de conclusão de curso, e neste caso de graduação, pode ser um momento de dor, mas o reconhecimento, também, como um processo de cura para muitas estudantes, que conseguem nesse momento fazer as pazes com o tempo, pois para muitas a universidade é um rito de passagem. Nesse sentido, acompanhei e acompanho transição capilar, reencontro com a ancestralidade africana através das religiões de matriz africana, além de aceitação de orientações sexuais reprimidas e a pluralidade de descobertas-encontro que a universidade propicia.

Como já foi mencionado, meu compromisso é desvelar caminhos, e resolvi trazer algumas experiências muito bem acolhidas de algumas estudantes de graduação. A escolha por esse segmento está diretamente ligada à minha área de atu-

ação, e vejo nesse grupo um processo contínuo de mudança, pois já posso observar um volume maior de jovens negras em consequência das políticas de ações afirmativas na educação, além de essas estudantes proporem novos percursos teóricos.

É fundamental destacar que tenho visto muita inovação e investimento em um grupo que comumente não recebe a devida valorização, quando o assunto é a produção de conhecimento tão hierarquizado dentro da universidade brasileira. Por isso retomo a epígrafe deste tópico, de Conceição Evaristo (2005), em que a autora chama a atenção como a centelha da criação das mais velhas se propagou anônima e oralmente até as mais novas, e escolho para este diálogo as estudantes que ampliaram o uso do conceito de escrevivências.

Como destaque dessa escolha, tendo o operador teórico escrevivência, trago a monografia da aluna Victoria Villanova, do curso de Letras, Português-Espanhol, intitulada *Negras rotas culturais na diáspora Afro-Latina: um diálogo interseccional entre Elza Soares e Susana Baca*. Nesta, a autora constrói uma pesquisa baseada nos estudos comparados, tendo como ponto de intersecção a música negra na América Latina e como eixos comparativos as cantoras Elza Soares e Suzana Baca, por conseguinte os territórios Brasil e Peru. Para tanto, a aluna elaborou a ideia de *cantovivência*:

Muitos afirmam que há algo diferenciador n o canto negro, diversos críticos musicais ao longo dos anos afirmaram questões como timbre e capacidade vocal, diziam e tantos ainda dizem que dá para saber quando o canto tem como origem um corpo negro. Acredito que a análise deva ir além do corpóreo, além do que se ouve e se percebe ao ouvir um canto, elementos além do físico fazem parte desse todo que é admirado nos quatro cantos do mundo. A vivência vaza e aqui relembro o conceito “escrevivência” (ou a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo) de Conceição Evaristo para propor o

“cantovivência”, que é o canto— reflexo de uma vivência exclusiva de certos corpos, nesse caso, negros. Gilberto Gil, cantor negro e baiano, por meio de sua rede social afirma: “Se eu não fosse negro, não faço a menor ideia de que artista eu seria. Ser negro, culturalmente negro, me dá uma relação com a música, com o ritmo, com o mundo religioso, com tudo que eu não teria não sendo negro. Seria outro, outra pessoa”. Declaração na plataforma digital Twitter, no dia 20 de novembro de 2019. Dia da Consciência Negra (VILLANOVA, 2019, p. 16, grifo do autor).

Para Villanova (2019), a *escrevivência* ganha o elemento do canto versus corpos negros para se materializar em um operador teórico, que certamente será mais problematizado pela autora em seus estudos de pós-graduação, somando a um conjunto de trabalhos que possuem o viés comparado, construindo um diálogo intercultural que tem como eixo central a experiência transatlântica e o projeto de escravização e liberdade nas Américas.

Nesse diálogo interdisciplinar também recebemos a contribuição da aluna Nathália de Meneses Rodrigues⁶, do curso de Geografia, e seu trabalho intitulado *Narrativas e geo-grafias de mulheres negras: a escrevivência de Conceição Evaristo*, para a autora:

A essência do conceito de *escrevivência* para esta pesquisa está na relação que essa escrita tem com a trajetória socioespacial de quem a escreve, não se trata da forma como se escreve, e sim sobre o que se escreve, de onde escreve e para quem se escreve (RODRIGUES, 2020, p. 12).

Ao trazer a discussão da *escrevivência* para a geografia, a autora amplia seu uso para além dos estudos literários, e incorpora a questão socioespacial como categoria analítica.

6. Até o momento de elaboração deste artigo, a aluna ainda não havia defendido a sua monografia, pois estava com a data inicial marcada para março, mas devido à suspensão das atividades na UFRRJ em função da pandemia do novo coronavírus.

Vale citar que a própria aluna recupera em sua análise uma chave de diálogo com a própria Evaristo:

Em suas palavras, a autora afirma o conceito ao relatar que: “escrevo para os meus, mesmo sendo no nível do desejo. Pois é do cotidiano das classes populares que retiro o sumo da minha escrita. É desse meu lugar, é desse de ‘dentro para fora’, que minhas histórias brotam” (EVARISTO, 2015).

Uma terceira forma de uso do conceito vem da aluna Daianne Eduardo da Silva, do curso de Pedagogia, que encontra nesse operador teórico um fio condutor para revisitar suas memórias, problematizar a ausência do debate racial no espaço familiar e na escola, e propõe caminhos, como educadora, para tornar o percurso de outras meninas negras menos árido:

O memorial aqui apresentado é um resgate de experiências e emoções, apresentando as diversas fases da minha trajetória educacional, da educação infantil até a universidade. De como a menina negra e periférica foi construindo e elaborando sua identidade. Em vista disso, trazendo o conceito de Escrevivência, termo cunhado pela escritora negra Conceição Evaristo, venho contar e recontar de forma crítica todas as minhas memórias pautadas em minha ancestralidade, para entender as consequências do passado vividas ainda no presente. Sua finalidade foi de entender o motivo pelos quais nunca me deparei com as questões étnico-raciais em minha trajetória (SILVA, 2020, p. 18).

Entender o conceito de escrevivência como uma modalidade dos estudos biográficos vem sendo um caminho teórico que ganha muito acolhimento entre as estudantes, pois assim

como a experiência de Daianne, de revistar o passado, possibilita a construção de outros percursos de empoderamento para essas jovens no futuro, e, uma vez mais, encontrei ressonância na fala de bell hooks:

Para mim, contar a história da minha infância estava intimamente ligado ao desejo de matar o eu que eu era, sem realmente ter que morrer. Eu queria matar esse meu eu na escrita. Uma vez que o meu eu tivesse ido embora – fora da minha vida para sempre –, seria mais fácil me tornar o eu de mim (hooks, 2019, p. 315).

Tal diálogo transnacional, e intergeracional, só corrobora o espírito de Evaristo de reforçar saberes de geração a geração, que ela traduz como as centelhas plantadas que se propagaram de forma anônima para as mais novas.

POR ENQUANTO É SÓ...

Reconhecimento é, neste sentido, a passagem da fantasia para a realidade
– já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser visto(a),
mas sim de quem eu sou;
Grada Kilomba

Construí esta reflexão em torno dos usos do conceito de *escrevivência*, colocando Conceição Evaristo em diálogo com bell hooks, duas intelectuais negras fundamentais para entender a experiência interseccional da escrita entre mulheres negras, aliadas às práticas de educação emancipadora e antirracista, o eco de suas vozes já pode ser *escrevivido* na práxis das três jovens intelectuais aqui apresentadas, Daianne Eduardo, Nathália Meneses e Vitoria Villanova, que, a partir do conceito

em análise, multiplicaram essa unidade de conhecimento.

O exercício que tentei estabelecer durante esta análise está diretamente relacionado às formas de escritas negras contemporâneas, que reverberam também dentro da academia, pois estamos vivendo um momento em que a ebulição de experimentos escritos já não pode mais ser amputada para caber dentro da roupa justa que um texto acadêmico pode se tornar.

Conceição Evaristo incomoda o sonho dos justos ao fazer um chamamento para outras narrativas negras, mas ela também tem provocado outras escrevivências e, consequentemente, outras páginas da *academia brasileira*.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16–21.
- ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 1806–9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106> Acesso em: 28 jun. 2019.
- BERNADINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramon; TORRES-MALDONADO, Nelson. *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Org.) *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. 2. ed. Belo Horizonte: Ideia, 2018.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia–desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007; Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005. p. 202; *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. *Scripta*, [S.l.], v. 13, n. 25, p. 17–31, dez. 2009. ISSN 2358–3428. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em: 01 jul. 2019.
- hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019; *Intelectuais negras*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. ISSN 1806–9584. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035> Acesso em: 28 jun. 2019
- KILOMBA, Grada. A máscara. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 16, p. 171–180, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286> Acesso em: 28 jun. 2020.

- LIMA, Ari. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual? *Revista Afro-Ásia*, n. 25–26, p. 281–312, 2001.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287–324, 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf> Acesso em: 20 abr. 2020.
- RIBEIRO, Pollyanne Bicalho. O gênero memorial na construção identitária docente. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 19, n. 1, p. 119–137, jan. 2017. ISSN 2237-4876. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/23002> Acesso em: 26 mar. 2020.
- RODRIGUES, Nathália de Meneses. *Narrativas e geo-grafias de mulheres negras: a escrivência de Conceição Evaristo*. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2020.
- SANTOS, Sônia Beatriz dos Santos. Exercícios epistêmicos possíveis: Zora Neale Hurston e bell hooks. In: SILVA, Joselina (Org.). *O pensamento de/por mulheres negras*. Belo Horizonte: Nandyala, 2018.
- SILVA, Wilton Carlos Lima da. A vida, a obra, o que falta, o que sobra: memorial acadêmico, direitos e obrigações da escrita. *Revista de História Tempo e Argumento*, v. 7, n. 15. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180307152015103> Acesso em: 29 jun. 2020.
- SOUZA, Livia Natalia. Uma reflexão sobre os discursos menores ou a escrivência como narrativa subalterna. *Revista Crioula*, n. 21, p. 25–43, 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/146551> Acesso em: 29 jun. 2020.
- SOUZA, Micheli Gomes de; BASSETTO, Livia Maria Turra. Os processos de apropriação de gêneros acadêmicos (escritos) por graduandos em Letras e as possíveis implicações para a formação de professores/pesquisadores. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 83–110, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000100005&lng=en&nrm=iso Acesso em: 30 mar. 2020. Epub Dec 20, 2013. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982013005000026>
- STEPHANI, Adriana Demite; ALVES, Tauana da Cunha. A escrita na universidade: os desafios da aquisição dos gêneros acadêmicos. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 27, p. 529–547, ago. 2017. ISSN 1984-4018. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/5688> Acesso em: 29 jun. 2019.
- XAVIER, Giovana. *Você pode substituir mulheres negras como objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história*. Rio de Janeiro: Malê, 2019.



Escrevivência em Conceição Evaristo: armazenamento e circulação dos saberes silenciados

Rosane Borges



1 PRÓLOGO: A TÉCNICA, A LINGUAGEM E A PRODUÇÃO DO SABER

porque não é verdade que a obra do homem
está acabada
que não temos nada a fazer no mundo
que parasitamos o mundo
que basta que marquemos o nosso passo pelo
passo do mundo
ao contrário, a obra do homem apenas começou
[...]
e nenhuma raça possui o monopólio da beleza,
da inteligência, da força
e há lugar para todos no encontro marcado da
conquista e sabemos agora que o sol gira em
torno da terra iluminando a parcela fixada por
nossa única vontade e que toda estrela cai do
céu na terra pelo nosso comando sem limite.
Aimé Césaire

Pensar no armazenamento e circulação dos saberes silenciados/subalternizados adotando o termo *escrevivência*, de Conceição Evaristo, nos convoca a elaborar algumas reflexões que partam da tessitura da linguagem. Enfeixadas por um leque de temas que vertebra os problemas e desafios contemporâneos, tais reflexões, vistas de maneira amplificada, nos levaram a pensar em questões circunscritas aos novos processos de memorização e de circulação que emergem em escala planetária.

Não pomos em questionamento o fato de que a matéria-prima que constitui o mundo de hoje é feita de mensagens, códigos, informações, onde tudo flui no sistema nervoso digital. Técnica e linguagem parecem se fundir, ofertando-nos múltiplas possibilidades de tecer histórias, produzir narrativas, projetar provisórias identidades, redefinir os limites da nossa existência. Segundo o artista digital Edmond Couchot (1993), “não existe homem sem objetos técnicos, da mesma forma

que não há homem sem linguagem”. A linguagem, como sabemos, constitui-se em mediação universal do ser humano, o que levou Michel Foucault (1994, p. 543) a sentenciar: “o modo de utilizar a linguagem em uma cultura e em um momento dados está intimamente ligado a todas as outras formas de pensamento”. Donde podemos concluir que as mudanças de suporte tecnológico – da grafosfera para a mídiasfera – não são acessórias; dessas mudanças advém uma nova inteligibilidade instaurada pela linguagem.

1.1 A LINGUAGEM E SUA DOBRA ORIGINÁRIA: O SEGREDO QUE TODOS NÓS CARREGAMOS

Se a linguagem funda inteligibilidades, há de se ponderar sobre três acepções que orbitam o campo de estudos sobre o assunto: 1) a linguagem como espelho da realidade; 2) a linguagem como instrumento da comunicação; 3) a linguagem como fundante das relações sociais e instituinte do humano.

A primeira acepção concebe a linguagem como representação direta do pensamento, como um “espelho” da realidade, mero apêndice dos fatos. Já que a função da linguagem é exprimir um pensamento, expressar-se bem é sinônimo de pensar bem; a segunda acepção, muito corrente, vê a linguagem como instrumento de comunicação, veículo de nossos discursos. A língua é vista como um código (conjunto de signos que se combinam de acordo com regras estabelecidas), por meio do qual emissores e receptores permutam mensagens. A ascensão e o predomínio das mídias impressas e eletrônicas consolidaram essa perspectiva, fazendo do aspecto técnico-instrumental, do qual Walter Benjamin se distanciou, a sua ponta mais visível.

A terceira corrente de estudos, à qual nos afiliamos, compreende a linguagem como instituinte do humano, morada do homem, disso já falara Heidegger. Flagramos um maciço investimento da filosofia, nas suas diversas perspectivas e tradições, em assinalar esse viés da linguagem. Habermas, Jean-Luc Nancy, Philip Rorty, Giorgio Agambem, Jean-François

Lyotard, Walter Benjamim e o próprio Maftin Heidegger são representantes dessa perspectiva que tentou dar à Linguagem (com L maiúsculo) o lugar de antecedência na ascensão do humano. É dessa concepção de Linguagem que nos banha, nos habita, nos ultrapassa, que a psicanálise colhe os rastros significantes para validar o saber inconsciente.

Uma lição se delineia com esse painel brevemente esboçado: do lugar em que pensamos a gestão do tecnológico, resulta impossível não adotar a última acepção. A semioticista Julia Kristeva dá algumas pistas para transcendermos a dimensão instrumental da linguagem. Para a autora (1997, p. 18), o questionamento “qual é a função primeira da linguagem: a de produzir um pensamento ou a de comunicar?” não faz sentido, pois a linguagem é tudo isso ao mesmo tempo. O filósofo e ensaísta Vilém Flusser (2004, p. 37) advertiu que “somos como pequenos portões pelos quais ela [a linguagem] passa para depois continuar em seu avanço rumo ao desconhecido. Mas no momento de sua passagem pelo nosso pequeno portão, sentimos poder utilizá-la”.

Normalmente, tomamos a linguagem em seu aspecto veicular, percebemos a sua tangencialidade apenas no momento de sua passagem pelo nosso pequeno portão, como uma ferramenta do comunicar, pura e simplesmente, tentando apagar as marcas do constituído simbolicamente. Transige-se do fato de que o enredo (os discursos, as linguagens, com l minúsculo, que habitam os suportes técnicos) está envolvido com o seu protagonista oculto: a Linguagem, com L maiúsculo. Considero que um dos desafios mais antigos expressa-se na tarefa de dar conta de um imperativo duplo: além de correias de transmissão (este aspecto é apenas a parte emersa do *iceberg*), os discursos são, antes, efeitos do significante, construtores de laços sociais, de vínculos. A desconsideração desse duplo imperativo é o nosso problema congênito (cf. Borges, 2008).

1.2 O PERCURSO DA LINGUAGEM NA CADEIA SIMBÓLICA, PARA ALÉM DA TÉCNICA

Desse modo, o destaque para as concepções de linguagem não é mero recurso explicativo; tem, antes, o propósito de apontar nesta dobra originária (a linguagem como veículo da comunicação e, ao mesmo tempo, instituinte do humano e das relações sociais) a dinâmica discursiva que promove articulações por onde o saber, o conhecimento e a memória são produzidos e propagados. Cada tecnologia da linguagem reinstaura os parâmetros da existência, como afirmamos, o que não significa dizer que estamos outorgando à técnica um papel preponderante e definitivo para a definição do jogo social.

O ex-ministro da Educação e professor de filosofia da USP, Renato Janine Ribeiro, no lastro de Martin Heidegger, adverte para o fato de que: “A essência da técnica não é nada de técnico”. Ribeiro reposiciona o papel das ciências humanas em

promover a discussão mais aprofundada sobre uma sociedade profundamente mergulhada na tecnologia, a ponto de esquecer os fins em favor dos meios. [...] nosso papel é absolutamente central neste mundo que dá tanta importância aos aportes tecnológicos¹.

Não é, assim, a performatividade tecnológica que agrega valor ao *social*, mas sua conexão com relações instersubjetivas, políticas e econômicas, o que lhe confere uma potência transformadora. Ao percorrer esse curso de potentes mudanças, “a tecnologia como forma hegemônica de consciência histórica é vetor de uma mutação antropológica, já visível nas gerações que nascem e se desenvolvem com novas aptidões neurológicas e novas disposições mentais frente à moralidade” (SODRÉ, 2015)².

É inegável que na atmosfera de mutações das antigas ordens de representação, dos saberes e da produção da sub-

1. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/essencia-da-tecnica-nao-e-nada-de-tecnico-entrevista-especial-com-renato-janine-ribeiro/#ixzz3fpbNRiZQ> Acesso em: 11 jul. 2020.

2. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/sobre-os-crimes-de-odio/> Acesso em: 12 jul. 2020.

jetividade é preciso desenhar outras rotas analíticas. É forçoso pensar nos novos desafios que emergem, às vezes, em escala inaudita; é preciso dar fôlego renovado aos problemas que insistem, reeditados ao sabor do reordenamento tecnológico. Assim, o rol de questionamentos pertinentes à produção e difusão do saber, às possibilidades de dar visibilidade aos saberes subalternizados, tem, por força do imperativo tecnológico, suas pistas retraçadas, seus ângulos retocados e suas arestas polidas: Como refletir a respeito da dinâmica cultural que as *tecnologias do reprodutível*, as *tecnologias da difusão*, as *tecnologias do disponível*, as *tecnologias do acesso* e as mais recentes *tecnologias da conexão* vêm promovendo? Em que tudo isso afeta os sistemas de transmissão do saber? Como pensar nas formas de produção e difusão do conhecimento numa sociedade em que somos constantemente açulados a mostrar sempre, a nos deixar levar pelo regime de visibilidade? É possível estabelecer parâmetros razoáveis de construção do saber, numa cultura agorista, que presentifica a vida, de modo a nos condenar a viver no eterno gerúndio? Como fazer da dita “sociedade da informação” e do “conhecimento” (expressão que reforça uma neomitológica, segundo Sodré) um lugar capaz de abrigar as polifonias do saber, as múltiplas formas de construção do conhecimento?

A cada passo reflexivo em torno da sociedade hiperconectada, “transparente”, os questionamentos que ordenam este artigo afloram sob novas angulações. Nesse espaço que tudo acolhe e visibiliza, como pensar na produção de memória de saberes subalternizados? De que forma fazer do arquivo sobre África, culturas afro-brasileiras, um recurso fundamental para a construção e difusão do conhecimento? Como a economia do dom pode se tornar fundamental para a propagação de conteúdos marginalizados pelo cânone? Que operadores metodológicos poderão nos favorecer nessa tarefa?

2 ARQUIVO: A ORGANIZAÇÃO DO DIZER E DO DITO

2.1 O RASTRO, O TRAÇO, A ESCRITURA

Então eu acho que nós temos, os mais velhos, esse desafio de tentar organizar minimamente as ideias, ainda que precariamente, de oferecer para as próximas gerações o acúmulo dessa construção coletiva que nós chamamos de movimento negro, o acúmulo das nossas práticas educacionais, pedagógicas, na confrontação do racismo na sociedade. Eu estou preocupada, de maneira geral, com a preservação desse patrimônio. Nutro o sonho de termos institutos de formação política, de resgate de autores, pensadores, líderes políticos que foram importantes na formação da nossa consciência negra, e que não estão disponíveis

(BORGES, 2009, p. 32).

O depoimento da feminista negra, intelectual e filósofa Sueli Carneiro aponta para uma situação de falta, de ausência, nas fronteiras do cânone, do pensamento negro brasileiro. Para ela, o acúmulo das práticas educativas e pedagógicas do movimento negro e de seus agentes habita as margens, as brechas da chamada *intelligentsia* nacional. Como se lê, Sueli Carneiro vê nessas ausências um chamado a uma urgente tarefa política, capaz de preencher as lacunas deixadas pelos silenciamentos impostos a importantes vozes, moduladas pelo fundamento racial, que enunciaram um projeto de país.

Na senda de um dos nomes mais importantes da intelectualidade brasileira, é preciso, assim, apostar na possibilidade de abertura de uma rota, cogitada nas brechas abertas por aqueles pensadores e pensadoras; é fundamental tirá-las(os) das franjas dos discursos circulantes e dar visibilidade a um outro processo de escritura, tecido por *bites* na trama rizomática do hipertexto. A noção de escri-

tura tem, aqui, uma função estratégica, pois visa a anular a dicotomia infundada entre *oralidade* e *escrita*, quando o que está em causa é o patrimônio das populações negras, aqui e na África.

3 ESCRIVIVÊNCIA: PRINCÍPIO TEÓRICO-METODOLÓGICO PARA A PRODUÇÃO, ARMAZENAMENTO E CIRCULAÇÃO DE NARRATIVAS

Conceição Evaristo é referência obrigatória para pensarmos no processo de escritura, para quem o termo se constitui em um operador que inscreve as histórias na lápide da memória a partir das vivências. Escrita e vivência, para Evaristo, andam juntas, daí a emergência da expressão *escrevivência* em sua obra. *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, dois romances da escritora, consagram o método da *escrevivência*, com relatos memorialísticos que reatualizam o passado, tecem o presente e organizam o futuro. *Escrevivência* poderá, assim, suportar um modelo de escrita sobre histórias silenciadas, negadas, vilipendiadas.

Venho defendendo que *escrevivência* é um princípio conceitual-metodológico com potência para suportar as narrativas dos excluídos, uma vez que considera as várias matrizes de linguagem para tecer memória e construir história. Linguagem como ferramenta, como morada e como instituinte do humano, conforme vimos acima. Com a expressão cunhada por Conceição Evaristo temos uma outra visada de mundo que transpõe as dualidades ocidentais que outorgaram primazia ao registro escrito, tornaram-no guardião exclusivo da memória. Para a pensadora Leda Maria Martins,

[...] nota-se o reiterado uso do significante memória, orquestrado em um de seus lugares de reconhecimento, a escrita. Este texto lhes é oferecido como um convite para pensarmos a memória em um de seus outros ambientes, nos quais também se inscreve, se grafa e se postu-

la: a voz e o corpo, desenhados nos âmbitos das performances da oralidade das práticas rituais (MARTINS, 2005, p. 23).

A despeito de ser um país civilizado pelas matrizes africanas e indígenas, Martins (2005, p. 24) ressalta que na literatura escrita no Brasil há um predomínio dos arquivos textuais e da tradição retórica europeia: “a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios de linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas”.

Insistimos: o termo *escrevivência* disponibiliza um trançado de códigos (escrita, fala, gestualidade) que performa sentido e constrói horizontes discursivos com os quais nos afirmamos enquanto sujeitas da nossa história e da história do mundo:

Agora, ela (Maria-Nova) já sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios e os silêncios; o grito abafado que existia, que era de cada um de todos nós. Maria-Nova, um dia, escreveria a fala de seu povo (EVARISTO, 2006, p. 198).

Concebendo a escrita como um sistema de traços, Conceição Evaristo habita e compõe as dobras do tecido escritural, que é um ato de inscrição, como bem se nota em Maria-Nova. É um sistema de escritura que fornece elementos para se tecer narrativas fora dos liames da circunscrição literária, *stricto sensu*.

É francamente conhecido o conceito de escritura formulado por Roland Barthes em *O grau zero da escritura*. Visando substituir o conceito de literatura, a escritura diferencia-se, sobretudo, da escrita transitiva, daquela que enfatiza o *falar sobre*. A *escritura*, sendo intransitiva, portanto, tem sua ênfase no fazer, criar, na própria *escritura*, procedimentos de *escrita*. Para Jacques Derrida, escritura compreende a todas as

modalidades de *escrita* que sejam fundamentalmente não fonéticas, mesmo que a escrita fonética tenha se constituído num tempo posterior da história da *escrita*.

A proverbial sentença de que a civilização africana e sua descendência assentam-se na oralidade mostra-se um essencialismo que reduz ao extremo o dinamismo da produção simbólica do continente. Joseph Ki-Zerbo assinala que a escrita sempre foi uma materialidade significativa presente em África, e que a oralidade, mais do que um traço essencial, é fruto de situações contingenciais, tais como a imposição do nomadismo a tribos e comunidades fixas. Os registros escritos em África, afirmam historiadores e arqueólogos, perdem-se nas noites do tempo. A escrevivência, em Conceição Evaristo, disso dá testemunho. Ela nos coloca frente a escrituras múltiplas sem hierarquizar nenhum código e nos possibilita um mosaico de materialidades significantes com os quais se pode tecer a vida e o mundo.

Distanciando-se de um corte essencialista, o filósofo e professor Renato Nogueira assinala que o pluriverso cultural africano é vasto. Em entrevista, esclarece:

Conforme afirma Diop, existe algo em comum entre os povos africanos do mesmo modo que nas culturas ocidentais pode-se identificar alguns elementos razoavelmente constantes. Penso que existe muito desconhecimento sobre os povos africanos. O livro *Etno-História do Império Mali* de José Lampréia pode se juntar ao arsenal de trabalhos organizados pelo historiador africano Joseph Kizerbo e de tradicionalistas como Hampâte Bá para elucidar que existiam sociedades como o Império Mali, entre os séculos VIII e XVII. A historiografia africana aponta que no século XIV existiam 150 escolas e uma universidade na cidade de Tombuctu, com um vasto acervo em suas bibliotecas. Abdel Kader Haidara tem feito um belo trabalho tentando salvar a vasta documentação que grupos fundamentalistas

querem destruir. Ora, faço esse comentário para explicar que existem registros escritos e orais no continente africano. Eu percebo que pouco se fala a respeito do material escrito dos séculos XIV, XV e XVI. Sem contar o vasto material egípcio de 2780 até 330 antes da Era Comum, conforme catalogado por Théophile Obenga. Afinal, mesmo diante das tentativas de falsificação histórica, o Egito Antigo não pode ser embranquecido diante de todas as evidências que Cheikh Anta Diop nos deixou em seus trabalhos³ [grifo do autor].

Nogueira nos leva a pensar que o par discurso escrito *versus* discurso oral sempre coexistiu em África, corroborando o que afirmam Ki-Zerbo e Jacques Derrida. A propósito, este último considera que foi na África e na China que a escrita não fonética primeiro se instalou, indicando que o Oriente se ordenou segundo outros fundamentos filosóficos, bem diferentes dos que foram estabelecidos no Ocidente. Da mesma forma, a escrita hieroglífica egípcia se destacou na Antiguidade e marcou ostensivamente pelo seu caráter eminentemente não fonético, aquele não tem relação com a palavra, com a representação da fala. Como explica Foucault (1963, p. 49):

A escrita alfabética já é em si mesma uma forma de duplicação, pois representa não o significado, mas os elementos fonéticos que o significam. O ideograma, pelo contrário, representa diretamente o significado independentemente do sistema fonético, que é um outro modo de representação. Escrever, para a cultura ocidental, seria inicialmente se colocar no espaço da autorrepresentação e do redobramento: a escrita significando não a coisa, mas a palavra, a obra de linguagem não faria outra coisa além de avançar mais profundamente na impalpável densidade do espelho, suscitar o duplo deste duplo que é já a escrita [...].

3. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/#ixzz3fuaHj8W4>
Acesso em: 12 jul. 2020.

Pode-se extrair das considerações de Noguera, Ki-Zerbo, Derrida e Foucault que, a bem da verdade, foi a cultura ocidental, comumente relacionada com a cultura impressa (porque hegemonizou as formas de poder-saber por meio desse registro) que sempre se mostrou atrelada à matriz oral, hierarquizando materialidades significantes. A voz, como *phone*, dominou a metafísica ocidental, marcada pelo logocentrismo e pela episteme desde Platão e Aristóteles. Pela voz, o ser se colocaria efetiva e imediatamente como presença, a voz seria a produtora dos primeiros símbolos e teria proximidade imediata com a alma. A linguagem escrita, rebaixada, serviria apenas para fixar as convenções. Sócrates, Platão e Aristóteles são representantes daqueles que desqualificaram a escrita em relação à voz. Para Sócrates, o processo do conhecimento é inefável, e não se registra o inefável. A escrita seria algo da ordem do veneno e não do remédio, como asseverou Derrida em *A farmácia de Platão*.

Devem-se, assim, abrir brechas em uma nuvem de pensamento ainda demasiadamente densa e tentar dissipar a ilusão de que a oralidade é a única materialidade significativa presente na produção simbólica em África e nas culturas afro-brasileiras. Esse reducionismo responde a formas de racionalidade que organizam maneiras de dizer e fazer, encobrendo as disputas pela história e pela memória.

Escrevivência labora para reorganizar as maneiras de dizer e de fazer, tirando a exclusividade do olhar no seu papel de organizar a cena do mundo. Em seus relatos memorialísticos, fortemente presentes em *Becos da memória* e *Ponciá Vicêncio*, olhar, gesto, corpo, fala, são matéria-prima de uma escrita que se fixa para a promoção de uma memória que restitua a dignidade dos excluídos e esquecidos. Para Leda Martins, aqui já referida:

A memória, inscrita como grafia pela letra escrita, articula-se assim ao campo e processo da visão mapeada pelo olhar, apreendido como janela do conhecimento. Tudo que escapa, pois à apreensão do olhar, princípio privilegiado de

cognição, ou que nele não se circunscreve, nos é ex-ótico, ou seja, fora do nosso campo de percepção, distante de nossa ótica de compreensão, exilado e alijado de nossa contemplação, de nossos saberes. Somos férteis em nossos recursos de resguardo dessa memória: os nossos livros, arquivos, bibliotecas, monumentos, parques temáticos e, mais recentemente, os avanços tecnológicos, como hardwares e softwares cada vez mais sofisticados (MARTINS, 2005, p. 3).

A um sujeito cartesiano, que pensa, logo existe, corresponde um sujeito onividente que restringe a inscrição da memória à sua face alfabética, escrita, como afirma Martins. Escrevivência nos ensina, ao contrário, que são múltiplas as formas e procedimentos de inscrição e grafias, possibilitando-nos expandir as potências das narrativas em universos plurais, tais como as tramas hipertextuais do contemporâneo.

3.1 MEMÓRIA, HISTÓRIA E SABER

Inevitavelmente, o termo escrevivência nos redireciona para as tramas escriturais em voga e suas formas de propagação. Se considerarmos crível o perfil da sociedade nos moldes em que esboçamos abreviadamente acima, é preciso tensionar a circulação do patrimônio africano e afro-brasileiro sob a regência da cultura da conexão e da propagabilidade, onde tudo circula.

Como estamos a testemunhar, coisas, objetos, pessoas, lugares são fustigados a se mostrar, a romper a fronteira da opacidade. Tudo parece estar ao nosso alcance nas tramas escriturais das mídias digitais. As tecnologias do acesso e da conexão trouxeram à superfície assuntos jogados no limbo da opacidade. Como fazer dos saberes sobre a cultura negra uma plataforma acessível a todos? De que maneira torná-los propagáveis?

Conceição Evaristo, com o termo escrevivência, exprime uma vontade de saber, uma vontade de memória que incide

na vontade de poder, ou seja, sua fala incide nos regimes de poder-saber, na letra foucaultiana.

Há uma debilidade dos nossos registros. E isto tem consequências negativas para a militância, na medida em que as pessoas sempre chegam achando que têm de inventar a roda e acabam por reproduzir ações já experimentadas. Eu sempre fico apreensiva com o fato de que nós não temos toda a obra do Abdias do Nascimento plenamente disponibilizada. Outro dia, chegou uma professora de uma universidade canadense, uma orientadora, que estava interessada na obra do Abdias. O Abdias do Nascimento é considerado internacionalmente um dos grandes nomes do pan-africanismo, e não existe correlação dessa importância internacional com a reverberação que ele tem no Brasil, para ficar num exemplo mais emblemático. Então é preciso um esforço de todos nós, [...], para tornar disponíveis pensadores como Abdias do Nascimento, Kwame N’Kruma, Lumumba, Amílcar Cabral, Samora Machel, Senhor. Há um patrimônio político e diaspórico que não chega facilmente para nós. É um sonho construir essa memória, me ocupar com essas coisas, facilitando, assim, que isso chegue facilmente às próximas gerações militantes. Essa é uma questão da maior importância, porque o pensamento desses intelectuais continua absolutamente imprescindível para conhecermos nossa trajetória como um povo vilipendiado e, sobretudo, para preservar a memória da resistência, que está na África e em todos os continentes. É inadmissível a gente não ter o trabalho de Lelia Gonzalez organizado numa publicação, *disponibilizado na internet*. Para mim, essa tarefa é parte de um desafio importante, de construção e preservação da nossa memória, a memória das nossas lutas,

da nossa resistência no Brasil e no mundo. Essa é uma questão ainda me mobiliza muito (BORGES, 2009, p. 33, grifo nosso).

Elabora proposta semelhante outro intelectual e ativista do movimento negro, Edson Cardoso Lopes (sua vida exteriormente discreta contrasta com a incandescência de sua interioridade), para quem é preciso trazer à superfície nomes de pensadoras e pensadores negros e dar-lhes o devido reconhecimento na construção do projeto de Nação. Para Edson Cardoso, constitui perda lastimável a invisibilidade do conjunto de técnicas de sobrevivência posto em marcha pela população negra no pós-escravidão. Estratégias que não foram inventariadas em favor de uma memória política do país:

No papel, preto no branco, a voz de Conceição Evaristo carrega e propaga os sentimentos, as dores, as alegrias, os gritos e os sussurros de uma multidão de pessoas – de homens e, sobretudo, mulheres cujas vozes são insistentemente caladas. Com base no que chama de “escrevivência” – ou a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo –, ela compõe romances, contos e poemas que revelam a condição do afrodescendente no Brasil⁴.

Um patrimônio, ao modo como se referem Sueli Carneiro e Edson Cardoso, supõe um arquivo que acolhe vultos muitas vezes agrupados em arquipélagos: subsumidos no meio das acumulações de exemplos dos nomes oficiais, personagens negros devem figurar no panteão das nossas referências. A noção de arquivo de Foucault (1994, p. 45) nos ajuda a pensar no jogo de invisibilidades:

Conjunto das condições que regem, em dado momento e em determinadas sociedades, a aparição de enunciados, sua conservação, os nexos que se

4. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/> Acesso em: 16 jul. 2020.

estabelecem entre eles, a maneira em que se os agrupa em conjuntos estatutários, a função que cumprem o jogo de valores ou de sacralizações que os afetam, a maneira em que estão involucrados nas práticas ou nas condutas sociais em que são rechaçados, esquecidos, destruídos ou reativados.

O arquivo do mundo foi edificado soterrando saberes, silenciando vozes, obliterando alguns nomes, desvalorizando tantos outros. Mas, o que “subsiste dos canteiros de escavações não permanece por muito tempo como material inerte”, o que justifica o fato de que o pensamento de uma época se embrenha às vezes por circuitos inéditos e esquecidos pela historiografia dominante. Saídos dos limbos dos tempos, alguns nomes, resistentes, insurgem-se: “a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos”, proclama a insubordinada Conceição Evaristo.

Michael Pollak, em *Memória, esquecimento e silêncio*, recupera as discussões de Maurice Halbwachs concernentes à memória coletiva, escandindo o caráter seletivo que lhe é próprio. Para o autor, a memória oficial é um fenômeno de dominação que não está ligado apenas ao Estado, mas a toda sociedade.

O termo arquivo vem do latim *archivum*, lugar onde se guardam documentos, vincula-se ao surgimento da escrita nas civilizações do Médio Oriente, há cerca de seis mil anos. Engloba tanto um aspecto material, físico (institutos de pesquisa, como defende Sueli Carneiro), quanto imaterial e simbólico (discursos, enunciados). Assim, o arquivo, de modo geral, pode ser compreendido como um grande instrumento de armazenamento e acesso a informações e, nesse sentido, está frequentemente ligado às questões de preservação da memória, na medida em que funciona como um depósito de dados e fatos.

Pierre Nora sentencia que arquivo são *lugares de memória*. Eis uma questão fulcral para este artigo: Nora enfatiza que um lugar de memória deve possuir uma vontade de memória, deve ter em sua origem uma intenção memorialista, pois,

sem essa vontade, esses arquivos seriam apenas *lugares de história*. Esse autor acredita que os lugares de memória não são fruto da memória espontânea, mas que é preciso criar arquivos para a instituição desses lugares (NORA, 1985), o que nos diz, em outros termos, Conceição Evaristo.

Confluências também com Foucault (1994). Para o teórico francês, arquivo é aquilo que pode ser enunciado, que pode ser dito. É um mecanismo que supõe dialogismo, um conjunto de enunciados que o antecedem e aos quais se refere, ressignificando-os. É pelo domínio da memória que os enunciados sucedem-se, ordenam-se e se determinam na medida em que se afirmam ou se opõem. O livro *Nossos passos vêm de longe*, organizado por Jurema Werneck (2006), pactua com o dialogismo, expresso no próprio título. Nele, um conjunto de textos aborda temas alusivos à trajetória das mulheres negras que se desenrola em tempos longínquos. Nesse livro, as mulheres negras escrevem sua história e constroem sua memória, ao modo do que dizem Aimé Césaire e Conceição Evaristo, respectivamente:

[...] queremos explorar os nossos próprios valores, conhecer os nossos próprios valores, conhecer as nossas forças por experiência pessoal, cavar a nossa própria profundidade, as fontes eruptivas do humano universal, romper a mecânica identificação das raças, rasgar os superficiais valores, abarcar em nós o negro imediato, plantar a nossa *Negritude* como uma bela árvore até que ela traga os frutos mais autênticos (1987, p. 81, grifo do autor).

Homens, mulheres, crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela (2006, p. 21).

Esse caráter dialógico da memória supõe *fixação* (inscrição de enunciados na lápide da memória coletiva) e *mobilidade* (trânsitos dos discursos nos suportes de transmissão).

Tal condição nos leva a pensar nos suportes técnicos como uma dimensão importante para a *vontade de memória* e a criação de arquivos na sociedade hiperconectada.

4 DO MÁRMORE AO PAPIRO: FIXAÇÃO E MOBILIDADE NA TRAJETÓRIA DOS SUPORTES DE TRANSMISSÃO

Computação em nuvem, *Big Data*⁵, possibilidades múltiplas e infinitas para guardar a memória do mundo... Num mundo que se tece por *bytes*, tudo tende a migrar para o espaço digital, ocasionando um volume informacional incalculável. Vivemos a era dos *petabytes*, que, em grego, significa monstro. A estocagem em nuvem (*cloud computing*) indica que a computação, voltada para serviços prestados ao usuário, está mudando de rumo devido à possibilidade de utilização de computadores menos potentes que podem se conectar à web e utilizar todas as ferramentas on-line, como, por exemplo, o GoogleDocs, Gmail e o Phtoposhop. Assim, o computador passa a ser simplesmente uma plataforma de acesso às aplicações que estaria em uma grande nuvem – a Internet. Inicialmente de uso de grandes corporações, hoje a computação em nuvem faz parte do cotidiano de qualquer usuário. A nuvem é o grande repositório dos nossos tempos.

Essa nova lógica de *fixação* e *mobilidade* dos dados nos eleva para outra escala analítica. Nesse mar de informações e dados, que habita uma ambiência de “transparência universal”, é possível problematizar as questões postas por intelectuais da memória, a exemplo de Conceição Evaristo, e questionar como o patrimônio negro, do qual que ela é notável guardiã, pode alcançar status de expressiva visibilidade. De que forma o arquivo sobre a memória negra em suas múltiplas dimensões percorre a trajetória do disponível ao propagável? Como fazer das histórias negras modos de experiência que refundam um universal? Luiz Henrique Oliveira lembra que *Becos da memória*

5. Big Data é um termo que designa conjuntos de dados grandes ou complexos que precisam ser armazenados. Os desafios incluem análise, captura, curadoria de dados, pesquisa, compartilhamento, armazenamento, transferência, visualização e informações sobre privacidade. O termo simplesmente muitas vezes se refere ao uso de análise preditiva e de alguns outros métodos avançados para extrair valor de dados, e raramente a um determinado tamanho do conjunto de dados.

é marcado por uma intensa dramaticidade, o que desvela o intuito de transpor para a literatura

toda a tensão inerente ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência em suas diversas modalidades. Barracos e calçadas, bordéis e delegacias compõem o cenário urbano com que se defrontam os excluídos de todos os matizes e gradações, o que insinua ao leitor qual a cor da pobreza brasileira. No entanto, a autora escapa das soluções fáceis: não faz do morro território de *glamour* e fetiche; tampouco, investe no traço simples do realismo brutal, o qual acaba transformando a violência em produto comercial para a sedenta sociedade de consumo (OLIVEIRA, 2009, p. 6, grifo do autor).

O equilíbrio alcançado por Conceição Evaristo se constitui numa fonte inesgotável para que nossas histórias sejam disponibilizadas e propagadas como uma história que integra o comum do nosso imaginário. São várias as provas que demonstram, inequivocamente, que a disponibilidade e a mobilidade do arquivo no espaço digital obedecem a um processo seletivo que tende a manter, e até mesmo a acentuar, a invisibilidade dos saberes e sujeitos marginalizados.

O antropólogo indiano Arjun Appadurai, expoente dos estudos sobre modernidade e globalização, esclarece que o sistema geopolítico estabelecido cria hierarquias que dificultam para alguns grupos (e algumas nações) sua participação nele. Para além da amplitude do capitalismo multinacional, Appadurai (2004, p. 56) sustenta que

objetos culturais, incluindo imagens, idiomas e estilos de cabelo agora se movimentam muito mais rapidamente através de limites regionais e nacionais, graças a expansão de mercados alternativos, ilegais ou não autorizados: “esses circuitos subterrâneos e genuínos – que servem às necessidades de povos menos afluentes ou marginalizados – pegam carona em sistemas de intercâmbio que decorreram do processo de globalização [...]”.

No livro que se tornou célebre, *O viés da comunicação*, Harold Innis faz didática distinção entre *mídias pesadas e duráveis* (pedra e mármore), que se prestam ao armazenamento, e *mídias leves* (papiro), pensadas para serem facilmente transportáveis, permitindo rápida propagação por meio de áreas geograficamente dispersas. Sem nos desviarmos da trilha aberta por Conceição Evaristo, em *Becos da memória*, detectamos nesse par (armazenamento e mobilidade) a chave mestra para tentar equacionar o problema da invisibilidade do patrimônio africano e afrodiaspórico.

4.1 AO FINAL DO PERCURSO, MAIS ALGUMAS PALAVRAS

O conceito de economia do dom, ou da dádiva, é oriundo da antropologia de Marcel Mauss, no seu clássico trabalho *Ensaio sobre a dádiva*. No *Ensaio*, Mauss apresenta e descreve as formas de organização das comunidades ordenadas pelas trocas.

Guardadas as devidas diferenças, a economia do dom na lógica capitalista das mídias digitais, a economia da dádiva desempenha um papel fundamental nessa ambiência, pois segundo o teórico Howard Rheingold, ela se torna central para as relações através do mundo on-line. Considerando a informação a moeda mais valiosa da web, o autor considera que a propagação generalizada do conhecimento é uma maneira de retribuir à comunidade mais ampla, sugerindo que

quando existe aquele espírito, todos obtêm alguma coisa extra, pequena que seja, uma pequena fagulha, a partir de suas transações mais práticas: as comunidades de rede [...] formadas através das obrigações mútuas criadas por doações de tempo e ideias, o que suplantou a cultura de commodity nas prioridades daqueles que foram os primeiros a formar comunidades on-line (JENKIS; GREEN; FORD, 2014, p. 100).

O *Dom* gera valor, mérito significado; commodity gera valor monetário. É preciso, assim, numa cultura digital, em que todas as coisas devem gerar lucro, ser vistas como commodity, criar uma economia da dádiva em que a produção do saber, a cultura participativa, seja motivada pelas múltiplas vozes e olhares que entretecem a produção, o armazenamento e a circulação do patrimônio negro.

Recuperando a epígrafe que principia este artigo, o famoso poema de Aimé Césaire (2012), “porque não é verdade que a obra do homem está acabada, que não temos nada a fazer no mundo, que parasitamos o mundo, que basta que marquemos o nosso passo pelo passo do mundo, ao contrário, a obra do homem apenas começou [...]”, o termo *escrevivência* mostra-se com espessura para construir uma memória, produzir arquivos e se tornar propágavel numa ambiência de trocas infindáveis.

Conceição Evaristo, ao adotar uma expressão que deita raízes no universo literário, acaba por nos ofertar um operador teórico e metodológico capaz de edificar formas narrativas que se espraiam nos códigos digitais e materiais. *Escrevivência* solda, com densidade poética e realismo cotidiano, *corpo, condição social e experiência*, tripé que vem sendo utilizado para as disputas de narrativas na contemporaneidade. A reivindicação por representação e representatividade passa, necessariamente, por essa trindade consagrada pela *escrevivência*. Ainda segundo Oliveira (2009, p. 8):

O primeiro elemento, o corpo, reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. A representação do corpo funciona como ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo elemento, a condição, aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. A experiência, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim

de atribuir credibilidade e poder de persuasão
à narrativa.

As confluências suscitadas pela escrevivência de Conceição Evaristo desvelam uma cosmovisão que solicita acesso a uma soberania negada, plena de elementos para produzir a obra do mundo de forma plural, demonstrando com beleza que se desenha de forma leve e contundente, que as hierarquias das linguagens prestaram-se para subordinar, excluir e destituir. Ao abolir tais hierarquias pelos manejos outros da própria linguagem, convoca a todos nós a estender tal operação insubmissa para outras esferas de nossa existência.

REFERÊNCIAS

- A ESSÊNCIA da técnica não é nada de técnico. Entrevista especial com Renato Janine Ribeiro. *Portal Geledés*, 15 out. 2014. Disponível em: <http://www.geledes.org.br/essencia-da-tecnica-nao-e-nada-de-tecnico-entrevista-especial-com-renato-janine-ribeiro/#ixzz3fbpNRiZQ> Acesso em: 11 jul. 2020.
- AFROPERSPECTIVIDADE: por uma filosofia que descoloniza. *Portal Geledés*, 12 jul. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/#ixzz3fuaHj8W4> Acesso em: 12 jul. 2020.
- AGAMBEN, Giorgio. *A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar negatividade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.
- APPADURAI, Arjun. *Dimensões culturais da globalização: a modernidade sem peias*. Lisboa: Letramento, 2004.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Perspectiva, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Boitempo, 2012. (Série Obras Escolhidas, v. 1).
- BORGES, Rosane da S. *Ficção e realidade: as tramas discursivas na tv*. 320 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008; *Sueli Carneiro*. São Paulo: Summus; Selo Negro, 2009. (Retratos do Brasil Negro).
- CÉSAIRE, Aimé. *Diário de um retorno ao país natal*. Trad. Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: Edusp, 2012; *Diário de um retorno ao país natal*. [s.l.]: [s.n.], 1987.
- COUCHOT, Edmund. As imagens da terceira geração. In: PARENTE, André. *Imagem-máquina: a era das tecnologias do visual*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DELEUZE, Gilles; Guattari, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 1.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva,

- 1995; *Gramatologia*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004; *A farmácia de Platão*. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. São Paulo: Jorge Zahar, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza, 2006; *Ponciá Vicêncio*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2003; *Escrivência*. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevencia/> Acesso em: 16 jul. 2020.
- FLUSSER, Vilém. *Língua e realidade*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2004.
- FOCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. São Paulo: Loyola, 1994 (Série Leituras Filosóficas); *Ditos e escritos*. Rio de Janeiro: Vozes, 1963.
- HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.
- HAN, Byung-Chull. *A sociedade da transparência*. São Paulo: Olhos d'água, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- INNIS, Harold. *O viés da comunicação*. São Paulo, Vozes, 2011.
- KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África?* São Paulo: Ática, 1997.
- JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.
- KRISTEVA, Julia. *A história da linguagem*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar de memória. *Letras*, n. 26, Língua e Literatura: limites e fronteiras, 2005.
- MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac&Naif, 2005.
- NANCY, Jean-Luc. *El sentido del mundo*. Buenos Aires: Marca, 2003.
- NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1985.
- OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. "Escrivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. *Revista dos Estudos Feministas*, v. 17, n. 2, Florianópolis, may-aug./2009.
- POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1992.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013; Sobre os crimes de ódio. *Observatório da Imprensa*, ed. 857, 30 jun. 2015. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/sobre-os-crimes-de-odio/> Acesso em: 12 jul. 2020.
- WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn (Org.). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.



Intelectuais escrevíveis: enegrecendo os estudos literários

Livia Natália



Encontrar a voz é um ato de resistência, apenas
como sujeitos é que podemos falar.

bell hooks

A noção de escrevivência, forjada por Conceição Evaristo num belíssimo texto no qual a autora descreve as fontes a partir das quais a sua escrita se alimenta, tornou-se imprescindível para o pensamento de intelectuais negras¹ nos últimos anos, uma vez que precisávamos dar nome ao gesto de autoinscrição das nossas histórias e demandas subjetivas nos nossos textos. Aciono Evaristo, em sua noção de escrevivência, uma vez que acredito que a escrita de sujeitos não hegemônicos tende à construção de uma dicção estética tão complexa que se instaura a necessidade de desenvolvermos instrumentais de análise específicos e, muitas vezes, eles emergem do próprio texto em estudo, pela sua capacidade de agência (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Por isso, compreendo ser necessário reconhecer, nessas escritoras, o seu lugar de intelectuais negras, e Evaristo será aqui acionada nesse sentido.

A primeira vez que a noção de escrevivência toma corpo é num depoimento intitulado “Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento da minha escrita” (2007). Evaristo narra que a primeira vez que teve contato com um sinal gráfico foi quando, num gesto antigo “quase ancestral”, a sua mãe se agachava e, com um graveto fazendo as vezes de um lápis e a terra barrenta, de papel, de cócoras, acompanhada pelo olhar cúmplice das filhas, desenhava o sol, fazendo uma simpatia que deveria trazê-lo em lugar da chuva, que inviabilizaria o trabalho da lavadeira. A escrita relatada carrega sentidos múltiplos:

Era um ritual de uma escrita composta de inúmeros gestos, em que todo o corpo dela se movimenta, não só os dedos. E nossos corpos também, que se deslocava no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol (EVARISTO, 2007, p. 16).

1. Refiro-me aqui, estrategicamente, no feminino, a fim de levar a cabo um investimento no descentramento patriarcal da linguagem. Assim tentarei fazer em todo o percurso deste texto.

Ao riscar, no chão, o sol, estavam, ali, presentes tanto a beleza do gesto, quanto o desespero de quem dependia daquele ganho para alimentar as filhas. Ao desenhar, afirma Evaristo, a mãe não representava o sol, chamava por ele, presentificando, no desenho, aquilo que ali era nomeado.

Nesse sentido, nego aqui o recurso da representação – tradicional nas reflexões sobre a literatura – e trago para a nossa tela mental a noção de expressão (DELEUZE; GUATARRI, 2014) como sendo um gesto de cisão entre a ficção e a realidade, frequentemente incidentes na ideia de representação. A expressão é, segundo Deleuze e Guatarri, elemento da literatura menor que, sem as afetações de linguagem comuns na literatura representativa, opta por acionar elementos de linguagem que deslizam da camada do simbólico para inscrever-se num plurilinguismo que nasce da refrega com a língua, através das incisões e rasuras impostas a ela: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, a urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É preciso comprometer a vida com a escrita ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, 2007, p. 21). Localizando a discussão na dimensão do compromisso, Evaristo revela o limite do universo representacional que se orgulha por lustrar as potencialidades da vida quando, pela expressão das escritas menores, a vida aparece reequalizada, repensada, inclusive, nas suas diferenças, sublinhando como, dentro dos poderes maiores, os menores se inscrevem: “Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós era talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos” (EVARISTO, 2007, p. 19).

Atualizando o olhar que as trabalhadoras domésticas – as *outsider within* (COLLINS, 2016) – lançavam sobre os padrões brancos, Evaristo (2007, p. 18) revela, a partir da estranheza da menina, o lugar de intelectual *outsider*² no seu texto, quando relata:

E quando eu, menina, testemunhava as toalhinhas antes embebidas em sangue, e depois, já no ato da entrega, livres de qualquer odor ou nódoa, mais a minha incompreensão diante das mulheres

2. Desenvolvo mais detidamente essa noção no texto SOUZA, L. M. N.

Intelectuais negras e racismo institucional: um corpo fora de lugar. *Revista ABPN*, v. 10, p. 748-764, 2018.

brancas e ricas crescia. As mulheres da minha família, não sei como, no minúsculo espaço em que vivíamos, segredavam seus humores íntimos. Eu não conhecia o sangramento de nenhuma delas. E quando em meio às roupas sujas, vindas para a lavagem, eu percebia as calças de mulheres e minúsculas toalhas, não vermelhas, e sim sangradas do corpo das madames, durante muito tempo pensei que as mulheres ricas urinassem sangue de vez em quando.

Quando afirma que imaginava que as brancas mijavam sangue de vez em quando, por conta dos panos menstruais embebidos nele, Conceição demonstra o desconhecimento que a diferença colonial estabeleceu entre brancos e negros. As patroas, por sua vez, desconheciam o poder das palavras alegóricas de Dona Joana, que pactuavam o mistério e a força na produção de sua sobrevivência. As brancas, mais ainda, desconheciam as mulheres negras, uma vez que a branquitude transforma-se num filtro de leitura violento que minora as nossas potências. Assim, desenhando um sol-alimento, a Mãe, Joana Josefina Evaristo, se negava a obedecer à precariedade da vida imposta às pessoas negras e demonstrava que escrever é muito mais complexo do que nos ensinou a cultura letrada; escrever não é apenas articular palavras no papel, é inscrever traços da vida, investindo-se, enquanto sujeito, transformando a escrita no gesto que interrompe o livre fluxo da negação ou limitação de existências, tornando possíveis vidas pensadas pela estrutura racialmente construída como inviáveis.

Por isso, quando a mãe, agachada, vai parindo, no sol vindouro, a vida possível e necessária, ela ensina a Conceição que escrever é transbordar o limite da linguagem. Muitos autores, de Barthes a Foucault, de Nietzsche a hooks, de Hall a Benjamin, em algum momento, apontaram a linguagem como limite da escrita, uma vez que, para nos comunicar, precisamos estar obedientes às suas normas e, entre o gesto da escrita e o sujeito que ali se encena, muito se perde nos

limites da palavra, que não é um objeto sobre o qual baste se aplicar uma força plástica, como diz Nietzsche (2005).

Assim, a escrevivência aparece para alargar a noção de escrita. Mas, por efeito intempestivo, essa ideia de uma escrita comprometida, empenhada com a vida, amplia, também, a tradicional noção de biografia. Escrever não é se limitar à incidental experiência de um ser humano excepcional, não se reduz ao mero exercício narcísico – veremos isso adiante – mas é, antes, uma antibiografia, uma construção de interconexões entre vivências distendidas no tempo-espaço, sendo, assim, uma cena de agenciamento coletivo de enunciação (DELEUZE; GUATTARI, 2014).

ESCREVIVÊNCIA: A ANTIBIOGRAFIA DOS CORPOS NEGROS

Quando afirmo a escrevivência como antibiografia, busco, desde a escrita dessa palavra, afastar-me da antibiografia de Leonor Arfuch (2012). Aliás, todo o investimento que fiz nos últimos anos pensando a escrita de autoras negras (em pesquisas, palestras e publicações) tem ido na contramão do prazer fetichioso da autobiografia. Arfuch afirma que, com a ascensão da internet e dos meios de narcisistas de exibição de si, tem-se criado espaços e cenas de registro de fragmentos do eu, que, pela minha leitura, a um tempo, inviabilizam o desejo de totalidade da autobiografia e também afirmam a continuidade da febre biográfica tão emergente no século XX, ou seja, a antibiografia. Mas, cabe-nos indagar, quem é o corpo-vida biografável ou mesmo antibiografável? Quais são as histórias que interessa registrar? Quem são os sujeitos notáveis que precisam reservar as suas travessias em textos festejados como única ou privilegiada chave de acesso a esses sujeitos? Certamente, não somos nós.

Se nossas existências são pensadas como efeito colateral de um projeto de nação que falhou em eliminar a nossa negrura do mapa, se há um sistemático processo de inviabilização de nossas vivências, qual seria a possibilidade de se atribuir valor à travessia de um sujeito – de um corpo – ne-

gro? Muitos de nossos mais velhos afirmam que suas vidas dariam um livro e há, constantemente, entre pessoas negras, não apenas a sede de registrar as suas travessias, mas uma sistemática de criar espaços onde o eu possa se expressar, em que possamos partilhar a dureza da experiência de sermos negros num país estruturalmente racista.

A academia nos ensinou que a melhor forma de produzir conhecimento era afastarmo-nos das nossas experiências pessoais, e do lugar de fala em primeira pessoa, em favor de uma pretensa objetividade científica. Escrevemos, portanto, milhões de textos que narravam nossos estudos em terceira pessoa, afastando-nos do campo de visão-experiência, investimos em objetos nos quais as falas da raça estavam ausentes, acreditando que estudar o pensamento branco, obedecendo a seus paradigmas e métodos de análise, nos aproximava de um rigor científico que, de outra forma, seria impossível.

Estudamos objetos que tocavam lugares de vulnerabilidades outras – sexualidade, gênero, holocausto, ditadura militar – sem nunca podermos cogitar a possibilidade de racializar as discussões. Mais que isso, não ousávamos aventar tal possibilidade porque o fascismo da colonialidade do pensamento universitário nos impunha a vergonha e o constrangimento em assumir o lugar de intelectuais negras, como se o compromisso com o desmonte do racismo estrutural e o alimento a estudos antirracistas fossem uma limitação ao nosso pensamento³. Assim, nós contribuímos sistematicamente com o crime perfeito que é o racismo no Brasil: há uma vítima, mas não há traços do criminoso.

INTELECTUAIS ESCRIVENTES: AS FALAS QUE NASCEM DE UM LUGAR

Portanto, um sujeito negro falar na primeira pessoa é afirmar-se enquanto corte, enquanto diferença inegociável, disparando, assim, a possibilidade de ser tornado inviável, uma vez que a afirmação positivada da negritude é algo não programado pelo pensamento colonial. Falar sobre si,

3. Discutirei isto mais à frente neste texto.

em primeira pessoa, é um relevante gesto de desalienação e desrecalque de uma voz sistematicamente tornada inaudível. Por isso, defendo que os nossos textos acadêmicos sejam, sim, eivados de nossas escrituras, de nossas travessias e que estas possam nos servir como instrumento e análise. No entanto, essa defesa nunca me deixou infensa ao incômodo: muitas vezes, lia textos nos quais as autoras se dedicavam a falar de si, traçando cenas de seu percurso, declarando-se mães negras, pessoas de Axé, mulheres que sofreram abuso, enfim, essas falas, apesar de toda a minha compreensão da escritura, me pareciam frequentemente um mero exercício de exibição de si caso não resultassem em análises bem estruturadas das relações entre as histórias narradas e os objetos de estudo em tela naquele momento.

Constantemente fui reativa à fala escriturante como mero exercício narcísico, e o incômodo daquilo que eu achava ser um apenas narrar sobre si só aumentava a cada texto lido. Uma das regras que estabeleci, inclusive, para mim e para os estudantes sob minha orientação, era que não bastava desabafar sua biografia no texto, era necessário analisar, articular, dar sentido àquela aparição no texto. Eu pensava que estava sendo extremamente perspicaz nessas observações, e dava, como exemplo, o modo como autoras como a própria Conceição Evaristo e bell hooks se utilizavam de sua biografia em seus textos, eu cria ser, aquele gesto, a escritura bem aplicada. Mas, como intelectual negra, ante a profusão de textos com essa envergadura que eu julgava biográficos, e, por isso, limitados, precisei mover-me para mais adiante do incômodo e compreender quem são essas jovens intelectuais negras, e por que a escrita cobria, para elas, uma demanda de fala.

Provocando-me, compreendi que, no meu pensamento, tão pretensamente descolonizado, a estrutura de construção epistemológica ainda obedecia aos critérios que aprendi na universidade em seus vários âmbitos. Passei a lembrar-me quantas vezes a análise extremamente biográfica de textos literários construídos por autores brancos era justificada pela complexidade de pensamento que essa biografia instaurava

no texto. E, se eu já entendia que a lógica epistemicida branca minorava a dimensão política e biográfica dos nossos textos, parecia ter esquecido que o método analítico subsistia como herança colonial, e que admitir que a biografia deveria comparecer no texto com determinada complexidade interpretativa era afirmar, mais uma vez, que o modo como nos inscrevemos no texto é parcial, ressentido e limitado. Ou seja, há ainda, dentro de mim, um aparelhamento mental que a branquitude instalou, e esse texto é um esforço em provocá-lo e expulsá-lo.

Quando eu afirmava às minhas orientandas que não bastava contar a sua própria história, e que isto mais cansava o leitor que o instrua na construção de uma leitura, afirmava que escrever em primeira pessoa não bastava para se erguer uma crítica arguta. Hoje, vejo que o pensamento epistemicida da branquitude não se declara performativamente a partir do lugar do eu centrado apenas porque não é necessário ao centro afirmar-se enquanto tal, basta-lhes o silêncio opressor que os institui como o neutro que pode falar de si a partir do lugar de uma pretensa universalidade.

ESCREVER A FERIDA: INTELECTUAIS NEGRAS E O IDEAL DE EGO BRANCO NA ACADEMIA

A minha formação no campo da Teoria da Literatura, que carrega uma vocação extremamente interdisciplinar, fez com que, muito cedo, eu me interessasse pelas psicanálises de Freud e Lacan, o que me conduziu a uma formação, ainda que incompleta, na área. Nos anos de estudo, fosse de forma independente, fosse no curso de formação psicanalítica, sempre encontrei, no brilhantismo de Freud, o limite da discussão de gênero, mas não reconhecia a lacuna racial em seu pensamento. Quando fiz o concurso para professora efetiva da Universidade Federal da Bahia, em 2008, falas, situações e interpretações do meu desempenho por pessoas brancas me informavam da minha postura arrogante, da minha falta de humildade e exagerada pretensão – observações que podem

se resumir sob a ideia de “quem esta negrinha pensa que é?”. Nesse momento de confronto em pleno meu lugar de pretenso conforto, a academia, precisei trazer a demanda racial como o foco das reflexões no meu *setting* analítico. No entanto, ante a inépcia da maioria dos psicanalistas e psicólogos que me atenderam nos últimos anos, a análise resumia-se a buscar, na minha infância, aquilo que Deleuze (2010) chama de o eterno papai-mamãe da psicanálise, a análise me direcionava a trazer para mim, como marca de minha trajetória, a ideia de que, se há uma criança que apanha, esta sou eu. Mas ela não conseguia me revelar quem me batia, e, hoje, compreendo, não eram meus pais.

Quando, finalmente, li *Tornar-se Negro*, de Neusa Santos Souza (1983), entendi que a criança que apanhava era eu, mas quem me batia, assim como quem espancava os meus ancestrais, era o racismo à brasileira, sistemático, cotidiano e opressor, porém, continuamente escamoteado, o que faz com que nós, pessoas negras, sejamos pensados pela lógica da denegação racista como mentes quase esquizofrênicas, nós, sozinhos, fantasiemos as violências raciais. Afinal, quem é racista sempre é um outro, longe, distante, virtual, mas, não obstante, o corpo que padece nas mãos desse algoz é o meu, e de todas as pessoas negras, saibam elas, ou não. O racismo se instaurou na lógica brasileira como uma espécie involuída de doença psicossomática que atinge, especificamente, pessoas negras, nós somatizamos – no sentido perverso de inventar – um sofrimento que pertence a nossa vida mental e a nossa forma de interpretação de mundo. Não há remédio para a causa, pois não se reconhece a doença, ela seria uma fantasia nossa, então, trata-se o sintoma.

Do momento de nossa concepção à morte, somos corpos marcados por uma violência de base: nascemos errado, ou seja, há um erro de corpo, incorrigível, que nos condena a sempre sermos inadequados não apenas nas relações interpessoais, mas quando nos confrontamos ante o nosso espelho. Aliás, nós nos acostumamos a cuidar muito do nosso corpo, em lavá-lo, perfumá-lo, em prender os cabelos, penteá-lo, verificar o modo como nos vestimos, se estamos cheirando mal,

se nosso asseio é adequado e, por incrível que pareça, nada disso se relaciona com autoamor ou autocuidado. Estamos, ao contrário, num corpo odioso, que nos trai na sua desordem dos cabelos que não balançam, que crescem para cima, nosso corpo é uma prisão da qual somos, a um tempo, prisioneiros e carcereiros, precisamos cuidar para que esse corpo, já tão inadequado, não possa nos causar mais problemas. Esse é um corpo que se pronuncia antes que possamos falar e ele carrega, consigo, um texto que nós ouvimos como ecos coloniais extemporâneos, mas que a branquitude vê como, apenas, aquilo mesmo que nós somos.

Por causa desse corpo, vivemos em sobreaviso, atentas aos lugares onde entramos e às pessoas com quem conversamos, porque esse corpo negro é crivado de vulnerabilidades. A qualquer momento, como afirma Grada Kilomba (2019), podemos nos ver ante a cena de um corpo escravizado respondendo a perguntas sobre nossos cabelos em sua estética e higiene ou podemos causar espanto por cheiramos bem. Respondemos por sermos inteligentes ou por não sabermos movimentar esse corpo nos lugares estereotípicos reservados a ele: o samba, o futebol ou o canto.

Nosso corpo está aprisionado ao imaginário colonial branco, e nossa mente está permanentemente lesada por isso, vivendo com o trauma de ter um corpo errado, que vive em descompasso com aquilo que se crê ser o modelo, para nós impossível, ser um sujeito ante ao espelho. Somos fundamentalmente violados e alienados da posse de nossa leitura sobre nós mesmos, uma vez que viemos de uma barriga preta, que gera e põe no mundo uma criança preta, vista, pela sociedade racista, como um sujeito menor, uma vez que carrega signos de um ser que tem a sua humanidade inviabilizada.

Pensando assim, é impossível que falar de nós mesmas possa ser interpretado como um gesto meramente narcisista, para que o narciso se forme, é essencial que um ego auto-centrado e amoroso de si, que torne o seu próprio corpo – em sentido ampliado – um objeto de dedicação erótica, em um contexto de obtenção de prazer em manejá-lo, em tocá-lo e usufruir dele como quem descobre um paraíso perdido,

disponível apenas para o seu afeto. Não somos esse sujeito na medida em que somos ensinados que nosso corpo é a representação da feiura e da impossibilidade de adequação.

Acabo de descrever aquilo que Neusa Santos (1983) chama de Ideal de Ego branco, não alimentamos um ego fora das limitações raciais porque o nosso lugar social já é fundado, antes de nascermos, a partir do paradigma branco, portanto, impossível para nós. Perseguimos, desde sempre, um Ideal de Ego branco que nos compele a violentar o nosso corpo – sempre estranho – com cirurgias plásticas, clareamentos de pele, alisamentos de cabelo, roupas que nos recalquem traços físicos e modos de comportamento etnocentrados, pois não queremos ser a negra raivosa, escandalosa, arrogante, disponível sexualmente, nem submissa na estrutura da divisão racial do trabalho.

Nosso equipamento psíquico padece de várias formas: primeiro, porque não elaboramos um Ego autocentrado ao qual possamos amar e, portanto, defender, das ameaças do mundo. Por consequência, nos tornamos vítimas fáceis dos processos de violência racial desde a infância, neste sentido, aquilo que Freud (1917) se dedicou a chamar de ferida narcísica, que seria algo que dispararia a formação de um trauma fundante da nossa subjetividade, não nos pertence, em seu lugar, carregamos nas mãos um narciso inviável, periclitante desde a sua fundação o qual não carrega uma ferida plantada no seu seio, nosso narciso é a própria ferida, que sangra em trauma ancestral as violências raciais que nos massacram continuamente, eis o limite da psicanálise freudiana.

O que fizemos disso? Qual destino oferecemos a esse limite, já que precisamos ser corpos que contam, existências que se emancipam da limitante leitura racializada? Nós escrevemos.

A academia, assim como a sociedade, carrega consigo um ideal de Ego branco de base colonial – e aqui penso que a instituição na qual me formei, a UFBA, nasce em pleno regime escravocrata brasileiro, em 1808 – e ela, como todas as outras, mimetiza, no seu corpo esse ideal, tornando as intelectualidades negras percursos interditados de construção de episteme.

Assim, quando uma intelectual negra fala a partir de um eu, ela não fala a partir do fetiche autolaudatório da autobiografia, ela delimita, nessa fala, as fronteiras de um país desconhecido, que vai se construindo no texto, quando se equaciona, pela narrativa de fatos de sua vida, o lugar de fala que se desenha. A primeira pessoa da negra no contexto acadêmico é um gesto de ruptura com o mutismo ao qual fomos condenadas pelas máscaras inventadas pelo branco para sufocar nossa insurreição.

A minha geração, e aquelas que me antecederam, abriram, com o corpo, o caminho para ocupar lugares destacados na máquina universitária, que segue nos negando. Penso que nós não tínhamos, mesmo que militantes, a real noção do tamanho do inimigo contra o qual lutávamos e fomos, ora por teimosia, ora por convicção de plano de vida, avançando; quando, cada pessoa, ao seu tempo, compreendia e nomeava o inimigo, já estávamos imersos na luta, nosso corpo crivado de feridas, adoecidos, mas firmes e altivos na disputa racial.

Hoje, muitos estudantes adoecem cedo demais, muito mais do que nós, isto porque, no caminho-corpo aberto pelas gerações anteriores, a consciência da injusta divisão racial ficou como herança, assim, tenho visto estudantes adoecerem por excesso de consciência acerca de como a violência racial nos aprisiona. É daqui que nasce, para mim, a compreensão de que esse exercício de ocupar o lugar da primeira pessoa do discurso e contar a sua história é, sob qualquer forma, uma escrevivência acadêmica que pode ter, como efeito, o reconhecimento de si mesmo como um sujeito e o desenvolvimento de uma autonomia de pensamento, essencial para a maturação de nossas análises decoloniais de mundo. Mas ainda quero avançar sobre isso. A lógica da escrevivência é antibiográfica porque não se limita a falar do sujeito que diz eu. Diferente do que acontece com o pensamento base da branquitude, o eu que vocaliza e é ouvido faz, no tecido de sua fala, no que conta a sua própria história, uma costura com as vozes inauditas de sujeitos ainda oprimidos pela violência racial e ocupando lugares a partir dos quais não podem falar, são apenas falados pelo desejo do opressor (SPIVAK, 2010).

COMO VENHO ME TORNANDO UMA INTELLECTUAL ESCREVIVENTE: NOTAS DE UM CAMINHO

Entrei na Universidade Federal da Bahia (UFBA)⁴, como estudante, em 1998, e tenho 40 anos. Sendo assim, tenho mais tempo de vida dentro da UFBA do que fora dela, toda a minha formação se deu nessa universidade. Sou a segunda professora negra do Instituto de Letras da UFBA (ILUFBA)⁵, primeira e única até então no meu setor, o de Teoria da Literatura, que existe desde a década de 1960. E isso não é um orgulho, é uma denúncia.

Intelectuais minoritários não conseguem, facilmente, se tornar intelectuais divergentes, pois a universidade embranquece o pensamento, agindo com aquilo que hooks (2020) chama de assimilação. Esse processo de assimilação intelectual é disseminado por toda a formação acadêmica, com a diferença de que, para intelectuais negros há um processo de negação da importância do nosso lugar de enunciação e do silenciamento da nossa cor de pele, aprisionando nossa mente sob a máscara da branquitude. Na academia, não gritam-nos negra!⁶ Sob o risco de quebrar a máscara que nos aliena o pensamento.

A Teoria da Literatura limita o sujeito que escreve – se ele for negro, principalmente, aos modos de sua organização de linguagem e pensamento, reduzindo toda a literatura a uma frágil noção de beleza, rigor estético ou excepcionalidade. A colonialidade do saber construído na academia é perversa: usa a mente de corpos afrodiaspóricos a serviço e uma epistemologia hegemônica. Estudei, todo o tempo, uma literatura desvinculada de mim, da cor da minha pele, e que eu entendia que era a única literatura possível a ser pensada. A academia produz alienação racial, por exemplo, quando estou diante de um texto, estou, segundo a TL, diante de um inefável a ser por mim apreendido e interpretado como especialista que sou, como leitora diferenciada, uma nata caçadora de silêncios e impossíveis linguareiros. A minha pele gritava diante das minhas professoras, e todo o possível era feito para silenciar o meu pensamento e alienar a minha negritude na prática intelectual.

4. A partir desta citação, nomearei pela sua sigla: UFBA.

5. A partir desta citação, nomearei pela sua sigla: ILUFBA

6. Referência ao já clássico poema “Gritaram-me Negra”, de Victoria Santa Cruz.

Durante mais de dez anos da minha vida, quando estava produtiva, mais disposta, menos adoecia, entre os 18, ano em que fui aprovada no curso de Letras da UFBA, e 28 anos, quando obtive o grau de doutora, dediquei meu pensamento, aquilo que alguns chamam de os “melhores anos da minha vida”, a alimentar a máquina epistemológica da branquitude. Como a subalternizada de Spivak (2010), a minha fala não ela calada, mas reproduzia o desejo do opressor. Ensinaram-me que alguns textos não poderiam adentrar a sala de aula, pois eram panfletários. E esses métodos de violação intelectual foram adotados por mim como método de ensino, por alguns anos, no início da minha carreira docente. Mas, como diz minha sábia mãe, tudo só vai até um dia. Num certo dia, já concursada para a vaga de docente que hoje ocupo, fui convidada por um grupo de estudantes para um sarau, que ocorreria no espaço da cantina do ILUFBA, àquela altura, eu havia acabado de publicar o meu primeiro livro⁷, e quis ver o trabalho dos meninos e, dentre os estudantes muito jovens, destacou-se, aos meus olhos, um, já não tão jovem, um senhor, na verdade, de nome José Carlos Limeira⁸. Quando Limeira recitou os seus já clássicos versos do poema “Quilombos”: “Por menos que conte a história / Não te esqueço meu povo / Se Palmares não vive mais / Faremos Palmares de novo”, algo cresceu dentro de mim, fiz questão de conhecê-lo, e ele tornou-se meu pai afetivo, meu iniciador no campo da Literatura Negra. De Limeira, fui a Cuti, desse a Mel Adun, Semog, Miriam Alves, Geni Guimarães, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo e à poesia africana de Língua portuguesa, o que me rendeu o meu primeiro texto⁹ no qual eu buscava desafiar o limite da Teoria da Literatura e sua parca instrumentalização para pensar literaturas emergidas de lugares minoritários.

A Teoria da Literatura (TL)¹⁰ se vende como o espaço onde tudo é possível, mas é necessário apontar o seu limite. Se aprendemos que o discurso literário ou é ético, ou é estético; devemos reconhecer que, na prática, tudo diverge. Ante alguns textos, a estudiosa é instada a apresentar elementos supratextuais, como dados biográficos, pensamento ou postura política; ante outros, não apenas não cabem interesses

7. *Água Negra*, 2011, Ed. Caramurê. Prêmio Banco Capital de Literatura e Cultura.

8. José Carlos Limeira, militante histórico do Movimento Negro Brasileiro, autor constante dos *Cadernos Negros* e autor de *Encantadas*, Ed. Ogum's Toques Negros, 2014.

9. SOUZA, L. M. N. A lírica menor: por uma Teoria da Literatura das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. *Crítica Cultural*, v. 5, p. 219-231, 2010.

10. A partir desta citação, nomearei pela sua sigla: TL.

dessa natureza, como somos até mesmo desaconselhadas a acolher tais textos nas salas de aula.

Nos últimos anos, no entanto, tenho visto um recorrente interesse de colegas do campo da TL em textos – poucos – de autoria negra. A maioria ainda desconhece maciçamente a Literatura Negra, dentre tantos textos, poucos são pensados ou visibilizados.

Dentre esses poucos autores, avulta-se o valoroso nome de Conceição Evaristo. Sobre o modo como a academia branca tem se apropriado dos seus textos, destaco duas cenas, a primeira delas, quando uma colega me disse que estava incluindo textos de Evaristo no seu programa de aula e que tinha acabado de ler o conto “Maria” (2016) e ficou maravilhada pelo modo como os estudantes se identificaram com o sofrimento da personagem. Espantada, pensei o quanto o racismo estreita a complexidade de nossas vivências, será que todos os estudantes negros daquela colega têm pais que praticaram roubo à mão armada e mães que trabalharam como empregadas domésticas e morreram espancadas e espezinhadas em coletivos? Certamente não, esta é só a visão de quem nos olha através da máscara (KILOMBA, 2019). Em outros momentos, somos vistas pelo preguiçoso olhar supremacista, como aquele vindo de outra colega, que, num congresso, me pediu que explicasse a ela um pouco mais sobre “esta coisa de escrevivência que estava na moda agora, é uma coisa interessante, mas não me dediquei a estudar”, disse ela.

Grada Kilomba nos ensina que sempre que uma pessoa negra fala, um branco, assentado na sua branquitude, retruca o seu tradicional “mas é que...”. Diante dele, não devemos nos submeter a responder à branquitude sob pena de ficarmos eternamente ensinando a pessoas que não querem aprender, isso apenas desgasta nossa mente e afetos. Assim, ante à indagação da colega, limitei-me a dizer: “Pena não ter se dedicado até agora a estudar a escrevivência, pois, se dedique, é um conceito muito produtivo”.

Aprendemos quando nos dedicamos a pensar, desde a desconstrução (DERRIDA, 1971) ao pensamento decolonial, que estamos numa guerra de interpretação, ou seja, de atribuição

de sentido, mas, neste momento, eu creio que nossa guerra é outra, estamos brigando pelo estabelecimento de quais são os objetos dignos de serem pensados como produtores de sentido e quais sentidos esses discursos são capazes de produzir, nos confrontando com o olhar etnocêntrico da academia.

Existe uma lógica, já tradicional no pensamento supremacista de intelectuais brancos, de que, quando estes se dedicam a pensar sobre nossa cultura, religião, ou qualquer aspecto visto ou pensado como específico da negritude, seja em África ou na Diáspora, esses estudiosos brancos passam a ser reconhecidos como referência no tema, principalmente diante de nós, conduzidos ao mutismo que perpassa o lugar de objetos de estudo. Ultimamente, atentos às mutações de interpretação sobre os lugares dos objetos de estudo e o comprometimento dos estudiosos na cena de pesquisa, muitos passaram a, perversamente, dizer que nós temos nossa voz, que devemos, portanto, vocalizar e nos representar em todas as instâncias, e que, por consequência, essas pessoas não se sentem autorizadas a falar sobre temas relativos à negritude, pois não ocupam um lugar de fala competente para tanto. Assim, nosso mutismo permanece, uma vez que, apesar de termos voz, não nos são dados ouvidos, e a intelectualidade branca nos relega às periferias do seu pensamento e estratifica os lugares de fala na academia. Muitos professores brancos não se sentem capazes ou à vontade para estudar literatura negra por um pretenso desconforto, pela sua ausência de lugar de fala, no entanto, estudam literaturas etnocêntricas, inglesa, russa, irlandesa, dentre outras. Essas posturas, decerto, não se justificam pelo lugar de fala, mas pelo interesse e pelo reconhecimento do valor e da complexidade do objeto de estudo.

Finalmente, meu pensamento, agora, se direciona a caminhos possíveis para intelectuais – negros ou não negros – que se interessam por pensar a Literatura Negra na academia, decolonizando a TL. Para mim, começa, primeiramente, não apenas revisando as políticas de citação, mas trazendo à cena outros textos literários que nos sirvam como disparadores de estudos, portanto, cabe a nós ampliar os nossos limites de

leitura e interpretação e instaurar outro corpus de pesquisa, suplantando os objetos óbvios e cansados e atentando para textos que circulam para além do cânone.

Em segundo lugar, cabe articular outros campos de estudo – como o feminismo negro, os dados estatísticos sobre populações racializadas no Brasil, a pedagogia, a sociologia negra que tem pensado a maternidade, a psicologia que vem se enegrecendo, dentre outros campos. Por exemplo, em “Di Lixão” (EVARISTO, 2016), só é possível alcançar, na minha leitura, o sofrimento do personagem, um jovem em situação de rua que é atordado por uma dor de dente que corta toda a narrativa, se a conectarmos com o tema clássico quando a náusea, de Sartre, retomado por muitos autores, a exemplo de Camus e Clarice Lispector. Mas, a náusea, sozinha, enquanto adensamento do sofrimento da personagem, não dá conta do texto, a dor de dente, que abala todo o corpo de Di Lixão, uma vez que esse é um sintoma da ausência, da grande dor fundante da ausência da mãe. Portanto, para entender esse texto de Conceição Evaristo, é necessário acessar estudos históricos e sociológicos sobre a construção da maternidade negra, a construção do lugar da mulher negra, das famílias negras. Enfim, isto não é o olhar sociológico, é a mão interpretativa interseccional, termo tão relevante e minorado pela academia supremacista branca.

Em terceiro lugar, é imprescindível construir uma dicção dissidente e minoritária, enegrecer as coisas no texto, a partir da linguagem, desrecalcar a primeira pessoa do negro no texto. Quando falamos em primeira pessoa no texto, somos minorados, algo que tornou-se, há um tempo, tradicional entre pensadores brancos. Por que algumas primeiras pessoas interessam à academia, outras não. Por que algumas organizações de linguagem são escanteadas ou reprovadas como metodologicamente impróprias? Lanço aqui essas perguntas como provocação, mas, há algum tempo, decidi não responder mais a elas na faina incansável de dar conta das expectativas da branquitude.

O meu compromisso é com os intelectuais negras e negros que formo, portanto, em lugar de responder a essas

arguições, tenho, na prática, buscado escrever textos, fazer palestras e ministrar aulas com uma bibliografia tanto teórica quanto literária, majoritariamente negra, ou dissidente. Isto porque me interessam metodologias enegrecidas de prática intelectual, articular interseccionalmente as escolhas narrativas, os destinos das personagens, o enredo; no poema, o universo representacional, o eu lírico que se coloca ali... O que está posto pela TL nos serve até certo ponto, mas o que nos interessa, como nos ensina Derrida, o argelino, é abalar, deslocar saberes e práticas instituídas, inventar soluções fora das normas, pinçar operadores teóricos e críticos dos próprios textos literários e de textos de outros campos de saber. Isso, na minha visão, é ser uma intelectual escrevinte. Todo o meu pensamento é feito assumindo o compromisso de falar em primeira pessoa com a pessoa do texto literário e com aqueles que têm acesso à minha fala.

É fácil? Não. Quanto custa? Muito. Custa, por exemplo, o valor que eu tenho, enquanto intelectual e professora, na bolsa de valores da academia. No entanto, me interessa mais pensar que isto vale mais do que custa, vale a minha liberdade de erguer a minha voz para além dos lugares de subalternização aos quais insistem em me reduzir. E isso não tem preço.

REFERÊNCIAS

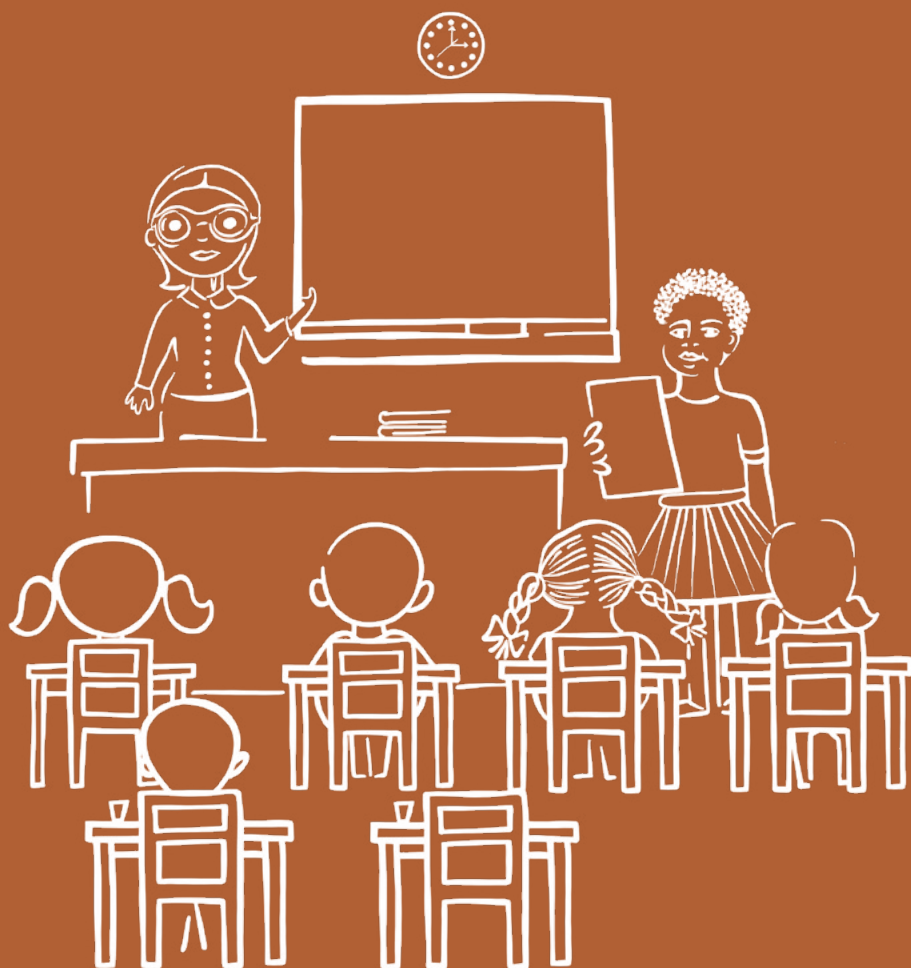
- ARFUCH, Leonor. Antibiógrafias? Trad. Dênia Sad Silveira. In: SOUZA, Eneida Maria de; TOLENTINO, Eliana da C.; MARTINS, Anderson B. (Org.). *O futuro do presente: arquivo, gênero e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 13-27. (Humanitas).
- COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Soc. estado*, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016. ISSN 0102-6992. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100099&script=sci_abstract&lng=pt Acesso em: 12 out. 2020.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia* 1. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica, 2014.
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, Jacques. *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

- EVARISTO, Conceição. Da grafia–desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007. p. 16–21.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FREUD, S. *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1995. v. XVII.
- HOOKS, Bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- NIETZSCHE, F. Segunda consideração intempestiva: sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida. In: BREUDEL, Fernando. *Escritos sobre a história*. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010 [1985]. 133 p.



Vivências da absorção e da expressão

Angela Dannemann



A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela.

Paulo Freire

Todo ser vivo, a partir da sua criação, primeiro absorve para depois expressar, acumula e depois expande. A epígrafe acima fala de uma parte desse ciclo de absorção e expressão, de contração e expansão.

Assim é com o ser humano.

Bebês começam a se desenvolver ainda dentro do ventre da mãe usando primordialmente os sentidos da audição e do tato. Já escutam o batimento do coração da mãe e os sons mais altos que atravessam a barriga dela. Fazem contato do seu corpo com o corpo da sua mãe, sentindo os movimentos que ela faz. Absorvem essas sensações e se expressam também se mexendo e se virando. Ao nascer se expressam, no seu primeiro choro indicador de vida, e começam a respirar, absorvendo o ar que irá proporcionar seu crescimento, sua expansão. Por isso, antes mesmo de nascer, todos nós começamos a reunir experiências, vivências.

Nosso corpo, o equipamento que temos para viver, tem capacidades limitadas por sua própria natureza, inicialmente voltadas para lidar com sua sobrevivência, mas também para se desenvolver e reproduzir no meio natural em que vivemos. Um meio que pode assumir qualquer forma ou caminho, pois a vida pode ser qualquer coisa; uma diversidade visível a todos nós, pois basta olhar em volta e ver como são diferentes todas as criaturas e formas que encontramos na terra, no mar e no ar. Essa jornada de desenvolvimento vai acrescentando outras camadas a esse equipamento desde o nascimento: absorvemos a cultura, a linguagem, os valores e as crenças nos quais estamos inseridos. Vamos processando tudo e nos expressando enquanto crescemos. O nosso desenvolvimento é contínuo e moldado pelas experiências vividas, de forma biológica, social e cultural. Dessa maneira, cada um de nós vai construindo sua identidade própria.

Pare um pouco para pensar nisso.

A criança aprende a falar ouvindo o que os outros falam para ela. Absorve as palavras, os tons e os gestos das pessoas à sua volta, daí a sua capacidade quase que infinita de aprender. A neurociência explica isso com clareza – 90% das conexões cerebrais são estabelecidas na primeira infância, o período que contempla de 0 até 6 anos. O desenvolvimento de uma pessoa é contínuo e incorpora diversos processos biológicos, relacionais e afetivos que se moldam a partir das experiências vivenciadas. Disso se trata a integralidade do ser humano, da pessoa, desde criança, como expressa o provérbio africano que nos diz que é necessária uma aldeia para educar uma criança. No entanto, vale ressaltar que esse desenvolvimento é tanto melhor quanto as experiências dessa pequena criança forem positivas e afetuosas, tanto pior quando há mais omissão e violência. O que acontece com uma criança entre 0 e 6 anos de idade pode ter efeitos marcantes sobre seu desenvolvimento físico, sua personalidade, sua capacidade intelectual e seu comportamento social futuros. Em outras palavras, nosso corpo, nosso comportamento e entendimento do mundo à nossa volta, começam a se moldar.

Aqui é necessário começar a falar dos desafios...

Os bebês começam a sentir o cuidado, o amor e a atenção ou a violência, a falta e a omissão ainda na barriga de suas mães. Tudo fica mais grave quando falta alimento apropriado, cuidados pré-natais e apoio de uma família para essa chegada, muitas vezes inesperada ou indesejada, por falta de apoio, despreparo ou absoluta pobreza e desespero.

Da cabeceira do rio, as águas viajantes
não desistem do percurso.

Sonham.

(Trecho do poema “Na Esperança, o homem” – Conceição Evaristo)

Ao desenvolver sua fala e aprender sons e palavras, os bebês começam a se comunicar e perceber que as pessoas reagem a ela. Mais um conjunto de vivências importantes,

duradouras, por acontecerem, ainda, nesta fase marcante do desenvolvimento, a primeira infância, quando as crianças expandem seu conhecimento e suas relações. Passam a conviver com outros membros da família e entram em contato com o primeiro espaço social – a creche e a pré-escola e cuidadores. Aqui, tudo que está sendo absorvido é processado rapidamente nas conexões neuronais que se desenvolvem e é experimentado em gestos e fala que buscam reações da mãe, do pai, dos demais membros da família e das pessoas da convivência escolar.

Uma etapa marcante da expressão que desenvolve os fundamentos da comunicação entre nós, seres humanos – a oralidade. Cada palavra e som que os pais e familiares pronunciam são observados com atenção, cada música e cantiga precisa passar pelo “de novo” infinitas vezes para satisfazer um chamado interno de reproduzir esses sons, de construir essas combinações e significados. Uma conexão entre olhares faz toda a diferença neste início. Assim também se dá nas creches, em que histórias, poesias e cantigas precisam ser repetidas milhares de vezes a partir de pedidos que devem ser considerados, um a um. É a primeira “graduação”, por assim dizer, de cada ser humano na sua busca por reconhecimento e autonomia.

Será que conseguimos nos lembrar da nossa experiência com nossos pais? Receber um olhar atento, prestar atenção aos detalhes do que somos e fazemos, são marcas do afeto de pais, da família e dos demais adultos que estão presentes, cuidados que fazem a diferença na vida presente e futura de toda criança. Mas nem toda criança tem isso...

Obstáculos importantes separam muitas crianças brasileiras de um ambiente de pleno desenvolvimento, que propicia o afeto positivo de que precisam. Barreiras sociais históricas, que atravessam todo o contexto e as políticas públicas, ao invés de criar uma rede de proteção para as crianças, na verdade produzem desigualdades profundas para elas e suas famílias. O recente crescimento na taxa de mortalidade infantil, o precoce distanciamento da mãe e do adequado aleitamento materno, o risco de exposição à violência, a dificuldade de obter uma vaga em creche, entre outros, são

desafios enormes nessa primeira infância. Vivências, descobertas e afeto que são levados para o resto da sua vida. Aqui uma frase de Conceição Evaristo nos coloca, de maneira inspiradora, mas também absolutamente verdadeira, diante da realidade apresentada acima: “o mundo começa a partir de nosso lugar de vivência”.

Sim, já nascemos desiguais, não saímos da mesma posição para a corrida da vida.

Lembrando que estamos falando de crianças, vamos partir para a próxima absorção, logo na sequência da expressão da oralidade, tão constitutiva de todos os seres humanos. É visível quando uma criança chega em um ambiente tímida e recolhida e sem se manifestar de alguma maneira – algo certamente não está bem. Uma timidez inicial é aceitável, mas por muito tempo é sinal amarelo – de que algo não caminhou bem nas etapas até o desenvolvimento da oralidade, por baixa frequência ou ausência de uma comunicação adequada ou por proibição da expressão. A boa notícia é que algumas pesquisas publicadas a partir da década de 1990 apontam o enorme impacto positivo das brincadeiras e da leitura para o desenvolvimento das crianças. Não é à toa que todos temos nas nossas memórias afetivas a sensação de alegria e conforto, quando lembramos das brincadeiras da infância. Está certo que também lembramos dos momentos doloridos, de quando caímos ou de quando aprontamos alguma arte e ficamos de castigo – tudo parte da vivência! No caso da leitura, além de contribuir para a sociabilidade e a empatia, especialmente na primeira infância, ela gera efeitos muito positivos sobre a linguagem e o vocabulário.

O Brasil avançou bastante nos últimos vinte anos quando falamos da educação infantil, a etapa que atende a primeira infância – são as creches para a faixa entre 0 e 3 anos e as pré-escolas para a faixa entre 4 e 5 anos. Aos 6 é esperado que a criança ingresse no primeiro ano da escola elementar, antiga primária, hoje chamada de Ensino Fundamental. Apesar disso, ao analisar mais de perto os dados oficiais, vemos como a oferta ainda é insuficiente e desigual – um terço das crianças de 0 a 3 anos está fora da creche por falta de vaga. Justamente

as mais pobres. Um novo reforço na desigualdade que já veio se formando desde o nascimento dessas crianças. Além de não haver vagas, a etapa da creche não é obrigatória no Brasil e os cuidados com a criança entre 0 e 3 anos de idade seguem a oferta de serviços e as necessidades e desejos dos adultos responsáveis por elas. É mais comum que elas fiquem em casa, na creche comunitária ou na casa de alguém, ou ainda numa combinação dessas possibilidades. Neste momento vale fazer um novo alerta: a pressa em criar novas vagas é equivocada se não cuidarmos da qualidade de educação que está sendo oferecida. Ampliar vagas sem assegurar bons espaços, educadores e cuidadores bem selecionados e formados para essa etapa da educação, boa alimentação e recursos, ou seja, sem garantir a qualidade do serviço, pode gerar mais efeitos negativos que positivos. Novamente, atenção, cuidado, afetividade e intencionalidade de educar, ou seja, qualidade, são importantes para o desenvolvimento saudável dos pequenos de 0 a 3 anos e estão associados a maiores níveis de sucesso acadêmico e profissional por toda a vida. Criança em desenvolvimento demanda cultivo permanente. É preciso manter o solo fértil e usar as mais diversas técnicas e recursos, para se obter as melhores colheitas. Assim é também quando temos a tarefa de educá-las – os melhores resultados decorrem de um sistema capaz de estimular continuamente a vontade de aprender.

Voltando à leitura, vou aqui tecer uma grande colcha de elogios aos seus efeitos benéficos, dentro das escolas e creches e nos espaços públicos de leitura, que ampliam o acesso a quem não tem condições econômicas de ter livros, mas também, e muito, no ambiente familiar. Quando mães e pais leem para seus filhos e filhas – e isso pode ser feito desde a gestação – o relacionamento entre eles é fortalecido e são criadas condições mais propícias a um desenvolvimento emocionalmente saudável.

A leitura feita pelos pais antes de dormir é uma atividade que contribui para melhorar a qualidade do sono e diminuir a ansiedade, o isolamento e o comportamento agressivo, aumentando o bem-estar e melhorando a saúde geral da criança. Além de ser um momento muito prazeroso para

os pais e mães que o fazem. Esse momento é um ato de amor que se assemelha ao tempo dedicado às brincadeiras, principalmente quando a criança participa de forma livre e ativa da história. Pais e filhos podem brincar com o livro e, mesmo que a história seja assustadora, cheia de monstros e vilões, podem viver essa fantasia juntos e se divertir muito. Todos nós, desde muito pequenos, nos vemos entre a necessidade de ter segurança, confiança, previsibilidade e o desejo de aventura, novidade e risco. Por isso, sob a proteção segura de um adulto querido, o passeio no universo das histórias infantis permite que a criança amplie sua compreensão do mundo e comece a conhecer alguns dos dilemas que a vida pode lhe apresentar. Como disse Rubem Alves: “Ler nos torna melhores, permite que a gente entenda melhor o outro, permite que a gente entenda a nós mesmos”.

Essa leitura conjunta também propicia o desenvolvimento da extroversão, amabilidade e habilidade de ser consciencioso, e é também uma importante aliada no desenvolvimento da linguagem oral, contribuindo para o entendimento dos sons das palavras e para a capacidade de interpretação dos textos, sem falar no aumento do vocabulário dos pequenos. A leitura mediada pelos pais tem, ainda, o potencial de reduzir efeitos negativos no desempenho escolar de crianças na faixa dos cinco anos, que vivem em situação de risco familiar ou social.

E depois da leitura, quando já dominamos a expressão da fala, da oralidade, e já estamos absorvendo as letras nos livros, nas revistas, na rua, lendo os cartazes, os anúncios? Já nos sentimos leitores?

Vem o momento de maior expressão – o da escrita! Ele se inicia, mais ou menos, entre os 6-7 anos e dura toda a vida. Mais ou menos porque cada criança tem o seu tempo certo, tanto de ler, como de escrever – elas não são robôzinhos. Escrever, no início copiando as letras e reproduzindo histórias, repetindo o que nos é ensinado, depois recriando os textos que lemos e, por toda a vida, criando textos que são só nossos, é uma aventura sem limites. O começo não é fácil, mais difícil ainda para crianças que vivem em famílias sem a tradição da cultura letrada.

Importante aqui lembrar que não estamos falando de pessoas sem cultura, mas sim de pessoas sem tradição de escrita na origem familiar, já que havia e ainda há uma forte e histórica tradição de oralidade, visível e relevante quando vemos os cordelistas e repentistas no Nordeste, comunidades indígenas e afrodescendentes, além de tantas outras comunidades pelo Brasil afora, que têm como tradição transmitir de forma oral seus contos e mitos. Nos tempos atuais, os estímulos orais são ainda mais atraentes, por termos milhares de oportunidades orais no nosso cotidiano, muito além dos tradicionais programas de rádio, que informam, educam, divertem e distraem: as mensagens gravadas, as webconferências, os spots de campanhas publicitárias, as entrevistas e debates, a declamação de poemas e os slams (com ou sem efeitos sonoros), as peças teatrais, os vlog de games, a contação de histórias, os diferentes tipos de podcast etc. Essa diversidade é muito importante, pois são caminhos que podem levar ao texto escrito. Não se trata de dominar uma ou outra forma de expressão, mas sim todas as possíveis formas, principalmente a forma escrita, pelas características da nossa sociedade contemporânea.

Vale aqui interromper a prosa para trazer um breve resumo de alguns dados de nossa realidade, pois eles explicam muitas das nossas barreiras e das dificuldades enfrentadas na busca por uma educação de qualidade para todas as nossas crianças, desde a primeira infância.

Muitas famílias brasileiras passaram, a partir das décadas de 1950-60, a se concentrar em comunidades e bairros mais pobres, favelas e periferias das grandes cidades do Brasil, ao migrarem, em sua grande maioria, de seus lugares de origem nas regiões Norte e Nordeste do país para essas grandes cidades, em busca de melhores empregos e qualidade de vida. O acesso à educação era algo distante – pelas estatísticas do INEP/MEC e do IBGE¹, ainda em 1990, apenas 19% da população terminava os quatro primeiros anos da escolaridade, quando toda criança deve estar alfabetizada, e 22% ainda eram analfabetos. Em 2017, ou seja, há apenas três anos, 7% da nossa população com mais de 15 anos não sabia ler nem escrever. Vale também chamar a atenção para um

1. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

dado alarmante sobre a desigualdade em termos de raça: entre os analfabetos, pessoas negras (a soma das pessoas pretas e pardas) representavam o dobro dos brancos. Considerando a importância da educação, em qualquer lugar do mundo, para assegurar a formação de cidadãos aptos a participar democraticamente no mundo da vida e do trabalho, esta era a condição histórica da grande maioria das crianças brasileiras – viver em famílias quase analfabetas.

Só temos o medo
só o medo
o medo de sermos corajosos.
De sermos medrosos
também o medo.

("Só o medo" – Conceição Evaristo)

Os dados apresentados ainda não revelam a gravidade do desafio que crianças pretas, pardas e indígenas enfrentam, quando saem de seu ambiente de convivência familiar – justamente aquelas que vêm de famílias com uma tradição mais forte na oralidade. Em escolas públicas e outros ambientes públicos, a grande maioria das referências é baseada em uma lógica ocidental e eurocêntrica, com figuras de crianças e adultos brancos ou claros, raramente permeados por algum objeto ou imagem mais associado a suas referências de origem e familiaridade. Estou aqui tratando da enorme omissão de sucessivos governos e da sociedade como um todo em procurar, incentivar e disseminar referências culturais no mínimo tão diversas quanto a diversidade racial e cultural encontrada em um país constituído por seus habitantes originais indígenas, somados aos europeus de diversas nações e aos milhões de escravizados vindos de diversas nações africanas – afinal, 55,8% da população brasileira se autodeclarou pretos ou pardos, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua de 2018². Uma omissão histórica que gera um enorme desconhecimento da cultura e história indígenas e afro-brasileiras, como se esses brasileiros não fossem autores e produtores de arte, literatura e conhecimento inspirado-

res e também úteis. A despeito de leis que exigem incluir no currículo oficial das redes de ensino de todo país a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” – as Leis 11.645/2018 e 10.639/2003, que modificaram a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), legislação que rege toda a educação básica brasileira. É na escola que toda criança começa a se reconhecer como parte de um grupo maior, como também tem a oportunidade de desenvolver sua identidade própria e de se comparar com outras crianças antes desconhecidas. Se observarmos os materiais didáticos, livros e referências educacionais e culturais usadas na maioria das redes de educação e escolas públicas do país, onde está matriculada a imensa maioria das crianças e adolescentes, essas temáticas e referências quase não aparecem, o que certamente provoca uma sensação de estranheza e de não identificação. E como justificar a quase ausência dessas temáticas, apesar da obrigatoriedade em lei? Será que não temos razões suficientes e um repertório cultural grande o suficiente para que essa temática estivesse natural e em frequência razoável tanto em escolas e museus, como nos demais espaços educacionais e culturais de todo o país?

Retomo nossa prosa das vivências da absorção e expressão, reafirmando que escrever é o momento de maior expressão de uma pessoa. Articular as palavras a partir de dentro, dos nossos pensamentos e sentimentos, e registrá-las em uma folha de papel ou em outro meio de escrita, não é natural, demanda aprender, ser estimulado a fazê-lo, repetir e persistir. Ser capaz de resistir e persistir, durante nossa vida escolar e profissional, quando somos corrigidos e criticados, inúmeras vezes. Quando somos ignorados, também, diante da falta de referências de identidade mais equilibradas. Aqui, vale trazer uma breve situação: consideremos uma criança indígena amazônica, que precisa utilizar materiais didáticos e livros cujos personagens são todos brancos, vivendo em casas de alvenaria e não havendo sequer um exemplo que se assemelhe à sua vida ou à vida da sua família; mas também vamos contemplar um professor branco que está ensinando

em uma escola de uma grande cidade e todo o material que ele tem disponível não traz qualquer referência histórica, geográfica ou literária associada a escritores, compositores ou artistas indígenas ou negros. Muitas vezes não há sequer referências nacionais, apenas estrangeiras de literatura, artes, música etc. Não se trata aqui de limitar o horizonte do estudante, ao contrário, mas de trazer referências diversificadas do seu entorno, da sua região, do seu país, e ir ampliando para outras partes do mundo, dando a ele a dimensão da produção cultural e científica humana. Assim está definida a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada em 2018, documento normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo da Educação Básica (da pré-escola ao final do Ensino Médio); que considera que os currículos regionais produzidos a partir dela devam ter uma parte comum, com competências iguais para todos os estudantes do Brasil, e uma parte diversificada que complementa e enriquece a Base Comum, respeitando as características regionais e locais da sociedade, numa proporção 60/40. Tanto o estudante quanto o professor sofrem por estarem inseridos em um contexto de desequilíbrio de conhecimento da diversidade de referências nacionais. Uma criança que não se identifica com uma situação terá enorme dificuldade de escrever a partir de si. Por outro lado, uma professora que não conhece essa diversidade e não a identifica nos seus estudantes terá dificuldades em estimular a sua escrita e também de avaliá-la adequadamente.

Neste momento da escrita, quando expomos as nossas possíveis falhas, colocando-nos sob o julgamento de outros que consideramos mais capazes do que nós, estamos sujeitos a duras críticas e corremos o risco de ser ignorados. Outras formas de expressão são possíveis, muitas delas bem mais fáceis e acessíveis e com menor risco. Mas escrever é a maneira como demonstramos ser parte de uma cultura letrada, em que as pessoas se comunicam por correspondência, correio eletrônico, bilhete, poesias, livros, artigos e ensaios, por fim, por uma dissertação ou tese, quando nos tornamos mestres ou doutores e somos capazes de produzi-las, ao final do nos-

so ciclo de estudos na universidade. Esta não é a medida de grande valor da nossa sociedade?

Gabriel García Márquez afirmou, em uma entrevista, que a única coisa que ele faria para evitar a morte seria escrever muito. Ouvi-lo com atenção nos faz entender a importância do termo cunhado por Conceição Evaristo – ESCRIVIVÊNCIA.

Adotar a escrevivência convoca um começo. Pouco a pouco, individualmente, despertar a vontade de registrar nosso dia a dia, nossas lembranças, nossas experiências e observações a respeito de nossos interesses – escrever nossas vivências. Escrever o que vivemos, falar do nosso cotidiano, dos nossos sentimentos e das nossas memórias. Como o velho hábito do diário, das cartas para a família, contando como está indo nossa vida. Não necessariamente para tornar os escritos públicos, mas para registrar as ideias, os afetos, os sentimentos – como forma de nos expressarmos. Com a vontade de sermos lidos, com a vontade de que nos entendam melhor, de que sejam testemunhas do nosso viver. Quantos de nós guardamos as cartas que recebemos? Conceição também sempre nos relembra de algo. Algo por que passei brevemente no início deste artigo – somos indivíduos, mas nos desenvolvemos dentro de um grupo de pessoas e de um ambiente, ou seja, somos produto de um conjunto, um coletivo de pessoas que nos geram e nos cercam e das camadas que absorvemos e processamos. Toda a nossa expressão está carregada da família e da cultura em que crescemos, modificada por nossas reflexões, dando, portanto, sequência a uma cultura ancestral, dos nossos pais, da nossa família e de todas as influências que sofremos ao longo do nosso crescimento e que nos marcam, nos afetam – daqueles que vieram antes de nós. Quantos autores renomados escrevem livros premiados de ficção que reproduzem suas experiências de vida? Suas lembranças? García Márquez é um deles, Conceição Evaristo e Jorge Amado são outros, para falar de apenas alguns, vindos da nossa vizinhança.

A memória escrita pelo adolescente Matheus Fernandes de Sousa, vencedor da Olimpíada de Língua Portuguesa em 2019, mostra um exemplo de escrita das lembranças. Reproduzo aqui um pequeno trecho:

Escondido no Cerrado goiano, próximo ao povoado de Campo Limpo, então distrito de Iporá, nosso sítio foi o cenário da minha infância. Fui a sétima filha de um total de doze irmãos. Papai era boiadeiro, tocava a boiada pelo estradão. Muito rígido com os filhos, nos repreendia apenas com o olhar. Mamãe fabricava rapadura para incrementar a renda da família. Nossos brinquedos, presenteados pela mãe natureza, eram bonecas de sabugo de milho, corda de cipó para pular, cavalinho de pau e barro para moldar objetos.

Aqui, temos um trecho do poema de Nicole Rodrigues Florentino, também vencedora da Olimpíada de Língua Portuguesa em 2019, que fala da cidade em que ela mora. Será que conseguimos adivinhar que cidade é essa?

Da janela de minha casa,
Vejo um belo horizonte.
Que lugar maravilhoso!
Aqui é um lugar esplêndido
De se viver, curtir e divertir.

Da janela de minha casa,
Vejo turistas curiosos,
Com um olhar fascinante,
Admirando nossa Pampulha exuberante.

Da janela de minha casa,
Vejo um delicioso feijão-tropeiro,
Digno de um mineiro,
Tão bom quanto o seu cheiro.

Da janela de minha casa,
Vejo belos museus ordenados,
Com nosso passado
Muito bem guardado.

Da janela de minha casa,
Vejo a criminalidade
Expandindo pela cidade.

Da janela de minha casa,
Vejo cintilantes cachoeiras,
Onde nadamos e nos refrescamos

Da janela de minha casa,
Vejo tanto desemprego,
Assombrando nossa gente,
Que é honesta e decente.

Da janela de minha casa,
Jo crianças sem cama,
Sem casa e sem comida...

O jovem Nicolas dos Santos Sá, finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa em 2019, nos conta algo que aconteceu no seu cotidiano, já trazendo sua imaginação neste trecho do seu texto:

Voltando o meu olhar mais para além, e nas redondezas desses acontecimentos, eu vi que o menino aguardava ao lado da estátua do Manoel de Barros. Agora sim, caro leitor, eu me interessei de fato por tudo o que via e era muito inusitado e diferente. A cena me intrigou. A estátua do Manoel e o moleque pareciam “amigos”, o olhar do Manoel, a meu ver, cuidava dos pertences do garoto enquanto mais uma vez ele saía para oferecer suas bugigangas. O Manoel sentado em seu sofá, com um sorriso cativante e em seus trajes simples, não se movia, mas parecia ter vida e, de alguma forma, auxiliava os trabalhos do menino.

Já a jovem Rubia Ellen Campelo Costa, também vencedora da Olimpíada de Língua Portuguesa em 2019, coloca

claramente a sua opinião sobre um acontecimento na sua cidade. Mostro aqui um trechinho do seu artigo:

Visando aumentar o turismo da região, o projeto de requalificação da avenida mais turística da cidade, proposto pela prefeitura, consiste em aumentar 80 metros a faixa de areia (mar adentro) do aterro. Ele está orçado inicialmente em 68 milhões, o que causa revolta em uma grande parcela da população por ver tanto dinheiro público empregado em uma obra que pode trazer, inclusive, prejuízos ambientais, enquanto outras necessidades básicas da população são negligenciadas, como postos de saúde precários e escolas com péssima infraestrutura. O temor da população cresce ao relembrar casos como o do Aquário do Ceará, que nasceu a partir da alegação de que iria incrementar o turismo cearense, entretanto as obras foram paralisadas por falta de verba e, hoje, nem Governo nem iniciativa privada querem mais assumir a finalização da obra, restando à população apenas frustração e indignação.

A Olimpíada de Língua Portuguesa³ é um concurso de produção de textos para estudantes de escolas públicas de todo o país cujo tema é “O lugar onde vivo”. Adolescentes e jovens em escolas de todo o Brasil, com seus professores, passam o ano produzindo poemas, memórias literárias, crônicas, documentar a partir do seu lugar de origem, trazendo um panorama rico e inspirador para todos que participam da Olimpíada. É uma iniciativa do Ministério da Educação e do Itaú Social, que tem coordenação técnica do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC) e inclui parceiros como o Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), o Todos pela Educação e a Fundação Roberto Marinho, que integra as ações desenvolvidas pelo Programa Escrevendo o Futuro. O Programa Escrevendo

3. Os fragmentos de textos citados neste artigo podem ser acessados no site <https://escrevendoofuturo.org.br>

o Futuro procura contribuir para a melhoria do ensino e aprendizagem da leitura e escrita nas escolas públicas de todo país, por meio de ações de formação de professores(as) de língua portuguesa. A 6ª Edição da Olimpíada, no ano de 2019, adotou a estratégia de homenagear um(a) autor(a) brasileiro(a) importante a cada edição, destacando, dessa maneira, a importância da produção artística e literária de um(a) autor(a) nacional como inspiração adicional para os jovens futuros escritores brasileiros. Foi selecionada como primeira homenageada a escritora Conceição Evaristo, autora negra, reconhecida internacionalmente e consagrada com premiações nacionais e internacionais, inclusive a de finalista do Prêmio Jabuti com o livro *Olhos D'Água* na categoria “Contos e Crônicas”. Sua escolha proporcionou uma enorme mobilização por escolas de todo país, envolvendo classes inteiras de estudantes e professores, bem como a mobilização de mediadores de leitura em bibliotecas comunitárias e educadores sociais de todo Brasil.

Eu, menina questionadora, teimosa em me apresentar nos eventos escolares, nos concursos de leitura e redação, nos coros infantis, tudo sem ser convidada, incomodava vários professores, mas também conquistava a simpatia de muitos outros.

(Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras, 2009, Conceição Evaristo)

Essa menina questionadora chamada Conceição, que trabalhou como empregada doméstica, como sua mãe e tias, e que concluiu o Curso Normal somente aos 25 anos de idade, prestou concurso para o magistério no Rio de Janeiro e passou a trabalhar como professora da rede pública de ensino. Não parou por aí. Fez faculdade, mestrado e tornou-se Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense, transformando-se, entre 1990 e 2019, numa das escritoras negras mais conhecidas e premiadas do Brasil. Ainda em 2019 foi homenageada pelo Prêmio Jabuti como Personalidade Literária do Ano. Inspirou-se em suas precursoras, Maria Firmina

dos Reis e Maria Carolina de Jesus; inspira agora milhares de adolescentes e jovens de todo o Brasil.

Os textos desses três estudantes de escolas públicas dos mais diversos lugares do Brasil, comprovam a capacidade que toda criança tem de transpor toda e qualquer barreira da escrita. São adolescentes e jovens que poderiam ser filhos de qualquer um de nós, vivendo em cidades de variados tamanhos e diferentes famílias, que trazem seus escritos, suas vivências, suas lembranças e suas opiniões, mostrando como todos temos a capacidade de escrever e conseguimos fazê-lo. Independentemente de suas origens, do nível de escolaridade dos seus pais, do lugar onde vivem ou de qualquer outra condição desfavorável – basta que sejam estimulados ou que despertem um desejo de se expressar pela escrita. Viver plenamente em uma cultura e sociedade do conhecimento pressupõe esse estímulo – dever de toda família e das redes de ensino públicas e escolas privadas do país. Quando esse desejo é despertado e concretizado, de fato, crianças, adolescentes e jovens começam a abrir um universo de possibilidades. A primeira dessas possibilidades acontece a partir dos 9 anos até a pré-adolescência, aos 11-12 anos, desde que consideremos que toda criança deve estar plenamente alfabetizada até os 8 anos. Nesta fase do desenvolvimento humano, entre os 7 até os 12 anos, a maioria das crianças estão aprimorando seu pensamento, começando a raciocinar de forma lógica, a refletir, a ampliar sua imaginação, a ter e aplicar novas ideias, a solucionar problemas e dominar tempo e números. A poetisa vencedora Nicole está nessa faixa etária e seu poema é um belo exemplo dessa fase de desenvolvimento.

Isso não para por aí. Enquanto crescemos vamos enriquecendo nosso mundo interior, criamos nossas próprias asas e nos proporcionamos um horizonte sem fim de possibilidades de expressão – um horizonte que nos instiga a refletir sobre o mundo, a interagir, harmoniosa ou conflituosamente com ele, e que nos diverte, nos faz amadurecer. Essa expressão, portanto, não se resume aos escritos escolares e às cartas e correios eletrônicos ou posts em redes sociais. Ao contrário, pode ir muito além e enveredar pela poesia, pelos contos,

pelas crônicas, por letras para músicas de compositores amigos e até por textos teatrais; por uma infinidade de gêneros criados e por criar, quem sabe. Um contínuo, ao longo de nossa vida, da expressão humana e da seguida absorção de mais vivências, gerando um ciclo ascendente e virtuoso de expansão e contração, como o ritmo imprimido pelo coração.

Meninas e meninos por todo o Brasil do século XXI já estão inseridos nesse movimento de leitura e escrita pela persistência e esforço de milhares de educadores, professoras, escolas, organizações sociais, bibliotecas públicas e comunitárias, bem como de movimentos e coletivos criadores e promotores de saraus literários, feiras literárias, entre tantos outros. Um esforço que, apoiado ou não por políticas públicas, seguiu em frente em favor do desenvolvimento da leitura e escrita em todos os cantos do país. Afinal, sabemos que a oscilação das políticas públicas ao sabor dos ventos das disputas partidárias é uma marca registrada do nosso Brasil, o que tem, ao menos no campo da educação, impedido que tenhamos hoje uma educação de qualidade para todas e todos. Como disse Sergio Vaz, poeta da periferia e um dos criadores do Sarau da Cooperifa (Cooperativa Cultural da Periferia), um movimento que transformou um bar da periferia da zona sul de São Paulo em um centro cultural, no seu livro *Literatura, Pão e Poesia* (junho, 2007):

A cada dia chegam mais escritores e, por consequência disso, mais leitores. Só os cegos não querem enxergar esse movimento que cresce a olho nu neste início de século. Só os surdos não querem ouvir o coração deste povo lindo e inteligente zabumbando de amor pela poesia. Só os mudos, sempre eles, não dizem nada. Esses custam a acreditar.

Seguiremos zabumbando e escrevendo!



Escrevivência e exclusão nas práticas de leitura e escrita

Dianne Cristine Rodrigues de Melo



Não nasci rodeada de livros. Nasci rodeada de palavras.

Conceição Evaristo

Inicialmente, é fundamental deixar claro o lugar de onde falo: com formação em Fonoaudiologia e especialização em Linguagem, atualmente coordeno a área de Engajamento Social e Leitura da Fundação Itaú Social, que tem como sua missão desenvolver, implementar e compartilhar tecnologias sociais para contribuir com a melhoria da educação pública brasileira. Nesse contexto, tenho me dedicado a estabelecer relações entre Linguagem e Educação, particularmente na compreensão dos processos de formação de professores, educadores sociais e mediadores de leitura no campo da linguagem escrita e participação social.

Meu primeiro encontro com a Escrivência de Conceição Evaristo se deu pela oportunidade de fazer a gestão do Projeto “Memórias e Escrivência”, em parceria com a Mina Comunicação e Arte, em 2018. Desde então, tive o prazer de conhecer melhor a escritora que eu já admirava e mergulhar em seus textos fortes de sensibilidade ímpar que me permitiram um olhar mais denso e profundo sobre a realidade vivida por tantas mulheres. Por meio de seus textos, pude ter um relacionamento mais empático e íntimo com suas personagens. Já em 2019, Conceição Evaristo foi a primeira autora homenageada (ou “mulherageada” – forma que ela nos provocou a pensar sobre como algumas palavras utilizadas na língua portuguesa reforçam, ainda, uma posição sexista e reproduzem preconceitos de gênero ao desqualificar o feminino) da 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa¹, outro projeto que tive a honra de gerir. Na ocasião, os textos da escritora percorreram as salas de aula e escolas públicas de todo o Brasil para mobilizar e inspirar estudantes a pensar no tema proposto para a escrita de suas produções literárias: “O lugar onde vivo” – tema esse tão peculiar na obra de Conceição Evaristo e um convite para que estudantes tenham a oportunidade de serem

1. É um concurso de produção de textos para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas de todo o país. Iniciativa do Ministério da Educação e do Itaú Social, com coordenação técnica do CENPEC, a Olimpíada integra as ações desenvolvidas pelo Programa Escrevendo o Futuro, que tem por objetivo contribuir para a melhoria do ensino e aprendizagem da leitura e escrita nas escolas públicas brasileiras.

autores de suas próprias histórias. Olhar para o lugar onde existimos (e resistimos), considerando suas potencialidades, suas mazelas, as memórias de quem vive ou já viveu ali, (re) significa a história viva e presente de todos nós. Mais adiante, aprofundarei sobre o papel e relevância desse programa nas escolas públicas brasileiras.

A obra de Conceição Evaristo evoca no leitor uma vontade incontrolável de compartilhar essa escrita com outros pares. É como se ninguém pudesse viver sem conhecer as narrativas de Ponciá Vicêncio, Ana Davenga, Sabela, Zaíta, Duzu-Querença, Natalina, Cida e tantas outras histórias nossas. A literatura, como já dizia Antonio Candido, tem o poder de nos humanizar. Quando identificamos na escrita do Outro uma semelhança com nosso vivido/sentido ou pelos nossos irmãos ou pelos nossos ancestrais, temos a oportunidade do encontro, da elaboração, do retorno às nossas mais profundas marcas. Nesse contexto, o conceito da Escrivivência inaugurado pela autora quando esta se refere ao seu modo de produção escrita, está impregnado pela sua condição de mulher negra na sociedade brasileira e traz uma ideia de autobiografia, da escrita sobre si mesma. Tem a ver com o fato de que a subjetividade daquele que escreve contamina a sua escrita e ressoa em outros pares como um grito coletivo. Daí a importância da sua obra para a formação de nossa sociedade, principalmente no momento atual onde, infelizmente, o racismo, a misoginia e o feminicídio ainda são cenas diárias das nossas vidas. Embora os textos de Conceição Evaristo coloquem em evidência a perspectiva racial e de gênero em situações cotidianas vividas por suas personagens, não vou me ater somente a essas questões, uma vez que minha práxis me invoca a destacar um outro ponto fundamental quando almejamos uma sociedade mais justa e equitativa: a garantia de direitos para todas as crianças e adolescentes no que concerne à aquisição e apropriação da linguagem escrita. Ou seja, pretendo enfatizar, neste artigo, um outro aspecto desse “escrever-viver”.

Ao entrar em contato com a obra da escritora é impossível não pensar, não questionar, não problematizar a dura

realidade da exclusão de uma parcela significativa da sociedade na garantia de direitos humanos fundamentais. Destaco aqui a falta de oportunidades para a escolarização formal, no acesso aos bens culturais e na participação ativa de práticas letradas. Numa sociedade grafocêntrica, estamos cercados de multiletramentos e, para dominá-los na velocidade em que nos são apresentados, precisamos dispor de ferramentas diversas, acesso aos mais diferentes gêneros discursivos e portadores de texto, além de ter, evidentemente, proficiência e repertório. Como crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social e econômica podem ter garantido o direito fundamental de aprender a ler e a escrever? Não apenas como forma mecânica de codificar e decodificar palavras ou mesmo decorar o sistema alfabético e a maneira “correta” de escrever. Ler e escrever como alguém que pode e deve dominar sua língua materna. Ler e escrever como forma de desvendar mundos, criar e se identificar com diversas personalidades, ter autonomia para buscar conhecimento, informação, libertar-se das amarras que a sociedade nos impõe e, assim, poder atuar socialmente e estar inserido, de fato, numa sociedade letrada onde saber escrever e ler (na perspectiva mencionada acima) é um dos bens simbólicos mais poderosos que alguém pode ter.

No Brasil, as desigualdades são perpetuadas, dentre outros fatores, pela má distribuição de acesso a esses bens culturais, pela falta de uma educação pública de qualidade com equidade e, principalmente, pela pouca oferta de oportunidades de aprendizagem para famílias pobres, periféricas e na maioria negras. A negação, a proibição de acesso à língua pelos povos escravizados foram historicamente construídas. Lembramo-nos da lenda do Bumba Meu Boi², na qual um casal de negros, Pai Francisco e Mãe Catirina, vivia e trabalhava numa fazenda durante o regime escravocrata. Segundo a história, Mãe Catirina está grávida e tem o desejo de comer a língua do boi mais bonito do seu patrão. Como desejo de mulher grávida não se nega, Pai Francisco sai durante a noite para cortar a língua do boi e saciar a vontade de sua mulher. A notícia de que o boi adoeceu e logo morreu chega até os

2. Certa vez, ao conversar com Conceição Evaristo sobre os desafios de garantir uma Educação que considere a equidade, principalmente no acesso à leitura e à escrita, a escritora, a fim de ilustrar essa questão, recorreu a lenda do Boi-Bumbá, a qual tomo a liberdade de retomar nesse artigo.

ouvidos do patrão, que chora e se entristece pela morte do seu animal favorito. Todos se comovem com aquela situação e decidem chamar um pajé para tentar curar o boi, que em pouco tempo ressuscita e a comunidade toda festeja o seu renascimento. Vejam o forte simbolismo que há nessa narrativa: o desejo de uma mulher, negra, escravizada, em comer e se apropriar da língua do boi de seu patrão. Língua essa que representa as relações de poder que se impõem sobre todas as narrativas e que, ainda hoje em sua maioria, são representadas pelo homem, branco, de descendência europeia e cristão. Na literatura brasileira, por exemplo, especificamente nos romances, além da ausência de personagens negros, há a repetição de papéis extremamente estereotipados, poucos protagonistas e a raríssima ocorrência de negros narradores, ou seja, as personagens são desprovidas da fala e da escrita, sendo impossibilitadas de dizer sobre o mundo que as cerca (DALCASTANÈ, 2005).

A língua, como forte traço de humanidade, berço cultural, princípio de colonização e dominação, como legado simbólico, como base da educação, como metáfora, e, principalmente, como caminho de emancipação, é objeto matriz nas diversas oficinas e palestras que Conceição Evaristo tem ministrado Brasil afora, a centenas de professores e mediadores de leitura. Em uma dessas ocasiões, a escritora enfatizou a importância que as mulheres negras escravizadas tiveram na estruturação oral do português brasileiro quando as mães pretas, por meio de cantigas de ninar e na linguagem cotidiana ensinadas à prole branca, marcavam as palavras africanas no vocabulário brasileiro. Isso parece não ter relevância alguma num país onde, apesar de existir uma riqueza de sotaques e diversos “falares” nos mais distintos territórios, o preconceito linguístico ainda é muito presente e escolhe, frequentemente, o povo negro, periférico, retirantes nordestinos, caipiras. Dependendo da pessoa que escreve ou fala e de onde ela vem, o julgamento sobre o domínio da língua, muda significativamente: “Guimarães Rosa criava neologismos, Carolina Maria de Jesus escrevia errado”, como nos provocou Conceição em uma palestra para professores.

Em 1982, Gilberto Gil compôs a canção de enorme sucesso “Andar com fé”, na qual o refrão, que ainda hoje fica entoando na cabeça de muitos brasileiros e brasileiras nas mais diversas situações, diz:

Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá
Andá com fé eu vou
Que a fé não costuma faiá

Na composição “o uso do faiá é assumido com a intenção de legitimar uma forma popular contra a hegemonia do bem-falar das elites” (GIL, 2003). Essa construção social dos valores linguísticos pressupõe um poder que serve de referência e que molda nosso universo simbólico; que também dá o tom sobre os currículos de formação, sobre a acessibilidade aos bons livros, a boa literatura, os equipamentos culturais (bibliotecas, centros de lazer, teatro, cinema), a composição do acervo de livros, a criação dos cânones da literatura. A valorização “do dizer popular” é quase inexistente em muitas situações, mas sobretudo na esfera escolar, onde qualquer manifestação linguística que fuja da norma culta ou norma padrão, é considerada errada, estereotipada, deficiente, rudimentar. A criança acaba entendendo que aquela língua, aquelas palavras e letras não pertencem a ela. O professor, mesmo de forma não intencional, acaba ensinando que a língua escrita é algo sagrado, imutável e que, portanto, algumas crianças jamais conseguirão acessá-la, nunca terão a chance de devorar essa língua, como fez simbolicamente mãe Catirina.

Pajem do sinhô-moço, escravo do sinhô-moço,
tudo do sinhô-moço, nada do sinhô-moço. Um dia
o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso
para ver se negro aprendia os sinais, as letras
de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá.
O menino respondeu logo ao ensinamento do dis-
traído mestre. Em pouco tempo, já reconhecia
todas as letras. Quando sinhô-moço certificou-

—se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com saber de branco? O pai de Ponciá Vicêncio, em matérias de livros e letras, nunca foi além daquele saber.

(EVARISTO, 2017)

Nesse mesmo contexto escolar, pesquisas recentes demonstram que a diferença entre alunos brancos e negros no acesso à escolarização diminuiu, mas se manteve com relação à aprendizagem. Não podemos negar que, apesar dos avanços na qualidade do aprendizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental, há uma desigualdade nas oportunidades educacionais ofertadas entre estudantes negros e brancos. Além disso, há evidências de que o reforço de estereótipos e as baixas expectativas de professores podem prejudicar o aprendizado de alunos negros. Segundo os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb/Inep) de 2017, a proporção de estudantes pretos no 5º ano com aprendizagem adequada em Língua Portuguesa era de 41,4%, enquanto esse percentual nos estudantes brancos era de 70%. Essa distância se amplia ao final do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, a proporção de estudantes brancos com aprendizado adequado em Língua Portuguesa era de 40,8%, enquanto nos alunos negros chegava a 21,7%. Em 2018, o Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF) apontou que três a cada dez brasileiros entre 15 e 64 anos são considerados analfabetos funcionais. Apesar de o número ter reduzido de 39% para 29% desde 2001, quando foi realizada a primeira edição do estudo, o percentual de brasileiros que alcançam o nível mais elevado de proficiência, com compreensão plena e capacidade analítica e crítica, está estacionado em 12%, percentual esse concentrado em pessoas da classe média alta, escolaridade elevada e famílias com gerações anteriores já escolarizadas. Além da acentuada disparidade de aprendizagem por condição socioeconômica e também pela desigualdade racial, os dados reforçam ainda que o avanço no acesso/matricula não garantiu a permanência e o sucesso escolar. No mesmo ano

de 2018, um estudo do INEP apontou que 39% de estudantes pretos e 34% de pardos apresentaram trajetórias escolares não lineares, marcadas por reprovações e abandono, já entre brancos o percentual era de 22%. Esse é um ciclo marcado pela exclusão escolar, pela evasão, abandono e, consequentemente, pela dificuldade de oportunidades futuras no mercado de trabalho. Infelizmente, essa é uma realidade de milhões de brasileiros. Pela ausência de políticas públicas que mitiguem as desigualdades educacionais, principalmente no âmbito racial, esse ciclo é reproduzido de geração em geração. Como rompê-lo? Como garantir que gestores e professores se comprometam a não deixar nenhuma criança para trás? A despeito de reconhecer que as crianças partem de realidades muito diferentes, é urgente e necessário ter uma política educacional que dê conta de oferecer melhores e diversas oportunidades de aprendizagem aos estudantes.

A escola é a agência de letramento reconhecida socialmente e valorizada como lugar de aprendizagem, mas, como os dados nos mostram, ela tem fracassado na sua missão, especialmente no que se refere à aprendizagem com equidade. Para muitas crianças e adolescentes brasileiros, a escola, além de seu papel fundante no ensino das diversas áreas do conhecimento, é o lugar privilegiado para o acesso à boa literatura e outras manifestações culturais. Mais que isso, a presença de um bom professor que seja também um mediador entre os diversos saberes e os estudantes, é fundamental para o sucesso escolar e para a formação integral desses sujeitos.

Reconhecer essa fragilidade e promover uma reflexão sobre as práticas do cotidiano escolar para combater essas desigualdades é o primeiro passo para que gestores e professores possam conduzir uma formação que permita aos estudantes a apropriação daquilo que lhes é de direito: o domínio da língua materna em seus diversos usos. Somente assim será possível garantir a compreensão da realidade que os envolve e a efetiva participação social.

Na ânsia de impedir que seus filhos perpetuem as precárias condições de vida a que grupos sociais

estão submetidos, crianças são encaminhadas às escolas para que, lá, adquiram os bens de que precisam para ascender socialmente. A mobilidade social desejada é, no entanto, um mito: a escola espera, desde sempre, que tais crianças dominem o que ela teria de ensinar. As crianças vão para a escola para aprender tudo, mas quando chegam lá são marginalizadas e discriminadas [...]

(BERBERIAN; MORI-DE ANGELIS; MASSI, 2006).

É uma relação muito perversa. O ingresso na escola reforça a crença de que a criança romperá esse ciclo de pobreza e poderá, finalmente, “ser alguém na vida”. No entanto, de partida, essas crianças são marcadas por tantas desigualdades que a escolaridade, tal como está posta, dificilmente dará conta de acolher e reconhecer a capacidade que ela tem para aprender, para ampliar seus letramentos, para compreender e produzir textos. Por mais avanços que se tenha feito com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o currículo da área de linguagens e a maioria das práticas pedagógicas vigentes, ainda apresentam uma tendência a privilegiar os aspectos notacionais da escrita em detrimento dos aspectos discursivos. Inclusive, nesse momento histórico do país, há uma discussão bastante complexa sobre os métodos de alfabetização mais eficientes para “ensinar” a ler e a escrever. O que sabemos e o que devemos buscar é um consenso que, além do desenvolvimento das habilidades cognitivas de leitura e escrita, é necessário lançar mão de estratégias que permitam a inserção nas práticas sociais da escrita. Desse modo, a pessoa, ao se apropriar desses letramentos, estabelecerá relações com a escrita, não só a consumindo, enquanto leitor, mas também se colocando nesse lugar de quem pode produzir discursos.

Para elucidar essa questão, parto de uma concepção enunciativo-discursiva da linguagem (BAKHTIN, 1988) que privilegia a interação humana em práticas sociais na qual a oralidade e/ou escrita são utilizadas. Trata-se não apenas de ensinar a ler e escrever, decodificar e codificar, mas de esta-

belecer sentido ao que se lê e se escreve. Nessa abordagem, considera-se que o sujeito se constitui na e pela linguagem e é por meio dela que ele estabelece todas as relações com as diversas facetas do mundo social, afetivo, político. Podemos dizer que o conceito de Escrevivência de Conceição Evaristo está fortemente ancorado nessa concepção. Sua escrita reverbera em outros leitores, mostrando que toda história é importante e que vale a pena ser escrita e disponibilizada, pois o texto só ganha sentido se é apropriado pelo Outro, se faz sentido para o entorno, para a comunidade. A Escrevivência permite que as pessoas reflitam sobre seu viver, sua história. Fomenta naquele que lê o desejo de escrever a própria história e compartilhar com os seus, dialogando com outros interlocutores, criando assim um entrelaçar de vozes, sentidos e de elaboração do nosso “viver-existir”. Podemos imaginar como seria se todas as pessoas se sentissem livres, capazes e potentes para escrever, para produzir discursos? A relevância disso para a produção social, política e cultural do país seria incomensurável. O Programa Escrevendo o Futuro também traz essa concepção de escrita nas formações ofertadas aos milhares de professores e professoras de Língua Portuguesa das escolas públicas desse país. A Olimpíada de Língua Portuguesa, que é o braço mobilizador do programa, com o tema “O Lugar Onde Vivo”, convoca professores e alunos a escreverem textos balizados por cinco gêneros discursivos, a saber: poema, memória literária, crônica, artigo de opinião e documentário. Ensinar a escrever textos, a produzir discursos, não é tarefa simples. É preciso compreender a história que cada estudante estabelece com a escrita a partir de fatores: familiar, social, escolar. Nesse sentido, vale ressaltar que o ensino da língua portuguesa não deve reprimir o aluno ou desmemoriá-lo acerca de seu berço linguístico. Professores, ao “corrigirem” textos literários produzidos por seus alunos, devem focalizar a norma popular como registro diferenciado, que pode ser utilizada em contextos informais, em contextos intencionais, mas jamais como erro.

Já vimos que a escola pública, apesar de ser o lugar privilegiado para práticas qualificadas de leitura e de escrita,

principalmente daqueles que não teriam outra possibilidade de acesso, pouco tem contribuído para uma efetiva formação de leitores e escritores. Uma das questões bastante discutidas é o quanto a escola pública reconhece os seus estudantes e o quanto suas propostas pedagógicas se articulam com a realidade deles. Para que qualquer estudante tenha sucesso escolar e adquira conhecimentos fundamentais para a sua vida, é necessário aprender com sentido. Se a escola não se aproximar de seus estudantes, de sua comunidade e trazer para dentro dela saberes e autores que conversem mais com seu público, a distância entre o que se deseja ensinar e o que de fato se aprende ficará cada vez maior. A escola não pode destituir-se de seu papel de ensinar conteúdos epistemológicos que, historicamente e de modo amalgamado, são transmitidos para muitas gerações. No entanto, deve se abrir, acolher, respeitar e considerar o conhecimento prévio de seus estudantes, posto que, mesmo nas situações mais precárias a que famílias são submetidas, há experiências vividas que são importantes e muito relevantes para a constituição da subjetividade. Afirmar que crianças pobres e negras chegam à escola desprovidas de saberes de sua ancestralidade, de sua comunidade, do seu território, é muito generalizante e reducionista. É perder toda a potencialidade da diversidade, da criatividade e, consequentemente, da aprendizagem.

Como dizia nosso mestre Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. A primeira leitura que se aprende é a do nosso mundo, seus enigmas, desafios e tesouros. Essa leitura já estava forjada pelos nossos ancestrais, antes mesmo de chegarmos nesse mundo e a recebemos e a incorporamos como um legado de formas culturais, costumes, crenças, histórias e, sobretudo, uma linguagem. *A leitura da letra, nada mais é do que uma sofisticação dessa outra leitura* (MONTES, 2020). A questão não é institucionalizar o escrever e o falar, de garantir os conhecimentos formais, escolarizados, aos povos pobres e negros (isso é um direito, não nos esqueçamos disso); trata-se de considerar, dar visibilidade, valorizar e incorporar no currículo esses saberes e dizeres de um povo que carrega a brasilidade na sua forma mais legítima.

Em sua coletânea *Contos Negreiros*, de 2005, Marcelino Freire nos presenteia com uma personagem cujo discurso é fortemente marcado pela oralidade e contrapõe-se à ideia de que a aquisição da leitura e da escrita é algo benéfico, escancarando essa estrutura de perpetuação de preconceitos e desigualdades que supostamente o processo de escolarização deveria reduzir. Para ilustrar essa discussão, trago, aqui, a voz de Totonha:

Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso. Deixa pra gente que é moço. Gente que tem ainda vontade de doutorar. De falar bonito. De salvar vida de pobre. O pobre só precisa ser pobre. E mais nada precisa. Deixa eu, aqui no meu canto. Na boca do fogão é que fico. Tô bem. Já viu fogo ir atrás de sílaba? O governo me dê o dinheiro da feira. O dente o presidente. E o vale-doce e o vale-linguiça. Quero ser bem ignorante. Aprender com o vento, tá me entendendo? Demente como um mosquito. Na bosta ali, da cabrita. Que ninguém respeita mais a bosta do que eu. A química. Tem coisa mais bonita? A geografia do rio mesmo seco, mesmo esculhambado? O risco da poeira? O pó da água? Hein? O que eu vou fazer com essa cartilha? Número? Só para o prefeito dizer que valeu a pena o esforço? Tem esforço mais esforço que o meu esforço? Todo dia, há tanto tempo, nesse esquecimento. Acordando com o sol. Tem melhor bê-á-bá? Assoletrar se a chuva vem? Se não vem? Morrer, já sei. Comer, também. De vez em quando, ir atrás de preá, caruá. Roer osso de tatu. Adivinhar quando a coceira é só uma coceira, não uma doença. Tenha santa paciência! Será que eu preciso mesmo garranchar meu nome? Desenhar só pra mocinha aí ficar contente? Dona professora, que valia tem o meu nome numa folha

de papel, me diga honestamente? Coisa mais sem vida é um nome assim, sem gente. Quem está atrás do nome não conta? No papel, sou menos ninguém do que aqui, no Vale do Jequitinhonha. Pelo menos aqui todo mundo me conhece. Grita, apelida. Vem me chamar de Totonha. Quase não mudo de roupa, quase não mudo de lugar. Sou sempre a mesma pessoa. Que voa. Para mim, a melhor sabedoria é olhar na cara da pessoa. No focinho de quem for. Não tenho medo de linguagem superior. Deus que me ensinou. Só quero que me deixem sozinha. Eu e minha língua, sim, que só passarinho entende, entende? Não preciso ler, moça. A mocinha que aprenda. O doutor. O presidente é que precisa saber o que assinou. Eu é que não vou baixar minha cabeça para escrever. Ah, não vou

(FREIRE, 2005, p. 79-81).

Nesse texto forte e contundente, Totonha reivindica toda sua ancestralidade, sua sabedoria nata, sua condição de existir e de poder contar sua própria história. Essa sabedoria popular que não é contabilizada, que não é apreciada nos bancos escolares. Por mais que se diga que ler e escrever é bom, Totonha sabe que essa escrita é dominadora, colonizadora e, por isso, se afasta cada vez mais desse direito que lhe foi negado. Muitos afirmam que a oralidade é algo comum e pertencente às classes mais humildes, ignorantes, atrasadas, enquanto a escrita é habilidade que pertence aos grupos mais evoluídos em conhecimento. Porém, a fala da personagem nos mostra que essa oralidade não tem nada de simplicidade. Assim como muitos mestres da tradição oral, Totonha tem um discurso rico, cheio de significados, provocativo com palavras muito próprias à sua história. O poder da expressão começa pelo seu repertório, a partir da sua escrevivência. No caso de Totonha e tantos outros personagens que não possuem o domínio do ler e do escrever, suas vozes ganham vida na escrita dos autores tendo um outro alcance, que só o discurso

escrito é capaz de ter. Enquanto professores e mediadores de leitura não estiverem atentos e considerarem que a sabedoria popular é intrínseca, que a força da oralidade e de muitas narrativas que atravessam gerações deve ser valorizada no ambiente escolar, estaremos longe de formar integralmente os milhões de estudantes.

Algumas iniciativas como a Lei nº 10.639, que desde 2003 tornou obrigatório o ensino da História e Cultura africana e afro-brasileiras, vem contribuindo para que a temática racial seja incorporada ao currículo das escolas públicas do país. Esse aparato legal, além de sinalizar a necessidade de revisões curriculares, assegura o compromisso social e educacional com o combate ao racismo e a outras formas de exclusão no ambiente escolar, além de contribuir para o fortalecimento da identidade negra. Não há dúvidas de que um sistema de ensino que acolha toda a diversidade de seus estudantes, que discuta questões identitárias e questões estruturais da nossa sociedade, terá impactos positivos no que concerne aos indicadores de qualidade educacional. De todo modo, sabemos que há uma fragilidade presente e que nem todos estão atentos ao cumprimento da lei, especialmente em períodos marcados por disputas políticas e ideológicas no campo educacional. Assim, há de se fazer uma vigília constante, especialmente quem está em contato com professores e formadores, para que essa dimensão nunca se perca, uma vez que buscamos, de fato, uma aprendizagem com equidade para todas e todos. Nesse sentido, aproximar o adolescente e o jovem de autores que “conversem” com eles, que permitam o reconhecimento de sua identidade e que despertem o desejo de escrever, de se tornar autor da própria história, exige do professor um resgate, ou até mesmo um nascimento, de um sujeito que também precisa se reconhecer como leitor e escritor. Leitor de diferentes obras e gêneros literários, que reconhece a literatura como um direito humano, como possibilidade de transformação e que deve, sim, ser consumida, devorada, por seus alunos. Autor de sua prática docente, que reconhece seus alunos, o lugar onde vivem, suas características, desafios, sonhos. Um professor que também reconhe-

ce sua história, que se conecta com outras tantas histórias parecidas com a sua e que pode, por meio da escrita, tornar possível esse lugar de constituição e manifestação de subjetividade.

Apresentar Conceição Evaristo como a primeira autora homenageada na 6ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa, em 2019, foi um reconhecimento da enorme contribuição de sua obra para milhares de professoras e professores brasileiros. Com uma temática sensível: “o lugar onde vivo”, o programa enfatiza um assunto que a própria autora considera fundamental: “o reconhecimento do primeiro lugar de pertença; reconhecimento do lugar de nascimento, de vivência, das experiências do cotidiano de cada pessoa envolvida”. Nessa perspectiva, cada vez que um professor possibilita a um estudante a oportunidade de escrever a sua história e este o faz com alma, trazendo consigo tantas vozes entrelaçadas, o texto ganha vida, atravessa as fronteiras da escola, voa longe. Emociona alguns, afeta outros, mas toca a pele, o corpo. Essa escrita que é capaz de reverberar em nossos pensamentos nos mobiliza a partir da nossa própria vivência. Esta deveria ser a missão de todos os professores: fazer seus alunos voarem por meio da literatura, da escrita. Isso me faz lembrar de uma crônica de Rubem Alves já muito utilizada em formações de professores chamada “Gaiolas e Asas”, mas que vale a pena ser resgatada aqui. Há um trecho que diz assim:

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, o seu dono pode levá-los para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já

nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado
(ALVES, 2008, p. 29).

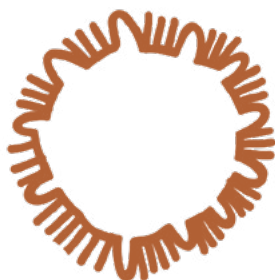
Que as escolas possam encorajar a escrita de todos e de cada um dos estudantes, que eles possam ter acesso a diversos tipos de narrativa, que possam se reconhecer como parte dessa grande e rica produção cultural. Somente assim, a exclusão se fará infértil e alcançaremos essa educação com equidade que tanto almejamos.

A Escrevivência de Conceição Evaristo é uma inspiração para todos que desejam ser e estar no mundo por meio da escrita: “o mundo começa a partir de nosso lugar de vivência” e, a partir daí, “à medida em que se tem compreensão do que é o nosso lugar de vivência, se torna mais fácil dialogar e compreender o lugar de vivência do outro”. Especialmente enfatizados neste artigo, adolescentes e jovens que são e foram marginalizados pela sociedade devem tomar posse daquilo que lhe é de direito: a escrita. Esse conceito da “Escrevivência” é, portanto, essencial e deve ser universalizado para que todas e todos possam, sem distinção de raça ou condição socioeconômica, aprender e se apropriar da linguagem escrita e dos mecanismos culturais e sociais de que precisam para serem cidadãos atuantes nessa sociedade em constante transformação.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. *Para uma educação romântica*. São Paulo: Papirus, 2008.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia de linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BERBERIAN, A. P.; MORI DE-ANGELIS, C. C.; MASSI, G. (Org.). *Letramento: referências em saúde e educação*. São Paulo: Plexus, 2006.
- BRASIL, Ministério da Educação. *Base nacional comum curricular*. Brasília: MEC/SEB, 2017.
- CANDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CASTRILLÓN, S. *O direito de ler e de escrever*. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

- DALCASTAGNÈ, R. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*. Brasília: Editora UnB, 2005.
- DAUDEN, A. T. B. de C.; MORI DE-ANGELIS, C. C. (Org.). *Linguagem escrita: tendências e reflexões sobre o trabalho fonoaudiológico*. São Paulo: Pancast, 2004.
- DUARTE, C. L.; CÔRTEZ, C.; PEREIRA, M. do R. A. (Org.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2018.
- EVARISTO, C. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, C. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.
- EVARISTO, C. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, C. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.
- FREIRE, M. *Contos negreiros*. São Paulo: Record, 2005.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GIL, G. *Todas as letras*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MONTES, G. *Buscar indícios, construir sentidos*. Salvador: Selo Emília e Solisluna, 2020.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.



Publicações e Fortuna crítica

Islene Motta e Ludmilla Lis



PUBLICAÇÕES DA AUTORA

Islene Motta

Este trabalho de pesquisa, limitado pelo tempo e pelo espaço, teve como objetivo reunir a obra publicada de Conceição Evaristo.

Nesta oportunidade, cito o artigo intitulado “Samba-favela”, divulgado, provavelmente, em 19 de outubro de 1974, no jornal *O Diário*, de Belo Horizonte, que viria a ser o “embrião” do internacionalmente reverenciado romance *Becos da Memória*, publicado vinte e oito anos depois pela Mazza Edições.

O tempo tem nos exigido um novo olhar, novas práticas diante do que até aqui era dado como “normal”. Nesse sentido, considero a obra de Conceição Evaristo como um chamado à mudança, uma convocação à iniciativa de reconfiguração de um novo modelo de vida: a Mátria¹, em que a mulher negra é considerada força central para gestar e gerir a vida, e gestar e gerir as organizações sociais, econômicas e políticas de um povo, como afirma Katiúscia Ribeiro no artigo “Mulheres negras e a força matricomunitária”. Desejo que a divulgação desse levantamento bibliográfico reforce o sentimento de emergência de uma dinâmica equilibrada de convivência em sociedade, que co-mova mulheres e homens a utilizar o texto literário como ferramenta potencializadora de vidas nos espaços em que for necessário.

Axé!

OBRA INDIVIDUAL

Samba-favela. *O Diário*, Belo Horizonte, 18 de out. de 1974. Seção: Documentação Católica.

Ponciá Vicêncio. Belo Horizonte: Mazza, 2003. (1. ed. Mazza, 2003; 2. ed. Mazza, 2006; 3. ed. Mazza, 2010; 4. ed. Pallas, 2017). (Romance).

Becos da memória. Belo Horizonte: Mazza, 2006. (2. ed. Florianópolis: Mulheres, 2013; 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017; 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020). (Romance).

Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. (1. ed. Nandyala, 2008; 2. ed. Nandyala, 2010; 3. ed. Malê, 2017).

1. Mátria: alteração de pátria, por analogia; designação dada à pátria, numa perspectiva feminista; indica a terra natal de um ser humano, que se sente ligado por vínculos afetivos, culturais e comunitários.

- Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011. (2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016). (Contos).
- Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. (Contos).
- Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016. (2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017). (Contos e novela).
- Canção para ninar menino grande*. São Paulo: Unipalmes, 2018. (Romance).
- Azizi, o menino viajante*. São Paulo: Kidsbook Itaú, 2017. Disponível em: www.euleioparaumacrianca.com.br/ Acesso em: 29 jun. 2020.
- Não me deixe dormir o profundo sono* (Conto). *Revista Piauí*, 167, ano 14, ago. 2020.
- "Fio de prumo". *Um piano pra Yá Dulcina*. 1º episódio. Disponível em: <https://medium.com/@folhetimsescpompeia/fio-de-prumo> Acesso em: 17 set. 2020.

TRADUÇÕES

- Ponciá Vicêncio*. Trad. Paloma Martinez Cruz. Austin-TX: Host Publications, 2007.
- L'histoire de Ponciá*. Trad. Patrick Louis. Paris: Anacaona, 2015.
- Banzo, mémoires de la favela*. Trad. Paula Anacaona. Paris: Anacaona, 2016.
- Insoumises*. Trad. Paula Anacaona. Paris: Anacaona, 2017.
- Poèmes de la mémoire et autres mouvements*. Édition bilingue. Trad. Rose Mary Osorio e Pierre Grouix. Paris: Des Femmes-Antoinette Fouque, 2019.
- Ses yeux d'eau*. Trad. Izabella Borges. Paris: Des Femmes-Antoinette Fouque, 2020.
- Ponciá Vicêncio*. Trad. para o italiano por Dalva Aguiar Nascimento. Inédita.

NÃO FICÇÃO

- Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1996.
- Da afasia ao discurso insano em Nós matamos o cão-tinhoso. In: SALGADO, Maria Teresa; SEPÚLVEDA, Maria do Carmo (Org.). *África & Brasil: letras em laços*. Rio de Janeiro: Atlântica, Yendis, 2000.
- Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira*, Brasília, Fundação Palmares/Minc, ano 1, n. 1, ago. 2005.
- Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza M. de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade, diáspora*. João Pessoa: Idéia; Editora Universitária – UFPB, 2005.
- Dos risos, dos silêncios e das falas. In: SCHNEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (Org.). *Mulheres no Brasil: resistências, lutas e conquistas*. João Pessoa: Editora Universitária – UFPB, 2006.
- Vozes quilombolas: literatura afro-brasileira. In: GARCIA, Januário (Org.). *25 anos do Movimento Negro*. Brasília: Fundação Palmares, 2006.
- A literatura negra*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

- Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória. *Releitura*, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, nov. 2008.
- Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, 2009.
- Questão de pele para além da pele. In: RUFFATO, Luiz (Org.). *Questão de pele*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Escritoras mineiras: poesia, ficção e memória*. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2010. p. 11-17. v. 1.
- Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. In: PEREIRA, Edmilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.
- Literatura e educação segundo uma perspectiva afro-brasileira. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2011. p. 45-54. v. 1.
- Mãe Beata de Yemonjá. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2011. (Consolidação, v. 2).
- Nei Lopes. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Belo Horizonte: Editora UFGM, 2011. (Consolidação, v. 2).
- Poemas malungos: cânticos irmãos*. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- Lembranças de águas primordiais. (Prefácio). In: NATÁLIA, Livia. *Correntezas e outros estudos marinhos*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2015. p. 13-17.
- Prefácio. In: MARCELINA, Elaine. *Mulheres incríveis*. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.
- Em legítima defesa. (Prefácio). In: CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- Texto de apresentação. In: BARAT, Frank (Org.). Trad. Heci Regina Candiani. *Angela Davis: a liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- Prefácio. In: DUARTE, Mel (Org.). *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta*. São Paulo: Planeta, 2019.

ANTOLOGIAS

- Cadernos Negros* 13. (Poemas: "Mineiridade", "Eu-Mulher", "Os Sonhos", "Vozes-mulheres", "Fluida Lembrança" e "Negro Estrela"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1990.
- Cadernos Negros* 14. (Contos: "Di Lixão" e "Maria"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1991.
- Vozes mulheres: mural de poesias*. Niterói, RJ: Edição coletiva, 1991.
- Cadernos Negros* 15. (Poemas: "Meu Rosário", "Recordar é preciso", "Menina",

- "Brincadeira", "Pão", "Meu corpo igual", "Favela", "Filhos na rua", "Pedra, pau, espinho e grade", "Bus" e "Stop"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1992.
- Cadernos Negros* 16. (Conto: "Duzu-Querença"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Ed. dos Autores, 1993.
- Schwarze Prosa*. (Contos: "Maria" e "Di Lixão"). Berlim: São Paulo: Edition Diá, 1993.
- Cadernos Negros* 18. (Conto: "Ana Davenga"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje; Anita Garibaldi, 1995.
- Finally US: Contemporary Black Brazilian Women Writers/Enfim...Nós!* (Poemas: "Os sonhos" e "Fluida lembrança"). Edited by Miriam Alves and Carolyn R. Durham. Edição bilíngue português/inglês. Colorado: Three Continent Press, 1995.
- Moving beyond boundaries: International Dimension of Black Women's Writing*. Edited by Carole Boyce Davies and Molaria Ogundipe-Leslie. London: Pluto-Press, 1995.
- Revista Callaloo*, v. 18, n. 4. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1995.
- Cadernos Negros* 19. (Poemas: "Malungo, brother, irmão", "A noite não adormece nos olhos das mulheres" e "Ao escrever"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje; Anita Garibaldi, 1996.
- Cadernos Negros* 21. (Poemas: "Todas as manhãs", "Os bravos e serenos herdarão a terra", "Para a menina", "Se a noite fizer sol", "M e M" e "Tantas são as estrelas"). Org. Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Sônia Fátima da Conceição. São Paulo: Quilombhoje; Anita Garibaldi, 1998.
- Cadernos Negros: os melhores contos*. (Conto: "Ana Davenga"). São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- Cadernos Negros: os melhores poemas*. (Poemas: "Malungo, brother irmão", "A noite não adormece nos olhos das mulheres" e "Ao escrever"). São Paulo: Quilombhoje, 1998.
- Cadernos Negros* 22. (Conto: "Quantos filhos Natalina teve"). Org. Quilombhoje. São Paulo: Quilombhoje; Okan, 1999.
- Quilombo de palavras: a literatura dos afro-descendentes*. (Poemas: "Meu rosário", "A noite não adormece nos olhos das mulheres", "Bendito o sangue de nosso ventre" e "Todas as manhãs"). Salvador: CEAO/UFBA, 2000.
- Cadernos Negros* 25. (Poemas: "De mãe", "Da velha, a menina", "Do menino, a bola" e "Da esperança, o homem"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2002.
- Fourteen Female Voices from Brazil: interviews and work*. (Conto: "Ana Davenga"). Austin-Texas: Host Publications, Inc., 2002.
- O livro da saúde das mulheres negras*. (Poema: "A noite não adormece nos olhos das mulheres"). Org. Editora Pallas/Criola. Rio de Janeiro, 2002.
- Cadernos Negros* 26. (Conto: "Beijo na Face"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2003.
- Abdias Nascimento, 90 anos de memória viva*. Ed. Bilíngue. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.
- Antologia da poesia negro-brasileira: o negro em versos*. (Poemas: "Do velho ao jovem" e "Vozes-mulheres"). São Paulo: Moderna, 2005.

- Cadernos Negros* 28. (Contos: "Olhos d'água" e "Ayoluwa, a alegria do nosso povo"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2005.
- Revista The Dirty Goat*. A section from *Ponciá Vicêncio*. Austin, Texas/EUA: Host Publications, 2005.
- Women righting: afro-brazilian Women's short fiction*. (Conto: "Duzu-Que-rença"). Edited by Miriam Alves and Maria Helena Lima. London: Mango Publishing, 2005.
- Brasil e África: como se o mar fosse mentira*. Org. de Rita Chaves, Carmen Secco e Tânia Macedo. São Paulo-Luanda: UNESP/CAXINDE, 2006.
- Cadernos Negros* 30. (Conto: "Zaita esqueceu de guardar os brinquedos"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2007.
- Revista Callaloo*, v. 30, n. 3. Baltimore, EUA: The Johns Hopkins University Press, 2007.
- Revista Chimurenga*. (Conto: "Maria"). Pretória, África do Sul: Chimurenga, 2007.
- Textos poéticos africanos de língua portuguesa e afro-brasileiros*. (Poema: "Vozes-mulheres"). Org. Elisalva Madruga Dantas. João Pessoa: Idéia, 2007.
- Cadernos Negros: três décadas*. (Poema: "De Mãe"; Conto: "Di Lixão"). São Paulo: Quilombhoje: Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, 2008.
- Cadernos Negros/Black Notebooks: Contemporary Afro-Brazilian Literary Movement*. Edited by Niyi Afolabi, Márcio Barbosa & Esmeralda Ribeiro. Asmara, Eritreia: Africa Word Press, 2008.
- Questão de pele*. (Conto: "Ana Davenga"). Org. Luiz Ruffato. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.
- Contos do mar sem fim*: Angola, Brasil, Guiné-Bissau. (Conto: "Olhos d'água"). Org. Eduardo de Assis Duarte. Rio de Janeiro: Pallas; Guiné-Bissau: Ku Si Mon; Angola: Chá de Caxinde, 2010.
- Antologia de poesia afro-brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil*. (Poemas: "Todas as manhãs", "Do velho ao jovem" e "Vozes-mulheres"). Org. Zilá Bernd. Belo Horizonte: Mazza, 2011.
- Cadernos Negros* 34. (Conto: "Lumbiá"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2011.
- Clarice Lispector, personagens reescritos*. (Conto: "Macabéa, flor de Mulungu"). Org. Mayara Guimarães e Luis Maffei. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.
- Cartas Negras – Ocupação Conceição* Evaristo. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.
- Livre*. (Conto: "Do lado do corpo, um coração caído"). Org. Beatriz Leal Cra-veiro. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.
- Olhos de azeviche*. (Contos: "Di Lixão" e "Amores de Kimbá"). Org. Vagner Amaro. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- Do Índico e do Atlântico: contos brasileiros e moçambicanos*. (Conto: "Os pés do dançarino"). Org. Vagner Amaro. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- Escritoras de Cadernos Negros: contos e poemas afro-brasileiros*. (Poema: "Eu-mulher"; Conto: "De Mãe"). Org. Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. São Paulo: Quilombhoje, 2019.

Vozes insurgentes de mulheres negras. (Poema: “Vozes-mulheres”). Org. Bianca Santana. Belo Horizonte: Mazza, 2019.

Cartas para Conceição. Org. Camille Baccine Sara Maria Fortes. São Paulo: UNESP; Fortaleza: Assembleia do Estado do Ceará, 2020.

Círculo de Leitura no Ensino Médio: vivências e recepções com o texto literário. Org. Elza Sueli Lima da Silva. Lançamento FLIFS Virtual 2020, em 24/09/2020.

FORTUNA CRÍTICA

Ludmilla Lis

Buscar trabalhos que façam referência à escritora Conceição Evaristo e ao conceito de Escrivivência trabalhado por ela há mais de 30 anos, é uma tarefa desafiadora: nos apresenta um grande número de pesquisas encontradas e, ainda, a necessidade de observar suas singularidades. Diversas são as áreas do conhecimento que assumem o conceito em busca de que ele traduza um olhar diferenciado pelo prisma da autoria e invoque uma escrita que parta da vivência do sujeito.

Seja na fotografia, no design, na arquitetura, na literatura, na medicina, no direito ou ainda na gastronomia, a Escrivivência de Conceição Evaristo pretende desalojar a narrativa dominante que coloca o corpo negro em condição de subalternidade, enquanto torna visíveis as diversas experiências desse corpo que deseja narrar suas subjetividades.

A experiência histórica dos descendentes de africanos no Brasil e a imagem da mãe-preta tão analisada e estudada pela escritora, são o pano de fundo desse campo analítico que, como proclama sua criadora, constrói novas narrativas com a finalidade de “incomodar os sonos injustos” de uma elite que ainda domina o discurso da criação do negro como o Outro.

A Escrivivência, no terreno da escrita, é construção, é formulação, é recuperação da humanidade do sujeito negro construída muitas vezes de forma deturpada pela autoria branca, enquanto reinscreve esse sujeito afrodiaspórico numa narrativa que o contempla, representa e convoca.

Ainda que de forma superficial, se analisarmos a quantidade de estudos que envolvem a assunção do conceito de

Escrevivência, chegaremos a uma conclusão que traga até nós a certeza de que a escrita do subalternizado rompeu a retórica canônica e assinalou a importância da reflexão sobre as experiências coletivas, mesmo que amalgamadas a tantas outras que podem ser individuais.

Apresentar a difusão dos estudos das narrativas de autoria negra feminina como a de Conceição Evaristo, narrativas que colocam os sujeitos afrodiaspóricos como protagonistas e construtores de sua própria história, é um dos motivos para trazer ao público leitor essa variedade de resultados e pesquisas que investigam ou utilizam o termo cunhado pela autora afro-brasileira.

Conceição Evaristo é uma escritora que costura o fio de nossas vidas às páginas de seus livros, enquanto desnuda nossa existência e configura nossa percepção de seres coletivos. “Escrever – viver – se ver. Escrever. Escrevivência”. Nas páginas que se seguem, um pouco da matéria-prima de Conceição estudada pelo mundo: A Vida, escrita.

RESULTADO DA BUSCA NA INTERNET DOS TERMOS “CONCEIÇÃO EVARISTO” E “ESCREVIVÊNCIA”

Em busca realizada na ferramenta Google Acadêmico, foram encontrados 905 resultados, até a última verificação, realizada em 18/06/2020, às 14:03, excluindo as citações desses mesmos trabalhos. Os resultados contemplam trabalhos em inglês, francês, espanhol e português. Incluindo as citações, temos 1020 resultados até a mesma data.

As planilhas em Excel relatam os 905 resultados, sem as citações.

FORTUNA CRÍTICA ESTRANGEIRA

PÁGINA SOBRE RESENHAS NA IMPRENSA FRANCESA

Disponível em: <https://www.anacaona.fr/conceicao-evaristo-toni-morrison-du-bresil-militante-afro-bresilienne-presse/> Acesso em: 18 jun. 2020.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS – REVISTAS, SITES E JORNAIS (BRASIL)

NEXO JORNAL

Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>
Acesso em: 18 jun. 2020.

OCUPAÇÃO CONCEIÇÃO EVARISTO – ITAÚ CULTURAL SP – 2017

Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/>
Acesso em: 14 nov. 2021.

BLOG DA AUTORA

Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/> Acesso em: 16 nov. 2019.

SITE ELETRÔNICO THE INTERCEPT BRASIL

Disponível em: <https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-es-critora-negra-eleicao-abl/> Acesso em: 18 jun. 2020.

PORTAL GELEDÉS

Disponível em: https://www.geledes.org.br/tag/conceicao=-evaristo/?gclid=CjoKCQjwoaz3BRDnARIsAF1RfLdEVtt3TWIs5NYL6RxO4_uonWzFiZGPnPcMl-cDEDluffR07FAv7uKcaArtoEALw_wcB Acesso em: 15 abr. 2020.

LITERAFRO: O PORTAL DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> Acesso em: 15 abr. 2020.

CANAL SAÚDE – FIOCRUZ

Entrevista para a Ocupação do Itaú Cultural: vídeo no YouTube.
Disponível em: https://youtu.be/II_CK4DNAqs Acesso em: 15 abr. 2020.

ENTREVISTA NO PROGRAMA CIÊNCIA & LETRAS: VÍDEO NO YOUTUBE.

Disponível em: <https://youtu.be/IMQps4LUot4> Acesso em: 16 abr. 2020.

REVISTA USP

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/144237>
Acesso em: 15 abr. 2020.

REVISTA PALIMPSESTO (LETRAS/UERJ)

Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/42968> Acesso em: 19 jun. 2020.

PERIÓDICOS UNB

Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/23381>
Acesso em: 19 jun. 2020.



Sobre as autoras e o autor

ANGELA DANNEMANN

Engenheira Química (UFBA), Mestre em Administração (IB-MEC-RJ) e Especialista em Avaliação de Programas (CEATS/FIA/USP). Mãe de dois filhos e avó de Carolina, é Superintendente do Itaú Social e conselheira do CONSOCIAL/FIESP (Conselho Superior de Responsabilidade Social), CIEB (Centro de Inovação da Educação Brasileira), CIVI-CO – Polo de Impacto Cívico Social e UNICEF. É associada da ABAVE (Associação Brasileira de Avaliação Educacional), AEA (American Evaluation Association) e fundadora da RBMA (Rede Brasileira de Monitoramento e Avaliação).

ASSUNÇÃO DE MARIA SOUSA E SILVA

Doutora em Letras/Literaturas de língua portuguesa pela PUCMINAS e Mestra em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professora titular EBTT/UFPI – CTT, aposentada. Professora adjunta da UESPI. Estuda e pesquisa literatura de autoria feminina, literatura de autoria negra e literaturas africanas de língua portuguesa. Participa do Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas – GEED. Pesquisadora Associada I do Instituto de Estudos da África IEAF-UFPE.

CONSTÂNCIA LIMA DUARTE

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da UFMG; Bolsista 1C do CNPq. Dentre suas publicações destacam-se: *Nísia Floresta: vida e obra* (1995, 2. ed. 2008); *Mulheres de Minas: lutas e conquistas* (2008); *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX. Dicionário Ilustrado* (2016; 2. ed. 2017); *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo* (2017, 2. ed. 2018); *#NisiaFlorestaPresente: uma brasileira ilustre* (2019), entre outros.

DENISE CARRASCOSA

Mulher negra, filha de Oyá, professora adjunta de literatura da Universidade Federal da Bahia, doutora em crítica de arte e cultura, escritora, tradutora literária, advogada e artista da dança. Lidera o projeto de pesquisa Traduzindo no Atlântico Negro e coordena, há 10 anos, o projeto de

extensão *Corpos Indóceis e Mentes Livres no Conjunto Penal Feminino da Bahia*, que realiza oficinas de leitura e escrita literárias para redução de pena e emancipação das trajetórias de mulheres encarceradas.

DIANNE MELO

Graduada em Fonoaudiologia pela PUCSP e especialista em Linguagem. Atualmente, é Coordenadora de Engajamento Social e Leitura da Fundação Itaú Social. Foi professora e coordenadora pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental, tendo participado da elaboração e aplicação de programas de formação, inclusão e assessoria fonoaudiológica. Há mais de 15 anos atua como formadora de professores no Sindicato dos Professores de São Paulo – Sinpro/SP.

EDUARDO DE ASSIS DUARTE

Professor do Programa de pós-graduação em Letras, Estudos Literários, da UFMG. Autor de *Jorge Amado, romance em tempo de utopia* e de *Literatura, política, identidades*. Organizador de *Machado de Assis afrodescendente; Literatura e Afrodescendência no Brasil: antologia crítica; Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI* e de *Literatura afro-brasileira: abordagens na sala de aula*. Coordena o *literafro – Portal da Literatura Afro-brasileira*, disponível em www.letras.ufmg.br/literafro.

FERNANDA FELISBERTO

Doutora em Literatura Comparada pela UERJ, professora de Literatura Brasileira no Departamento de Letras do Instituto Multidisciplinar e no campus Nova Iguaçu da UFRRJ, e Tutora do Pet Conexões Baixada Fluminense. Coordenou o Módulo II do Ciclo de Seminários Mulheres nas Artes, sobre a escritora Conceição Evaristo, no Museu de Arte do Rio.

GOYA LOPES

Artista plástica e designer, cursou Artes Plásticas na UFBA/76, Especialização em Design, Universitá Interna-

zionale Dell'Arte di Firenze – Itália/78/79, Design de Moda-IBMODA –2008/2009. Uma das precursoras da moda afro-brasileira, criadora das marcas Didara e Goya Lopes Design Brasileiro. Ganhou o 7º Prêmio de Revestimento do Museu da Casa Brasileira SP/1993. Tem obras no acervo do Itamaraty e Fundação Palmares /DF. Exposições individuais no Rio de Janeiro, Florença, Salvador, Nova Iorque e Chicago; além de coletivas no Brasil, Itália e Estados Unidos.

ISABELLA ROSADO NUNES

É diretora da MINA Comunicação e Arte. Jornalista, com pós-graduação em Marketing, tem mais de 30 anos de atuação em Gestão Estratégica de organizações sociais e culturais, Gestão de Comunicação, Criação e Gestão de projetos nas áreas de Artes, Cultura e Social. Na MINA, com a sócia Marina Nunes Martins, a Comunicação é a essência do trabalho, valorizada como espaço coletivo de criação de sentido e expressão, orientada pelos princípios de respeito aos direitos humanos e à equidade de raça e gênero.

ISLENE MOTTA

Gestada por Solange Motta de Oliveira, é filha D'Oxum. Negra, Licenciada em Letras: Português/Literatura – Universidade Candido Mendes, completou o Curso de Extensão – Gênero e Diversidade na Escola – UFRJ e a Especialização – Educação para as Relações Étnico-Raciais – UERJ. Atua como Produtora Cultural, Conselheira Municipal do Direito de Mulheres, Militante LGBTQIA + e Educadora Social.

LÍVIA NATÁLIA

Poeta, doutora em literatura e professora de Teoria da Literatura na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pós-doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Autora dos livros *Água Negra* (Prêmio Banco Capital de Poesia/2010), *Correntezas e Outros Estudos Marinhos*/2015 (ed. Ogum's Toques Negros), *Água Negra e Outras Águas*/2016 (Caramurê), *Dia bonito pra chover*

(Prêmio APCA de Melhor Livro de Poesia do ano de 2017/ Ed. Malê, 2017) e *Sobejos do Mar* (Ed. Caramurê, 2017), e do infantil *As férias fantásticas de Lili* (Ciclo Contínuo/2018).

LUDMILLA LIS

Tem 42 anos, é formada em Letras/Literaturas, professora de Língua Portuguesa, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do CEFET RJ, atriz, diretora teatral e performer. Trabalha atualmente como assessora da escritora Conceição Evaristo e a acompanha em todos os eventos ao redor do país e no exterior.

MARIA APARECIDA ANDRADE SALGUEIRO

Professora Titular UERJ. Pós-Doutora UCL, Londres. Doutora UFF. Pesquisadora: CNPq; Cientista do Nosso Estado/ FAPERJ; Procientista. Líder Grupo Pesquisa/CNPq. Na UERJ é professora e orientadora - PPGL, Coordenadora-geral - Escritório Modelo de Tradução, Presidente - Casa Dirce. Tem inserção atuante na FLUP desde 2014. Recebeu variados prêmios e homenagens, entre eles, o Carolina Maria de Jesus. Autora, no Brasil e no exterior, de obras, artigos e capítulos de livros.

MARIA NAZARETH SOARES FONSECA

Prof. UFMG (Aposentada). Prof. PUC-Minas (1995-2018). Pesquisadora 1D CNPq. Pesquisadora Centro de Estudos Africanos/UFMG. Principais livros publicados: *Brasil afro-brasileiro* (2000); *Poéticas afro-brasileiras* (2003); *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos* (2008); *Mia Couto: espaços ficcionais* (2008); *África: Dinâmicas culturais e literárias* (2012); *Literaturas africanas de língua portuguesa: mobilidades e trânsitos diaspóricos* (2015).

ROSANE BORGES

Jornalista, doutora em ciências da comunicação, professora pesquisadora do Colabor (Eca-USP), articulista da *Revista Istoé* e do blog da Editora Boitempo. Autora de

diversos livros, entre eles: *Espelho infiel: o negro no jornalismo brasileiro* (2004), *Mídia e racismo* (2012) e *Esboços de um tempo presente* (2016).



Árvore Escrevivência

Ao longo desta obra, você encontrou as ilustrações que criei para cada texto sobre a Escrevivência de Conceição Evaristo.

Inspirada pelos livros da escritora, busquei no imaginário afro-brasileiro referências e símbolos que dialogassem com o conteúdo desse coletivo.

Pensados de maneira a se interligarem, se harmonizarem e se completarem, formam um mosaico - a árvore baobá-, que representa espírito da africanidade.

Conceição Evaristo diz criar histórias que se fundem à sua própria história e que, ao registrar essas histórias, continua "no premeditado ato de traçar uma escrevivência".

O meu trabalho tem o propósito de fazer com que as pessoas mergulhem ainda mais na Escrevivência de Conceição Evaristo.

Goya Lopes



Este livro foi composto com as famílias tipográficas Sofia Pro da Mostar-design, Input Sans da DJR e Gastromond da JTD. Impresso em outubro de 2020 pela Gráfica Santa Marta em papel Pólen Bold 90g/m²(miolo) e cartão Supremo Alta Alvura 250g/m²(capa) .

